

O BISTURI

O ESQUELETO

Rubens Dal Molin

REDATORES:

Roberto Zwicker
 Domingos Andreucci
 Giglio Pecoraro
 Artur de Almeida
 Oscar R. von Pfuhl
 Mario Ramos
 João Bellini Burza

Secretario:

Geraldo S. Hellmeister



Diretor: Orlando Campos



Redator-Chefe:
 J. Clemente de Almeida
 Moura

ANO VII | Periódico Literário, Humorístico e Noticioso | Fac. de Med. Universidade de S. Paulo, Maio de 1939 | Redação: Avenida Dr. Arnaldo | N.º 31

NOVA DIRETORIA DO C.A.O.C.

Realizou-se, na noite de 20 de abril p.p., a cerimônia da investidura da diretoria do C.A.O.C. nos cargos para os quais a eleição a vontade eleitoral do corpo discente desta Faculdade.

A solenidade foi presidida pelo exmo. sr. dr. Paulo Tibiriçá, membro do Conselho Consultivo do C.A.O.C., tendo aberto a sessão o Ddo. Roberto Moreira Lima, que desde fins de 1938 vinha exercendo interinamente o cargo de presidente desta agremiação. Após o discurso do Ddo. Domingos Machado, que expoz rapidamente as realizações de sua gestão durante o ano de 1938, foi empossada a nova diretoria para o ano de 1939, constituída da seguinte maneira: Roberto Franco do Amaral, presidente; Luiz Alberto Vieira dos Santos, vice-presidente; Joaquim Clemente de Almeida Moura, 1.º secretário; José Coimbra Duarte, 2.º secretário; Binho Guida Filho, 1.º tesoureiro; Osvaldo Mesa Campos, 2.º tesoureiro; Rui Escorel Ferreira dos Santos, 1.º orador; Hugo Mazzili, 2.º orador.

O novo presidente, assumindo a presidência da mesa, declarou nomeados os seguintes srs.: ddo. Silvio Marone para interno-chefe da Liga de Combate à Sífilis; Henrique Melega para diretor do Departamento Beneficente; Arnaldo Vieira de Carvalho; Osvaldo Mellone para diretor de esportes; Orlando Campos para diretor do "Bisturi".

Foi dada em seguida a palavra ao dr. D. Gonzalez Torrez, que transmitiu uma vibrante mensagem de confraternização dos universitários de Assunção, capital do Paraguai, aos seus colegas paulistas. Agradeceram, em palavras não menos entusiásticas, o sr. Rui Escorel Ferreira dos Santos, orador oficial do C.A.O.C.

Seguiu-se a parte lítero-musical, a cargo de elementos de escol do nosso meio artístico e que encantou a numerosa assistência que enchia o salão do teatro da Faculdade.

Foi este, muito resumidamente, o desenrolar da cerimônia de posse da nova diretoria do C.A.O.C.

O "Bisturi" sente-se desvanecido em dedicar as suas colunas de honra aos elementos que irão reger os destinos da nossa sociedade estudantina durante o ano de 1939. Encarecer os méritos conhecidos de Roberto Franco do Amaral e de seus companheiros de diretoria, será, julgamo-lo, tarefa inteiramente desnecessária. Alguns deles, como o próprio Roberto Franco do Amaral, Binho Guida Filho e Joaquim Clemente de Almeida Moura, já por diversas oportunidades têm trabalhado esforçadamente pelo bem estar do C.A.O.C., ocupando diversos cargos em diretorias passadas. Outros, como Luiz Alberto Vieira dos Santos, José Coimbra Duarte, Osvaldo Mesa Campos, Rui Escorel e Hugo Mazzili, nomes soberbamente acatados por todos os alunos desta Faculdade, terão agora a esplêndida oportunidade de demonstrar concretamente o quanto a sua perseverança e as suas elevadas qualidades de espírito poderão produ-

xir em prol do engrandecimento do nosso grêmio.

de toda espécie a dificultar a sua realização. Temos porém a confiança in-

te o nosso glorioso Centro Acadêmico Osvaldo Cruz durante o ano de 1939.



A tarefa que se antepara aos novos dirigentes do C.A.O.C. é, sem dúvida, árdua e não faltarão obstáculos

balável de que a diretoria de Roberto Franco do Amaral saberá e conseguirá conduzir com mão firme e eficien-

te o "Bisturi" externa a ela, nestas colunas, o seu voto de confiança, e de homenagem.

Liga de Combate à Sífilis

A Liga de Combate à Sífilis é uma das mais importantes departamentos do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz.

Destinada a tratar de doentes pobres, portadores da Sífilis, essa Instituição atende a cerca de 230 doentes diários em suas várias Seções.

Os trabalhos da Liga, que são efetuados por doutorandos e acadêmicos de Medicina, são repartidos em 2 partes: a que atende aos doentes durante a manhã, na Santa Casa, em média 100 doentes diários, e a que funciona adida ao Instituto "Clemente Ferreira", atendendo-se aí, durante a noite, em geral a operários, que não podem fazer seu tratamento de manhã, em média de 130 doentes diários, sendo que muitas vezes ha desembolso por parte do estudante.

A medicação é fornecida pelo Serviço Sanitário e a sua administração obedece às evoluções da Farmacologia e Sifilografia.

Assim é que o doente antes de receber a medicação específica é examinado cuidadosamente para se estabelecer a dose total e parcial por administrar-se. Finda cada série de medicação volta o doente ao exame especializado para que a terapêutica seja adaptada do melhor modo possível em benefício seu.

Atualmente a Seção da Santa Casa funciona em novas dependências do Pavilhão Conde de Lara (3.º andar), recentemente construído em 5 salas, 3 para consultas médicas e 2 especial-

mente adaptadas para a aplicação de medicação arsenical.

A medicação de ataque (Neosalvarsan) é instituída nos domingos. A média de doentes que, nos domingos, recebem essa medicação é de 60 doentes fazendo um total de 140 doses terapêuticas.

Atendemos cerca de 110 doentes novos e 210 doentes antigos por mês.

A Liga de Combate à Sífilis que recebe doentes de todas as dependências

Republica do Paraguai

Os alunos desta Faculdade que tomaram parte na caravana ao Paraguai, enviam aos seus colegas da nação amiga, por intermédio do "Bisturi", suas felicitações pela passagem do aniversário da independência da quele país.

Geraldo Hellmeister
 Anísio Toledo
 Marco Francisco Napolitano
 José A. Arruda Botelho
 Osvaldo Mellone.

da Santa Casa e doentes estranhos, acham-se perfeitamente articulada com as varias clinicas desse Hospital, ás quais apela em necessidade para elucidação de casos. Essa articulação realça a grande utilidade que a Liga de Combate à Sífilis apresenta entre nós, e ao mesmo tempo mostra o esforço que os seus componentes expendem em tirar o maximo proveito dos casos que lhe são apresentados e, destarte, minorar grandemente os males presentes ou futuros dos doentes.

Foi creado, conforme desejo de seu atual diretor-chefe, um centro de estudos constituído por componentes da Liga, onde serão apresentados e discutidos casos relativos á doença e sua terapêutica, estudadas na Liga.

Esse valor sobressai ainda mais quando consideramos que é trabalho quasi exclusivo dos estudantes de medicina.

Este é o pessoal que integra o quadro dos membros da Liga de Combate à Sífilis: Diretor-Clinico: Prof. Aguiar Pupo; Interno-Chefe: Doutorando Silvio Marone; acadêmicos auxiliares: Augusto M. Junqueira, Otávio Gerkmek, Michel Jamra, Luiz Kencis, Paulo Bressan, Luiz Stermann, Rogerio Marone.

E' do programa do atual Interno-Chefe promover conferencias instrutivas no seio de Colegios, Quartéis, Tíros, conferencias que se repetem de tempos em tempos e utilizando o pessoal da Liga.

VAI CASAR?

COMPRE LIVROS DO

DANTE

e adquira a mobília com a diferença!

DANTE vende livros de Medicina pelos melhore preços!

DANTE abafa e não teme concorrência!

"CONOSCO NINGUEM PODEMOS!"

!! A ETERNA LUTA !!

Na enfermaria triste e silenciosa, o moribundo tem o olhar fixo no tecto. Já não geme mais, mas a vida o abandona lentamente. Numa mesa ao lado, uma velinha está nos últimos lampejos, em frente a um Cristo de madeira. Lá fóra o vento fresco do Outono sacode os ramos das arvores, onde os passarinhos cantam felizes.

A dois passos do leito, de pé e com os braços cruzados, o médico contempla o quadro, enquanto a amargura da derrota lhe cava fundos sulcos na face. Sente que não póde lutar mais. E a Parca vencedora ri-se do vencido e estende seu manto negro sobre o leito da pobre vítima.

Por um momento o médico volta á realidade das cousas, e o espirito científico se apodera dele. Pensa que mais tarde a autopsia irá ensinar-lhe qualquer cousa, talvez. Mas logo cõra envergonhado e cobre o rosto com as mãos. Não! E' horrível ser como o abutre que ronda o animal agonizante. E' preciso lutar, lutar muito e cada vez mais. E então seu olhar brilha, energico. Dá dois passos em direção á mesa de medicamentos. Irá tentar qualquer cousa. Mas o braço estendido fica imóvel e depois cai lentamente. Para que? Conseguirá talvez prolongar a vida por mais algumas horas, por mais um dia, quando muito. Mas de que adiantará isso? A velha megêra será afastada por alguns momentos do quarto, mas voltará logo, sempre vestida de negro, com as mãos longas e geladas. Não renunciará á presa. Muitos e muitos anos passou a espertá-la. Viu-a nascer. Viu-a crescer entre perigos, e passar despreocupada no turbilhão das ruas, bem junto das suas garras ávidas. Mandou seus mensageiros atacá-la varias vezes, com seus exercitos microscópicos e lhe invadirem os órgãos procurando sufocá-los. Outras vezes os venenos, a água e o fogo, as armas mortíferas e outros agentes habeis e sorrateiros acompanharam os passos do pobre vivente, e o espreitaram durante o sono.

Foi tudo em vão. A Morte foi sempre vencida, mas nunca perdeu o animo porque sabia que a ultima batalha seria sua. E agora que tem a vítima em seu poder, agora que poderá agarrá-la a qualquer momento, não a deixará escapar. A ultima batalha foi ardua, mas o triunfo lhe sorriu. E o médico, pobre guerreiro batido, chõra. Lágrimas amargas rolam-lhe pelas faces, e nessas lágrimas milhares de guerreiros mortos sacodem a poeira dos séculos e choram com ele. Os progressos da Medicina, grandes realizações de velhos sábios que através do tempo construíram uma ciencia, sonhos e utopias de homens que viveram, lutaram e morreram entoando canticos á vida e á saúde eternas, assistem compungidos á sua dôr.

Na mesinha, os vidros de remedios com rotulos coloridos, parecem dizer-lhe que não têm culpa. As paginas do velho formulario esvoaçam pelo ar e depois giram-lhe em torno da cabeça

num rodameinho vertiginoso.

Logo depois a velinha lança um ultimo clarão e se extingue suavemente, enquanto no leito ao lado os olhos vidrados já são de um cadaver. Já não sófre mais e dele se desprende o fluido sutil que movimentava a maquina maravilhosa do organismo. Foi para as misteriosas regiões do Além, donde ninguem voltou ainda para contar o que viu.

A morte triunfou, e o médico retira-se lentamente com a dolorosa sensação do vencido que deixa o campo da luta. Mas não importa. A ciencia continua a sua vertiginosa ascensão. A Medicina caminha sobre montões de cadaveres, subindo sempre. Os velhos alfarrabios dos alquimistas são arrancados das estantes e atirados ao fogo, e para os seus lugares vão os grandes e modernos tratados. Por todos os lugares se combate contra a Morte. E os queletos brancos ficaram para trás, esquecidos e anónimos, mas a luta prossegue sempre. Hoje, uma geração de jovens recebe das mãos dos velhos o facho sempre aceso, simbolo da luta contra a morte. Essa geração lutará e sofrerá; mas um dia morrerá e será esquecida como o foram as outras.

Hão de vir outras gerações retomar o facho e iniciar a jornada, e os degraus vão se ajuntando pouco a pouco, formando a escada da ascensão. Talvez alguns se lembrem, de vez em quando, de voltar o pensamento, numa demonstração de simpatia, aos operarios desconhecidos que ajudarão a construir a escada, ás legiões de sombras que desfilam pelo passado, anónimas e eternas.

Um dia raiará a auróra da medicina, e o primeiro médico segurará entre os dedos tremulos de emoção, o primeiro frasco do elixir da longa vida.

ORPIS.

A PUROS

Burza está no pré-medico. A sua noiva, porém, pensa que ele está no 4o. ano, e, outro dia, em uma de suas visitas ao futuro sogro, este teve a infeliz idéia de lhe fazer a seguinte pergunta:

— Que doenças estudam vocês no 1o. ano?

Burza ficou atrapalhado. Não podia dizer que tinha esquecido; o futuro sogro, certamente, acharia estranho que um aluno do 4o. ano esquecesse as doenças estudadas no 1o. ano.

Mas Burza é um rapaz inteligente. Pensou um pouco e, sorrindo satisfeito:

— E' evidente. No 1o. ano nós estudamos as doenças das crianças: sarampo, escarlatina, coqueluche, etc.

— Quer dizer que no ultimo ano, vocês estudam arterioesclerose e outras doenças que surgem na velhice?

— E' isso mesmo.

A noiva do nosso amigo, que estava escutando tudo em silencio, interrompeu-os:

— Ué... Pois olhe, eu sempre pensei que no 1o. ano fossem estudadas as doenças que começam com a letra A: Angina, Anemia, Arrepio, etc..

Burza não é mais noivo...

LUCRECIO

Publicações recebidas

"UNIAO ACADEMICA" — Órgão oficial do Centro Academico Pereira Barreto, da Escola Paulista de Medicina, "União Academica" é um ótimo jornal que se publica sob a direção de Gil Celdonio, contando ainda com um excelente corpo de redatores. No ultimo numero que recebemos, destaca-se a primorosa peça oratoria com que o Prof. Ignacio Lobo saudou o Prof. Lemos Torres, no banquete oferecido a este ultimo, por ocasião do trigésimo aniversario de sua formatura. — A direção da "União", os agradecimentos do "Bisturi".

"GRANFINO" — Foi-nos enviado tambem um numero deste jornal, órgão dos alunos do "Mackenzie College". A redação do "Granfino", o "Bisturi" agradece á gentileza da remessa.

FATOS E BOATOS

— Um aluno do primeiro ano, cujo espirito é tão rico em iniciativas quanto o corpo o é em adiposidades, andou querendo fundar "um grande jornal" só para a sua classe, e para tanto já andou dando facada em alguns professores. Isto explica o fato de alguns mestres negarem-se á prestar auxilio financeiro ao nosso baile de gala. Sim, porque facada demais, se não mata, exgota.

Ora, seu Zé da placa, deixe dessas

"Que é que a Baiana tem?"

SAMBA

Musica: a mesma
Letra: — a que se segue.

CÓRO:

Que é que esta Escola tem? — Tem
Tem Anatomia, tem? — Tem.
Tem Fisiologia, tem? — Tem.
Tem Pediatria, tem? — Tem.
Tem muita alegria, tem? — Tem.
Que é que esta Escola tem?
Tem tudo o que as outras têm!

Tem tudo o que as outras tem,
E aquilo que outras não têm!

Tem predio colosso, tem? — Tem.
Pra fazer um bruto jarol? — Tem.
Tem Mestre Faria, tem? — Tem.
Tem aula demais tambem? — Tem.
Tem Lucas e João do Bar? — Tem.

Que é que esta Escola tem?
Que é que esta escola tem?

Tem briga no Centro, tem? — Tem.
Franco diz que tem razão? — Tem.
Machado quer ter tambem? — Tem.
Não se entende mais ninguem — Hein?

CÓRO:

Quando vocês se agarrarem
Quando vocês se pegarem
Não caiam por cima de mim!
Não caiam por cima de mim!
Não caiam por cima de mim!

NOTA — Todos os colegas que desejarem, para maior harmonia da musica e maior brilho da festa, "entrar tambem no córo", queiram mandar seu nome a esta redação.

Julius Hypoglossus

iniciativas pueris e trate de coisas mais sérias. Não é preciso fazer tanta força para chegar a presidente do Centro. Para cortar almondegas não precisa faca...

O Talarico, o dinámico Talarico, que sempre ha de estar fazendo grandes coisas, publicando nos jornais as grandes recepções que se preparavam para o Exmo. Ministro da Educação, colocou à testa de tudo isso os nossos colegas Murilo Paca de Azevedo e Orlando Campos, cujos nomes foram usados à revelia dos donos. Que diabo! "Mate Leão", sim, a gente usa e abusa. Mas nome, não é brincadeira. E' mesmo pra gente ficar por conta do Bonifacio.

Diz-se por aí, à boca pequena, que o Departamento Beneficiente está ás portas da falência, por haver empregado vinte mil réis a um estudante pobre. O Mélega anda apreensivo e triste, e já cogita do aumento das mensalidades do seu curso, afim de ver se compensa o "deficit" do seu departamento.

"Poor boy".

Afinal, o "Mackenzie" dá-nos ou não nos dá o nosso baile? Já é tempo...

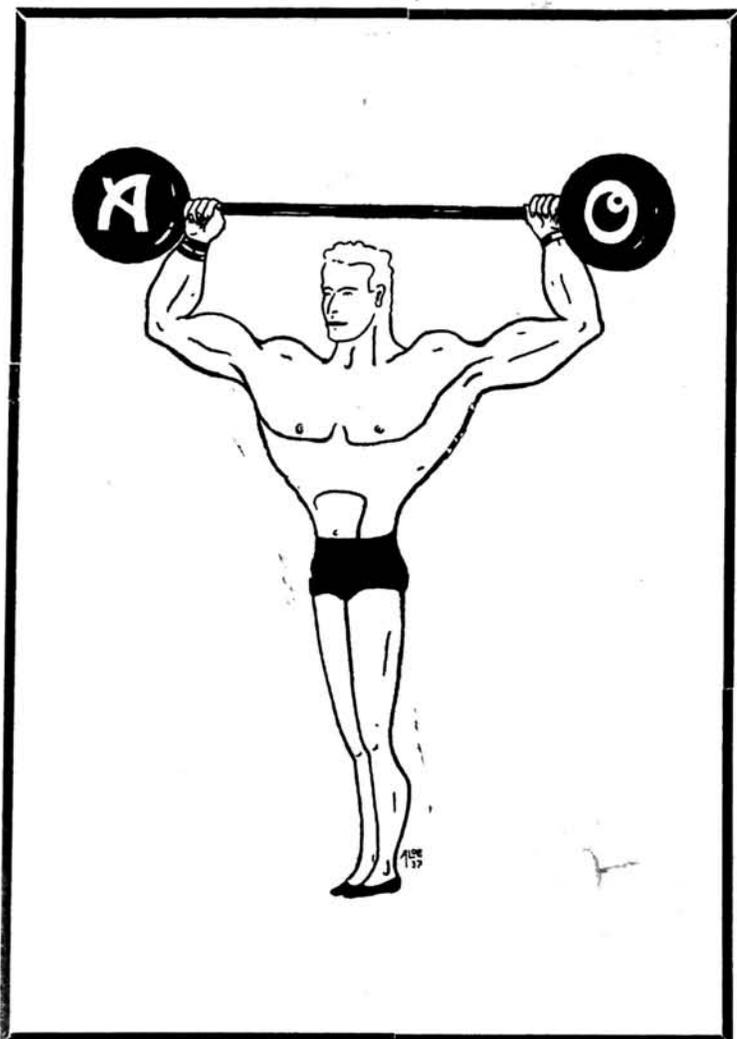
IN MEMORIAM

Os alunos do 1o. ano médico, desejando homenagear a memoria do saudoso mestre Alfonso Bovero, inauguraram, no dia 25 do mês passado, uma bellissima placa de bronze, na qual se acha gravado o nome daquele que foi um dos grandes sábios do seu tempo e a quem a nossa Faculdade tanto deve.

A cerimonia contou com a presença do Exmo. Snr. Prof. Cunha Mota, diretor da Faculdade, do Prof. Renato Locchi, lente catedrático de Anatomia, e dos diversos assistentes desta cadeira, bem como de grande numero de professores e estudantes.

O "Bisturi", associando-se a essa tão justa homenagem, felicita os alunos do primeiro ano pela nobreza do seu gesto e pela elevada significação da sua iniciativa.





A CHAPA Machado-Fortes E "O BISTURÍ"

PATROCINAM A FORMIDAVEL

Chopada-Monstro

OFERECIDA POR

Hara & Cia.

REPRESENTANTES DA VACINA

A - O

AMANHÃ, NO ESTADIO,
A'S 16 HORAS E MEIA

DE BARRIL OU DE GARRAFA
O CHOPE DA BRAHMA ABAFA

Pequenas tragédias na vida enigmática do C. Universitário

O professor humorista "deleitava" a 2.a série com suas britânicas anedotas quando irrompem na sala diversos cavalheiros e senhoras precedidos pelo nosso amável secretário.

— Vítimas, anuncia o Faria, este aqui (e aponta um tipo alto, ossudo, de olhar compassivo) é Monsieur F. embaixador da bela França.

A turma, de pé, olha encantada, menos o dito embaixador do que umas bonitinhas "demoiselles aux yeux bleus comme la mer" que integravam a comitiva.

O representante gaulês pergunta, baixinho, ao mestre do humor, si pode dirigir-se à turma em Inglês e, obtendo resposta afirmativa, despeja sobre as vítimas, um palavreado qualquer, talvez no idioma de Shakespeare...

Pela expressão fisionômica da turma podia-se concluir que todos estavam entendendo. E tanto isso era verdade que, quando o francês desceu a mão ao nível do joelho, como quem mede uma altura, todos se sentaram.

O francês gaguejou, o mestre tossiu, o Faria fariolou...

Mais tarde compreendeu-se a rala. O que todos tinham tomado como sendo um gesto de permissão para sentar-se, não passou de um recurso mimico do embaixador, para dar a entender que "conhecia o Inglês desde criança"...

Na aula de sociologia

O professor — Citem-me um exemplo de instituição social que se caracterize por uma origem encrencada, um presente de incertezas e um futuro de tapeações.

Todos (a uma voz) — O COLÉGIO UNIVERSITÁRIO.

Na mesma aula

Não "seu" Messome. Juro por Deus que não fui eu quem disse isso. Foi o Durkheim...

Os sacos aereos

Consta que ilustre autor desconhecido dará á luz, brevemente, um substancioso livro, intitulado "De como o Pinguim enche o sacco... aéreo"

Lamúrias sawalanas

E' lastimável o estado de espirito destes rapazes. Não pensam, não raciocinam, não criticam, não lêem o indicador médico dos jornais, não observam os bichos nos "films", as galinhas em atitude de pôr, certas partes dos elefantes... um lamentavel descaso pelas nossas coisas...

"Biología"

Isto aqui é qualquer cousa, a respeito da qual pouca cousa se sabe, e cujo nome não significa cousa alguma. Entenderam?

Diálogo

— A Ligia desmaiou durante uma aula prática de Física.

— E' o cumulo! Sabia que as aulas de Cruz davam sono, mas que faziam desmaiar...

A força do vento

— O Cintra mostrou que é dos bons.

— Como assim?

— Calculou até a força do vento que derrubou a torre das obras da Invasão Filosofica...

Com o Travassinhos

— O senhor aí. Quantas espécies de Gram conhece?

— ?

— Vá, eu ajudo. Ha Gram positivo, Gram negativo, Gram... vá... Gram...

— Gran fino!

GIL BLAS

O PAI: — Então, tens progredido muito em fotografia?

JANINI: — Bastante. Já faço um instantâneo em dez minutos...

João do Bar: — A quantos do mês estamos hoje, ó Maria

Dona Maria: — Não sei, mas está aí um jornal...

João do Bar: — Ah! não serve de nada, é de ontem...

BALANCETE SEMESTRAL DA TESOUREARIA DO CENTRO ACADEMICO OSWALDO CRUZ APRESENTADO EM REUNIÃO DA DIRETORIA

MOVIMENTO GERAL DESDE 15-2-937 ATE' 30-6-937

Receita, de 15-2-937 até 30-6-937	44.764\$200
Despeza de 15-2-937 até 30-6-937	41.593\$600
Saldo existente em 30-6-937	3.170\$600

Meses	Receita	Despeza
Fevereiro	8.295\$300	6.896\$600
Março	8.898\$700	8.962\$900
Abril	2.062\$400	2.171\$000
Maio	931\$800	1.926\$100
Junho	24.575\$000	21.637\$000
Total	44.764\$200	41.593\$600

3:170\$600

Relatorio do Baile de Gala realizado a 15-5-937 no "Esplanada Hotel".

Receita	Despeza
24.575\$000	12.305\$100
Renda liquida	12.269\$900

Os documentos comprobatórios dos diversos relatorios apresentados estão arquivados na Tesouraria do Centro, podendo ser consultados pelos interessados, mediante pedido escrito ao Sr. Presidente do C. A. O. C., como ordena o art. 40., letra "e" dos Estatutos.

João Procópio Fortes — 1.º Tesoureiro.

**PAPELARIA-TYPOGRAPHIA
CRUZEIRO**
IMPRESSOS EM ALTO RELEVO
E ETIQUETAS
CASA ESPECIALISADA
ROCCO E ROSSETTI
R. Wenceslau Braz, 18 — Tel. 2-1969

O problema da Sífilis em São Paulo

Se a sífilis, esse "flagelo social" encontra no Brasil, fácil terreno para sua propagação, nós paulistas devemos nos orgulhar do muito que aqui se faz para opor-lhe combate.

Contribuem para isso, a ação do governo e a iniciativa particular. Com efeito ninguém desconhece o ingente trabalho que nesse sentido realiza o C. A. O. C., mantendo à custa de grandes sacrifícios, uma Liga de Combate a esse terrível mal. Funcionando em dois postos bem aparelhados, oferecendo consultas e tratamento grátis, desdobrando-se em profícua atividade, os academicos de medicina desdobram-se em esforços visando tão somente o bem da Humanidade e a grandeza da Patria, fortalecendo seu povo.

Não menos intensa é a ação do governo que tudo faz para reduzir em suas proporções o terrível "flagelo". Ha dias, visitando os postos de profilaxia contra a sífilis, mantidos pelo governo, tive-mos ensejo de ver a brilhante organização desses serviços, a cuja testa se encontra o distinto e competente clinico, Dr. Waldomiro de Oliveira. Este especialista teve a mimia gentileza de nos fornecer amplos detalhes sobre o movimento, resultados obtidos e e imensa campanha que desenvolve para que todos os doentes, sobretudo as gestantes sífilíticas, se tratem.

De tudo o que sabemos poderemos dizer que São Paulo está perfeitamente aparelhado para combater eficazmente a sífilis. O que entretanto urge fazer é uma intensa, uma intensissima campanha no sentido educativo, para que todos os doentes procurem os diferentes postos, ou os do C. A. O. C. ou os do governo, porque ninguém ignora que si é grande o numero de pessoas afetadas pela sífilis, que se tratam, muito maior será talvez, o numero dos que o não o fazem ou porque ignoram as consequências do mal ou porque desconhecem os valiosos meios de combate que São Paulo possui.

Aí está uma iniciativa que a Liga de Combate á Sífilis do C. A. O. C., poderia tomar a seu encargo, como aliás já o fez ha alguns anos — uma grande cruzada para debelar de vez o grande "flagelo"

L.

Muitos "mestres", durante as preleções em lugar de despertar a atenção, avivam a tensão... dos alunos.

TAÇA-CHAPA MACHADO FORTES

Para incentivar cada vez mais o espirito na classe universitaria, os candidatos da chapa MACHADO FORTES oferecerão linda e valiosa taça que será de posse definitiva aos vencedores da classica competição esportiva MAC-MED.

A taça será exposta na sede do C. A. O. C.

O MÉDICO, COITADO!

Não quiz jamais ser médico — meu avô desherdou-me.

Meu pai e minha mãe falam de mim como de uma desgraça e meus companheiros me olham com muda maravilha. Mas eu saio e gosto do sol, do verde dos campos, da agua nascente. Encontro belas pequenas, passalhos o braço pela cintura, beijolhes os lábios, aperto-as devagar e sinto, sob a sêda dos seus vestidos, corpos que dão vertigens. Posso fazê-lo: o médico não! Eis porque não quiz ser médico.

O médico sai de casa nos belos dias de primavera, quando o ar é perfumado por flores diversas e respira a plenos pulmões, distraidamente. Mas logo cai em si: "Bacilos! — que horror! — Obrigado!"

Os rapazes sentam-se nos cafés e bebem belos licores perlaes e fumam cigarros e cachimbos.

— Médico — dizem — um cálice?
— Delirium tremens — diz o médico. — Obrigado!

— Médicos — dizem — um cigarro?

— Artériosclerose — diz o médico — pseudo angina tabágica, vertigens, perda de memória!...

As belas namoradas o observam com olhos languidos. Os pequenos seios palpitam sob as sêdas leves...

— Pousa tua cabeça aqui, amor — dizem, indicando-lhe.

E o médico a pausa e sussurra palavras que não se compreendem.

— Mais alto! — dizem elas — é tão lindo ouvir-te falar de amor.

Mas o médico não fala de amor.

— Sibilos — diz — sibilos no ápice! Cavernas!... Bacilo de Koch Ugh! Ugh!

E fuge a grandes saltos de canguru em busca de sanatórios e pneumotóraces.

— Dansemos — dizem as belas namoradas. — Ouves que música doce?!

E o médico dança.

— Porque me apertas assim? Amas-me tanto?

Mas o médico não as ama tanto.

— Uma costela deslocada! Raquitismo, deformação óssea, artrite!

Eis porque não quiz ser médico.

E não o serei jamais!

NEMO.

Crítério errado...

Achamos interessante o critério seguido por certa cadeira da Faculdade, — que justiça seja feita, é digna de louvores pela sua brilhante organização e métodos de ensino — em dar as notas de aplicação aos alunos. Nessa cadeira não tendo havido trabalhos pático no primeiro semestre, todos os alunos esperavam, como era natural, mais ou menos a mesma nota de aplicação.

Isso não se deu. Vieram as notas (não as do Banco do Brasil) e viu-se grande disparidade no seu valor.

O "critério", disseram os responsáveis, foi o da frequência ás aulas teóricas.

Ao nosso vêr esse "critério" foi tipo do "critério" errado, pois um aluno pôde ser muito aplicado, mas por motivo bem justificavel, como doença (e isso succedeu) "nojo", etc. tirará nota baixa, devido ao tal "critério". Aliás, alguns houve, que com o mesmo numero de faltas tiraram notas diferentes.

Esse outro "critério" não o sabemos qual foi.

Enfim, não ha de ser nada, porque não temos nada com isso, o mesmo porque não somos nós que damos notas.

Apenas achamos interessante o tal "critério"... muito interessante de critica.

BARNABÉ

N. R. — O autor desse artigo sofre de "critériorréia".

Um higienista assegura que o cotter a pequenos saltos, no quarto, pela manhã, ao levantar, é coisa utilissima á saúde.

Este é um pensamento consolador para a pessoa que bateu o alux contra a pé da cama...

O de a o Gonocóco

(Dedicada a Neisser)

Por que te agitas, pequenino sér,
Entre milhões de séres diferentes
Em luta ingente pelo teu dever?
Vá, humilde bactéria sofredora,
Um por um percorrendo a humanidade!
Vem te abrigar, imagem sedutora,
Em meu corpo, por toda a eternidade!

Ao ver o teu cadáver maltratado
No triste campo de algum microscópio,
Parece-me que sonho um sonho de ópio,
(Dum ópio máu, horrendo, amaldi-
çoado)

Que tens na lamina uma lousa ingrata
E tens por terra um bálsamo estraga-
do...

Francamente, é demais, isto me mata!

Atiro tudo ao chão, choro raivoso.
E ante o quadro medonho, pavoroso,
Fuj, descabelado e sanguntário,
Louco, querendo demolir montanhas!
Mas sinto, no meu leito solitário,
Como dentro de santo relicário
Tu aqueces, feliz, minhas entranhas.

Achei-te, ha tempos já, numa pensão,
Dessas tais que só ha em rua escura;
Senti então a divinal ventura
De ter-te em mim, meu doce coração
Tornei-me teu solícito hospedeiro,
Que importa si o segundo ou o terceiro,
Si vivemos em boa associação?

Não posso permitir que te persigam.
Dizem-te parasita! O' vil mentira!
Calunia que profundo nojo inspira!
Não lígues, pois os génios nunca ligam.
Nesse escabroso assunto não mais toco.
São burros, não importa o que eles di-
gam;

Viva o homem e nele o Gonocóco!

Prainha, 21 de agosto de 1937.

CHUMBINHO

As tres dispersões

Ao Portuga, o OLHO da Filosofia

I

Em cento e trinta e seis, depois de Cristo,
diz a Historia Sagrada, que Adriano
dispersou os judeus, que conspiravam
contra a força das armas do Romano.

II

Subindo ao trôno o Quinto Frederico,
a guerra dos Trinta Anos começou;
mas Fernando Segundo, o derrubando,
os rebeldes boêmios dispersou.

III

Oito de Junho proximo passado,
cu ribro quando lembro desse dia,
a Medicina, agindo com bravura,
desta escola expulsou a Filosofia.

Réo da Torre.

SORO NEUROPLASTICO
DEFICIENCIAS ORGANICAS

PEPSINA INJECTAVEL
ULCERAS GASTRO-DUODENALES

EXTRACTO HEPATICO
INSUFFICIENCIAS DO FIGADO

BROMOCALCIO
GASTRITES

NEUROTONE
ASTHENIAS ENDOCRINICAS

UROGENOL
INFECCOES VESICULO-RENAES

MINERVA MEDICA

SENHORES MEDICOS:

Mediante simples indicação de endereço, Fontoura & Serpe terão o maximo prazer em enviar aos senhores médicos um exemplar do Catalogo Illustrado, que apresenta a relação de cincoenta productos pharmaceuticos, que constituem as acreditadas especialidades do

**INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA & SERPE**

Rua 11 de Agosto, 18-B - Telephone. 2-2582 - S. Paulo

ESTABELECIMENTO SCIENTIFICO-INDUSTRIAL

Carta Caipira

I
Começano a minha carta
Qu'eu agora vô iscrevê,
P'rc cumpadre Zé Buitica
Da famia Burêrê,
Quero logo i contano
O qui nus dêro qui fazê.

II
Us guverno arresorveu
Inventá Filosofia
E ponhano seus aluno
Na Escola só pr'uns dia
Enganaro us estudante
Qui são rapaiz qui in tudo fia.

III
Us ano fóro passano
Mas sai quem é que diz
Puis istudaro a botanica
P'ra podê sarvá uns "Brasis"
E agora tão seguro
E criaro intê raiz.

IV
Nois us pobre cuitado
Já nem pudia istudá
Puis a tar Filosofia
Logo vinha atrapaia
Ponhava nois tudo p'ra fóra
P'ra podê filosofá.

V
Nois intão arresorvêmo
Tê um rasgo di osaia
Bancá D. Pedro primêro
E espaia co'a saparia
Dando um grito retumbante
"Aqui só manda o Faria"

VI
Pessoar istranho da Escola
Qui inventáro essas bobera
Em veis de pagá p'ros filósofo
Accupá nossas cartêra,
Devia tê um poco di juizo
E largá mão di cumedêra.

VII
Derrubemo a torre di pau
E com grande vozeria
Expulsêmo a macacãda
A tar di Filosofia
Qui quizêro sê valente
E qui arredá já num queria.

VIII
D. Pupo I o Grande
"O protetô dus Calôro"
Chamô a pulcicia ispicia
Qui viêro em seu socorro
P'ra sarvá o imperadô
I garnti u seu côro.

SI A MODA PÉGA..

Não bem haviam serenados os animos do povo, contra o brutal atentado a um jornalista patricio, e eis que o nosso bom companheiro e redator-chefe desta folha, recebia uma tremenda ameaça de agressão por parte de quem não sabemos. Partiria ela de alguém que pouco antes surgira na Faculdade de olhos arroxeados e faces tumefeitas, em virtude de valente fúndia? Ignoramo-lo e não queremos fazer juízo temerário sobre ninguém.

Era uma volumosa carta, muito mal escrita, que, após uma série de improperios, concluia com esta sinistra afirmação: "e depois faremos do

IX
Viêro uns sordados valente
Cum revorves i canhão
Truzêro metraiadora
Intê granada di mão
Fizêro trinchêra na Escola
P'ra ivitá a destruição.

X
Nois tamein tava terriver
I cum grande arsená
Tinha traque bahiano
I rojão di assobidá
Sustentemo fogo cerrado
Co'a tar pulcicia ispicia!

XI
O combate foi tremendo
Hove mortos e ferido
A serra ficô quebrada
Us andaime arrevorvido
Era grande a confusão
Era grande us alaridos.

XII
Us jorná si ispantáro
Mandano gente indagá
U que será qui aconteceu
Lá p'ras banda du Araçá?
Nois percisa sabê tudo
P'ras noticias isprorá.

XIII
Um "Jornalão" muito grande
Logô us factô invenenô
Diz que nois semo marvado
I tuda as coisa esbandiô
Eta pessoar intiligente
P'ra inventá u qui publicô!

XIV
Nois tinha du nosso lado
A tar di Congregaçáo
Qui si riuniu in segredo
P'ra num havê transpiraçáo
E p'ra qui ninguém intendesse
Só falaro in allamão.

XV
No fim d'aquela barbudia
U imperadô quiz falá
Já u trono num queria
Perferia bidicá
Bancô o rei da Inglaterra
Mais não p'ra morde casá.

XVI
P'ra cabá co'essa polemica
Qui deu muito qui falá
Nomearo um tar di Flaminio
Para sê u nosso Pachá
Puis u tar si prometeu
"Tudas as leis observá".

XVII
Vô parano pur aqui
Buitica du Coraçáo
Enviano muitas sodades
P'ra tudo u seu povô
E assigno penharadissimo
Migúe Bacuráo Aluvião.

MIGUÊ BACURÃO DI ALUVIAO

teu craneo a nossa taça e dos teus cabelos a nossa escôva!"

Era de se vêr o aspêto colérico e decidido que tomou o nosso brilhante colega jornalista.

— "Vou imediatamente raspar o meu cabelo, para que ao menos em seu último desejo esses bandidos não sejam satisfeitos!"

E só a muito custo conseguimos demovê-lo desse máu intento.

De nossa parte, queremos crer que se trate de uma brincadeira, mesmo porque si outras são as intenções existentes, fiquem prevenidos os assaltantes, porisso que gôta a gôta havemos de sorver o seu sangue...



INDUSTRIAL IMPORTADORA

Artigos para ESCRITORIO

TIPOGRAFIA — Fabricação em larga escala de Livros em branco

Canetas-Tinteiro PARKER DUOFOLD

J. ANDREUCCI

Rua Riachuelo, 10 — SÃO PAULO

FEIRA DE ASCLEPIUS LTD.

(Antiga "Casa Esculapio")

INSTRUMENTOS CIRURGICOS A PREÇOS
SEM CONCORRENCIA

PEÇAM ORÇAMENTOS

Rua Senador Paulo Egydio, 22 — 5.º andar
(Esquina da Rua José Bonifacio)

S. Paulo

Tel.: 2-1812

Caixa de consultas

Responderemos nesta secção a toda e qualquer consulta que nos fór enviada.

DR. LOCCHI — Recebemos do simpático professor um gentil cartão, do qual destacamos o seguinte: "Depara-se-nos muitas vezes, na vida, a necessidade de, em uma festa qualquer, por meio de palavra, agradecer uma homenagem. Estando em vésperas de vencer um Concurso de Anatomia, não tendo vocação para orador, espero que V. E. possa sanar essa dificuldade".

— Com muito prazer, Dr. Locchi... Lendo o livro do orador profissional G. Costa, sócia de Barros Terra, o Sr. se habituara a fazer, em público, uso da palavra, desobrigando-se, sem vexame, de imprescindíveis deveres sociais. E' conveniente comprar tal livro após o concurso, porque pode aparecer, na última hora, um outro candidato...

DR. XILOL — Procure pronunciar: pontal, cervical, ramal, sagital, vertical, principal, vertebral, natural; no lugar de: pontár, cervicár, ramár, sagitár, verticár, principár, vertebrár, naturár.

GONÇALVES — As expressões no plural; de modos que, de maneiras que; de formas que — são plebeismos censuráveis. Como futuro secretário do Centro, o Sr. deve procurar falar um "bom" português.

DR. SA'-VAI A — Nesta secção, não são ventilados questões pornográficas. Não nos confunda com o Dr. T. P. Dino.

GERALDO COLONESE — Recebemos a sua poesia. Não ha duvida, que o Sr. se revelou o príncipe dos poetas académicos. A poesia de Geraldo, como a do seu igual Shakespeare, como a do seu igual Petrarca, como a do seu igual Bandelaire, não é para ser lida e sim estudada.

Para dar uma pálda idéia do valor dêsse poeta, vamos publicar a sua poesia inédita: "O valor da mandioca".

Quem não chora, não mama. Quem não badala, não passa. Viva Lucrecia Borgia,

O orgulho da raça.

Em tempo. Não somos responsáveis, pelas agressões que o Sr. possa vir a sofrer.

DR. FLORIANO — Mude a posição do seu "big" relógio. Apresentará, rapidamente, grandes melhoras.

H. MANSUR — Se o Sr. assumir o compromisso de não publicar "dolorosos" artigos filosóficos em jornais humorísticos, eu terei o grande prazer de lhe arranjar alguns "votinhos"...

FÓKA (Capital) — Nós, clínicos de abalizada opinião, usamos indistintamente os termos "moléstia" e "doença".

Temos observado, já de longa data, que tanto o termo moléstia como doença tem sido empregado com frequência, não acarretando ao doente melhora alguma.

Tive ocasião de verificar, em minha clínica particular, um paciente que me fóra enviado, como portador de doença e que sofreu morte instantânea ao diagnosticar-lhe uma moléstia.

O consultante deve lêr a respeito o opúsculo de autoria do Dr. Mario E. de Souza Aranha, que é vendido na praça pela bagatela de 20\$000.

Quanto á sua segunda pergunta, aconselho-o a tomar Tônico Nervét duas vezes ao dia.

MICHEL (Irainha) — O Sr. anda aborrecido com sua nota sem razão, pois a cór dos grãos do Floriano e a galinha do Bolacha no gelo, são corriqueiras que vieram deslustrar a sua sabia erudição sobre o assunto. Para cfeito de exames, nada como abusar destas pequeninas cousas que realmente são destituídas de valor.

Quanto ao seu trabalho: "Máu olhado como causa de Moléstia", a ser apresentado na proxima sessão da Sociedade de Medicina, achamos muito interessante e fazemos votos para que o mesmo traga proveito á comunidade.

CHUMBINHO (Paraiso) — O Sr. me pergunta si Blenorragia é "moléstia" ou "doença".

Pela minha longa prática posso afirmar que tem se apresentado ora como moléstia, ora como doença, pois, como sabemos, a Blenorragia está sob a influência da conjunção de Marte e Venus. E' pois fenómeno astrologico que está fóra de minha alçada.

Si um processo que se localiza no coração se chama cardíaco, porque não dizer cardíal a uma lesão do cárdia, assim como se diz tibial no caso de uma lesão na tibia? Evitam-se confusões e esclarecem-se dúvidas.

E' inútil a campanha contra o "jogo do bicho". Tanta gente vive a "matar o bicho" ha tanto tempo e nem assim ele deixou de existir.

O burguês "repouso"; o pobre ou operário "se entrega á ociosidade".

O Locchi e o «Osso Híioide»

Realizou-se no dia 24 deste, a prova escrita do concurso para preenchimento da vaga de Anatomia da Faculdade, á qual foram concorrentes a dupla Renato e Locchi.

Quanto ás qualidades do primeiro, quasi nada tem-se a dizer; Renato já tem mostrado suas habilidades no trapézio da ciência anatômica.

Locchi, pelo contrário, é conhecidissimo no meio académico por Dr. Resumo; é o mágo da síntese no dizer do Bielik e de outros. Em resumo, Locchi é a síntese!

Após conhecido o ponto, que fóra sorteado na véspera, com 48 horas de antecedência, Locchi vóou á procura de livros, recorrendo mesmo á biblioteca circulante do Centro, que lhe forneceu milhares de Tratados e Separatas, afim de que o mestre pudesse triunfar o ósso.

Foram 48 horas de luta. A sua única preocupação era o concorrente. Não era possível estudar. Não se resignava com a deslealdade do tal Renato que nos últimos dias resolveu fazer-lhe frente.

Apesar de possuir o material para estudar, Locchi passaram os últimos momentos que lhe restaram a fazer considerações sem néxo, pensando no dito cujo.

Era preciso dar um jeito. Como iria fazer o exame si até algumas horas antes náda lera? si náda sabia sobre o «ósso híioide»?

Na hora marcada, lá estavam os dois meninos, muito pererécas, sobrando, cada qual, um maço de papel.

Feita a chamada, os examinandos

fóram revistados, como é de práxe, a vér si não traziam algum «testizinho» ou rolinhos de papel.

Constatada a limpeza do Renato, este foi acompanhado a uma mezinha no fundo da sala á espera do péga. O outro, o Locchi, foi advertido de que seu colarinho e seus punhos, engomados, estavam sujos; por esse motivo não podia fazer uma prova limpa.

Com o auxilio de lentes, foram examinados os punhos e os «colarinhos» do Locchi, verificando-se a presença de um grande resumo sobre o assunto.

Descoberta a fôrça, o Berthelot que presidia a meza examinadora, expulsou-o da sala.

— Que aquilo não era cousa que se fizesse... Que era preciso pôr cóbro a essa indecência...

— Sou preto, mas sou honrado! Nunca fiz concursos com «colarinhos» e punhos impressos! Não é possível.

Assim foi eliminado um dos pretendentes ao ósso.

O Renato exultou. Deu pulos. Roeu o ósso direitinho.

Exgotou o tempo regulamentar, falando sobre ósso. Só falou sobre o ósso e chegou finalmente á conclusão que «híioide» é a peninha para atrapalhar. E assim terminou a prova: Em ciência, sinonímia significa atrapalhão. Híioide é termo que appareceu depois do ósso. Segundo as régras da nomenclatura, o termo híioide deve ser abandonado por ser posterior ao ósso!

CAVEIRA.

PARA REGER OS DESTINOS DO

Departamento Científico do Centro Académico «Oswaldo Cruz»

EM 1938

EIS A CHAPA QUE SE IMPÕE:

PARA PRESIDENTE:

Mario Lepolard ANTUNES

PARA SECRETARIO GERAL:

Emilio MATTAR

PARA SECRETARIO:

Carlos da Silva LACAZ



A MULHER:

Vem, meu amado Diogenes, p'ra que eu te mime.
Far-te-ei feliz, a ti, no talamo sublime;
Em colchas de ouro, em finas rendas de valór
Cantaremos a glória do imortal Amór!

DIOGENES:

Não! Agora não posso, estou muito ocupado.
Ando a procurar nova casa para mim,
Pois móro num tonel imundo, escangalhado.
Morava com Hipocrates, o malandrim;
Fiz-lhe uma torre linda e grande no jardim;
Nela pretendí dar as aulas do meu curso,
Mas o velho não quis, aquele meu amigo urso,
Atirou-me na rua, qual vil porcaria,
Jogando ao chão a torre da Filosofia!



ESTRELAS...

no céu, a via látea, na terra
a faculdade!
na via látea, estrelas; na faculdade
tambem, rigel, sirius, betelgense
e as tres marias: loque,
franclin, floriano
floriano
nas alcóvas? amór!
viva o amór, depois do fungo!

Lacazinho.

— Esta madrugada entrou lá em casa um ladrão. Eram 3 horas, justamente quando saía do clube e voltava para casa.

— E levou alguma coisa?

— Si levou! O homem está no hospital! Minha mulher pensava que era eu!

A mãezinha orgulhosa: — E' como digo, meu filhinho anda já ha 3 me-
ses.

A visita: — Por Deus! Algum curso de resistência?

A vespéral do dia 22

Em 22 do corrente o Centro promoveu uma reunião dansante nos amplos salões do Paulistano. A vespéral, cuja renda se destinou á Biblioteca Circulante dos alunos da Faculdade, constituiu brilhante éxito social, tendo as dansas se prolongado até a madrugada.



Lima LIMA & CIA.

OCULOS — Lorgons — Pince-nez, etc.

Officinas próprias — Concertos.

CINTAS — Hipogastricas e para estética feminina.

Todos os modelos.

FUNDAS — Elastica "IDEAL LIMA", de couro e camurça

"C.L." — Fabricação própria

CIRURGIA

Acessórios para Farmácias e hospitais

CASA LIMA

Rua S. Bento, 368 — Fone, 2-3944 — Cx. Postal, 1.748

São Paulo

POEIRA

(A' memoria de Milton Quaglia)

João Bellini Burza

Hoje, amigo,
Em cima da terra:
Tens o sópro dum momento, que é a tua existência,
E a tua consciência
Observa tudo que o universo encerra.
A natureza é o imenso palco aberto aos teus sentidos.
A luz bate a claridade nos teus olhos
E a harmonia dos sons dança nos teus ouvidos,
Mas sempre o destino da gente se perde em mil escolhos.
Enxergas as aparências de todas as humanas faces,
Os beijos quentes e os sorrisos felizes e fugaces.
Ouves todas as humanas vozes,
As gargalhadas loucas e os gemidos atrozes.
Sentes as almas dos plhares,
Sem lágrimas ou cheiros de água como os mares.
Sentes os vagos lamentos
Das alheias dores,
Como os brutos ventos
Levando a perfumada essência das flores.
Amas o amor,
Em qualquer forma e esplendor.
A's véses, parecees dormir da realidade,
Porém te desperta, fatalmente, a tua idade.
Para os pecados dos teus sonhos,
Não importa haver o averno medonho.
Na tua indiferença,
Pode ou não existir a crença.
Só nas horas de aflição mártirio,
E' que acendes aos céus um cirio.
Vês tudo, vês tudo e cismas sobre todas as cousas.
Apenas, como num espelho negro como a fria lousa,
Sentindo o reflexo e desvios misteriosos do espirito
E a pouca concretização da materia,
Tu tens que te abaixar diante da tua propria miseria.

Amanhã, amigo,
Em baixo da terra:
Não verás e nem mais serás.
Desaparecerás,
De repente,
Com toda a tua audácia vaidade,
De seres racional e inteligente.
Todo esse teu deslumbramento
Se acabará contigo no esquecimento.
Mas nada aqui ficará faltando;
Continuarão as mesmas belezas,
Cheias das mesmas tristezas.
Não mudará essa loufa anciedade,
Que busca embalde a falsa felicidade.
Não se transformarão os homens,
Continuarão iguais, sempre os mesmos homens,
Uns cantando os seus prazeres aos luars,
Outros arrastando as suas penas pelos ares.
E assim,
Vem e vai passando o tempo até o infinito fim.
Então,
Inda não te invadiu o espanto,
De meditar acaso,
O que virá depois do teu derradeiro ocaso?
Amanhã,
Só os outros não mais te verão
E só os outros sentirão,
Em teu lugar, simplesmente,
Talvês a lembrança duma lágrima aparente,
Nenhuma lenda, nenhuma sombra, nenhum cipreste;
E do quanto que tiveste
E do teu passado,
Ter-se-á creado inutil e nulo resultado.
De qualquer sorte,
Apenas restará na morte,
A última verdade,
Que dá a consequência da eternidade.
Apenas ficará gravada,
No espaço laçado do nada,
Ensanguentada de revolta,
A nossa compreensão que nasceu morta...
Sempre eu maldigo,
Amigo:
A vida,
Onde tudo é poeira da terra;
A terra,
Onde tudo é poeira da vida!

Um cantinho para você

A' MAIR

Faz tempo, faz muito tempo que eu conheço a sua alma. Porque ela vem de longe, — longe no espaço e no tempo, — numa evolução admirável e contínua, procurando debalde no mundo a Perfeição.

Alma harmoniosa e simples, alma de esteta, que adquiriu noutras éras o sentimento da Beleza e o verdadeiro sentido da Vida.

Helênica de nascimento, ela conheceu Fídias espiritualizando a materia inanimada, e ouviu Demóstenes arrebatando as multidões. Perambulou com Homero pelas terras da Grécia e estacionou-se ante o brilho incomparavel do espirito ático. Ouviu filósofos

e amou Frinéa.

E quando a maravilhosa Hélide se transformou num montão de ruínas gloriosas, a sua alma chorou a morte da Arte e da Beleza. E desde então, ela vem procurando, através das éras e dos espaços, todas as expressões harmônicas do Belo, todas as manifestações estéticas da Natureza e da Vida.

Alma divina, que é o reflexo da propria Beleza, cujo sentido perfeito ela procura no mundo. Como eu gostaria de acompanhá-la neste vôo magnifico em busca da Perfeição.

JULIUS HYPOGLOSSUS.

A questão das Taxas

Muito se tem falado entre nós sobre a questão do aumento das taxas de frequência, que tanto desagradou causou no nosso meio universitária. Tem-se mesmo tentado um apêlo ás autoridades competentes, no sentido de se revogar aquela medida e resolver a questão a favor do estudante. Fomos informados de que os presiden-

tes dos Centros Academicos estão conjugando seus esforços para que os resultados dos trabalhos sejam mais positivos. Fazemos votos para que tudo se consiga e a situação possa enfim apresentar-se mais auspiciosa, pelo menos para aqueles estudantes que não tem os bolsos cheios de moedas de ouro...

LIVROS NOVOS

Serão publicados brevemente:

- 1 — O falar gritando — pelo prof. Renato Locchi.
- 2 — Como cai na labia dos grã-finos — O. Calazans.
- 3 — A badalação em 10 lições — Merrame.
- 4 — A arte de decorar. — R. Bertelli.

- 5 — Estudo e Obesidade — Clóvis Vieira.
- 6 — Estudo sobre a proeminencia do mento. — Peixoto de Assunção.
- 7 — A cura da Calvicie — Mendes.
- 8 — Como ser Bela — Ligia do 20. ano.

SALMONELA



NÃO PERCA TEMPO

SUA ROUPA JÁ ESTÁ PROMPTA
NA ALFAIATARIA DA

"A EXPOSIÇÃO"

NÃO desperdice o seu tempo com medidas e provas. Vá á Secção de Alfaiataria d' "A Exposição" e lá encontrará roupas-feitas que lhe assentarão como uma luva. O corte é impecavel, executado por mão de mestre, e os arriamentos, de 1.ª qualidade. Grande variedade de padrões, modelos e preços. "A Exposição" já vendeu milhares de roupas-feitas, sem trocar um só botão.

DESDE 250\$ ÁTE 550\$

A CASA N.º 1 NA
PR. PATRIARCHA

A Exposição

AOS COLEGAS

É este o primeiro numero do "Bisturi" que se publica sob nossa direção. Não temos a pretensão de organizar novos programas, nem seguir novas diretrizes. Desejamos apenas seguir os rumos traçados por Luiz Oriente, cuja direção e trabalho tanto brilho emprestaram ao nosso jornal. Temos certeza de que, se procurarmos continuar, em toda linha, o trabalho realizado por aquele nosso ilustre colega, muito facil nos será levar a cabo a missão que nos foi confiada. Além disso, procuramos contar com a colaboração de colegas nossos, cujo valor e eficiencia já têm sido fartamente provados pelo muito que tem feito em favor do "Bisturi".

Ao apresentar aos prezados colegas este primeiro numero, esperamos que ele seja recebido com a benevolencia de sempre, e que suas falhas sejam ainda uma vez compreendidas e perdoadas.

ORLANDO CAMPOS.

PATERNAL ATITUDE

N'um ano a Patologia estudava.
Aquele que o diploma pretendia.
E não era por gosto que "cavava";
Mas porque Cunha Mota assim queria.

E o tempo foi passando... Até que um dia,
Cunha Mota conseguiu o que almejava:
Em suas mãos ter Diretoria,
(O que de ha muito tempo se esperava...)

E o Mestre logo diz um estudante:
"Para diminuir os teus revêzes,
Desdobrei cadeira. De hoje em diante,

Serão menores os teus desenganos...
É em vez de me aguentares doze meses,
Tens que fazer agora por dois anos...
JULIUS HYPOGLOSSUS
S. Paulo, Maio de 1939.



Poema das mãos

A' srta. Daisy Lopes Ferraz

Tuas mãos parecem sonhos longos e flexíveis,
Que fazem festa nas minhas retinas adormecidas...
Mãos resignadas e tristonhas,
cheias de angustias escondidas
Na tristeza macia das suas curvas...
Como eu as compreendo!
E como elas conversam com os meus olhos amigos!
Vejo-as, às vezes, mudas e calmas,
como a beleza suave dos sonhos alcançados...
E é assim que elas encarnam
promessas brancas de caricias presentidas...

Outras vezes,
Vejo-as interrogadoras e inquietas,
Sensíveis e nervosas como as cordas de um violino.
Mãos tremulas,
que vacilam medrosas na escolha dos caminhos...
E é assim que elas me falam
da deliciosa inconstancia do teu espirito.
Niveas mãos de seda,
fidalgas e singelas,
Como duas camelias que tivessem alma
e que tem sempre o gesto suave de quem abençoa.

Oh! mãos espirituais e místicas!
Quando teus dedos irão apontar,
para os meus olhos cansados,
O caminho azul de todas as felicidades?...

ORLANDO CAMPOS.



A-O

Uma chave para a solução do problema mundial da Tuberculose

Recentemente foi esclarecido por nós que a imunidade desenvolvida pela A-O não se faz acompanhar de alergia. De acordo com os trabalhos do dr AOYAMA e seus assistentes a imunidade e a alergia são fenômenos separáveis. A alergia são fenômenos separáveis. A alergia provocada pelo bacilo da tuberculose é originaria dos proteicos aromaticos existentes no corpo bacilar excluido o seu protoplasma. Uma serie de experiências estabeleceu teorica e praticamente qu A-O não provoca danos como o emprego de outras vacinas contra a tuberculose. A ausencia de alergeno em A-O permite o seu uso sem preocupação nos tuberculosos alérgicos para com a tuberculina. O seu efeito é quasi sempre notavel

especialmente nas tuberculoses dos olhos — em que a tuberculina é contra-indicada apesar da sua eficacia — devido ao fenomeno alérgico. O professor MÜLER da 1.ª Clinica Oftalmologica da Faculdade de Viena e o professor MONOLESCO, da Clinica de Oftalmologia da Faculdade de Bucarest declaram que muitos casos de oftalmia tuberculosa foram curados somente com o uso da vacina A-O. A ausencia de irritação local no foco tuberculoso e de reação geral no organismo pelo tratamento com A-O é caracteristico inestimavel não só para o tratamento das oftalmias como ambem para o tratamento de diversas vicerias afetadas.

LITERATURA E AMOSTRAS
QUANDO SOLICITADAS

Representantes para o Brasil:
HARA & CIA. LTD.
RUA SILVEIRA MARTINS, 72
Tel. 2-7697 — C. Postal 2012 — S. Paulo

O encerramento do VIII conselho nacional dos estudantes coincidiu com o regresso dos nossos bravos expedicionários ao Rio de Janeiro e fomos agradavelmente surpreendidos, particularmente nós, alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, quando apareceu em seu uniforme de campanha, nosso colega Paulo Canton, que leu em nome de todos os estudantes-expedicionários que lutaram na Itália seguinte mensagem:

"Uma nova era está sendo iniciada na história nacional. O povo brasileiro volta as suas vistas para as melhores esperanças de democracia e progresso. Foi encerrado, com a vitória das Nações Unidas, sobre a Alemanha hitleriana, um longo e tormentoso período de incertezas e choques catastróficos que se traduziram mundialmente no maior conflito da tem-

Mensagem lida pelo colega - expedicionário Paulo Canton, no VIII Conselho Nacional dos Estudantes

"Queremos as liberdades democráticas", proclamam os jovens expedicionários - Vigorosa declaração de princípios dos estudantes que lutaram na F.E.B. e F.A.B.

mento espiritual, o fruto dos seus sacrifícios materiais, a expressão de suas aspirações libertárias e do seu ódio à opressão fascista, a sua arma histórica na conquista dos direitos à Democracia.

Não compreendemos FEB senão contendo implicitamente a idéia de liberdades democráticas. FEB significa liberdade de palavra, reunião, liberdade de associação, liberdade sindical, liberdade de cultura, liberdade de protestar contra a

tória, será também, doravante, a inexpugnável defesa de todas as conquistas populares do presente e do futuro. As forças mais sadias da nacionalidade, e as forças democráticas progressistas, cabe, pois, no momento atual, o dever de assegurar e reforçar a sua união com o objetivo de realizar o programa de desenvolvimento pacífico de nossa pátria. Do contrário, surgirá a possibilidade de vingarem as manobras reacionárias e inte-

pos. Pleiteamos um sistema amplo de educação popular com a abolição dos privilégios de fortuna. Pleiteamos ensino técnico para os mais vastos setores de povo. Queremos a democratização da cultura ao lado da segurança econômica para todos os homens e mulheres do nosso país sem distinções de classe, de raça e de credo religioso.

Unidos em torno desse programa mínimo imposto pelas próprias e imperiosas contingências históricas, estamos seguros de servir utilmente ao Brasil, e de merecer grave êncargo que nos legaram os bravos companheiros tombados com decisão e heroísmo sobre as montanhas e as planícies do perturbado solo italiano. **VIVA A UNIÃO NACIONAL DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E PROGRESSISTAS!**

QUEREMOS AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS! O PROGRESSO ECONÔMICO. A EDUCAÇÃO E A CULTURA PARA TODO O POVO BRASILEIRO!

TUDO O APOIO A' PAZ, A' LIBERDADE E A FRATERNIDADE DOS POVOS!

GLORIA ETERNA AOS HEROIS BRASILEIROS QUE TOMBARAM PELA HONRA DE NOSSA PATRIA NA LUTA CONTRA OS AGRESSORES NAZI-FASCISTAS!

Assinam: Jacob Gorender, Rafael Brandão, J. Farias, Luiz Neves de Sena Santos, José Papa, Joaquim da Silveira, Muricy Peçanha, Altair Fraga de Campos, Daniel Alvarez Simon, Moacir Rodrigues do Carmo, Fernando D'Avila, Giovanangelo Rizzo, Wilson Pedro Speridião, Waldir Nunes Costa, Hugo Barcelos, Olimpio Fernandes, Etiene de Rezende Loures, Edú Machado Gomes, Hildebrando Luiz Teixeira Mendes, Sebastião Fleury Amado, Evaldo Moreira Garcia Pinto, Airton de Oliveira, Edyleon Siqueira, Paulo Canton, Hydson Barbosa, Durval da Silva Ducasaux, Fabio Fonseca e Silva, Mario E. Neves, Gabriel de Melo, Geraldo Bastos, Julio Jesus da Silva, Alberto Gomes, Ertádan Novais da Silva, Fernando Vieira, Djalma Urrubay, Geraldo Assunção, Guilherme Meiben, Humberto Menezes Pinheiro, Gastão Maia Filho, Homillon Corrêa, Wilson de Moraes, Arquimedes Teles de Paiva, Emanuel Leal, Paulo Campos: Paulo Fueta, Paulo Ferreira Junior, João Ferreira de Albuquerque, José Vergueiro, Marcigo Merzan, João Scott, Paulo Pract, Assis Republicano, David da Rocha, Justo Souto, Ivan Rabelo de Castro, Dias Sebastião Cammarosano, Adahyr F. Reis, Samuel Lafker, Neuzo Naveiro, Adriano Petrosine, Chafic Amin, Carlos Scliar, Helio Oliva da Fonseca, Pithan e Silva, Rafael Nester, Augusto Vilas-Bosas.



O colega Paulo Canton quando lia, no plenário do VIII Congresso Nacional dos Estudantes, a Mensagem dos Acadêmicos - Expedicionários. Ao seu lado vê-se o nosso representante a esse Congresso, Carmino Caricchio.

pos. Esse conflito, que terminou com a liquidação militar, política moral do fascismo, trouxe, em seu bojo, o esplendor alvorecer de uma nova era. O povo brasileiro tem motivo para as suas esperanças e por elas deve lutar com ardor tenacidade. Por elas também lutaremos nós, estudantes expedicionários, que nos orgulhamos de nossa constante ligação com as massas populares de sempre interpretado com fidelidade os seus justos anseios. Porque a Força Expedicionária não é mais do que melhor criação do povo brasileiro, seu desdobra-

miséria e contra toda a espécie de coerção policial. Esta significação não os não-integralistas e reacionários embaçados terão o direito de contradizer.

FEB também significa União Nacional. Recordamos e acentuamos que sem os alicerces da União interna de cada povo e a correspondente união internacional de todos os povos amantes da democracia não teria sido segura a derrota do bloco fascista que se jogou na mais repugnante aventura para o domínio imperialista do globo. Renovamos o nosso apelo à União, porque, tendo sido a chave da Vi-

gralistas que, inevitavelmente, lançarão o país no caos: a soleira do mais negro período de obscurantismo. Por essa união sagrada — união das forças democráticas progressistas — estamos dispostos a lutar com a mesma fidelidade com que aceitamos a luta contra o fascismo.

Aspiramos a paz e a liberdade. Trabalharemos para que o Brasil supere o secular atraso econômico e se transforme numa nação de estrutura econômica social moderna que assegure a prosperidade e bem-estar condigno para as massas trabalhadoras das cidades e dos cam-

AOS COLEGAS!!!

Pedem-nos publicação do seguinte comunicado (sem comentários...):

"Os doutorandos de 1945 levam ao conhecimento dos estudantes da Faculdade seguinte:

considerando;

- 1) os oito anos de convívio útil agradável com os "maiores" "menores" desta Escola;
- 2) que seria uma injustiça não lembrar, neste "bota-fóra" os nomes daqueles que se consagraram pela capacidade dedicação aos alunos;
- 3) que é um dever dos atuais "quasi-médicos" deixar patente às gerações futuras o valor de ilustres figuras, resolvem:

gravar a sua gratidão e a sua saudade, indelevelmente no seguinte quadro de formatura:

DIRETOR: Montenegro

SUPERINTENDENTE DO H. C.: Enéas

DIRETOR DO H. C.: Godoy Moreira

SAUDADE: Hitler, Mussolini, Getúlio

ORAÇADOR DA TURMA: Oscar H. Barilachi (o Paganini do Bom Retiro).

PARANINFORMOS:

Titular: Pinheiro Cintra

Reservas: Mário Egidio (Féa)

Ovídio

Cunha Mota

Soares (bedel)

HOMENAGEADOS:

Almeida Prado (historiador)

Jaime Rosenburg

Araujo (do Ovídio) (bedel)

Cantido M. Campos

Franklin M. Campos

Calazans

Geraldo H. de Paula Sousa (da U.N.R.R.A.)

Mauro Barreto (flebotomo)

Flávio Camargo (reserva de bedel)

Luiz Wertheimer (o risadinha)

Lucas (Barbeiro)

Florião de Almeida

Mignone

Costinha (demografia sanitária)

Albino Carramão (diretor de Esportes)

Cássio Montenegro (ex-primeiro assistente...)

Parelari (o desembarçado)

Rubião Meira (o Cometa)

Luciano Gualberto (bom sujeito!)

Luiz do Bar (o consciencioso)

D. Clarice (a super-super) e outras...

Jaboo!

Paulo Prado (ah! 666...)

A. M. Passos (o sino)

Paula Santos (xiló...)

Monteiro (a Musa disfarçada)

D. Dagmar (Miss H. C.)

Briquet (32 A. C.: 1498, etc...)

Elevadores da Faculdade

José Maria de Freitas (o Papão)

EM TEMPO: Últimas reminiscências:

Carlos Costa

Cruz

Malacostráceo

UM ALUNO DO 6.º ANO
(Quem será...)

NOTA DA REDAÇÃO:

Eclarecimentos ou reclamações com o Catão, Michelângelo, Broto ou Plínio. Caso não sejam encontrados procurar o Gomide ou o Nestlé.

COISAS DO RIO

(o)

Numa reunião íntima sobre as 7 camas do quarto (só um) discutia-se sobre a “vagotonia” do nosso presidente. Ninguém duvidava disso, mas não se chegava a um acordo quanto a sua intensidade.

Então para termo de comparação na medida, o Caricchio resolveu trazer um “kágade” para ali morar também. Os estudos tem sido demorados pois as diferenças foram ligeiras e por isso o resultado será publicado oportunamente.

*

Um dos nossos colegas que lá estiveram no Posto 4 de Copacabana apreciava muito os banhos de mar e gostava de “solenemente” quebrar as ondas. Numa ocasião, porém segundo suas próprias afirmações, enquanto lavava uma “braçada” na direção areia, o mar o carregava dez vezes mais em direção Niterói. Não precisamos relatar os acenos de braços e os gritos de S. O. S. que se fizeram ouvir. O pobre rapaz foi salvo, pálido e sem fala.

Não vamos dar nome dele para não deixá-lo sem geito. Sómente as iniciais... João Belline Burza.

**

Logo após o término dos exaustivos trabalhos do VIII Congresso Nacional dos Estudantes, a dupla de mendigos-progressistas — Burza, Caricchio resolveu passear na Ilha de Paqueta. Após exames minuciosos da “praia dos amores”, da “chácará” onde Tyrone e Anabella veranearam e do belo recanto da “Moreninha”, os dois turistas deram “suspiros” bem profundos. O Caricchio advinhando o pensamento do colega presidente compreendendo o seu “olhar”, não pôde deixar de meditar em voz alta e saiu-se com esta:

— “Olha cá, Burza. A viagem para Rio fez-me perder a noiva, mas me fez achar um lugar para a “lua de mel”.

Esta entretanto não foi a única do sr. C. C. C. pois antes mesmo de chegar a Cidade-Maravilhosa deu o seguinte “fôra”: O nosso grande amigo ao se preparar para dormir depara com 2 embrulhos na cama e muito bem embrulhados. Individuo muito sério, chama imediatamente o “car-man” e diz: “O sr. quer ter bondade de levar estes 2 embrulhos que esquecemos aqui entregar ao seu legítimo dono?”

— Qual seu moço! Isto é o travesseiro e o cobertor que está embrulhado e é para o sr. dormir neles...

Não é preciso dizer que o sr. Caricchio deixou de dormir até chegar ao Rio dada a a vaia que levou dos colegas.

**

A mais digna de nota, entretanto foi a do nosso orador. Branco que a viva força teimou com o “chauffeur” que queria ir de automóvel ao Pão de Açúcar. Si não fosse o Laertes e o Danilo ele acabava se grudando com motorista que achou que aquilo era um desaforo. A muito custo tudo voltou a calma e fizemos ver ao Carlos que ao Pão de Açúcar se vai de bonzinho especial e apontamos lá pró céu mostrando-lhe o tal.

**

O nosso mignon Danilo sentando-se to do granfino no refeitório do Hotel pega no menu e com ares de grande maior faz questão de pedir um “consomé” enquanto turma meio desconfiado pediu canja.

Fazendo alarde de seu magnífico e apurado gosto culinário foi tecendo mil elogios ao seu prato e a turma já se havia arrependido de não o ter acompanhado.

Nisto chega o garçon e o Danilo se vira e diz: “Não! O sr. está enganado, não foi chá que eu pedi não... ora essa!”

O Fang ameaçou pegar no lapis e foi logo dizendo: “Esta vai para o “BISTURI”.

Após insistentes particulares pedidos prometeu-lhes não publicar o que aliás foi cumprido.

Escreveu: Kar-Kar e outros.

Carlos da Silva Lacaz

Lacaz aprendeu nos bancos acadêmicos, antes de mais nada, o que deve um professor fazer para se tornar inesquecível. Como poucos pode logo perceber o que deve o aluno futuro médico saber. Como ninguém conseguiu alcançar logo a necessidade não de ensinar o “tudo”, mas sim de tornar sólido o conhecimento do “essencial”. Moço em espírito e corpo é o maior amigo de todos nós. E o rapaz sempre feliz que vai vencendo brilhantemente em todas as atividades que inicia. E professor inteligente que sabe sempre elevar o conceito do corpo docente de nossa Faculdade.

Lacaz não é, em classe, como mestre, um “rei”, por ter “um olho”, numa terra de “cegos”. Não é dono de espírito preocupado em mostrar “saber”. E’ dono de uma consciência absoluta daquilo que necessitamos como alunos agora e médicos amanhã. Ele sabe muito bem separar tudo quanto deve o aluno aprender com o auxílio do professor, daquilo que deve o aluno aos poucos conhecer, com esforço próprio, para uma cultura médica a geral necessárias sempre.

Mais uma vez Lacaz alcançou pleno sucesso no Concurso para a Docência Livre da Cadeira de Microbiologia e Imunologia, de nossa Faculdade. O “BISTURI” presta hoje, este grande mestre, uma homenagem, vestida de simplicidade, como Lacaz gosta mesmo. Acompanha esta simplicidade sincera dos votos que fazemos para que Lacaz seja sempre bastante feliz. Para que Lacaz possa sempre conseguir vencer em todas as suas iniciativas. Este é o grande prêmio, que ele, como ninguém, merece.

*

Carlos da Silva Lacaz é natural de Guaratatingá, onde fez os Cursos Primário e Secundário. Fez o Curso Médico de 1934 a 1940, tendo sempre se revelado como o melhor aluno da turma, conseguindo diplomar-se em 1.º lugar, entre os alunos de sua turma. Durante sua vida acadêmica foi interno do Hospital Militar da Polícia do Estado de São Paulo, onde sempre recebeu referências elogiosas dos chefes de serviço daquela corporação militar. Foi ainda nesta corporação professor de Microbiologia do Curso de Enfermeiros do Serviço de Saúde.

De maneira brilhante exerceu de 1937 a 1940 cargo de monitor de Microbiologia Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Em 1938, 1939, 1940 conquistou o prêmio Paulo Montenegro, conferido pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz ao aluno que obtivesse mais alta média nas diferentes séries do curso médico; exerceu respectivamente os cargos de secretário, secretário geral e presidente do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Como presidente do Departamento Científico foi organizador e diretor do 1.º Congresso dos Estudantes de Medicina de São Paulo, conclave que marcou época e que mais uma vez deixava bem evidente a grande capacidade de realização deste grande mestre. Deve-se também a Lacaz uma orientação nova dada à Revista de Medicina, que passou a ser publicada com bastante carinho, mensalmente, durante os anos de 1938, 1939, 1940, quando ocupou os cargos de redator, redator-chefe e diretor da mesma revista.

De 1937 a 1940 foi professor de História Natural e Química dos alunos do Curso Noturno mantido pela Cruz Azul de São Paulo, para os alunos que se preparavam para o exame vestibular à Escola de Oficiais da Força Policial de nosso Estado. Participou em 1938 da caravana de estudantes paulistas que foi ao Rio de

Janeiro para o Congresso Americano da Liga de Combate ao Câncer, inaugurada em 1939, anexa ao Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Em 1940 Carlos da Silva Lacaz obteve o prêmio Fundação Rockefeller, oferecido pela Faculdade de Medicina ao aluno que conseguisse média mais alta nas cadeiras do curso básico ou fundamental, prêmio que consta de diploma e uma medalha de ouro. Inda no mesmo ano, em colaboração com Paulo Giovanni Bressan, conquistou o prêmio Alves Lima, conferido pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz ao melhor trabalho sobre Moléstias Tropicais e In-



CARLOS DA SILVA LACAZ

fectuosas. Lacaz e Bressan discutiram sobre — Contribuição para o estudo da moléstia de Nicholas Favre em suas diferentes modalidades clínicas. Neste mesmo ano recebeu o prêmio Sociedade Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, por ter obtido as melhores notas na Cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Enquanto estudante frequentou assiduamente oito cursos patrocinados pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz por intermédio de seu Departamento Científico.

Foi convidado após a formatura para exercer o cargo de 2.º assistente substituto da cadeira de Microbiologia Imunologia de nossa Faculdade, em 1941, maio. Ficou ocupando este cargo até janeiro de 1943, quando foi efetivado. Em primeiro de março de 1943 passou a exercer o cargo de 1.º assistente substituto. Sua indicação para assistente efetivo da mesma cadeira se realizou por merecimento. Neste mesmo ano, por indicação do professor Benedito Montenegro, exerceu brilhantemente cargo de professor de Microbiologia da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Desde 1936 Lacaz tem publicado sozinho ou em colaboração diversos trabalhos sobre Microbiologia, Imunologia e Micrologia. Junto aos “Fundos Universitários de Pesquisas” Lacaz tem realizado interessantes trabalhos: em colaboração com o Dr. Aderbal Carlos Cunha já descreveu um trabalho sobre o Rh na população paulista. No Hospital das Clínicas, em colaboração com Dr. Oswaldo Melone, está organizando um corpo de doares Rh negativos, para os casos de transfusões sanguíneas repetidas e transfusões em mulheres grávidas com história obstétrica de fetos com eritroblastose. Foi Lacaz autor de inúmeras conferências e comunicações e em todas elas sempre soube algo de novo para os que o ouviam.

O “BISTURI”, prestando esta homenagem singela a este moço inteligente e estudioso entusiasmado envia felicitações pelo novo concurso vencido, colocando, com muita justiça, Carlos da Silva Lacaz como Livre Docente da Cadeira de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Lá vai paulada...

Numa discussão entre alunos da Faculdade alunas da E.E. sobre “instrução”, uma moça argumentou assim: — “Nós iremos aprender a instrumentar antes, e quando entrarmos em ação, num caso real, já estaremos aptas para isso. Os alunos da Faculdade aprendem ins-

trumentar durante a intervenção, o que às vezes atrapalha o cirurgião...”

Ela tem toda a razão. Agradecemos a crítica e damos a palavra a quem de direito e de responsabilidade...

KAR-KAR

OS NOSSOS CRITICOS

Muito se tem dito e escrito sobre a crítica. Muitos criticam por profissão, outros por serem honestos, outros por não terem que fazer, outros por despeito e outros por serem desonestos.

Poucos sabem que crítica significa construção. Significa mostrar o erro para saná-lo, significa elogiar o bom. O crítico honesto mostra o erro, para indicar o caminho certo.

Mas “meter o pau” é fácil. Criticar sem análise, por má fé é próprio dos desonestos. E é assim que se explicam as críticas feitas por baixo do pano, insolentes, dirigidas ao “BISTURI”.

Este jornal não é perfeito, está cheio de defeitos. Mas se esforça sempre para melhorar. E nisto contamos com os colegas. As imperfeições nos devem ser mostradas honestamente. Assim colaboramos conosco. Procederão como colegas.

Mas o que se tem dado é de se lastimarem. Este jornal não é perfeito, está cheio de defeitos. Mas se esforça sempre para melhorar. E nisto contamos com os colegas. As imperfeições nos devem ser mostradas honestamente. Assim colaboramos conosco. Procederão como colegas.

Indivíduos que nunca cederam uma colaboração qualquer, que nunca sujaram as mãos numa tipografia, que não sabem que é uma revisão, que apenas “têm o trabalho de ler” o “BISTURI” pronto, atacam-nos abjetamente. E a esse ataque pelas costas, destrutivo, chamam de crítica.

O “BISTURI”, pelos Estatutos, está aberto a quem quiser trabalhar. Recebemos todos. Porque essa atitude hostil e covarde? Tragam a nós as reclamações, mostrem-nos honestamente os erros e ajudem-nos a solucioná-los.

O “BISTURI” é dos alunos da Faculdade de Medicina. feito para eles, deve ter a colaboração de todos eles.

Apelo aos colegas

Pede-se aos colegas da Faculdade colaboração no sentido de renovar e aumentar os meios de distração dos doentes que vão à Sala de Recreio do Hospital das Clínicas, por meio de doações de revistas, livros de leitura leve principalmente e mesmo jogos diversos. Qualquer dessas doações poderá ser entregue a uma das alunas da Escola de Enfermagem ou no C. A. “Oswaldo Cruz” ao Duílio Farina ou ao Iraja ou ao Caricchio, e, anonimamente muito gratos ficarão os enfermos do H. C.

CONSELHEIRA!

Oh! Conselheira... Quanto alegre tornastes com tua ida, a primeira caravana do SHOW MEDICINA.

Si todas as nossas colegas, tivessem uma parcela, por mínima que fosse, de tua jovialidade e do teu grande espírito acadêmico, esta Faculdade seria um paraíso na terra, embora tivéssemos que aturar tantos professores, alguns bem “amargurados”...

Postes com tua presença, como que um grande catalizador de todos os corações dos componentes da turma que visitou as cidades de Catanduva e Rio Preto, nos sentimos orgulhosos de termos podido contar entre nós, de um elemento componente do “oculto” D. F.

Verdade é que eras a representante direta desse departamento, porém tenho a impressão, que entre as outras colegas, que temos nos bancos escolares, ainda não penetrou e nem de leve se enraizou o que vinha á sr Espírito Universitário

Palavras de agradecimento pela tua presença nessa excursão, não as há que traduzam quanto nos sensibilizou esse teu ato.

Espírito alegre, procurando sempre a melhor solução para todos os problemas que surgissem, por pequenos que fossem, fostes uma verdadeira “mão na roda”, na direção dessa caravana.

Jovial, trazendo sempre um sorriso nos lábios, sem favor algum, fostes a figura ímpar, durante todo o transcurso do passeio.

Estão de parabéns o D. F. o D. S. e principalmente o C. A. O. C. de contar com u’a moça, dotada desse teu gênio sempre pronta á trabalhar ou auxiliar em tudo que te fosse possível, e as vezes fazendo até quasi o impossível, para que tudo corresse bem.

DRINA! Embora, não traduzindo nem a mínima parte do quanto te devemos, aqui fica em nome de todos o nosso MUITO OBRIGADO!

Prefizo-

Grandioso «Show» Medicina realizado em Catanduva e Rio Preto sob os auspícios do Departamento Social do C. A. O. C.

Atendendo ao gentil convite do presidente do D. S. do CAOC, para acompanhar o "Show Medicina" em sua excursão pelo hinterland paulista, transmitimos aqui nossas impressões.

Como todos sabem, essa arrojada iniciativa de um grupo entusiasta e abnegado de rapazes moças, que constitui

O que foi o "Show"; sua acolhida no interior do Estado; impressões do enviado especial do "O Bisturi"

batorada de fumo, ecoou por toda a estação, a música da banda que nos foi esperar ao som dos foguetes da clássica marchinha, cada um pegou sua mala

Na sexta-feira, véspera do espetáculo fomos todos incorporados ao Grande Hotel das Termas de Ibirá, onde passamos agradáveis momentos, sendo o "Show" da noite dedicada a nossa embaixada. A Santa Casa local não foi esquecida. Realizamos também um magnífico programa de auditório, na Rádio Difusora de Catanduva, cujo microfone foi-nos gentilmente cedido.

Nesta risonha cidade tivemos o ensejo de conhecer os componentes da Orquestra Típica de Buenos Aires, chefiada por D. Danilo Vargas, que dedicou-nos o espetáculo, que levou a efeito no auditório do Cine-Teatro de Catanduva. Tornaram-se nossos ótimos amigos prometeram-nos visitar honrar-nos com um espetáculo aqui em São Paulo.

Devemos ainda assinalar a nimia gentileza da família Pacheco Monteiro que por intermédio de seu filho e nosso colega convidou-nos para um "cock-tail" em sua residência onde ficamos verdadeiramente cativados com sua hospitalidade. Foram momentos de indivisível prazer que ali passamos, mas infelizmente truncados devido a compromissos de última hora.

Pela maneira fidalga com que nos tratou pela hora que nos concedeu ficamos gratos e reconhecidos família Pacheco Monteiro.

O espetáculo foi levado a efeito, no sábado dia 30, no Cine-Teatro República, gentilmente cedido por seu proprietário, diante da obra filantrópica em vista.

Grças ao excelente programa elaborado ao desempenho individual dos artistas, o sucesso foi pleno, sendo a Rapsodia Hungara e o número das King-Sisters vivamente bisados. A assistência, não pou aplausos durante todo o transcorrer do "Show", incentivando assim nossa "troupe"

O sucesso desse espetáculo deve-se porém aos auxílios estímulos de toda ordem, que recebemos por parte do povo, comércio local e em particular dos estudantes. Queremos deixar aqui patentes, dos nosso mais sincero agradecimento as seguintes pessoas: ao sr. Prefeito Municipal de Catanduva, dr. Silvino Salles

que nos concedeu todas as facilidades inclusive verba especial, condução, transportes e a construção da ribalta do teatro.

Ao sr. Januario Pelegrino, empresário do Cine-Teatro República que nos cedeu gratuitamente o seu teatro.

A Rádio Difusora de Catanduva na pessoa dos srs. Fuad e Emilio Cassis pela eficiente propaganda realizada pelo microfone que nos cedeu.

Ao "Jornal de Catanduva" "Folha do Povo" e a "A Cidade", pela maneira lhana cavalheiresca com que se prontificaram a nos auxiliar.

Ao prof. Barreto do Colégio Estadual, ao Tenis Clube e ao amigo Paulo Lerner.

Ao Centro Estudantino Rui Barbosa a GIFa nas figuras dos seus presidentes, Carlos Eduardo Rudge Renato Bugelli, pelos incontáveis auxílios e gentilezas, tornando-se assim credores da mais alta distinção dos alunos da Faculdade, que é a flâmula desta escola.

Devemos destacar deste elogio coletivo um agradecimento mais sincero e mais profundo as moças de Catanduva. A simplicidade, graça natural inteligência pronta que as caracteriza, deixaram-nos cativados; são elas responsáveis, por nos terem criado um ambiente de tal modo suave, que mal sentimos o correr dos dias.

Lá deixamos muitas lembranças saudades e muitos colegas não quiseram voltar, haja visto o Plínio. Contrairamos assim com a mocidade de Catanduva uma dívida de gratidão que pagaremos seja com palavrões, seja com fatos na ocasião em que se nos oferecer a 1.ª oportunidade.

Terminando o espetáculo as 24 horas, partimos após árduo e rápido trabalho de empacotamento despacho, rumo a cidade de S. José do Rio Preto. Viagem curta pareceu-nos demorada pois estava-mos verdadeiramente estafados mas mesmo assim não faltou alegria.

Na estação fomos recebidos pelos srs. dr. Mário Valladão Furquim, prefeito municipal, Leonardo Gomes, redator da "A Notícia" e pelo colega Beolchi.

Em seguida fomos encaminhados para o Hotel São Paulo Camarero com exclusão das moças que foram hospedadas particularmente, em casa das famílias mais representativas de Rio Preto.

Nessa cidade, o nosso programa consistiu de visitas de cordialidade e agradecimento, ao sr. Prefeito Municipal "Folha de Rio Preto" e a "A Notícia".

Na S. A. Rádio Rio Preto. PRB-8 realizamos também um magnífico programa de Estudos, ocupando microfone pelo espaço de 1/2 hora.

No Automovel Clube local foi realizado um baile em nossa homenagem, que prolongou-se até a 1 hora da manhã.

O espetáculo foi levado a efeito no dia 2 de julho, no Cine-Teatro Rio Preto, que achava parcialmente repleto. Foi entregue nessa ocasião uma flâmula, singular gratidão dos alunos da escola a figura modesta-cavalheiresca generosa do nosso grande amigo colega dr. Mário



Visita de cordialidade à D. Lelia V. Furquim, DD. Presidente da L. B. A. exma. esposa do sr. Prefeito

D. S. da nossa escola, teve por finalidade, de angariar fundos para os D. p. de Beneficência do CAOC esse desideratum foi em parte conseguido, graças ao esforço dessa magnífica pleiade de jovens, que compunham caravana e que sacrificaram suas férias e sua prática médico-hospitalar em benefício de tão nobre cruzada.

Sim, sacrificaram-se esses sacrifícios não foram poucos, porque esta caravana não foi como parece, uma viagem de turismo distrações como as muitas que saíram desta escola.

Nessa caravana, cada um contribuiu com máximo de seu esforço, na consecução do objetivo comum, levantando e transportando cenários, carregando instalando rádio e técnica do som, passando roupas, compondo fantasias, vendendo angariando ingressos e donativos, despachando carregando cenários, trabalhando dentro fóra do palco, enaltecendo nome do CAOC. Isto tudo quando realizado por profissionais do teatro constitui por si só, uma grande obra; quem dirá então, quando levado a efeito por amadores neofitos de nossa Faculdade.

Só quem, como nós, foi levado apenas para espiar, sabe qual foi o esforço, a boa vontade e abnegação das moças e rapazes em busca de seu objetivo; quantos obstáculos, má vontade e impecilhos de última hora foram contornados para efetivação do "Show Medicina".

A camaradagem, alegria espírito de humor reinante durante viagem, foi algo de surpreendente maravilhoso, fazendo-nos crer no ressurgimento do espírito universitário de há muito desaparecido.

O "Show Medicina" partiu dessa capital na manhã do dia 25 de junho, chefiado pelo presidente do D. S., colega Aurélio Falcon constituído ao todo por 38 elementos.

Manhã chuvosa, tipicamente bandeirante não impediu que o presidente do nosso Centro João Belline Burza, comparecesse pessoalmente à estação, para desejar ao "show" um feliz e amplo sucesso, maior do que o alcançado nos 3 espetáculos realizados aqui nesta capital.

Sob os últimos acordes de um Pic-Pic em grande estilo, partiu trem, deixando o velho Burza lá na gare, balançando o braço enterrado na sua capa chapéu.

Após 12 horas de viagem, chegamos. Sempre alegres a cidade-sorriso de Catanduva.

A recepção que lá recebemos, foi inesperada, espontânea e por isso mesmo bastante agradável e significativa.

Quando locomotiva soltou sua última

dirigiu-se para as escadarias da E.F.A. onde reunidos ouvimos carinhosas palavras de saudação.

Falou em 1.º lugar o prof. Raimundo Rodrigues Martim em nome da associação dos ex-alunos do Colégio do Estado depois dr. Antonio Mastrocolla, advogado



A turma do "Show" no palco de Catanduva

gato e diretor da "Folha do Povo" de Catanduva, que enalteceu os objetivos da caravana e de braços abertos, recebeu em nome do povo, os estudantes de medicina de São Paulo.

Agradeceu em rápidas singelas palavras o nosso colega Aurélio Falcon.

Em Catanduva ficamos alojados no Hotel dos Viajantes, Hotel Acacio Hotel Coimbra e as moças acompanhadas pelas sras. Jandira Vampré e Colina Portiella, no Lider Hotel.

Aos jornais locais, rádio-emissora e ao sr. Prefeito Municipal foram feitas visitas de cordialidade, onde fomos aliás, magnificamente recebidos.

O Tenis Clube, ofereceu-nos então uma estupenda e inolvidável festa, da qual levaremos imorredoura lembrança, festa esta, onde imperou sadia e jovial alegria entre estudantes locais de nossa Faculdade, culminando num improvisado desfile de canções entre ambas as partes.

A festa cujo termino estava marcada para as 24 horas, prolongou-se até as 2 horas da madrugada.

O dr. A. Mastrocolla pedindo palavra disse-nos que como advogado obedecia as leis, mas quando se tratava de coarção hospitalidade ele passava por cima de todas as leis, para que aquela manifestação de jovialidade e exuberância de alegria se prolongasse pois ninguém podia impedir tamanha confraternização.

Suas palavras foram delirantemente aplaudidas mestre Caricchio, puxou a quadrilha que foi dansada por toda multidão. O Carlos Sacramento, cognominado "mestre do piano" pela PRB.8 executou músicas para dança e nossa escola de samba, também fez-se ouvir, para ser grandemente aplaudidas.

bado dia 30, no Cine-Teatro República, gentilmente cedido por seu proprietário, diante da obra filantrópica em vista.

Grças ao excelente programa elaborado ao desempenho individual dos artistas, o sucesso foi pleno, sendo a Rapsodia Hungara e o número das King-Sisters vivamente bisados. A assistência, não pou aplausos durante todo o transcorrer do "Show", incentivando assim nossa "troupe"

O sucesso desse espetáculo deve-se porém aos auxílios estímulos de toda ordem, que recebemos por parte do povo, comércio local e em particular dos estudantes. Queremos deixar aqui patentes, dos nosso mais sincero agradecimento as seguintes pessoas: ao sr. Prefeito Municipal de Catanduva, dr. Silvino Salles

Visita ao Prefeito de Catanduva Dr. Silvino Salles



Valladão Furquim, digníssimo Prefeito Municipal.

A sua cativante sra. d. Lelia Valladão, dinâmica presidente da Legião Brasileira de Assistência, foi entregue um quadro, com um programa autografado por todos os componentes do "Show" acompanhado com fotografia de nossa Faculdade.

Agradecemos em nome do sr. Prefeito, o dr. Sinesio de Melo Oliveira, que tam. fez a saudação aos estudantes de São Paulo em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto, do qual é presidente.

O espetáculo não teve êxito por não esperado pois a renda foi apenas de Cr\$ 7.440,00, quasi idêntica a de Catanduva.

Queremos deixar aqui o nosso agradecimento a Rádio Rio Preto S. A. PRB-8 pela maneira com que nos acolheu e tam. bém ao Automovel Clube pelo baile que nos ofereceu. Aos Centros Estudantinos Rui Barbosa, Machado de Assis, Pedro II Ao dr. Sinesio de Melo Oliveira da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Ao sr. Eloy Arautes e sra. bem como ao sr. Demétrio Kappas.

A família Valladão Furquim pela gentil acolhida dispensada as moças de nossa caravana.

Ao colega Beolchi Irajá, pelo esforço e dedicação com que se empregaram na campanha de propaganda e venda de ingressos. Queremos agora destacar em particular a maneira gentil, carinhosa e a fidelguia sem par. do casal Valladão Furquim, do qual tornamo-nos credores da mais irrestrita gratidão e amizade, que tudo fez, mesmo impossível, em nosso benefício, visando sempre o maior sucesso de nossa cruzada beneficente.

Concedeu-nos estadia paga, hospedou em sua residência nossa colega e redatora Drina Coelho, angariou doativos, vendeu ingressos, visitou-nos frequentemente nos ensaios, recepcionou-nos em sua residência, concedeu-nos as maiores facilidades possíveis, acompanhando-nos finalmente estação, chegando ao extremo de mandar parar o trem devido ao atraso de algumas moças e sras. do nosso "Show"

Ficamos atordoados diante de tantas amabilidades generosidade da qual são a personificação.

cer exageradas mas não o são, pois nós, acadêmicos de medicina, somos francos e leais em nossas apreciações.

Encontramos nesse distinto casal o que gostaríamos de encontrar no resto da população de Rio Preto, salvo raras exceções.

Infelizmente isto não se deu, pois pareceu-nos que orgulho, vaidade e soberba encontraram apenas na mansão do sr. Prefeito um fortim inexpugnável (verdadeiro oasis num mar de presunção).

Por parte do comércio não encontramos apoio que nossa campanha merecia.

Por parte da sociedade fomos fraternalmente recebidos e quando tentamos alegrar o ambiente por meio de brincadeiras de salão a coerção social foi tanta que logo abdicamos a tamanha temeridade.

Por parte do sr. Americo Curti, proprietário do cinema e seu fantecho Moisés, encontramos a pior má vontade, rudeza e falta de consideração pois comportou-se ora de uma maneira infantil ora brutal, isto para não dizer outras coisas...

Cobrou-nos a exorbitância de 2.000 cruzeiros, impondo-nos o dia do espetáculo e não cumprindo com suas clausulas, pois prejudicou-nos a propaganda, encobrindo nossos cartazes, não nos cedendo seu microfone e ameaçando-nos de fechar o teatro. Os empregados não levantaram uma palha sequer parecendo-nos terem ordens expressas para vigiar apenas martelos, cordas, alfinetes sacaroilhas nós emprestado.

Respiramos porém desafogadamente quando lhe devolvemos o abatimento de 500 cruzeiros que nós lhe arrancamos última hora (graças ao empenho da sra. Lelia, nossa mui digna madrinha do "Show") que foi por nós, moças, se. horas e rapazes unanimemente resolvido, em desagravo à nossa dignidade.

Chocou-nos ainda sobremaneira o sr. Leonardo Gomes, redator da "Notícia" que em dois dias de convivio, revelou-nos sua dupla personalidade, elogiando-nos pelo jornal e espeziuhando-nos pessoalmente, aproveitando-se da fraqueza das moças, que hospedava em sua casa. Che-

gou ao cúmulo de afirmar que aquilo que ele escrevia não significa em absoluto que ele pensava e retirou-se no meio do espetáculo que afirmou não valer os 10 cruzeiros, sabendo ser um "show" benéfico. Por fim coroando sua série de amabilidades mandou que uma das moças hospedadas em sua casa tocasse piano e em seguida colocando 1 disco de vitrola disse: "Agora sim, é que a sra vai ver o que é tocar piano de verdade"...

Por essas outras gentilezas fomos obrigados a retirar as moças de tão agradável companhia.

A "Folha de Rio Preto" fazendo-nos de bode expiatório de sua tradicional inimidade com a "Notícia" entregou pena a um pobre coitado que tivemos desprazer de conhecer e que se intitulou a si mesmo critico teatral, para fazer um artigo ironico e de sentido ambiguo a nosso respeito, que terminava dizendo que "em vez de "show" bastaria uma subscrição popular e o efeito seria o mesmo", esquecendo-se que de um "show de estudantes amadores, não se poderia esperar humor e charges mais finas nem maior sacrificio de interesses pessoais em prol de tão benemérita finalidade

Não foram porém aquelas garatuas que nos arrancaram o estandarte do "melhor mais bem organizado "show-estudantino de S. Paulo"

Do povo em geral lamentamos a falta de estímulo, apoio e a descortezia de muitos espectadores que se retiraram no meio do espetáculo, mostrando seu de-

sagrado, talvez porque esperassem, que porcesse uma Pavlova nos bailados da cantina ou um Tito Schipa nos números de canto.

Terminando essa nossa reportagem queremos em nome do D. S. agradecer a infatigável cooperação do nosso amigo Pascoal Scattone, nosso inegável técnico de som. As moças que gentilmente aceitaram nosso convite para participarem no "show" e a sra. Jandira Vampre que as acompanhou.

Ao colega Kurban recordista de bilheteria.

Ao mestre do ceremonial em Catanduva, Caricchio pela maneira com que se desempenhou de suas funções e a colega Drina, conselheira simbolo do "Show Medicina"

Sem querer menosprezar os demais colegas nosso especial e separado elogio maior revelação do "Show Medicina" o doutorando Paulo Machado, a cujo desempenho, esforço e dedicação fóra dentro do palco, devemos grande parte do sucesso e também ao inimitavel e dinâmico Maretti cujo entusiasmo contagioso e exemplar devemos outra grande parte do êxito.

A caravana estava assim constituída: Presidente, Aurelio Falcon Ruiz; tesoureiro, Silvio Sacramento; bilheteria e venda d ingressos, Omir e Kurban; reporter, Mauricio Fang; atenções às moças, Carmineo Caricchio; maquiagista, Carlos Sacramento. Comissão Social: Irajá, Beolchi Vaquero e Nebó.

Amor!

WALTER

(o)

Fechado o livro, voltou lentamente para mim aqueles olhos extranhamente belos, extranhamente tristes e demasiadamente abertos. Apesar de toda beleza que possuíam, faltava neles um brilho comum aos simplesmente homens. Ele falou.

— Bobagens da vida moderna. Não existia tal paixão. Tu conto carece de fundamento. Eu nunca poderia amar como este personagem. Ela era apenas mulher, mais nada. Inspida e tola como todas mulheres de hoje. Não acredito, isso não é real.

Falei então a aquela alma naufragada em lívros.

— Porque não procuras uma mulher, mulher de carne osso que te dê amor? Há mulheres belas, há mulheres cheias de espirito, fiéis castas. Há tamanha variedade que a escolha é facilima. Será que em todo este número não haveria uma cuja beleza o extasiasse, que te envolvesse de encantos, de amor na contemplação do belo? Não haveria entre tantas alguém que arrancasse de tua alma gemidos e suspiros nas mais variadas formas de prazer? Não haveria alguma que te encantasse pela subtileza de espirito, que fizesse saltar de teus olhos luzes da devoção, como as que saltam do cristão frente ao crucifixo? Não haveria mulher que te comovesse pela fidelidade ou castidade santa? Procura. Verás que sentindo entre teus dedos os dedos da mulher amada, sentindo nos teus lábios o sabor dos beijos de amor, envolvendo-te nos cabelos dela, o mundo se transformará. Qualquer cousa de belo, de sublimemente belo, surgirá em tua alma.

— Não é possível. Acompanha-me em meus amores e vê se alguém poderá ocupar lugar que tantas ocupam, embora não me tenham aquecido com seus corpos materiais, ou de fato embriagado-me com o perfume que rescendiam.

Em sonhos tive Frinea nua em meus braços. Mais do que Paris amei a beleza de Helena. Bejei-lhe os lábios cheios de volúpia, e meus dedos fizeram vibrar seus corpos divinamente belos. Depois de possuir Thais, de envolver-me no corpo voluptuoso e prodigo de prazeres de Saffo, conheci todas as perversões do amor nos lábios de Adela.

Saciei-me de prazer e busquei o belo na adoração mística. Mais do que Dante amei Beatriz. Ele a viu mulher. Eu sempre a vi deusa. Ajoelhei-me frente a imagem branca de Bice e adorei-a; dei-lhe noites de muda contemplação. Superei em amor ao próprio cantor de seus encantos.

Amei com toda minha alma a castidade de Diana, a fidelidade de Heloisa. Amei, as todas. Ameia-as como pode um poeta amar.

Haverá então alguém que consiga abrir meu coração às belezas do mundo, como fizeram Helena, Thais, Beatriz ou Diana? Nunca.

E ele não amava. Sempre dizia que já havia amado. Corpo novo com uma alma velha no amor. Quem abriria para a beleza do mundo que o cercava, aquele coração atolado no amor que os poetas cantaram?

Saciado de amor sem nunca ter beijado, sem nunca ter se arripiado ao contato duma pele de mulher. Saciado de amor e em seus olhos faltava o brilho do amor.

Mas, um dia... um dia aqueles olhos extranhamente belos, extremamente tristes, demasiadamente abertos, brilharam de modo diferente. Dir-se-ia que novos sois se haviam creado. Surgira brilho do amor.

E ela não era Helena, não era Saffo, nem Beatriz.

Apenas uma mulher, uma mulher como todas, mais nada.

E os olhos deles, extranhamente belos, não mais leram o amor, traziam o amor...

Viagem de estudos a Franca promovida pelo Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

Esteve no município de Franca, na última quinzena do mês de junho, uma comissão de estudos enviada pelo Dep. de Medicina Social do C. A. O. C., com a finalidade de colher dados a respeito da Moléstia de Chagas, endêmica na região.

Para chefiar a comissão foi convidado o dr. José Lima Pedreira de Freitas, Assistente da cadeira de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo sob a direção do Prof. Samuel Barnsey Pessoa.

Durante a estadia da comissão em Franca foram feitas colheitas de triatomas em várias localidades do município

como: Fazenda Limeira, margens direita e esquerda do Rio Canoas, São José da Bela Vista e nos limites da zona urbana.

Foram feitos exames sistemáticos dos moradores das casas visitadas incluindo o xenodiagnóstico e exame dos animais domésticos, tendo sido encontrado um caso agudo da moléstia na própria zona urbana do município.

No dia 10 de corrente o dr. José Lima Pedreira de Freitas proferiu a seguinte conferência no centro médico local sob o título de "Aspectos sociais da moléstia de Chagas"

UM DIA NA FACULDADE

Um dia em nossa Faculdade é em tudo igual ao que o precedeu e muito pouco diferirá do subsequente.

Tomemos como dia tipo um dia do 1.º ano.

São 6,30 e o despertador tine. Faz muito frio: é com dor no coração que se tira o braço de sob o cobertor para travar relógio.

— Hoje não vou à aula teórica. é o primeiro pensamento que se nos acomete. Felizmente, porém, se a carne é fraca, o espirito é forte, e com grande força de vontade, mudando de idéia, nos vestimos por cima do pijama, pomos pull-over, capa, luvas e quanto mais agasalho tivermos e, enfrentando o nevoeiro, nos dirigimos para a Faculdade.

8 horas em ponto: entra o Lochi e começa a aula. Pouco depois, sorrateira, mente e, subindo o anfiteatro colados à parede, chegam dois atrasados. As 8,06, um terceiro aluno força a porta, mas sr. Mauricio, cronometricamente rigoroso, impede a entrada.

A aula prossegue. Sem perda de tempo Lochi fala, fala: é a tela sub-cutânea é o "não há subtendidos nos exames"; apaga a luz, projeta diapositivo; é a serenidade cadavérica que agora ocupa os lábios do discípulo do Prof. Bovero. A hora não passa; o Lochi continua. Finalmente o sr. Mauricio torna a abrir a porta e temos a impressão de que a aula vai terminar. Doce ilusão! Vai estender-se ainda por mais de meia hora...

Vamos depois para laboratório. Cada um retira sua peça e começa rachar. De lá para cá, passa o assistente Guerra, implorando que se lhe faça alguma pergunta, ou então o Napoli, doído para aborrecer a paciência de "tal ou qual" pessoa (com licença do Prof. Lochi). A monotonia é quebrada por um café que se vai tomar lá em baixo (pretexto para que

se largue o estudo por um pouco), ou pela visita deste ou daquele que vem passar bico em alguma menina (não, Otávio, não me refiro a você, não). E assim o tempo se passa. 11,30: o Chico bate palmas e os poucos que ainda estavam estudando, os mais "racha-racha" (que nos permita o Rubinski), são obrigados ir-se embora.

Aborrecidos depois de tanta Anatomia, vamos para casa, com o pensamento num grande almoço.

São 2 horas; vamos pôr o sono em dia. O Névio, fazendo o gesto do Amigo da Onça, cospe aminoácidos, entremeados de piadas, as mais fracas, de que ele ri só, zinho, sem ser animado nem mesmo pelos mais badalos (bom, Oswaldo, não me referia a você, mas se a carapuça serviu...). Dois alunos, em surdina, jogam, jogam batalha naval; outro, recostado na caixa do projetor, está em plenos braços de Morfeu; outros dormem nas próprias carteiras, enquanto os da frente não tem tal liberdade. Na primeira fileira, Leite Bastos e outros badalos copiam aula; Helena e Léa, "aças" imitam-nos. Nesse momento o providencial sr. Mauricio nós salva: é o soar da campainha.

Enquanto alguns coitados têm aula prática, em que Névio ou Lombriga falam 2 horas e em 10 minutos os alunos fazem a "micha" experiência, o resto da turma vai saindo, para o cinema ou Anatomia, onde a tarde é igualzinha à manhã. Notam-se, então algumas coincidências: Fulano não sai antes de Fulana, Fulana não sai antes de Fulano; o motivo é forte; podem desencontrar...

E assim termina o dia. O seguinte será igualzinho a ele; apenas em vez do Lochi teremos o Xilor recomendando-Miguer Osório de Armeida.

KARA-KUYKA

O Prof. Alipio na Guerra

... Seu trabalho naquele setor é dos que merece os melhores aplausos pela maneira criteriosa, inteligente, honesta e patriótica por que orienta o serviço, impondo á nossa equipe uma situação de equilíbrio com os demais elementos do Hospital e formando um conjunto coeso, eficiente e devotado inteiramente á nobilitante missão que lhe está afeta.

(Palavras do Exmo. Sr. General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB.)

O Professor Alipio Corrêa Neto, que na nossa Escola é o Catedrático da Primeira Clínica Cirúrgica, foi nos campos de luta da Europa o mais legítimo exemplo de dedicação á disciplina e ao trato dos feridos. Cirurgião de alto mérito soube elevar a Medicina Brasileira ao mais alto nível, recebendo por parte dos seus superiores as mais honrosas referências, como atestam os extratos da sua fôlha de guerra que passamos a relatar:

A 20 de agosto, partiu do Rio de Janeiro em avião transporte norte-americano, chegando Natal ás 22 horas. A 21 partiu de Natal, chegando a Accra no dia 22 com escala em Ascencion. A 24, partiu de Accra com destino a Napoles, chegando a destino em 28 do mesmo mês, com escala em Robert Field, Dakar, Atar, Tindouf, Marrakech, Casablanca, Tunis. A 30, partiu de Napoles com destino Cecina (S. Luco), em camião chegando 31 do mesmo mês, apresentando-se ao 38th Evac. Hosp., sendo designado para Serviço Cirúrgico da Secção de Hospitalização Brasileira, anexa ao mesmo, e sendo incorporado ao V Exército Norte-Americano, sob o Comando Geral do Exmo. Sr. Ten. General Mark Clark.

A 11 de setembro, foi designado para a Junta Militar de Saúde do Primeiro Escalão da FEB, em substituição ao Ten. Cel. Marques Torres. A 15, deslocou-se com o 38th. Evac. Hosp., em comboio



Prof. Alipio Corrêa Neto

com destino a cidade de Pisa, onde chegou no mesmo dia, acampando ao Norte da referida cidade e prosseguindo nas suas funções no dia imediato.

Em outubro continuou nas funções de Cirurgião-Chefe de uma das equipes da S. H. B. anexa a 38th. Evac. Hosp.

A 9 de novembro, por ocasião da inundação que invadiu 38th. Evac. Hosp., em dois do mesmo mês, na cidade de Pisa, o sr. Major Ernestino Gomes de Oliveira, Chefe do Primeiro G. S. B., em Bol. Interno n. 35 de 9/11/44, assim se expressou:

"É como exemplo digno de ser seguido por todos os que se sacrificam pela causa da liberdade a serviço do Brasil, tenho muita satisfação em elogiar, louvar, nominalmente, Major Alipio Corrêa Neto, colega distinto de competente, de fina educação e extrema dedicação ao trabalho, completamente adaptado a vida militar, torna-se merecedor incondicional de nosso elogio louvor não só pelo auxílio prestado durante catástrofe como também pela eficiência demonstrada pela reorganização e funcionamento de sua equipe apenas uma hora depois do abandono do 38th. Evac. Hosp."

A 12, deslocou-se com a S. H. B. para região de Pistoia, sendo designado para servir no 16th. Evac. Hosp. A 23 por ordem do sr. Cel. Chefe do S. S. da FEB foi designado para o 32nd. Field Hospital, assim se expressando o Chefe do Primeiro G. S. B. em Bol. Int. n. 41 de 23/11/44:

"Lamentando o afastamento temporário do Major Alipio Corrêa Neto, agradeço e louvo nominalmente pelos excelentes serviços técnicos e profissionais,

elevado grau com os elementos desta unidade, demonstrando invariavelmente o mais alto padrão de disciplina militar. E' com pesar que recorro as atribuições e as perdas materiais que lhes foram impostas pela recente inundação".

A 1 de dezembro em Bol. Int. n. 98 da D" I. E. foi substituído na Junta Militar de Saúde da FEB pelo Major-Médico Ernani Faria Alves.

A 26/2/45 foi elogiado pelo sr. Cel. Médico Dr. Emanuel Marques Porto, Chefe do S. S. da FEB:

"Major Alipio Corrêa Neto — Cirurgião da mais alta classe, o Major Alipio Corrêa Neto vem prestando ao S. S. da FEB inestimáveis serviços, desde 31 de agosto de 1944, quando foi incluído na Secção Brasileira de Hospitalização do 38th. Evacuation Hospital, com missão de chefia uma das suas equipes cirúrgicas e, sucessivamente, em idêntica função no 16th. Evacuation Hospital. Designado 23 de novembro do mesmo ano para chefia da Secção de Hospitalização anexa do 32nd. Field Hospital, onde também chefia uma das equipes cirúrgicas brasileiras, o Major Alipio Corrêa Neto com-

gião, conquistando no meio médico norte-americano um elevado conceito de agradável repercussão destacado prestígio para a medicina brasileira. Seu trabalho naquele setor é dos que merecem os melhores aplausos pela maneira criteriosa, inteligente, honesta e patriótica por que orienta o serviço, impondo a nossa equipe uma situação de equilíbrio com os demais elementos do hospital formando um conjunto coeso, eficiente e devotado inteiramente a nobilitante missão que lhe está afeta. Além da direção própria que exige um perfeito senso administrativo a qual dá todo o seu entusiasmo e interesse, chefia uma das equipes cirúrgica que atende os casos mais urgentes intrasportáveis, salvando vidas preciosas a pátria família brasileira, num trabalho que normalmente se prolonga por mais de oito horas num só paciente, numa evidente demonstração do seu saber, experiência, vigor físico e exata noção do dever — dedicação ao próximo, que no campo da luta soube ser bravo e tombou diante do fogo inimigo. Disciplinado, leal, de atitudes distintas e polidas, conquista a admiração e o respeito dos subordinados, que têm em si um digno exemplo de discreção e modestia. Empolgado pela sua atuação transmits ao Major-Médico Alipio Corrêa Neto as minhas felicitações — os meus mais francos louvores".

A 23/5/45 em consequência do Of. n. 1979, de 20/5/45 o Sr. Cel. Chefe do S. S. da FEB foi excluído do estado efetivo da Unidade por ter de se recolher ao Dep. Pessoal da FEB afim de seguir para Brasil.

Neste mesmo dia ao seu excluído desta Secção, o Major-Médico Dr. Ari Duarte Nunes, Chefe da S. H. B. assim se expressou:

"Chefe da equipe durante muito tempo, chefia a S. H. B. anexa ao 32nd. Field Hospital, profissional de capacidade técnica reconhecida, emérito cirurgião, facilmente se impôs e conquistou lugar de destaque entre os profissionais médicos americanos, enaltecendo elevando assim a medicina brasileira, numerosas vidas de brasileiros foram salvas pela sua habilidade de técnico nesta S. H. B. chefou com brilhantismo competência um grupo de equipes. Leal, dedicado, culto, de atitudes francas e definidas, cativo sempre a consideração e estima dos seus chefes e subordinados. Com perfeita compre-



O prof. Alipio ao lado de um colega americano

lealdade militar, competência e zelo demonstrados no serviço".

A 27, o sr. Cmt. do 38th. Evac. Hosp. o Cel. G. T. Wood Jr. assim se expressou sobre este oficial:

"Realizou excelente trabalho, manifestou dedicado interesse no bem-estar dos pacientes, cooperou com os membros desta unidade no mais alto grau demonstrou mais elevado padrão de disciplina militar. Lamento que tenha sofrido incômodos perda dos seus haveres por causa da recente inundação".

A 29, salientando os bons serviços, na fase que precedeu chegada do 2.º Escalão da FEB dos que auxiliaram o Major-Chefe do 1.º G. S. B., Dr. Ernestino Gomes de Oliveira, foi elogiado nos seguintes termos conforme fez público Bol. Int. n. 44, de 29/11/44:

"Distinto completo oficial, de reconhecida competência profissional dedicação ao serviço, é com prazer que eu o louvo, nominalmente, pelo elevado grau de compreensão dos seus deveres militares profissionais pela excelente cooperação emprestada ás atividades técnicas deste grupo".

O Bol. da D. I. E. n. 90 d 25/11/44, transcreve o officio n. 15 do corrente do Cel. Médico G. T. Wood Junior do 38th. Evac. Hospital que assim se expressou sobre este oficial:

"Desenvolveu excelente trabalho, revelou sempre um profundo interesse no tratamento dos pacientes, cooperou no mais

pleta encadernamento lógico de serviços técnicos que não são mais do que real afirmação do alto crédito que firmou no Brasil na prática diuturna da especialidade que nobilita; no exercicio efetivo da cátedra nos mais adiantados centros médicos do país. Suas invulgar virtudes profissionais são agora acrescidas de excepcionais qualidades de chefe-militar, reveladas na direção de hospitalização que esta chefia em boa hora lhe confiou em que sua multiforme capacidade técnico-profissional se desdobra tão superiormente. Louvo-o. Agradeço-lhe".

A 4/4/45 seguiu para Roma afim de gozar cinco dias de dispensa do Serviço. A 10/4/45 apresentou-se por ter regressado de Roma.

A 4/5/45, foi público conforme officio n. 1572, de 21/4/45, do Chefe do S. S. da FEB que o Major Alipio Corrêa Neto, passou a Chefia da S. B. H. anexa ao 32nd. Field Hospital, a 19/4/45 ao Cap. Godofredo da Costa Freitas em virtude de ter sido designado para a Chefia do S. B. H. anexo ao 15th. Evac. Hosp.

A 26/4/45, deslocou com a S. B. H. da região de Çorvela para de Marzabutto, sendo designado para servir no 38th. Evac. Hosp. prosseguindo nas suas funções no dia imediato.

A 4/5/45, foi público, conforme B. I. N. 144 de 24/4/45, do Quartel General da FEB ter sido elogiado pelo Exmo. Sr. Genl Cmt. da FEB nos seguintes termos:

"Na chefia da S. H. B. anexa ao 32nd. Field Hospital, o Major médico, dr. Alipio Corrêa Neto confirma sua invejável capacidade técnico-profissional de cirur-



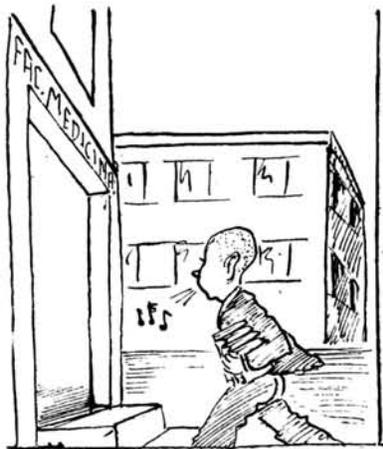
O General Mark Clark, comandante do V Exército, ao qual pertencia F.E.B.

ensão dos seus deveres, trabalhou intensamente, operando horas a fio, procurando sempre orientar seus auxiliares de grupos de equipes com boa vontade, técnica medelar, dedicação ao serviço. Louvo-o pelas qualidades acima, agradecendo os relevantes serviços prestados não só S. H. B. como ao Brasil e com o mais escrupuloso ato de justiça é que faço as referências acima bem merecedoras reconhecidas por todos que tiveram ensejo de conviver com tão distinto oficial".

“HIPOCRATES ME ENGANOU”

História em 6 quadrinhos

(Por ASSUMPCÃO)



— Vou entrar bem depressa para que o pessoal do bond veja que eu sou da velha Faculdade...



— Eu vou ser cientista, nasci mesmo para a medicina, quero mostrar para essa gente que eu sou um crâneo...

MÉDICOS, ENGENHEIROS, ADVOGADOS, PROFESSORES e ECONOMISTAS formam

A PRIMEIRA ORQUESTRA UNIVERSITÁRIA DE CONCERTOS NO BRASIL

O Coronel Klingelhofer, e o Prof. Hilario Veiga de Carvalho, Dr. Oliveira Barros, ex-Secretário de Estado, além de outras figuras de projeção em São Paulo, fazem parte do novel conjunto — A recita inaugural será a 13 de Outubro vindouro — Declarações do Dr. Alvaro Coimbra, Secretário Arquivista da Orquestra — O que já se fez nesse terreno nas Universidades americanas — 20 mil orquestras

Sos os auspícios da reitoria da Universidade de São Paulo contando com o apoio de elementos representativos da nossa sociedade fundou-se há pouco, a Orquestra Universitária de Concertos, visando fins puramente culturais. A propósito da novel organização, dr. Alvaro Coimbra, secretário arquivista da Orquestra, por ocasião de um dos ensaios do conjunto no anfiteatro da Faculdade de Medicina, teceu os seguintes comentários:

— A Orquestra Universitária de Concertos é composta de membros honorários, efetivos cooperadores. São membros honorários figuras de destaque nos meios universitários e culturais e que contribuem para os fins que se destina a orquestra; efetivos, os alunos da Universidade de São Paulo e de outras escolas superiores, ou portadores de títulos universitários ou equivalentes, e, finalmente, os cooperadores, aqueles musicistas que, não sendo portadores de diplomas universitários ou equivalentes, sejam considerados de real mérito como executantes. Os membros honorários são designados pelo reitor da Universidade, mediante proposta aprovada pela maioria dos membros efetivos cooperadores da orquestra, e constituem o Conselho de Orientação Artística da orquestra. Os efetivos e cooperadores são selecionados pelo regente, em colaboração com primeiro executante do instrumento em apreço.

FINALIDADE DA ORQUESTRA

— A Orquestra Universitária de Concertos tem por finalidade cultivar a música em todas as suas manifestações artísticas, divulgar cultura musical, entre outras maneiras, por meio de concertos, audições comentadas e palestras. Integra-na médicos, engenheiros, advogados, economistas e colaboradores que, embora sem títulos acadêmicos, consagram à música as horas que poderiam ser empregadas de outra forma. A música reuniu para formar a Orquestra e ela aí está vitoriosa, com o seu concerto de apresentação marcado. E' para desejar, entretanto, que todos compreendam o seu elevado alcance e se aprestem para integrar o conjunto de músicos amadores, a exemplo das universidades da América do Norte, onde sobressaem as grandes orquestras desse gênero. É necessário que os nossos patrióticos deixem de lado os preconceitos e venham compartilhar da "divina música", mesmo porque serão considerados fundadores todos aqueles que estejam inscritos e tomem parte no

primeiro concerto da orquestra, a ser realizado em 13 de outubro vindouro.

20 MIL ORQUESTRAS SINFONICAS NOS ESTADOS UNIDOS

— Como é do conhecimento de todos, possuem as Universidades européias e principalmente as da América do Norte orquestra e canto coral que contribuem de maneira brilhante para a difusão da música em todas as suas manifestações. Como exemplo, citaremos a Universidade de Harvard, com o seu Social Coral Universitário, mais importante dos Estados Unidos. Ainda mais, a Universidade de Arizona, com seu Departamento Musical subvencionado pelo Estado, com cursos de música teórica e aplicada, arte dramática, coreográfica, conferindo diplomas acadêmicos. A Universidade da Califórnia, com o seu Departamento Musical fundado em 1906, oferecendo cursos completos. São famosos o seu coral e a sua orquestra universitária, não esquecendo sua banda de concertos e magnífica biblioteca musical. O mesmo se dá com a Universidade de Chicago, cujo departamento musical foi instalado em 1931. Todos os que se dedicam à música sabem que o seu coral, com os cantores madrigalistas, sua grande orquestra, banda, quarteto de cordas e biblioteca, está encerrando primorosa coleção de partituras e discos, é alguma coisa de notável. A Universidade de Oregon, em 1896, portanto há quase meio século, organizou sua escola de música, oferecendo cursos de música teórica e aplicada e magistério musical. Sua biblioteca possui cerca de 3.000 partituras, sua orquestra se compõe de 52 membros, um sobe-bo coral de 200 vozes, banda de 75 figuras, quarteto masculino de vozes e um notabilíssimo quarteto clássico. Temos também as universidades de Carolina do Norte, da Pensilvânia, de Virginia, de Washington, de Michigan, todas notáveis pelo acervo musical. Poderíamos nos alongar citando as inúmeras organizações existentes na grande República irmã; mas, se dissermos que lá existem 20.000 orquestras sinfônicas devidamente registradas, teremos uma idéia do grandioso panorama musical que nos apresentam os nossos irmãos americanos do norte.

CORAL MISTO

— Estamos também formando um coral misto, constituído por figuras da alta sociedade paulista e por todos aqueles que, tendo conhecimento do canto, estejam em condições de executar as peças

indicadas. Entretanto, devo dizer que os elementos já inscritos interpretam com fidelidade os mais variados estilos, podendo mesmo afirmar estar o coral composto de esplêndidas vozes e da melhor escola.

PRIMEIRA NO GENERO, NO BRASIL

— Os universitários em geral, como eu, em particular, estamos satisfeitos com a organização da Orquestra Universitária de Concertos, porque isto vem nos proporcionar a oportunidade de bem servir a uma das finalidades de que uma Universidade não pode prescindir, dando todo nosso esforço para ensino e difusão da música, em todas as suas manifestações de arte. Terra da música, estado berço do maior compositor das Américas, o imortal Carlos Gomes, a Universidade de S. Paulo tinha necessidade de possuir um grande conjunto musicista à altura de sua invejável projeção neste terreno de pura arte e daí a idéia da formação deste conjunto orquestral que dará em breve certos maravilhosos levando talvez para fora de nosso Estado o conhecimento prático de nossa força de realização.

— Fazemos questão de frisar — acentua o dr. Alvaro Coimbra — que esta é a primeira orquestra universitária que se funda no Brasil, e poucas, senão raras universidades da América Latina, terão organização idêntica. Contando com um magnífico conjunto de participantes, onde se incluem ilustres professores de nossas escolas superiores, diplomados e cooperadores, temos certeza de que a Orquestra Universitária de Concertos saberá manter a tradição de que gozamos de "capital artística", proporcionando aos amantes e estuolosos exibições de música clássica no seu mais elevado sentido, numa demonstração que muito contribuirá para que lá fora se diga do elevado grau de nossa cultura e do nosso adiantamento. Confiamos plenamente nos nossos colaboradores. Muitos são autênticos valores, mas a boa vontade e o desejo de acertar são iguais. Estamos trabalhando com maior dedicação e um dia, quem sabe, ao lado de nossa orquestra de cordas, surgirá também uma grande orquestra sinfônica.

— E' evidente que todas essas perspectivas não se poderiam corporificar em realidade, não fosse o decisivo apoio do prof. Jorge Americano. E' de justiça que se diga que ao ilustre reitor da Universidade de São Paulo devemos empreendimento tão grandioso. Espírito lúcido, sempre voltado aos mais altos interesses educacionais, o ilustre reitor quis juntar mais

um padrão de glória à sua Universidade, sem dúvida nenhuma uma das forças construtivas da nacionalidade. A vibração esplêndida que se observa entre os componentes desse conjunto orquestral nada mais é que legítima alegria dos que vivem as esperanças de ontem transformadas em objetivas e fecundas realidades.

COMPOSIÇÃO DA DIRETORIA DA ORQUESTRA

— O professor Jorge Americano é considerado presidente honorário da orquestra. Membros honorários: prof. Raul Bricquet, catedrático da Faculdade de Medicina uma das legítimas culturas musicais que possuímos, e dr. Múilo Mendes, secretário geral da Universidade e incontestavelmente, uma das maiores expressões de nossa cultura. Presidente da orquestra é o coronel Cristiano Klingelhofer, apaixonado musicista e que empresta seu valioso concurso à orquestra como executante dos mais capazes. Diretor executivo é o prof. Hilário Veiga de Carvalho, docente livre da Faculdade de Medicina e quem deve a orquestra sua organização. Exímio musicista, colabora como componente da mesma. A mim está confiado o cargo de secretário-arquivista. Regente é dr. Leon Kaufsky. Nada preciso acrescentar ao nome ilustre do competente maestro e distinto engenheiro-químico; batalhador incansável, dedicando inteiramente à orquestra, é uma absoluta garantia de êxito.

O PROGRAMA INAUGURAL

Está assim composto o programa que inaugurará as atividades da orquestra: "Serenata, Romance e Confidência", de F. Braga; "Sonata", de F. H. Berthelmann; "Pavana" de W. Bird; "Elegia", de Orestes Ravanello; "Sarabanda Canzone" de Bach; "Ifigenia" (divertimentos), de Gluck "Canção Triste", de Tschaiowsky.

Para o Coral: "Missa Papai Marcelli" (Palestina, 1525-1594); "Ifigenia em Tau-ride" (ato II), de Gluck; "Ave Maris Stella", de Edward Grieg; "Ad Multos Annos", de Furio Franceschini e "Kirie, Missa de Riquien", em si bemol, do padre José Maria Nunes Garcia.

Momentos depois o dr. Alvaro Coimbra que além de chefiar importante seção da Secretaria da Justiça participa de várias associações científicas — tomava seu violino — se colocava à disposição do regente da orquestra, atento, como os demais executantes, à batuta do maestro Kaufsky.

O DEP. FEMININO

No número de aniversário do C. A. O. C., cumpre-nos também fazer referência a um dos jovens departamentos do mesmo: o D. F.

Quem não conhece aquele irriquiuto recanto da Faculdade, ao mesmo tempo reducto e quartel general das nossas colegas? Mais do que um certamente, já "arriscou um olho" pelas suas janelinhas, numa curiosidade bem... masculina, embora tenha visitado o mesmo conhecido muito bem as suas salas. Porque será?

Mas, deixamos de falar sobre espionagem e façamos um pequeno histórico do D. F.

Foi ele organizado e guiado nos seus primeiros passos por Gila do Amaral e outras que compreenderam o quanto era necessário um lugar apropriado onde as estudantes das Faculdades dessem gozar de uma certa liberdade e conforto, onde pudessem guardar suas cousas, descansar um pouco, conversar (ou mesmo... estudar), o que viria assim facilitar um maior convívio entre as mesmas, desenvolvendo deste modo o espírito de solidariedade e cooperação que serviria de base para tornar mais agradável e menos trabalhosa a tarefa de cada uma.

Esta idéia tornou-se uma realidade evidente, e lá está o D. F., com suas salas sempre arrumadinhas e floridas, seus artísticos e conselheiros azulejos, seus chá de calouros e Doutorandas, suas flâmulas conquistadas no concurso "Rosa de Esperança", e suas loguizas habitantes, sempre prontas a colaborar com seus colegas, que nos estudos quer nos seus empreendimentos, realizações ou campanhas.

Que o D. F., continue sempre para a frente, para orgulho do C. A. O. C., é o que desejamos!

F. A. N. d'Helas

União Estadual dos Estudantes de S. Paulo

Reportagem do "O BISTURI"

No Oitavo Congresso Nacional dos Estudantes, realizado no Rio de Janeiro, conquista mais positiva dos estudantes foi, sem dúvida alguma, a fundação da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. Nesta hora em que todos se unem nos seus verdadeiros organismos de classe, para a defesa e concretização dos seus interesses e anseios, também os estudantes procuram arrégimentar-se como força independente, encontrando agora na União Nacional dos Estudantes, seu organismo de máxima representação. No VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, tivemos o debate amplo e democrático dos problemas mais sentidos dos estudantes brasileiros. Foi um grande Congresso dos Estudantes da Juventude. As necessidades dos estudantes de todos os cursos, com as condições particulares de cada escola e de cada Estado, foram reunidas numa sùmula de resoluções gerais, que reuniu os problemas mais sérios urgentes de solução, constituindo o programa de trabalhos não só da Diretoria da UNE, das Diretorias das Uniões Estaduais, como assuntos a serem necessariamente considerados pelos poderes competentes. Os estudantes do Brasil, vindos dos mais longínquos rincões da Pátria, convergiram seus esforços, assimilaram num trabalho comum e numa única atitude, pela crescente conquista de suas responsabilidades, de sua posição, de seu papel, como estudantes, como moços, como patriotas. Procurou-se antes de tudo diretiva para a elevação do nível do ensino, moralização do próprio ensino, o problema da assistência material e cultural aos estudantes, a organização dos estudantes nos seus organismos representativos, reabilitação nos cursos dos estudantes expedicionários o fortalecimento da posição independente e não partidária dos estudantes em face dos problemas do povo brasileiro e do processo de redemocratização do país. No VIII.º Congresso dos Estudantes Brasileiros, congresso da paz, congresso para tratar das questões específicas dos estudantes e da mocidade, inclusive da participação dos estudantes na solução da crise política da Nação, os estudantes de todo Brasil uniram-se debaixo de um feto comum, independentemente de suas convicções pessoais (idéologias, credos e situações sociais, afim de que pudessem preparar melhor terreno para as gerações vindouras para o progresso. Os congressos passados foram congressos da mocidade que sempre lutou pelo regime democrático para o nosso povo e pela guerra aos inimigos que torpedearam nossos navios costeiros e fizeram vítimas inocentes. Este último congresso colocou a posição dos estudantes brasileiros num pé de vigilância em prol da democracia e pela solução do levantamento do nível técnico profissional, intelectual e ideológico, dos estudantes e da mocidade brasileira. Os estudantes de cada Estado apresentaram-se reunidos e uniformes nos seus pontos de vista, que a vez de suas respectivas Uniões Estaduais defendia. Diante dos estudantes brasileiros São Paulo cumpriu o seu grande papel de pugnar pela fundação da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, para que os estudantes paulistas ainda mais se congregassem no seu entusiasmo nos seus esforços, pelo bem do bom nome de coletividade estudantil das Escolas Superiores do Estado de São Paulo.

São Paulo, pela sua riqueza econômica e de trabalho em relação aos outros Estados, pela qualidade e número de suas Escolas, por ser dos mais adiantados Centros da técnica e da cultura na América Latina, reserva à União Estadual dos Estudantes de São Paulo, finalidades das mais importantes: construtivas, não só na vida e no futuro dos estudantes, como na influência dos estudantes em contacto com as outras classes do povo, ao se jogar um interesse geral da coletividade.

São Paulo foi fundada e oficializada no VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes. Foi uma vitória inestimável pela qual de há muito se esperava. Ela foi fundada como festa dos estudantes paulistas, oferecida aos estudantes brasileiros. A União Estadual dos Estudantes de São Paulo tinha que ser fundada como foram fundadas Uniões Estaduais para os estudantes de todos os Estados do Brasil.

A União Estadual dos Estudantes de São Paulo vem sendo discutida democraticamente por todos os estudantes das nossas Escolas Superiores. Ela será organizada, estruturada, consolidada, de acordo com os desejos, as aspirações e a vontade dos estudantes paulistas.

O ante-projeto dos seus Estatutos será analisado e debatido nas Assembléias Gerais, será depois analisado e debatido pelos Centros Acadêmicos, será discutido pelos legítimos representantes dos estudantes, para que a União Estadual dos Estudantes de São Paulo, de hoje para diante, exprima as verdadeiras aspirações dos estudantes paulistas.

Os Centros Acadêmicos continuarão as suas atividades dentro da mais absoluta independência e autonomia, apenas se fortalecerão reciprocamente porque todos estarão unidos, ao se defrontarem com qualquer problema que interesse ao estu-

"Colegas, estudantes de todo o Brasil!

Como componentes da delegação de São Paulo ao VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, dirigimo-nos pela primeira vez aos estudantes de todo o Brasil.

Estamos lealmente participando deste congresso, para trazer nossa contribuição no sentido de que a UNE seja o verdadeiro organismo representativo dos estudantes brasileiros.

Desejamos tratar dos interesses dos problemas dos estudantes e fazer deste congresso um congresso da mocidade brasileira. Esforçamo-nos por encontrar um teto comum para todos os antagonismos políticos, ideológicos, personalísticos. Propugnamos acima de tudo pela efetiva união dos estudantes brasileiros, em torno dos seus interesses e dos seus problemas. Queremos a unidade dos estudantes democratas.

Colegas, estudantes de todo o Brasil! Os estudantes brasileiros desejam o regime democrático para a pátria brasileira. Desde quando o mundo marchava para o fascismo, os estudantes brasileiros vêm lutando contra o fascismo pela democracia. Nessa fase, deram provas de amor ao povo e de patriotismo. Hoje, que regressam ao solo pátrio as Gloriosas Forças Expedicionárias Brasileiras, que deram na Europa, ao lado dos soldados aliados mortos e heróis na grande vitória

1.º) Considerando a necessidade inadiável da unificação de todos os estudantes dos cursos superiores de São Paulo, para solução dos problemas fundamentais dos estudantes, da mocidade e do povo;

2.º) considerando que constitui um velho compromisso assumido pelas delegações paulistas aos últimos congressos nacionais dos estudantes a constituição do órgão máximo de coordenação e representação dos estudantes dos estabelecimentos de ensino superior do Estado de São Paulo, como manda o artigo 31 dos Estatutos da UNE, aprovados pelo V.º Congresso Nacional dos Estudantes;

3.º) considerando a necessidade urgente de um órgão coordenador, das atividades estudantis, dedicado à defesa dos interesses e reivindicações dos direitos dos estudantes paulistas;

4.º) considerando a importância de um órgão executor das decisões dos congressos nacionais dos estudantes, através de campanhas populares que mobilizem todos os estudantes de São Paulo;

5.º) considerando, finalmente, a necessidade de unificação dos estudantes paulistas, para a sua mais eficiente participação no processo de democratização do Brasil, fundam, nesta data de 26 (vinte e seis) de julho de 1945, a União Estadual dos Estudantes de São Paulo (U. E. S. P.).

(Este documento vai assinado por 11 presidentes de Centros Acadêmicos, mais com a assinatura de 33 estudantes paulistas, entre credenciados e estudantes paulistas ao VIII.º Congresso).

Após a leitura, extraordinária salva de palmas se ouve em todo o salão, prolongando-se por alguns minutos, tendo os congressistas permanecido de pé para aplaudir.

O colega Francisco O. Castellucci, presidente da mesa, dirigindo-se ao plenário, pergunta si VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes reconhece a fundação da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. Pondo-se de pé, os congressistas aplaudem demoradamente a União Estadual dos Estudantes de São Paulo, sendo reconhecida por unanimidade sua fundação.

Em seguida, os delegados estaduais pedem a palavra para manifestar-se sobre a UEESP.

O colega Pátua F. da Silva, presidente da U. E. E. do Rio Grande do Sul, considera este fato ponto culminante do VIII.º Congresso. "Chegamos neste momento ao ponto culminante do VIII.º Congresso. Realizou-se neste instante uma aspiração não só da maioria dos estudantes de São Paulo, mas uma aspiração nacional dos estudantes. Meus colegas, nós, estudantes que fizemos as nossas organizações a partir dos pequenos diretórios acadêmicos, passamos às Uniões Estaduais até atingir a União Nacional dos Estudantes. Na qualidade de presidente da U. E. E. do Rio Grande do Sul, eu faço a proposta a este plenário no sentido de que seja imediatamente oficializada aqui a nova entidade estudantina que é a U. E. S. P."

Prolongada salva de palmas recebida as palavras do colega gaúcho.

Com palavra, o colega Júlio Barbosa: "Meus colegas: na qualidade de presidente da U. E. de Minas Gerais, quero trazer o meu apoio incondicional à iniciativa dos estudantes de São Paulo. A criação desta União Estadual vem completar a nossa estrutura de organização estudantil nacional. A U. E. M. G. concorda e apoia, neste instante, a proposta do colega presidente da U. N. E. do Rio Grande do Sul"

Segue com a palavra o colega Orlando Moscoso, presidente da U. E. da Bahia:

"Nós, estudantes brasileiros, que partimos de nossos Estados e que vimos em busca de união, só poderíamos receber com satisfação, entusiasmo, aquilo que



Delegação da Faculdade de Medicina ao VIII Conselho Nacional dos Estudantes, realizado no Rio de Janeiro. — Vê-se da esquerda para direita: Laertes Ferrão, diretor do "O Bisturi"; João B. Burza, presidente do C. A. O. C.; José de Souza Meirelles, 1.º tesoureiro; Carlos da Costa Branco, 1.º orador; Maurício Fang, diretor do "O Bisturi"; Carmino Caricchio, diretor do Dep. de Ensino Médico.

dante de medicina, ao estudante de engenharia, ao estudante de direito, a qualquer estudante.

Que se esforcem os estudantes pelos seus próprios problemas, saindo um pouco dos seus personalismos, que cada um deles empreste uma parte de suas atenções: de seu trabalho na luta dos interesses gerais dos estudantes, que cada um de nós veja e sinta a grandeza e o significado da União Estadual dos Estudantes de São Paulo.

ATA SOBRE A FUNDAÇÃO DA UEESP

Transcrevemos abaixo a ata da sessão plenária extraordinária do VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, no dia em que foi lançada a fundação da UEESP:

"Aos vinte e seis dias do mês de julho de 1945, às 15,30 horas, na sede da União Nacional dos Estudantes, reuniu-se em sessão plenária extraordinária, o Congresso Nacional dos Estudantes. A sessão foi presidida pelo colega Francisco Osvaldo Castellucci, do Paraná, vice-presidente da UNE, e teve como secretário ad-hoc o colega Antônio Cordeiro, do Rio Grande do Sul.

Pedindo a palavra, o colega João Belline Burza, de São Paulo, dirige-se aos estudantes brasileiros, falando sobre a criação em São Paulo, de sua União Estadual dos Estudantes. Belline Burza diz o seguinte:

contra o nazi-nipo-integral-fascismo, imperialista internacional, colocam-se os estudantes ao lado das forças populares e progressistas do país. No processo de nossa redemocratização política. Colocam-se então como vanguarda da mocidade brasileira independentemente de suas ideologias, credos e posições sociais, para o caminho pacífico do progresso do Brasil.

Que se complete o processo de redemocratização do Brasil, dentro de um clima de ordem e tranquilidade para a família brasileira. Que sejam extintos do poder os instrumentos de compressão que existem ainda e os seus elementos reacionários, denunciando-se também perante a Nação os atos de quaisquer correntes político-partidárias que não constituam fatos verdadeiramente democráticos. Que seja combatida a rearticulação do integralismo e combatidos os remanescentes do fascismo. Que os estudantes sejam os fies fiscalizadores do voto consciente e das eleições livre e honestas. Que seja assim criada uma fase que venha garantir o futuro dos estudantes, dos moços e do povo brasileiro".

— Grande ovação sucedeu as últimas palavras do colega Belline Burza. Prosseguindo em sua exposição, o colega Burza apresenta um abaixo-assinado de delegados de São Paulo, ao VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, tecendo as seguintes considerações:

“In Memoriam”

São Paulo, 6 de julho de 1945.

Prezado amigo dr. João Bellini Burza, m. d. Presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Cordiais saudações.

Já há muito tempo, ao sair do Instituto de Higiene, onde trabalho e ao esperar o bonde à esquina dos jardins da Faculdade, meus olhos se detinham dignamente sobre aquele bloco de granito e mármore, hoje sem qualquer inscrição, que ali se encontra abandonado. E meu pensamento se voltava para fatos que se passaram, não há ainda muitos anos, que constituiram a mais linda página de heroísmo, de demonstração de dignidade, de desprendimento, jamais dadas pela nossa gente: 1932!

Quando a nossa guerra acabou, vencida materialmente, mas vitoriosa na consecução imediata dos ideais pelos quais os constitucionais se bateram — as diversas coletividades resolveram perpetuar, no mármore ou no bronze, a memória dos que se foram, oferecendo pelo ideal da Liberdade, sacrifício das suas próprias vidas.

Também nossa Faculdade procurou cultivar naquele símbolo de pedra a memória dos universitários que se sacrificaram, entre os quais José Novais Greff Borba, Otávio Seppi e talvez outros, eram estudantes de medicina.

Passados poucos anos, porém, mãos sacrilegas foram tirando, uma a uma, as letras de bronze da legenda e, em seguida, outras peças que faziam parte do monumento, terminando por fazerem desaparecer a figura do voluntário morto. E, aparentemente, pelo menos, ninguém se incomodou. “Les morts convite”...

Considerando tais fatos, era minha intenção dirigir-lhe algumas linhas, propondo que o Centro Oswaldo Cruz tomas-

se a iniciativa da restauração do simples e significativo monumento, quando tive a satisfação de deparar no último número, do órgão oficial do Centro, que o sr. teve a gentileza de me oferecer há poucos dias, com o artigo “In Memoriam”, assinado por J.P. Prata.”

Nesse artigo, A. lembrando que outras Faculdades como a de Direito, “mantêm em seus pátios o seu preito de homenagem aos colegas mortos na Revolução Constitucionalista”, lamenta, como eu o faço, que no jardim da Faculdade de Medicina sómente resta hoje “um bloco de mármore esburacado”, ruínas daquilo que um dia, não distante ainda, foi lá colocado para homenagear memória dos colegas que se foram na inesquecível epopeia, que “os transeuntes, ao olhar surpreendem-se indagando de que se trata”

Essa falta não deve e não pode continuar. Permito-me, em vista disso, sugerir-lhe que o sr. como atual presidente do Centro Oswaldo Cruz — e aproveitan. do a passagem do 13.º aniversário da Revolução, que ora comemoramos — tome iniciativa da reparação do monumento, idéia que não pode deixar de encontrar simpatia apoio de parte de todo o corpo docente dos alunos da Faculdade.

Como isso trará despesas, concorreremos todos com o que for possível para que se consiga em breve a importância necessária.

Peço permissão para subscrever desde já modesta quantia, cujo cheque lhe envio junto a esta.

Apresenta-lhe cumprimentos cordiais o amigo, colega admirador.

Dr. J. LEME DA FONSECA
Assistente da Clínica Pediátrica.

LIÃO, os nossos parabéns e calorosos votos de que continue com mesma dedicação e entusiasmo nos seus estudos, elevando assim, cada vez mais o prestígio de nossa Faculdade da Medicina Brasileira.

REGRESSO TRIUNFAL

O C. A. O. C. recebeu festivamente seus expedicionários homenagens discursos

Afim de solenizar o regresso dos alunos e professores que representaram esta Faculdade nos campos de batalha na Europa, os alunos desta casa de ensino, organizaram um programa de festas que foi levado a efeito dia 25 p.p., dia consagrado ao soldado Brasileiro.

Foram homenageados nesse dia o Prof. Alípio Correa Neto Drs. José Monteiro, Florismundo Plastino Saragoza,

José Alfio Piason,
Paulo Dumangin Santos,
Oswaldo Mendes Leite,
Massaki Udihara.

e academicos, Paulo Canton, Paulo Homem de Melo ex-orador oficial do C. A. O. C., José Angelo Abatayguara.

Pela manhã, as 9 horas foi rezada missa solene na capela do Hospital das Clínicas.

A seguir na sala da Diretoria do C. A. O. C. foi inaugurada artística placa de bronze, comemorativa do feito destinada perpetuar gratidão dos alunos da Faculdade aos que tão brilhantemente representaram na batalha da Democracia.

Falou sandando os homenageados o Presidente do Centro João Bellini Burza agradecendo em nome dos seus colegas o acadêmico Paulo Homem de Mello.

A cerimonia contou com a presença do Prof. Benedicto Montenegro, diretor desta faculdade catedrático, livre-docentes e assistentes de todas as cadeiras da Faculdade além de grande numero de alunos desta escola.

Fez-se representar nesta cerimonia a Escola de Enfermagem do Hospital das Clínicas.

Foi oferecido um coquetel aos homenageados autoridades e imprensa.

Aos alunos deveria ter sido oferecido uma “chopada” que a ultima hora foi transferida para dia 14, data natalicia do C. A. O. C. devido as competições da Mac-Med.

Encerrou sessão, Prof. Montenegro.



— Pensando bem... para ser bom médico não é preciso gente ser fóssil... além disso não quero mais ser cientista. Hoje vou um cinema com a garota.

A ESPERA

A estrada está vazia até horizonte.
O mar não tem nem uma vela.
O sol é doirada bandeja,
Em que o céu mostra sua indiferença.

O coração vazio...
A porta aberta...
A mesa posta...
A casa triste...
Tudo de espera.

Esperar por que?

Si não há nem um vulto na estrada,
Si não há nem uma vela no mar...

Mas quem sabe?
Talvez tu estejas logo atrás do horizon.
[te...]

Talvez estejas a chegar.

Tudo te espera.
Só porque tinhas
Uma lágrima nos olhos,
Quando te fostes.

C.

A INSTRUMENTAÇÃO NO H. C. !?!

Grande celeuma provocou a noticia de que as lunas da Escola de Enfermagem iriam aprender instrumentar na 3.ª Clínica Cirúrgica do H. C. e passariam então a participar das intervenções dessa enfermaria.

Naturalmente, uma noticia assim, lançada aos quatro ventos sem os devidos pormenores assustou aos diretamente interessados que se julgaram prejudicados provocou uma animosidade infundada entre alguns alunos da Faculdade e algumas alunas da Escola de Enfermagem.

Diretor do Departamento de Ensino Médico.

Na nossa função, procurámos indagar sobre o que havia de certo a respeito e das consequências que poderiam advir de um fato como esse. Parece que de início, não fomos compreendidos não somente na nossa situação como também nas nossas intenções por iso julgamos conveniente esclarecer aqui problema sugerir alguma coisa a respeito.

Mais do que nós, ninguém está ao par do alto padrão da enfermagem ensinada às meninas na E. E., ninguém tem constatado a eficiência dessa mesma enfermagem nas enfermarias e por fim ninguém melhor que nós pode dizer da alta dedicação que essas moças dispensam aos enfermos da sua aprimorada educação no trato aos estudantes médicos. Portanto, nós é que não poderíamos negar direito o dever que lhes assistem de aprender alguma coisa mais.

Se somos às vezes um pouco ciumentosos, entretanto devemos frizar que não tememos concorrência, pois a ética que elas demonstram nos tira qualquer dúvida respeito.

E não nos esqueçamos também de que essas moças, vindas de todos os recantos do Brasil, irão levar depois às suas contertâneas os conhecimentos que aqui adquiriram. E, porisso, quanto maiores estes conhecimentos, maior esperança de uma, boa assistência ao povo e de um Brasil grandioso.

Entretanto, convenhamos a que os alunos, principalmente sobretudo os que fazem cirurgia devem precisar passar pela instrumentação. Isto faz com que aluno preste atenção aos pedidos do cirurgião do auxiliar e assim vai adquirindo os reflexos necessários para mais tarde, quando cirurgião, pedir aos seus auxiliares. Além do mais, para ser bom instrumentador aluno deve prevêr certos pedidos do cirurgião o que o obriga a estudar de antemão a técnica operatória

dos diversos casos. E ainda, além de permitir ao aluno perder o nervosismo inicial, a instrumentação, conforme as intervenções e conforme os cirurgiões, exige que ele entre no campo tomando parte ativa no ato.

Dizendo isso não queremos que se conclua da necessidade continua de o aluno estar instrumentado. Quando no quinto e no sexto ano ele já se desinteressa pela instrumentação; quer avançar mais, isto é, auxiliar e mesmo intervir quando os “papões” o permitem.

Entretanto, não devemos nos esquecer que quando certos alunos se desinteressam pela instrumentação, por terem progredido, outros novos iniciam aprendendo a cirurgia e necessitam então dessas mesmas oportunidades. Portanto, a necessidade de a instrumentação ser feita por alunos é continua, variando apenas as gerações.

Passando a considerar o papel das moças não poderíamos deixar de frizar o grande auxilio que as mesmas poderão desempenhar no futuro, instrumentando até auxiliando aos médicos nas intervenções em condições onde os mesmos não possam contar com colegas ou estudantes. Porém, antes de se atender a este auxilio que as enfermeiras poderiam dar ao cirurgião, devemos atender à própria formação deste cirurgião.

Concluindo assim do direito e do dever que têm os futuros médicos as futuras enfermeiras de aprenderem a instrumentar, não negaremos oportunidade estas últimas só porque a formação do cirurgião é mais importante de maior responsabilidade.

O H. C. é muito grande e os horários são dilatados. Que os Órgãos competentes saiam do seu comodismo; que estudem os horários e as instalações do Hospital; que procurem aproveitar os alunos quando estes estão nas enfermarias; e, enfim que procurem aproveitar as moças da E. E. para instrumentação, principalmente quando os alunos estão em aula ou quando já se julgam aptos na função.

E assim esses Órgãos poderiam resolver o problema, atendendo uns a outros, tendo em mente acima de tudo, não a “farsolagem” e “intriga” mas sim o “brasileiro doente” que aqui ou ali irá precisar de verdadeiros médicos e de enfermeiras eficientes

CARMINO CARICCHIO
Diretor do Departamento de Ensino Médico.

Dr. Oswaldo de Freitas

Julião



Após brilhante concurso, conquistou com distinção a Livre-Docência de Clínica Neurológica, o Dr. OSWALDO DE FREITAS JULIÃO, um dos mais destacados valores da nova geração médica paulista. Pertencente admirável Escola fundada pelo sempre saudoso ENJOLRAS VAMPRE, continuada com o mesmo brilho pelo Prof. ADHERBAL TOLosa, soube o Dr. OSWALDO DE FREITAS JULIÃO, honrar as tradições e o prestígio desse conhecido centro científico.

Formado pela nossa Faculdade em 1936, é o novo Livre Docente portador de títulos valiosos, sendo autor de 25 trabalhos científicos sobre assuntos de Neurologia; laureado com os prêmios: Enjolras Vampre em 1942, Raul Margarido em 1943, e pelo Departamento de Saúde do Ministério de Educação em 1942; aliando à sua grande experiência prática, comprovada capacidade didática.

Defendendo a tese: “Contribuição para o estudo de diagnóstico clínico da Lepra Nervosa” assunto ao qual se vem dedicando há muitos anos, apresentou suas conclusões baseadas na observação neurológica de 300 enfermos, recebendo da banca examinadora os maiores elogios pelo valor e originalidade do trabalho apresentado.

Ao Dr. OSWALDO DE FREITAS JU.

Realizações da atual Diretoria do C.A.O.C.

Ao ser eleita, diretoria Burza, focalizou acertadamente os problemas mais sentidos dos estudantes de medicina. Esses problemas são todo um programa de iniciativas e realizações para sucessivas diretorias do C.A.O.C. Observando de um lado as medidas fundamentais para elevação do nível do ensino médico, a diretoria Burza, quebrou o tabu da frequência facultativa as aulas teóricas e obrigatória nos trabalhos práticos de laboratórios e enfermarias: caráter não vitalício da cadeira, pela recondução do professor à cadeira; a liberdade de cadeira para os assistentes e livre-docentes; medidas essas que indiscutivelmente farão a seleção dos valores científicos e profissionais desenvolverem o incentivo e progresso para o estudo e para a pesquisa e para a clínica em geral; e encarecendo d'outro lado a questão de assistência material e cultural ao estudante como assistência médica também; enfim estabelecendo as verdadeiras finalidades do Hospital das Clínicas para os estudantes: — a atual diretoria do CAOC, encontrou-se desde logo em frente a uma mentalidade geral que devia ser mudada.

Não ha duvida de que este ano CAOC, vem atravessando a sua fase mais agitada mais vibrante: Todas as decorências naturais que agitam o povo, em face do termino da guerra e dos problemas sociais, políticos, economicos e ideologicos do após-guerra, também fase politica brasileira que mobilizou as atenções de todos os homens, partidos, associações civicas e de classe, pelo palpitante assunto da redemocratização do pais: tudo isso pegou os representantes dos alunos da faculdade numa attitude elevada e patriótica.

Não ha negar ainda que nestes meses decorridos, a diretoria Burza fez com que o CAOC atingisse mais alta ressonancia no seio da familia universitaria paulista, no seio da classe medica e na opinião publica em geral.

São esses fatos que podem não ser traduzir por uma figura material e palpavel, porem as conquistas de ordem moral e de ordem social devem ser encaradas como dos fatos que mais exaltam o esforço e o idealismo daqueles que tem sobre seus ombros o encargo e as responsabilidades de representar e de dirigir.

Pelo trabalho das diretorias anteriores pelo trabalho da atual diretoria, o nome do C.A.O.C. tem honrado o nome da Fac. Medicina da Universidade de S. Paulo, porque é hoje um nome conhecido e elogiado pelos estudantes, pela sociedade pelo povo.

Antes mesmo de ter assumido a direção do centro, a diretoria Burza, pelo seu Departamento de Aeronautica, já conseguia para seu patrimonio a posse de um magnifico avião-ambulancia, prototipo I.P.T.X., o nosso "Arnoldo Vieira de Carvalho", cujo batismo, nos jardins de nossa Escola, com presença das nossas mais altas autoridades aeronauticas, constituiu um das mais expressivas festividades civicas realizadas em nossa casa.

Logo no inicio das aulas, foi nossa Escola abalada por um acontecimento dos mais serios e movimentados de toda a sua existencia. Pelo seu notavel Dep. do Ensino Medico, em boa hora creado para estudar e defender os interesses especificos dos estudantes de medicina, vê-se o C.A.O.C. de braços com uma greve total dos estudantes, sem caráter pessoal sem caráter politico, greve essa que vinha reivindicar um direito dos alunos.

Nos seus 32 anos de vida, nunca houve movimento que unisse tanto os estudantes e que tanto demonstrasse a força e o alcance de sua união. Retirando-se das aulas das enfermarias, num momento em que parecia tomar consequencias as mais graves, não fora a união dos alunos e a energia e lealdade dos diretores do nosso Centro, essa greve não teria o bom exito que alcançou.

DEPARTAMENTO DO ENSINO MEDICO

O Dep. do Ensino Medico realizou uma assembleia no 6.º ano medico para resolver sobre a tentativa de amputação da cadeira da 3.ª Clínica Médica; no 5.º ano, resolveu com os alunos sobre a orientação de ensino dada pela cadeira de Clínica Obstétrica instalações para os mesmos no 10.º andar do Hospital das Clínicas; com o 2.º ano debateu sobre orientação de ensino da cadeira de Microbiologia Imunologia designando-se para isso uma comissão que resolveu o assunto; com o 3.º ano e 4.º ano medico, estudou a situação da falta de assistente na cadeira de Anatomia

Patologica, não chegando a tomar atitudes porque o fato se resolveu por si.

Anteriormente em Assembleia Geral do Centro considerou o fato da demissão de assistentes de Anatomia Patologica, levando ao conhecimento dos responsáveis o pensamento dos alunos.

O Dep. resolveu ainda em colaboração com o chefe do serviço de Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas, a distribuição de escalas dos alunos para os plantões; no Serviço de Clínica Obstétrica estruturou os direitos obrigações dos doutorandos auxiliares da clínica e tem auxiliado o assistente encarregado no cumprimento dos mesmos.

Desde ha muito, e ainda tem sido objeto de atenção particular do Departamento uma serie grande de problemas principalmente relacionados com o H. C. como sejam a instalação de armarios para os alunos, a redução do preço das refeições, aprendizado nos serviços de Transfusão e Anestesia principalmente o gravissimo problema do Pronto-Socorro. Finalmente vem lutando pela efetivação junto aos Congressos Medico-Sociais, congressos estudantinos pela imprensa, dos palpitantes problemas da nossa celebre Moção sobre Ensino Medico. E cuidou da readaptação do estudante-expedicionario à vida escolar.

DEPARTAMENTO SOCIAL

O Depart. Social, que já vinha com grande impulso, teve a sua estruturação definitiva, mobilizando um grande corpo de entusiastas e de auxiliares. Porisso, iniciou suas atividades com o "show" de posse da Diretoria Burza, que foi a mais concorrida festa realizada em nosso teatro.

Em Maio, fez realizar o nosso tradicional Baile de Gala "Noite de Maio", festa que pertence já a mais representativa sociedade paulistana, alcançando não só exito social como exito material para os nossos departamentos de assistência. O Depart. Social realizou o Baile do Calouro e vem realizando impreteravelmente, bailes mensais para os estudantes. Participou ativamente, junto aos outros Centros Acadêmicos, do "show" de recepção dos expedicionarios de São Paulo, no Teatro Municipal.

As caravanas às cidades de Catanduva de Rio Preto abriram a série de outras que se realizarão neste segundo semestre.

O Departamento Social promoveu a nossa homenagem aos nossos expedicionarios, médicos estudantes da Faculdade, fazendo realizar ato da inauguração de uma placa comemorativa na sede do Centro e um baile ao nosso expedicionario.

Neste momento prepara ativamente e grande "show" para o dia 14, aniversario do nosso Centro Acadêmico, baile mensal do dia 27, homenagem aos esportistas doutorandos deste ano e por fim, Departamento Social, nesta Diretoria, vai efetivar o Baile de Despedida aos doutorandos da Faculdade.

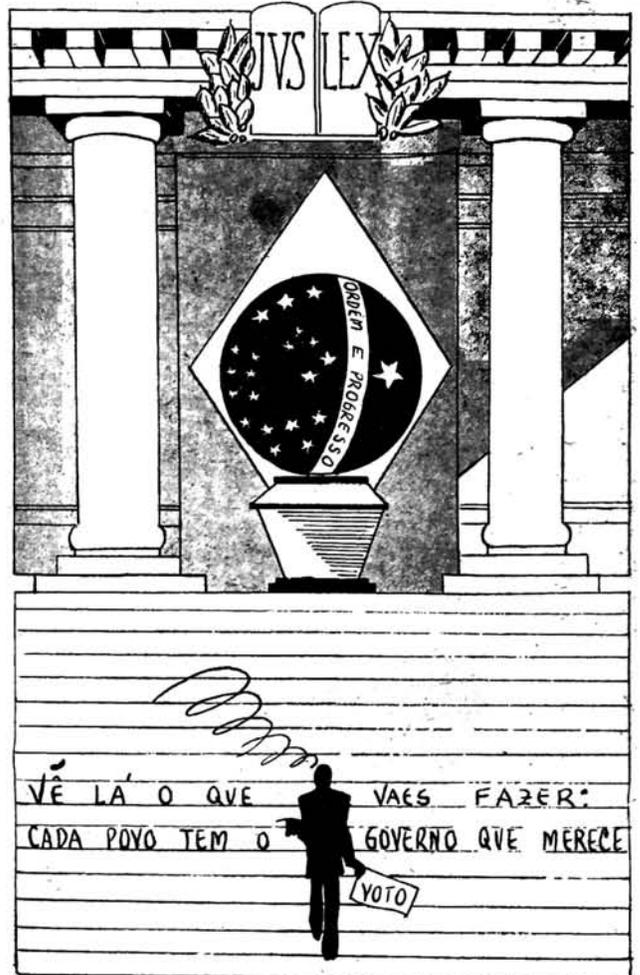
DEPARTAMENTO BENEFICENTE

Nunca o Departamento Beneficente Arnaldo Vieira de Carvalho prestou tanto auxilio material cultural aos nossos estudantes mais necessitados. Tarefa que é desenvolvida de baixo da maior reserva e do maior respeito. Diretoria Burza vem se esforçando no auxilio material ao estudante, sendo muito grande número de empréstimos monetários, de isenção de taxas de matricula, de fornecimento de passes para viagens, recomendações para empregos, etc., como está estabelecendo no Hospital das Clínicas uma assistência médica e hospitalar ao estudante doente.

O Depart. Beneficente está agora tratando junto ao Departamento Universitário do Instituto de Higiene e da Reitoria da Universidade, a efetivação do exame médico e controle médico e radiológico periódico, aos estudantes da Faculdade e ainda aos universitarios paulistas. Está sendo também a possibilidade do controle médico e da Educação física dos nossos esportistas.

DEPART. DE PSICOLOGIA MÉDICA E PSICANÁLISE

Foi fundado esse departamento, com a presença do grande psicanalista espanhol Prof Myra y Lopez, sendo o primeiro Centro de medicina Psico-Somática creado no Brasil. Esse Departamento acabou de realizar, em colabo-



ração com o Centro de Estudos Franco da Rocha, do Juqueri, um amplo de Psicologia Médica e Fisiologia Cerebral, Nesses dias, em colaboração com a Cadeira de Psiquiatria e dos médicos do Juqueri, dará inicio à divulgação dos temas mais interessantes da moderna Psiquiatria.

DEPARTAMENTO DE CULTURA

Este Departamento inicia suas atividades, tratando com as Editoras fornecimento de livros de medicina e livros de cultura geral para a nossa Biblioteca.

O Departamento de cultura vai cooperar com o Dep. de Ensino médico no amplo imputado entre os médicos formados pela Escola sobre os problemas fundamentais do Ensino médico.

BIBLIOTECA

Está sendo revista atualizada, organizando-se seu fichário.

DEPARTAMENTO CIENTIFICO

A sua atual diretoria, como é noticiado noutra parte do Bisturi, realizou uma grande série de cursos conferências e resolveu definitivamente o problema da publicação mensal de nossa Revista de Medicina.

DEPARTAMENTO DE ESPORTES

Este Departamento tem desenvolvido a prática dos esportes em nossa escola e o estímulo aos esportistas. Soube enfrentar o adversário valeroso na XI Mac-Md. Hoje está sendo tratado objetivamente sério problema da complementação da nossa Praça de Esportes, decidiu-se a Diretoria do Centro a resolver neste meses as deficiências da piscina.

Foi realizada primeira Ac-Med, competição os estudantes e médicos.

DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL

Este importante Departamento realizou várias conferências e seminários de professores, médicos estudantes, sobre os problemas médicos e sociais do nosso povo. Realizou uma excursão à zona interior do Estado de São Paulo, para estudar os problemas dos males endêmicos, inclusive das condições sobre mal de chagas, etc. Está sendo realizada uma ampla "Campanha da Boa Alimentação", campanha essa de caráter educacional para a alimentação racional e higiênica da nossa população e que está alcançando grande repercussão. Essa campanha, sem descurar do fundamento econômico-social de tão palpitante problema, tem finalidades populares e as mais patrióticas.

LIGA DE COMBATE A SIFILIS

Está sendo tratado o problema da sede definitiva da Liga de Combate à Sífilis e da instalação dos seus postos e está sendo, em suma, encarado a situação atual para o maior incremento da Liga de Combate à Sífilis, instituição que honra os estudantes de medicina.

SEDE DA LIGA DE COMBATE A SIFILIS, REFORMA DA PISCINA, FUNDAÇÃO DA LIGA DE DEFEZA DA CRIANÇA, FREQUENCIA FACULTATIVA AS AULAS TEÓRICAS E CAMPANHA PRO-CONSTRUÇÃO "CASA DE OSWALDO CRUZ" — São grandes tarefas da Diretoria Burza, neste 2.º semestre.

Retorna ao Brasil o Professor Vasconcelos

Chegaram recentemente ao Brasil, após uma excursão de estudos pelos Estados Unidos e Canadá o prof. Edmundo Vasconcelos o dr. Eugenio Mauro, livre-docente de Anatomia Descritiva.

O professor Vasconcelos além de representar condignamente a Cirurgia Brasileira no hemisfério norte teve oportunidade de estudar o ensino médico norte-americano, principalmente no que se refere ao ensino da clínica cirúrgica.

O prof. Vasconcelos já teve oportunidade de realizar duas conferências entre nós: uma, na Faculdade de Direito sobre o "Ensino Médico nos Estados Unidos" e a outra no Hospital das Clínicas sobre a "Cirurgia pulmonare cardíaca nos Estados Unidos".

O Departamento de Ensino Médico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" juntamente com "O Bisturi" estão interessados vivamente em obter do prof. Vasconcelos dados detalhados sobre o ensino da medicina no país amigo sobretudo no que se refere aos programas, responsabilidades dos mestres e alunos, cursos de post-graduados, etc...

Dada a importância do assunto no momento atual para os alunos da Faculdade de Medicina, em virtude da exiguidade do tempo resolvemos deixar para o próximo número um estudo da matéria com o que contamos com a preciosa colaboração do prof. Edmundo Vasconcelos a quem, bem como ao Dr. Eugenio Mauro, damos as nossas boas-vindas universitárias.

Festas que se foram... e que devem continuar

Nquele nosocômio que ali está atrás da Faculdade, nem tudo é triste e “chato”. De quando em vês uma noite alegre se faz sentir, cumulando todos de uma satisfação íntima e de um convívio feliz. Não somente os doentes que se distraem na sua “Sala de Recreio”; quem trabalha por aquelas enfermarias ou quem perambula por aqueles corredores sem fim também tem oportunidade de brincar.

Queremos nos referir, particularmente a duas festas ali realizadas nas noites de Santo Antônio e de São João.

Sob um céu límpido e negro de uma noite bem bonita, as alunas da Escola de Enfermagem, ajudadas pelos “Bandoleiros do H. C.” proporcionaram na véspera de Santo Antônio a todos aqueles que lá trabalham e sofrem conjuntamente, um pouco de alegria e bem estar.

A noitada foi realizada na antiga quadra de tênis enfeitada a caracter, iluminada, se bem que a lua lá no alto se mostrasse em toda a sua magnificência e luminosidade. Não faltou boa música e a sanfona lá estava dando a nota característica da festança.

O casamento da roça, com seu séquito e tendo Miss Ella por testemunha (com intérprete é claro) e “bandoleiro” Caricchio por juiz de paz se realizou com entusiasmo e tintas de realidade.

O que não era absorvido com sofreguidão sob os olhares de censura do prof. Lange que lá estava controlando a turma da Faculdade e da Escola de Enfermagem, e com a economia imposta pelo Plínio do Bar e pelo Luzistano Américo.

A quadrilha foi executada com uma classe insuperável. Os pedidos de “bis” não foram poucos, mas não foram atendidos. Pudéra! Com uns pares daqueles escolhidos a dedo, tinha mesmo que sair algo de notável!!! Entre os dois extremos. Paulo Machado que era mais “da roça” com aquela “castanha do Pará” e o Caricchio que era o mais “sizado” com aquela loira que mais parecia um “trigral”, havia toda a sorte de nuances.

O “churrasco” demorou pra sair, mas saiu. E daí a festa se reanimou ainda mais. A “alcoolemia” já tinha atingido um certo grau, havendo mesmo momentos em que parecia que o “rabo de arria” ia correr ou que uma “laparô” traumática ia ser feita... Muita gente “boa” falava “bobagens”. Felizmente, porém, lá acabamos de presenciar, e que foi a fundação da U. E. E. S. P. São os estudantes paulistas que em seu próprio nome assim fazem. Nós, estudantes brasileiros, congratulamo-nos com os estudantes de São Paulo, e eu faço em nome dos estudantes baianos, e certo de que conseguiremos um vigor de organização e trabalho. E assim todas as Unões Estaduais do país poderão trabalhar para engrandecer esta Pátria, que é nossa, pela qual muito devemos estudar não menos trabalhar”.

Em seguida, toma a palavra colega Aluizio Moreira, do Maranhão, que apoiou as saudações anteriores, concluindo com as seguintes palavras: “Eu saúdo os estudantes paulistas, na sua contribuição ao lema deste Congresso — unidos venceremos!”

Toma a palavra o colega Homero Quadros, da delegação do Paraná, que felicita os paulistas pela concretização da promessa feita no VIII Congresso Nacional e pedindo para constar em ata um voto de louvor e agradecimento aos elementos que tiveram a idéia de erguer em São Paulo a U. E. E. S. P.

A palavra é tomada por Stélio Mendonça, do Ceará, que se associa a todas as manifestações de regozijo.

Pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo, usa da palavra Valdir Troncoso Perez, expressando uma íntima satisfação pelo acontecimento e que embora não existisse anteriormente a U. E. E. S. P., nunca estiverem desunidos os estudantes bandeirantes” e propondo que juntamente com a aprovação da fundação da U. E. E. S. P., fosse aprovada a instituição das eleições diretas para a diretoria da nova entidade. A proposta foi unanimemente aprovada.

Toma a palavra o colega Hugo Costa Pinto, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, que em nome desta Faculdade e da Faculdade Nacional de Direito,

estavam os “Bandoleiros do H. C.”, firmes como nunca, dispostos a vender bem caro a disciplina e o alto padrão moral da festa.

O balão que o Primo Ruy fez subir ao som de “O balão subiu, subiu...” e por isso ele ganhou um “pic-pic” extensivo também à Jovina, “Flor do Norte”

E assim pela noite dentro, embalada por uma valsa ou uma rancheira aquela mocidade que ainda não envelheceu passava momentos felizes.

Foi de se notar a contribuição feliz que nos trouxe o jovial dr. Felix Queiroz, convidado especial dos “bandoleiros” para se espalhar ali no “terrero”

Enquanto uns dansavam, outros pares ali em roda, sentados num montículo de terra ou numa “tábua” recebiam bálsamo daquela noite do Santo casamenteiro... Deve ter havido muitas juras de amor também algumas desilusões...

O cansaço da matéria ia aumentando e vencendo o entusiasmo do espírito por isso a festa foi caindo.

Pelas duas daquela madrugada que já ia ficando fria e “garoenta” sinal de recolher foi dado e logo obedecido. E muita coisa do que houve ficou gravada naquelas almas jovens, tristemente para alguns agradavelmente para outros.

No dia seguinte os comentários eram os mais variados. O dr. Maciel lançou logo a idéia da Festa de São João substitutiva daquela que havia lá na “v. lha Clínica Obstétrica da rua Antônio Carlos”. D. Stella, a cozinheira lá do H. C. logo foi encarregada da organização. A senhorita Filomena Chiarello presidente do Centro Acadêmico “31 de Outubro” da Escola de Enfermagem, desapareceu e baiana Jacy logo tomou as rédeas do movimento. Em vez de pedir ao Senhor do Bonfim que parasse com “aquela chuva”, ela sonhava apenas com uma bela festa ou com algum “loirão bacana”. E nada de a festa sair. Falta-va gaita”.

Nessa “emergência” tiveram lugar alguns assaltos dos “Bandoleiros” que nessa missão estiveram orientados pelo “popular Machadinho”, resolveu-se o impasse. Meteu-se “mãos a obra” A chuva não parava mas a festa teria que sair.

Onde? Boas idéias não se fizeram esperar. Lá estava Estádio do C.A.O.C. Porém, as dificuldades logo apareceram.

Uns diziam que não se podia usá-lo porque a festa não era do Centro. Entretanto, em última análise, a festa era dos alunos da Faculdade, pois estes é que sempre apareciam em maior número e gozavam das melhores regalias... E, no mais, seria uma tentativa de união das alunas com os estudantes da Faculdade de Medicina, para, num futuro não muito longínquo, fazerem uma grande festa oficial do H. C. com a participação também dos doentes desse nosocômio.

Destas vez não haveria de faltar nada para os gastrônomos. E, de fato não faltou mesmo. Pelo contrário, sobrou muita coisa.

Começada a festa, eis que todo mundo vai surgindo com os pés enlameados. Mas de nada importava, pois a vontade de brincar é que imperava.

O chefe dos Bandoleiros, Caricchio, preocupado em demasia com a conduta dos festeiros das festas quasi que não podia dispensar ao seu ainda “florido trigral” as atenções que este merecia.

A quadrilha sob a marcação da Lisette é dançada e desta vez todo mundo entrou. Só havia “errados”, o que tornou a dança muito mais interessante. Não seria preciso dizer que o dr. Fadul não acertava uma...

A Eulina declamou “bonitas coisas” para todos, inclusive uma composição do dr. Queiroz, muito significativa.

Houve um concurso de dansas e o vencedor, o mais errado de todos era composto pela Eulina e pelo Mario Rocha Lima. No concurso para fantasias “malucas” a amazense Garcia venceu brilhantemente as suas contendoras. Nesse concurso as baianas impressionaram bem, tendo a Moema abafado com o seu “samba” (o Caricchio que o diga... e a Jacy com sua “dança exótica” que tanto impressionou ao dr. Peggion que queria lhe aplicar 2 cc. de água dilitada intradêrmicamente...

A data foi além disso, festiva para as meninas, pois nesse dia viam transorrer mais um aniversário, d. Maria Lucia, diretora social da Escola de Enfermagem e o dr. Ennio Barbata, “rei das Jabotês” e chefe dos Internos do H. C. Por isso foram-lhe oferecidos significativos presentes.

E a festa decorreu animada e boa. O que não da D. Stella que mais parecia “gengibre quente” acendia entusiasmo em todo mundo. Até o refresco amazonense... aluá... foi servido.

Como da outra vez, alguns foram mu-



— Puxa! Não pensei que patológica fosse assim. Será que há dependência este ano?

to venturosos; outros saíram desiludidos...

A's duas horas daquela úmida madrugada, os pares se desmancharam e todo mundo se recolheu, debaixo daquela chuva que São Pedro não quis parar...

Tudo decorreu bem. Apesar de que alguma inveja ou despeito tenham aquerido empanar brilho dessas noites agradáveis, elas decorreram isentas de qualquer crítica e acima de quaisquer conjunturas tendenciosas.

Algumas pessoas pouco se divertiram, porém controlaram tudo e afirmam sem receio que essas duas festas que se realizaram num ambiente de mais pura camaradagem, primaram pela ordem e pela alta moral demonstrada pelas moças pelos rapazes.

E que este espírito e que esta moral sejam os pontos culminantes de outras festas que estas mesmas ou outras gerações farão realizar aqui neste pedaço de Paulicéia que é dos doentes pobres, que é dos alunos da Faculdade que é das alunas da Escola de Enfermagem e, por fim, que é de todos aqueles que trabalham neste “bloco” de magestosas instituições, ponto alto da defesa da saúde do povo de nossa terra... **OBERVADORES**

ferentes à sua estruturação para serem considerados em São Paulo”.

A ata está assinada pelo presidente da sessão, Francisco Osvaldo Castellucci, por Antônio Cordeiro, secretário da mesma.

ESTRUTURAÇÃO DA U. E. E. S. P.

Na sessão plenária do VIII.º Congresso, realizada à noite desse mesmo dia 26 de julho, por sugestão dos nossos representantes Burza e Caricchio, ficou definitivamente encerrada a questão da U. E. E. S. P. determinando-se que em São Paulo ela seria estudada, de acordo com as condições particulares de cada Escola e as aspirações gerais dos estudantes paulistas, e consolidada após participação de todas as assembleias dos estudantes.

NOSSA ASSEMBLÉIA GERAL

Convocada pelo Presidente do Centro, realizou-se uma Assembléia Geral Extraordinária dos Aunos da Faculdade de Medicina. Os doutorandos João Belline Burza e Carmino Caricchio, nossos dois representantes credenciados ao VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, fizeram o relato completo de todas as atividades e resoluções do referido Congresso da União Nacional dos Estudantes. Os assuntos foram amplamente debatidos, referindo-se aos pontos do relatório do Congresso: — elevação do nível do ensino superior, problema de assistência ao estudante, readaptação do estudante expedientes estudantis papel do estu-dan-cionário aos cursos, fortalecimento das te no problema da democratização do país.

A Assembléia Geral aprovou as atitudes dos nossos representantes, junto ao VIII.º Congresso, e deu poderes ao Presidente do Centro, colega João Belline Burza, para estudar e tratar do problema da organização da União Estadual dos Estudantes de São Paulo.

UNIÃO ESTADUAL DE ESTUDANTES DE S. PAULO

(Conclusão da pág. 17)

traz, sua solidariedade à fundação da U. E. E. S. P. e a proposta do colega Valdir.

Toma a palavra Gilberto Vasconcelos, que em nome da delegação do Pará, expressa felicitações pela estrondosa vitória no sentido decisivo de uma unificação dos estudantes do Brasil.

Com a palavra Ernesto Badgócimo, presidente da União Metropolitana de Estudantes que afirma que a fundação da U. E. E. S. P. representa mais uma manifestação no sentido unânime de união, que emana de todos os cantos do Brasil. Deseja que a U. E. E. S. P. venha a ser concretizado em sua estruturação definitiva numa ampla assembleia, com participação de todos os estudantes paulistas saúda os estudantes de São Paulo, por esta brilhante manifestação de espírito de união nacional.

Segue-se com palavra Eugênio Letevre, que afirma que a U. E. E. S. P. teria como primeiro trabalho uma ampla campanha de alfabetização.

Toma a palavra o colega Eros Teixeira, que diz que a UNE manifesta sua satisfação pela fundação da U. E. E. S. P. expressando a crença de que ainda falta um trabalho de organização. Propõe que da sessão de hoje, além da fundação da U. E. E. S. P., fossem os signatários do manifesto investidos da função de realizarem as eleições diretas, constituindo-se em Junta Governativa.

O colega Geraldo Vidigal, depois de expressar sua satisfação pela fundação da U. E. E. S. P., declara que a sua estruturação definitiva deve ser feita na Capital Paulista e que todas as escolas sejam consideradas como fundadoras da U. E. E. S. P.

Eustáquio de Toledo, apoiando proposta de Vidigal, diz que como fundador, res da U. E. E. S. P. deverão figurar, além dos signatários do manifesto, todos aqueles que no Estado de São Paulo apoiaram a sua fundação e ajudaram a sua estruturação.

Odilon Coutinho, presidente da U. E. de Pernambuco, saúda os estudantes paulistas; afirma que “Pernambuco vê na U. E. E. S. P. o fortalecimento de todo o Brasil”. “Si São Paulo sempre esteve em primeiro plano como força democratizadora, dando sempre para isso o melhor de sua inteligência e esforço, há, para o futuro, de continuar a fazê-lo, porém, com sua U. E. E. estamos certos, fará muito mais”.

O presidente da mesa diretiva consulta o plenário sobre as propostas do colega Eros Teixeira, havendo protestos contra formação duma junta governativa para organizar dirigir as eleições, dando origem a um ambiente de exaltação.

A seguir, fizeram uso da palavra Orlando Moscovo, da Baía, Renan, do Rio Grande do Sul, e Gilberto Vasconcelos, do Pará, que procuram restabelecer a ordem na sessão.

Eros Teixeira retornou ao assunto, para sugerir fossem todos os diretórios acadêmicos de São Paulo considerados como a junta governativa.

Eraldo de Oliveira concorda com a proposta de Eros, sugerindo que em São Paulo se faça uma ampla consulta à classe.

A seguir, usam ainda da palavra os colegas Vidigal, Burza, Valdir Perez, que discorrem sobre o assunto.

Finalmente, o presidente da mesa encerra os trabalhos sobre a fundação da U. E. E. S. P. ficando os assuntos re-

A' memoria de Oswaldo

Cruz

Uma referência aos homens valorosos do passado não constitui somente simples homenagem mas sim o dever imperioso que temos de os reavivar na lembrança, para que nos sirvam de exemplo também de estímulo a novas conquistas e realizações.

A nossa História, si bem que venturosamente rica de expressões no terreno cultural de modo particular, deixa de ser suficientemente conhecida e, muita vez, os grandes homens que nos serviram de modo soberbo, e que são motivo de orgulho perene, não têm sua obra bastante divulgada.

Na verdade, com o passar do tempo, novos fatos se desenrolam, novas personagens aparecem no cenário da vida e, não se há de querer porisso, uma estagnação de pensamentos presos figuras tradicionais. No entanto, por outro lado, há figuras que se erguem como símbolos de um núcleo cultural e mesmo de uma geração a elas jamais se pode negar braço da imortalidade. Entre estas está a figura de Oswaldo Cruz, cuja obra marcou o início de uma nova fase no terreno médico-sanitário brasileiro.

Quando em épocas passadas as ende-

uma realização magnífica, é de autoria do colega Irineu Teixeira de Assunção, atual vice-presidente do Centro. Este seu novo trabalho, aliado às suas tão conhecidas colaborações no "BISTURI", vem tão somente confirmar os seus inestimáveis pendores artísticos, por várias vezes postos a serviço dos interesses da nossa agremiação.

O magnífico bronze em referência ficará provisoriamente aqui na Faculdade, pois constitui um oferecimento à futura Casa de "Oswaldo Cruz", aspiração máxima de todos nós e das gerações que nos antecederam, ora cuidada com afinco, dando-lhes a esperança de sua breve concretização. E a propósito, podemos desde já assegurar não será o busto para a nossa futura casa, digamos, de simples valor estético. Além de esplêndido meio de divulgação, tão necessário, para uma iniciativa de tal amplitude, tornando-a suficientemente conhecida no nosso meio social, vem a ser o marco inicial de uma campanha a ser brevemente lançada — a Campanha do Busto de Oswaldo Cruz.

Esta se constituirá da venda de pequenos bustos para mesa, principalmente no seio da classe médica, a maioria dos quais



— No quarto ano é outra coisa!... Estou com vontade de fazer cirurgia, mas ouvi dizer que ha muita panela uns grandes "papadores"... vou pensar nisso no quinto ano...

O Departamento de Ensino Médico e sua orientação

(o)

Nos fins do ano passado quando já a Diretoria Burza havia sido eleita para 1945, Presidente da mesma, numa das muitas palestras que há já vários anos vimos mantendo manifestou a sua intenção de criar um Departamento de Ensino Médico cujo trabalho primeiro e mais importante seria o de estudar problemas relativos ao ensino médico e sobretudo a realização de inquéritos entre médicos formados pela nossa Escola e residentes tanto aqui como no interior. A realização de tal tarefa se enquadrava perfeitamente no idealismo do nosso Presidente.

Ao sermos convidados para dirigir tal Departamento e estruturá-lo recusámo-nos ao encargo em primeiro lugar porque talvez tivéssemos que nos ausentar da Escola por alguns meses em vista de deveres militares em segundo lugar porque previamos que em virtude do nosso feito pessoal nós poderíamos nos apaixonar por esses assuntos assim contribuirmos para a criação de situações de luta entre os interessados. Desaparecido o primeiro motivo após algum tempo, Burza fez novo convite para colaborarmos com ele, exemplo de idealismo e honestidade ao mesmo tempo resolvemos pretender afogar os nossos imptos.

Pensámo-nos logo na organização do Departamento com a participação de elementos de outras séries que serviriam não só nas funções de elementos de ligação como de conselheiros, em secretarias e tesourarias. Entretanto, estávamos sendo teóricos demais pois não sabíamos ainda das necessidades do funcionamento de um Departamento como esse, pois não sabíamos nem ao menos, como iria, na prática, funcionar.

Pensámo-nos também em convidar alguns professores, assistentes ou médicos amigos dos alunos para constituírem um Conselho Consultivo do Departamento. Até os nomes dos mesmos foram apontados.

Entretanto, o nível Departamento se viu logo frente a um problema da máxima importância que foi a tentativa de amputação da Clínica Médica do sexto ano, sem dúvida nenhuma, a melhor clínica geral da Faculdade. Como era de se esperar e de se temer nós nos apaixonámo-nos, deixámo-nos de lado os interesses pessoais, esquecemo-nos do medo e fomos ao campo da luta. Ao nosso lado, viamos a todo instante Belline Burza, Duilio Farina e Álvaro da Cunha Bastos, que diretamente nada tinham com o Departamento de Ensino Médico.

Logo mais, não éramos nós, mas sim os alunos desta Escola que em uníssono defendiam um lema bem próprio da mocidade: "Quando entramos na luta, ou voltamos com a vitória ou tombamos no campo de batalha".

E assim, empolgados por essa luta que por fim nos sorriu, estávamos também abalados pelas transformações que a Pátria experimentava. Nesse sentido, estruturação do Departamento-caçula do C. A. C. O. C. foi sendo protelada.

Entretanto, queremos frisar que o Diretor do Departamento supriu a falta de elementos de ligação com as turmas, com uma propaganda feita no sentido de cha-

mar atenção para os problemas de ensino como também na Diretoria do Centro existindo alunos de todas as séries, estes poderiam desempenhar tal função. Aliás, não nos ressentimos disso, pois na ocasião necessária, solicitadas por alunos que se interessavam pelo ensino ou que se sentiram prejudicados, foram realizadas diversas assembléias de classes como por exemplo do 2.º ano para tratar de assuntos relativo à cadeira de Microbiologia; dos 3.º e 4.º anos para tratar de assunto da Anatomia Patológica; do 5.º ano, com relação à Obstetrícia; e do 6.º ano, com relação à Clínica Médica.

E, assim tempo foi passando... Naturalmente a conclusão teórica da necessidade de mais alunos para trabalhar no Departamento permanência, apesar dos nossos esforços que às vezes eram desviados em prol de outras funções que temos de desempenhar.

Entretanto, devemos fazer notar que não podíamos nos arriscar a dispersar energias numa tentativa de estruturação podemos justificar esta asserção.

Quando Diretoria Burza tomou posse, as portas de todos os setores do C. A. C. O. C. foram abertas para quem quizesse colaborar e trabalhar. No discurso de posse disse Belline Burza: "Comigo tomam posse no C. A. C. O. C. todos os alunos desta Escola... E assim muita gente boa foi convidada para os Departamentos para Comissões além daqueles que se ofereceram para trabalhar. Nomes mais nomes constam na organização desses Departamentos dessas Comissões. E no fim o que vimos? Verificamos que em última análise, pequeno número ou um só é que continuava a trabalhar. Não vai nisto uma crítica severa aos colegas que por motivos ponderados ou não, não puderam arcar com as responsabilidades que lhes couberam por convite ou por oferecimento próprio. Entretanto, isto concorre para que não vissemos uma necessidade premente na organização de uma comissão para o Departamento de Ensino Médico. Naturalmente não quizesmos perder tempo numa estruturação que seria artificial por si mesma, pois ainda não tínhamos elementos objetivos para uma orientação prática, e arriscada ao mesmo tempo, pois não sabíamos aonde poderíamos contar com os elementos que integrariam tal organização dado exemplo de outros Departamentos e Comissões.

Queremos frisar que o Departamento de Ensino Médico esteve e sempre estará aberto todos aqueles que queiram contribuir para a resolução dos diversos problemas, endossando todas as tentativas com êxito e o seu Diretor, por isso, ficará sinceramente grato. Do mesmo modo, lamenta que se critique isto ou aquilo, que se queira organizar comissões para estudar situações dos estudantes sem antes se procurar estudar quais os problemas destas situações e se procurar estabelecer fórmulas de solução para os mesmos. E isto é muito importante porque os autores das críticas estão arriscados a serem convidados para tomar parte nas referidas Comissões...

Diretor do Departamento de Ensino Médico.



O Busto de "Oswaldo Cruz" esculpido pelo colega Irineu Assunção

mias grassavam nas nossas populações litorâneas, dizimando milhares de vidas, Brasil teve a felicidade de encontrar um OSWALDO CRUZ, cientista que, aliado à sua capacidade genial um senso prático incontestável, tão bem soube atender às necessidades do momento. E assim, "Pasteur brasileiro" é de fato um imortal. Porisso, a sua obra deve ser sempre exaltada por todos os brasileiros; as suas realizações devem ser divulgadas amplamente, para que o seu espírito viva entre todos aqueles que também trabalham e se esforçam em prol da medicina.

O nosso Centro Acadêmico, que já tem figura inolvidável desse grande homem como seu patrono, encontra agora oportunidade magnífica para reverenciar, de modo todo especial, o vulto de Oswaldo Cruz: a inauguração solene ser levada a efeito no dia 14 de setembro futuro do busto em bronze do eminente patriota. Acontecimento de larga significação que repercutirá amplamente, como fato de relevância, na vida social do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Esta iniciativa cresce de valor ao se considerar que o busto a inaugurar-se foi idealizado e modelado por um nosso colega. De fato, tal obra de arte plástica, que sob todos os pontos de vista, constitui-

passou por esta Faculdade que por certo não hesitará em apoiar esta realização. O lucro desta campanha revertirá em favor da futura casa a ser construída e, embora não venha constituir soma fabulosa por si só suficiente, constituirá um fator moral valioso, colocando mais uma vez o nome do Centro em situação de destaque, demonstrando o espírito dos atuais alunos da Faculdade, sempre votado às iniciativas realmente proveitosas.

A inauguração dar-se-á, por feliz coincidência, como dissemos, no aniversário do Centro, data para todos nós festiva, em que se comemora fundação do nosso glorioso Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Será um ato realmente expressivo juntar-se às muitas festividades marcadas para aquele dia e, sem dúvida, brilho invulgar está para ele reservado, não só por se tratar de uma grande iniciativa em prol da "Casa de Oswaldo Cruz", mas ainda pela intensa expectativa que reina entre nossos colegas em torno da apresentação da obra de arte idealizada e realizada pelo colega Irineu Teixeira de Assunção.

Altas autoridades estarão presentes ao ato em que a memória de nosso patrono será dignamente reverenciada.

B. A. C.

Ainda o «show Medicina»

Sem dúvida nenhuma a caravana do D. S. foi cheia de trabalhos sacrificios, porém bastante alegre.

Não faltaram as clássicas piadas que começaram logo ali, na estação da Luz para terminar somente no regresso. Logo de manhã, a piada mais sem graça, foi chuva que caiu ensopando toda a caravana, inclusive o Burza que chegou todo dispneico afogado dentro do seu chá-péu.

Em breves palavras pediu “congratamento geral de todos em torno dos ideais comuns” (Aurélio) e quasi de joelhos implorou que a turma voltasse solteira, sem compromissos de qualquer ordem. Isto frizou ele para “nosso” bem. A turma desvanecida pediu-lhe que nos acompanhasse até a Lapa mas o Burza declinou porque trem não parava na Lapa.

Não faz mal: berrou Russo. “Nós garantimos que, pare ou não pare, você desce”...

Lá pelas alturas de Campinas, sobre C. C. C. que dando início as suas funções, traz para o nosso baudo 2 enfermeiras do H. C. que “bijous”...

Após breve “sururú”, em disputas das tais a turma armou um “chorinho” que foi a alegria de todo, inclusive garçon, jornaleiro e o fiscal do trem.

Frei Caricchio, Frei Kalifa e Frei Machado deram início então “missa” “reza” foi de amargar.

De vez em enquanto aparecia Sata-naz (chefe do trem) porém nosso Anjo da Guarda (Aurélio) arvorou-se em telegrafista e dava o sinal: “Olha o Gurufa!” e como por encanto sumia tudo, inclusive alguns “Azes” que eram posteriormente encontrados no bolso do Bittencourt.

E’ excusado dizer que Frei Jorge viajou com 3 ternos e os demais em trajés menores.

Na hora do rancho, ninguém mais comeu na estrada pois reservamos as mesas das 11, 12, 13 horas. O resto dos viajantes passaram a sanduiches pas-teis.

O Machado, o maior garfo da turma (sem favor nenhum) após 2 lautos almoços ainda pediu livro de reclamações para escrever que boia estava racionalada.

Lá pelas bandas de Araraquara foi organizado pelotão dos guerrilheiros encarregados de tomar de assalto o trem da Araraquareuse em busca de lugares para o pelotão de vigilância composto por elementos mais moderadores encarregados de vigiar as malas e as moças.

A turma da vistoria encarregou-se não só de verificar si havíamos esquecido algo mas também de levar as malas lanches esquecidos pelos outros passageiros.

Uma vez instalados no trem da E.F.A. verificamos que a quantidade de malas havia triplicado para evitar aborrecimento, jogou-se o excedente pelas janelas.

Foi nessa altura que demos por falta do Kurban.

O nosso poeta, extasiado pela bucolica paisagem de Araraquara havia perdido trem enquanto observava uma vaca desmamando um bezerro.

Dada a alta velocidade da estrada que é algo de impressionante Kurban alcançou-nos montado em uma bicicleta.

O primeiro a vê-lo foi Labate que de tão afobado que ficou meteu nariz pela vidraça a dentro quebrando-a.

Logo mais, após passarmos por grandes capitais (Matão, Ouro Tamoio, Catiguá, Jurúrdi, Gambá, etc.) chegamos a Catanduva... Antes porém percorremos 20 minutos de desvios... (Oh! terra para ter desvios...).

Rojões, bandas, pipocas, pic-pic, discursos, sorrisos e umas garotas a nos esperar (por sinal que naquela terra só dá “uvas”).

Cada um comboiado por sua “boa” e ao som da Marcha dos Granadeiros foi levado ao predeterminado hotel.

Depois de altas confusões, troca de malas, chapéus, capas, garotas, foi restabelecida a ordem e após uma ligeira “toilette” o ataque foi geral, não sobrou um feijão na mesa (o Machado que o diga).

Após o banquete o pelotão dos guer-

rilheiros tomou de assalto a cidade e o pelotão dos moderadores foi descansar “cadaver” até manhã seguinte quando fomos acordados por um barulho dos infernos que partia lá da gerência. Era o Jorge discutindo com o hoteleiro e berçando que em absoluto não se chamava Jorge-Kalifa, que aquilo era piada da turma. Mas nada adiantou. Assim estava assim ficou para chateação dele e alegria nossa. Na manhã seguinte o Caricchio foi quase mascarado pela molecada local pois havia afirmado na Rádio que espetáculo era em benefício da “Liga de Combate à Infância” O Sacramento foi um “bafafa” incontinente cogominado mestre do teclado.

Chegou enfim o tão esperado dia da estúpida, gloriosa e lauta macarronada. A turma do Braz foi impedida de sentar a mesa de modo que sentamos apenas em 16 (o Machado e mais 8 colegas).

Enquanto a turma fazia clássica cêra, o Machado limpou tudo e já havia providenciado a reforma. Pediu mais queijo, mais pão, mais molho um “chianté” enquanto a turma espiava boquiaberta o Machado mastigava. O Bittencourt não gostou daquilo porque até o cozinheiro preparar a nova remessa ele já havia digerido próprio estômago.

Foi o último a deixar a mesa quando garçon já meio nervoso veio tirar o prato e lhe mostrou dois caninos respeitáveis que o fizeram voltar somente lá pelas 9 horas, e assim mesmo acompanhado da carrocinha uma injeção contra hidrofobia.

Em seguida fomos visitar sr. Prefeito este perguntou si havia alguns doutorandos na nossa caravana.

Sim, respondeu-lhe a Drina, mas no momento um é carpinteiro e dois são modistas.

No dia do baile a turma divertiu-se a valer. O C.C.C. puxou a quadrilha (depois que aprendeu no H. C.) e portou-se como um verdadeiro “maitre d’equitation” (balancê, en avant, grand rode).

O Russo rasgou uma rancheira toda a gasogênio por pouco não sae buzinando. A alegria contagiou toda a turma a não ser Ze-Pureza (Kurban) que manteve-se na sua posição: Ze-Modelo vulgo Nebó que apresentou-se num “impeccavel terno de albene, gravata elasticotone, meias carícia” Foi algo de “cris-cris” e “três elegante” porém impeliu-o de dançar pois haviam passado tanta goma na calça que aquilo virou quasi cimento armado (ora isso não se faz Seu Zindel...).

O Sacramento após alguns números de piano recebeu 3 propostas de casamento, porém o Caricchio salvou-o da angustia, sa situação convocando-as para seu harém. A brincadeira terminou tarde o luar lá fóra estava qualquer coisa de maluco. (Até parecia carêca do Maretti) Uma lua redonda, grande e brilhante, do tamanho de uma melancia, enfeitava um céu cheio de carneirinhos. O longo silêncio que nos invadiu foi derrepente quebrado por uma voz feminina: “E’ a terceira vez que você me manda olhar a lua Plínio...”

Foi verdadeiramente uma noite cheia, si não fosse o Páviesio perguntar para uma moça si o olho queela tinha era de vidro.

Como uma desgraça nunca vem só, aconteceu-nos outra. Foi a trágica viagem a Ibirá ou, melhor a longa viagem de volta. O ônibus da “turma selecionada” perdeu-se na estrada ficamos rodando horas seguidas via Catiguá, Pichô, xô, Gebe-Gebe “nerusca” de Catanduva.

Si não fosse um carro passar naquela hora avançada (3 horas) e teríamos parado em Mato Grosso.

Demos meia volta nisto acaba a gasolina. O motorista resolve ligar então a gasogênio (e vá dizer que não há gasolinha) chegamos finalmente a Catanduva.

O “carro dos baixeiros” a meio caminho extraiu nossa ausência: foi a nossa procura e nos chegando a Catanduva extranhamos a ausência deles. Consequência: ficamos brincando e escondendo mais 1 hora chegamos só na hora do café.

Chega o dia da grandiosa Première. O

lusco-fusco foi tremendo, esbarrões, atra-palhações, falta baton, alfinetes. Onde está o Jorge, o Silvio que não me aparece etc. etc.

Abre-se o pano e o Machado recebe o título de Corcunda de Notre-Dame. Don Danilo virá-se diz: Carumba! Pero si usted, todos los 40 são iguaes ao Matchado usted merecen una estatua coletiva...

Vivamente emocionado Paulo Machado agradeceu em carinhosas palavras.

Aparece então o Fang que á última hora foi improvisado em “speaker” (De Fang só havia a cabeça pois o smoking era do Aurélio). Aos acordes do “Fan, tastique ele começa:

“Distinto, carinhoso, filantropico... povo de Catanduva. Na saída foi convidado para Prefeito porém negou-se humildemente.

Após o espetáculo é que começou trabalho árduo, pois empacotamos e despachamos tudo para Rio Preto inclusive o Vaquero que foi levado de roldão.

Na manhã seguinte moçarada estava em peso lá na estação a cata do Jorge, Páviesio, Bittencourt e outros galãs que quase saem “noivos” de lá. O bate-boca foi tremendo. Aquele lá não é a Cleopatra? Você não era Delegado? Olha lá o Ze-Modelo. Onde está gostosão do Ze-Pureza? Cadê o speaker? Eu quero saber quem são as King-Sisters, etc. etc.

Chega o trem, começam os abraços e alguns beijos também se perdem naque-la confusão, pic-pics, lenços desfraldados, dois apitos e acabou-se.

Eh! Eh! Catanduva, terra boa, cidade-sorriso cheia de moças vivas hospitaleiras.

Na longa viagem de volta (não, a de Ibirá) o Pureza Omir apresentam os resultados de suas investigações científicas que foram grandemente ovacionadas.

Acabava de descobrir que certos efluvios emanados do Jorge e do Sr Sacramento (hóspedes da Sala-Gazosa do Hotel dos Viajantes) combinando-se com a Hemoglobina originava 1 substância irreversível que levava individuo a um estado toxi-alérgico-infeccioso que se manifestava por uma letargia intensa.

Só assim conseguiu-se explicar a catatapsia do Machado.

Si não fosse o Nebó descobrir um certo princípio ativo o Machado estas horas estaria lá na Anatomia Patológica.

Acontece que depois de tal discurso a turma adormeceu - quando acordamos lá pelas alturas de Jundiá o Plínio já havia descido em Catanduva, o Omir em Limeira e o C.C.C. em Campinas.

Aliviados dessa “carga” chegamos então são e salvos a São Paulo.

Os clássicos abraços, “adeuses” etc., cada um pegando sua mala meteu nariz pelo nevoeiro a dentro uns alegres em buscas de suas “saudades”, outros tristes por terem-nas deixado lá tão longe em Catanduva.

Escreveu “NEBODRINA”.

Caravana “show Medicina”

?E o fato se deu... transportamos o umbral daquêlê patamar, sendo imediatamente envolvidos num rodemoiño, formado por criaturas jovens e entusiastas, cuja delicadeza, temperada de certa dose de carinho, cativou nossos corações.

Um a um, vão surgindo na estação, acolhidos por exclamações ou ruidosas salvas de palmas.

Todos gozam de uma alegria infinita e seus corações sinceros palpitam a canção da mocidade, num contraste chocante ás labutas sofrimentos que presenciam a cada momento, no labirinto infernal dos males que exterminam a humanidade.

Partem eles em busca de quinhão... uma parcela mínima de conforto áqueles que sofre e pacientemente esperam so, no eterno.

Mas... quem atentamente sondasse aquele verniz de alegria, num só gesto compreenderia o drama... o íntimo, a alma, o espirito de cada um deles, pertence inteiramente á fila dos que almejam uma migalha que seja, de alívio conforto clínico.

Enfim, a vida continua o seu “MOTO PERPETUO” e com ela partiu a “CARAVANA”, após um adeus solene de seu chefe.

Por entre a corrida, ora vertiginosa, ora preguiçosa, vão surgindo os campos, onde a exuberância de suaservas e matas, escondida das vistas dos viajantes a miséria que agola as pitorescas casinholas de sapê tão narradas no romance brasileiro.

Mas, se tudo falta ali, a magnitude do céu embeleza e dá mais brilho ao olhar do caboclo.

De quando em vez, surge uma torre; o trem para: é mais uma cidade que passa; mais uma hora que morre... é Preludio do fim.

Catanduva nos recebe em cada tilintar de sua banda, percebe-se a saudação: “BENVIDO SEJA QUEM VIER POR BEM”

Passam-se cinco dias. Cinco dias memoráveis, onde prauto dá lugar á felicidade, chegando-se mesmo a crêr, que de fato ela existe.

Tudo nós sorri. Somos tão ditosos que tememos o egoísmo; então, de nossos lábios exalamos-se préces á Deus, afim de que o Senhor melhor distribua á outrem, todo aquele conjunto saltitante de alegria.

Foi com sincero pesar que deixamos a terra amiga, em busca de outra mais além.

Talvez me engane, mas o sol, de certa forma, perdeu um pouco de seu brilho.

Talvez esteja por demais intransigente, mas... faltou um certo que... qualquer coisa mudou, deixando uma atmosfera nublada, perturbando o costumeiro bom humor de nossos companheiros.

Foi uma brisa que passou. Um desarmonioso lapso de tempo, mas logo precedido de novo entusiasmo.

Rio Preto não soube compreendê-los. Certamente um orgulho excessivo fê-los agir desta forma.

Enfim, tudo findou... a melhor regra do bem viver é recordarmos somente os bons momentos de nossa existência embora sejam eles sempre em menor escala.

Volta ao lar: Felizes, regressamos ao lar... saudosos porém; transbordantes de alegres recordações, recordações estas que perdurarão até o outono. Sim, até outono de nossas vidas e si por ventura novamente nos encontrarmos, que encantamento!...

Será quasi um instante supremo, um balsamo de todas as amarguras de quem nada mais espera do dia de amanhã.

Assim terminou a “CARAVANA SHOW MEDICINA”

HINO DA FACULDADE

Tenho grata satisfação de participar aos prezados colégas que estamos trabalhando no sentido e obter o Hino da Faculdade. A comissão de trabalhos sob orientação dos professores dr. José Oria e dr. Calasans deverá se reunir brevemente afim de estabelecer os planos para a composição do referido Hino. O dr. Jamil Almansur Haddad formado pela nossa Faculdade e uma das maiores expressões da poesia contemporânea, acedeu gentilmente ao convite para compôr a letra. Após a composição desta a comissão decidirá sobre a composição da música e provavelmente será dirigido pelo dr. José Oria em convite ao maestro Spartaco Rossi neste sentido. Composto o hino será organizado um coro de alunos da Faculdade por um maestro competente afim de se gravar um disco para as solenidades da Faculdade do C.A.O.F.

Agradecemos sinceramente o entusiasmo e boa vontade dos professores dr. Oria e dr. Calasans e do nosso coléga José Ferraz Salles. Contaremos com o apoio e colaboração dos nossos colégas.

JABRA JOSE'

“Campanha da Boa Alimentação”

Por intermédio dos seus departamentos, o CAOC tem sido promotor de diversos movimentos correlatos á medicina, cuja repercussão e alcance, firmam mais e mais a entidade representativa dos alunos da Faculdade de Medicina.

E' agora no setor da alimentação, que se desenvolve uma campanha de caracter de assistência social, promovida pelo departamento Médico Social.

São objetivos da campanha: fazer um levantamento da merenda escolar sob a fórma de inquérito, tendo em vista a alta importância dessa merenda, pois por intermédio dela pode-se corrigir as falhas da alimentação das crianças; promover um incentivo á pequena horticultura pois por meio dela o povo pode obter uma alimentação económica; incutir no povo o interesse pela alimentação higiénica.

Durante a campanha serão distribuidas ao povo sementes e folhetos ilustrativos para a pequena horticultura. Serão enviados conferencistas da campanha para as seguintes cidades do interior:

Campinas, Baurú, S. Carlos, Santos, Município de Bastos, Sorocaba, Rio Preto, S. José do Rio Pardo, Ribeirão Preto, Piracicaba, Franca, Marília.

Serão anexadas á campanha, por especial deferência do dr. Ariovaldo de Carvalho, as conclusões sobre o problema alimentar a que chegou o Segundo Congresso Médico Social Brasileiro, a pouco realizado na Baía. Por concessão do sr. Francisco Rizzini, a quem nos achamos agradecidos, serão pronunciadas uma série de palestras pela rede Ipiranga nos dias 3, 4, 5, 6, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20 ás 10.55 horas.

COMISSÃO PATROCINADORA

Já deram o patrocínio para a campanha:

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo por intermédio do seu Departamento de Fisiologia.

Faculdade de Higiene e Saúde Pública, por intermédio do seu Departamento de Higiene Alimentar.

Serviço de Alimentação Pública do Departamento de Saúde do Estado.

Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo.

Sociedade de Nutrição Endocrinologia dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Por ofício n. 125 de 28 do corrente, endereçado ao prof. Jorge Americano, Presidente dos “Fundos Universitários de Pesquisa para a Defesa Nacional”, foi pedida a participação dessa entidade na comissão patrocinadora.

Convidamos também para patrocinar a campanha o Serviço de Alimentação Previdéncia Social.

COMISSÃO ORIENTADORA

Prof. Dr. Franklin A. de Moura Campos, catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Presidente da Comissão Orientadora.

Prof. Dr. Samuel Barnsley Pessoa, catedrático de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

Prof. Dr. Antônio Cardoso, catedrático de Higiene Alimentar da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Dr. José Dutra de Oliveira, Presidente da Sociedade de Gastroenterologia Nutrição de São Paulo.

Dr. Demostenes Orsini, assistente do Prof. Franklin A. de Moura Campos.

COMISSÃO ACADÊMICA

Presidente, Manoel Munhoz, Diretor do Departamento de Medicina Social do Centro Académico “Oswaldo Cruz”

Secretário, Nuno B. de Paiva Braga. Tesoureiros: Remo Delini, Oscar Teixeira, René de Lima Yasaki, Refato Mendes, Luiz Camargo Fonseca, Oswaldo Monteiro de Barros, Alvaro da Rocha Mace, do e Miguel Villa Nova Soeiro.

Conferencistas da Campanha: Doutorandos: Otávio de Moraes Dantas,

Declarações do Presidente da Comissão Acadêmica da “Campanha da Boa Alimentação” e Diretor do Dep. de Medicina Social do C.A.O.C. ao “O Bisturi”

Populações sub-alimentadas e dificuldades de vida — Arroz, feijão e farinha durante sete dias por semana — Um boi por mês para o consumo de uma população inteira — As causas da situação — Campanha do Centro Académico “Oswaldo Cruz”

Hilton Neves Tavares, Carmino Caricchio, José Carlos C. Aranha, Celeste Fava Neto e Antônio Carlos Mauri. Acadêmicos: José da Conceição Ferraz de Sales, José de Souza Meireles Filho, Yutaca Kubo, Ernani Hevaux Bernardinelli, Nuno B. de Paiva Braga, Bernardo de Oliveira Martins, Laertes de Moura Ferrão, Oscar Massariol Farina, Oscar Teixeira, Silvio Laroça de Paiva, Carlos da Costa Branco, Henrique Grecchi, René de Lima Yasaki, Scharif Kurban, Oswaldo Monteiro de Barros, Luiz Falgetano Sobrinho.

A mesma choça, o infalível campo deserto, e o mesmo homem magro, cheio de impudismo e de barba rala sujando rosto sulcado de rugas é ainda o mesmo quadro triste e doloroso da vida rural paulista, naquele mesmo ritmo doente do “Jeca Tatú” que até hoje não mudou.

Todos os anos, estudantes quintanistas de Medicina viajam pelo interior a fim de apresentar uma relatório de higiene — e todos eles são testemunhas das precárias condições de vida do homem rural.

ARROZ, FEIJÃO E FARINHA

As condições de vida daquela gente

condições alimentares das crianças de uma escola isolada do Vale de São Pedro — verificou-se que as quarenta crianças, que ali estudavam, se alimentavam quase que exclusivamente de feijão, arroz, farinha, dessas 31 comiam carne, mas somente uma vez por semana. Existem cidades onde é abatida unicamente uma vez por mês para consumo de toda a população.

Na fase de crescimento da criança, a sub-alimentação vai dando ao homem de amanhã aquêle mesmo aspecto raquítico dos pais.

O LEITE

Parece absurdo, mas o certo é que o nosso trabalhador rural não bebe leite, apesar de viver, muitas vezes, ao lado de grandes rebanhos, em fazendas de criação. Essa observação foi feita pelos estudantes de medicina, que notaram também a falta de cuidados higiênicos com que o precioso alimento é colhido distribuído às populações das cidades. Isso quando é distribuído, pois há localidades onde não se encontra leite para tomar. Em 1942, no distrito de Rafard, município de Capivari, os estudantes de me-

AS CAUSAS DESSA SITUAÇÃO

“As causas dessa dolorosa situação são de ordem económica, de ordem educacional e higiénica — diz-nos o sr. Manoel Munhoz. Em estudo recente o médico Pompeu do Amaral afirma que o Brasil é independente politicamente desde 1822, mas que não foi até agora economicamente. E exemplo disso é o fato da agricultura nacional visar apenas o abastecimento dos mercados estrangeiros, naquela loucura de ganhar dinheiro que faz com que ela se esqueça de que o nosso povo também necessita de gêneros para sua alimentação”.

CAMPANHA NO CENTRO ACADÊMICO “OSWALDO CRUZ”

O Centro Académico “Oswaldo Cruz”, através de seu Departamento de Medicina Social, vai iniciar a 1.º de setembro, a “Campanha da Boa Alimentação”, com propósito demonstrar às nossas populações rurais, a maneira mais acertada de utilizar os alimentos que a sua vida difícil pode oferecer.

“Será uma pequena contribuição para resolver angustioso problema, cuja solução completa, evidentemente, não se conseguirá senão pela ação conjunta do governo de todo o povo do país” — termina o sr. Manoel Munhoz.

O SR. NUNO DE PAIVA BRAGA, SECRETARIO DA CAMPANHA EXPÕE AO “O BISTURI” OS PRINCIPAIS OBJETIVOS DA PRÓXIMA JORNADA

O problema da alimentação aí está em toda a sua plenitude, a desafiar a argúcia de sociólogos, médicos, economistas, governantes; ele é complexo na sua natureza, e apresenta muitos aspectos difíceis de serem resolvidos; é por um lado um problema de medicina, na resolução das multiplas deficiências de alimentos indispensáveis; é por outro lado um problema económico, dependente imediato do nível de vida do povo; é por um terceiro lado um problema de governo, autoridade que deve orientar a resolução da questão. Há, entretanto, um ponto que precisa ser cuidado exaustivamente, e que independe até certo ponto do fator económico; é o ponto de vista educacional; a maior parte do nosso povo, mesmo os bem dotados economicamente, não sabem comer, e a sua alimentação se ressentida da falta de princípios vitamínicos outros ingredientes elementares de grande valor. Portanto, toda campanha educacional no setor da nutrição deve merecer os nossos aplausos e incentivos. E' justamente uma campanha de tal natureza que o Centro Académico “Oswaldo Cruz” pretende desenvolver em um futuro próximo, e foi sobre ela que nos falou sr. Nuno de Paiva Braga, secretário da Campanha, e um dos seus mais entusiastas organizadores. A seguir transcrevemos as declarações do sr. Paiva Braga.

PROBLEMA ALIMENTAR EM NOSSA TERRA

“Devemos reconhecer que se não é imprevisto, é difícil atender a todos os aspectos do problema alimentar em nossa terra. Basica, complexa e ampla que era a questão da alimentação de nossa gente, ela se avolumou sobremaneira no período da guerra. Não se pode descurar da alimentação: sub-nutrição é indice de saúde precária. E' uma medida premente estudo atento dos diversos pontos de vista que o problema comporta, seja ele económico, educacional, higiénico, médico, moral ou eugénico. Latinos e sentimenais que somos não queremos que se aplique a nós o clássico dizer: “A indigestão dos ricos vingará a fome dos pobres”.

A CAMPANHA DA ALIMENTAÇÃO

O Centro Académico “Oswaldo Cruz” continuou sr. Nuno Braga, não ficou alheio esse setor e é ele o promotor de (Conclúe na pág. 29)



são quase as mesmas que se pode observar em outros pontos do interior e do litoral do país. A sua alimentação básica é tão pobre inadequada como a farinha, o peixe pimenta de todo o dia das mesas de famílias inteiras em lugares perdidos nos confins da Baía ou Ceará. No interior de São Paulo o arroz, o feijão e a farinha são o almoço. Jantar que alimentam durante sete dias por semana o caboclo paulista.

Cada relatório que os estudantes de Medicina apresenta anualmente, constituem uma nota de tristeza que se encerra nos arquivos do Instituto de Higiene que deveriam ser amplamente divulgados, para que se conheça a verdadeira situação em que vive o homem do campo e para que se procure urgente solução para o seu problema. Foi o que nos expôs sr. Manoel Munhoz, diretor do Departamento de Medicina Social do Centro Académico “Oswaldo Cruz”.

Na sua opinião o problema deve ser solucionado com a máxima rapidez pois que o interesse do próprio Brasil que o exige e só assim chegaremos a ver transbordado num cidadão útil á pátria esse trabalhador rural de hoje, abatido pelo impudismo pela sub-alimentação. Os estudantes fizeram um inquérito das

dicina observaram que não existiam produtores de leite, que era comprado na cidade vizinha de Tietê. Devido a isso os moradores de Rafard apelavam para o leite de cabra, que afirma estudante Manoel Munhoz, ocasiona anemia.

NÃO EXISTEM VERDURAS

Em quase todas as cidades do interior não existem cultivadores de verdura para a população e, em apenas algumas delas, encontram-se hortas domésticas. Diante da dificuldade de comprar a verdura de outros centros, as populações passam mesmo sem ela, e quando conseguem esses alimentos, eles já lhes chega para o consumo com mais de metade de suas vitaminas perdidas.

OS PEIXES

A pesca em cada cidade é apenas um passa-tempo de alguns, e peixe que se consegue nos seus rios não dá absolutamente, para o gasto da população, e é a coisa mais difícil do mundo chegar até ele o peixe do litoral. O homem do campo é obrigado a excluir do seu almoço ou jantar o peixe como alimento.

Castro Alves

O distico que orientou os literatos do romantismo em todo o mundo bem podiam ser estas palavras de Goethe: "evitai tudo quanto vos é extranho; não deveis admitir nada que seja contrario ao vosso ser". Porque romantismo parcialmente originou-se de uma reacção contra as regras invariáveis e inflexíveis que o classicismo impuzera aos homens, no terreno da poesia, da moral, da politica, das artes plásticas, da filosofia; na nova orientação só devia imperar uma divindade -- a alma humana, impetuosa, porque liberta dos liames que estivera submetida.

No Brasil, o ponto culminante da poesia romântica foi CASTRO ALVES, que consideramos mesmo o maior poeta da nossa literatura. Como já vimos, com Gregorio de Matos e Tomás António Gonzaga surgiram as primeiras notas nativistas na literatura colonial; era a arte brasileira em seus primeiros vagidos. Só o advento do romantismo porém veio propiciar a libertação da nossa literatura; mesmo os vultos que cronologicamente filiamos em primeiro lugar a essa corrente (Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire) não têm ainda completa, entre tanto, autonomia na forma, na ideia, na concepção. Só Casimiro de Abreu e Fagundes Varela começam a ser realmente brasileiros; em Castro Alves, essa vocação nacionalista se completa e temos nele, pela primeira vez, criados a paisagem brasileira, o estilo brasileiro e o tema social brasileiro, no dizer de José Otíctica. "O que faz de Castro Alves o poeta brasileiro por excelência é justamente a sua irregularidade grandiosa, a sua indisciplina; é o poeta titânico, filho da terra", disse Coelho Neto.

Desaparecendo numa idade em que a imensa maioria ainda não despertou para a consciência da vida, ele construiu a obra de maior poeta do Brasil. Só lhe faltou tempo, para aperfeiçoar e polir o que não saiu perfeito de seu gênio; gênio sim, pois, em 8 anos entre a adolescência e a mocidade, de característica inatidivada para muitos, ele produziu uma obra imar na nossa literatura; "hinos de guerra, cânticos de amor, predições de vidente, exortações de apóstolo, paisagens on-de pela primeira vez no verso a natureza brasileira ostenta sua majestade". Imaginem se ele tivesse atingido a idade em que se celebrizaram alguns de seus contemporâneos -- Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Rodrigues Alves, Afonso Pena...

De sua poesia épica, diz-nos Alberto de Oliveira "exceptas algumas estrofes camoneanas, não se conhecem na nossa lingua versos tão vibrantes" quanto os de Castro Alves. Passeemos com ele; de "No Meeting do Comité do Pain":

Não: clamemos bem alto à Europa, ao
[globo inteiro!
Gritemos -- liberdade, em face da opres-
[são.
Ao tirano dizei: "Tu és um carneiro!
E's crime de bronze -- escrava-se ao
[cânhão.

Falemos da Justiça -- em frente à Mor-
[tandade!

Falemos do Direito -- ao gládio que reluz!
Se eles dizem Rancor, dizei Fraternidade!
Se eles erguem a Meia-lua, ergamos nós
[a Cruz!

Ne "Navio Negroiro":
Desce do espaço imenso, ó agui ado ocea-
[no!
Desce mais... inda mais... não pode
[olhar humano
Como teu mergulhar no brigue voador.
Mas, que vejo eu aí!... Que quadro d'a-
[maguras!!
E' canto funeral... Que tetricas figuras!
Que cena infame e vil... Meu Deus! meu
[Deus! que horror!

Mais adiante:
Auriverde pendão da minha terra
Que brisa do Brasil meija e balança
Estandarte que luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha.

E' interessante anotar a opinião de um crítico nacional que diz que certos poemas de Castro Alves, que se comecem a ler em voz baixa, em seu término são ditos em altos brados com abundante gesticulação por parte do leitor, tão fortes sugestivos são os seus versos.

Castro Alves lirico é também imenso; seu principal característico é aqui seu espirito nacionalismo: não amou como fregio, romano, luso ou francês; seu amor foi sempre tropical e intenso como Brasil. E' por isso talvez é ele nosso mais apreciado poeta no estrangeiro; porque, como disse André Gide: "é nacionalizando-se que uma literatura toma lugar na humanidade e significação no concerto do mundo".

Tinha ele os dois característicos do verdadeiro artista -- a perfeição da forma e o gênio criador. Quanto àquela, considerava mesmo Alberto de Oliveira que, melhor que Gonçalves Crespo, é Castro Alves quem inaugura perfeição parnasiana no Brasil. Seu gênio sua inspiração transpiram de seus improvisos; vejamos só: no recitar de um violinista em Recife, pediram-lhe que improvisasse alguma coisa em homenagem ao artista e Tobias Barreto deu-lhe o mote: "No teu arco predeste a eternidade." Logo em seguida, Castro Alves declama:

Era no céu, à luz da lua errante,
Moema triste, abandonando os lares,
Cindia as vagas dos cerúleos mares
Te erguendo ao longe, ó peregrino infante!

Lá dos jardins sob o vergel fragrante,
A' sombra dos maestros, sobre os ares,
Ouvias das estrélas os cantares
-- Aves d'ouro no espaço cintilante.

Mas quando o gênio teu se alteia aflito,
Da alabastrina luz à claridade,
Lançando flores lá do céu proscrito

Pasma Bellini; e em meio à imensidade
Diz a lua suspensa no infinito:
"No teu arco predeste a eternidade!"
Tinha então poeta 18 anos...
E. L. G.



-- Estou perdido! O único recurso é cavar um lugarzinho de interno, assim terei cama e comida e no fim do mês um "dinheirinho" para o cigarro.

O problema da frequência livre às aulas teóricas

O que se deve, antes de mais nada, é perguntar: por que os alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo querem a frequência livre às aulas teóricas?

Nada mais simples de se responder. Os alunos vendo que nada, absolutamente nada, auferiam com as aulas teóricas, ministradas pelos "grandes mestres" da Faculdade, pensaram que não tendo a obrigação de irem às aulas, poderiam frequentar as enfermarias por conta própria. Ali, tomariam a seu encargo alguns doentes e sob a orientação dos medicos internos, estudariam os casos clínicos, com carinho porque estava despertado o interesse; porque o aluno já é um adulto e como tal, se compenetrava do senso de responsabilidade; porque ele sabe que tem de estudar, pois é da profissão que elle vai viver; porque estarão em jogo os doentes que cairão em suas mãos; porque enfim, elle gosta de tratar de seus doentes; porque ainda, quem não quer estudar, quem não se interessa, não é com aulas, nem com regimens nazistas, regimens de terror, pregado por certos professores, que eles irão se compenetrar das responsabilidades dos futuros medicos que virão a ser amanhã.

Isto, certos professores não compreendem e então exigem a presença de todos às suas aulas, fiscalizam com absoluto rigor a chamada dos "escravos".

Aí! daquello que faltar a sua aula; coitado, será reprovado inexoravelmente no fim do ano, porque naturalmente não assistiu à preleção do MESTRE e assim não poderia amanhã exercer a "medicina pratica".

Mas isto é o que acontece com pessoas que olham para que os outros fazem, não dedicando o seu precioso tempo nem sequer um minuto, para a sua própria pessoa.

Ah! Si elles analisassem um pouco, se fossem um pouco observadores, deveriam desconfiar que existia qualquer coisa atrás das reacções de dezenas de alunos (Parece inconcebível que um misero aluno, precise chamar a atenção um Mestre, que como tal deveria se-lo de um modo geral). Sim, porque se a massa se agita é porque alguma coisa está errada e essa coisa errada vem de longa data, estigmatizando-a: como se sabe ella é

bastante tolerante e atura o que se lhes faz de mal por longo tempo por existir elementos pccatos na sua maioria. Poisbem, se ella está furiosa é porque existe, como já disse, alguma coisa que não está direito. Essa coisa errada poderia provir ou dos alunos ou dos professores.

Seria dos alunos? Penso que não, porque eles querem aprender, eles anseiam por aprender, senão não se justificaria existencia de cursos noturnos de medicina patrocinados pelos proprios alunos. Isto indica nada mais nada menos, que adificiencia profunda do nosso curso. E ainda mais, a frequência é maior onde as aulas são bem ministradas. Ora, se a causa errada não está com os alunos, ipso facto, estará com os professores.

Ah! Mas como é difficil deles se imbuirem disso, de reconhecerem que estão errados.

Não! Isto nunca! Imaginem os professores reconhecerem suas faltas! Perderiam prestigio perante os alunos e o que é mais, o seu PODERIO!

Esquecem-se que aqueles que permanecem no erro é que são os que erram.

Isto não mais se justifica nos tempos atuais, nos quais os alunos são capazes de raciocinar verem gestos nobres, a reificação de um professor.

A gente é levada a concluir que em muitos professores existe um complexo de inferioridade e que não são capazes de se libertarem deles.

O que mais nos admira é que soldados brasileiros saíram para combater o nazismo em terras alheias, quando em suas proprias casas ainda existe esse regime. Sim, é o que acontece. Alunos não têm o direito de refutar um professor; não têm direito de externar suas ideias com relação aos erros dos professores, quanto ao seu método de ensino; não têm direito de faltar a uma aula e ainda são obrigados olhar para o cara do professor, feito imbecis, mesmo quando as aulas são profundamente desinteressantes; não têm liberdade, em ultima análise.

COLEGAS! JÁ QUE OS QUE ESTÃO POR CIMA NÃO OLHAM PARA BAIXO, LUTEMOS PARA CONSEGUIR OS NOSSOS DIREITOS!
LIBERTADOR

PAZ!

JOÃO BELLINI BURZA

Milhões de homens tombaram na Europa, nas matas e nos campos esmagados pelas bombas, entre as ruínas das cidades destruídas, nas trincheiras erguidas e encharcadas depois do seu suor e do seu sangue, milhões de homens tombaram, porque eles lutavam por um mundo melhor e sem guerras!

Homens caíram na Africa, na Ásia, no deserto, na neve e no mar, quase em todos os mares e terras do mundo! Homens americanos, soviéticos, ingleses, chineses, franceses, espanhóis, italianos, brasileiros! Homens brancos, negros, amarelos; moços, velhos, intelectuais, proletários, estudantes! Homens como nós, bons máus, de carne, de paixões, de pensamento, com amor à terra que era d'ele e pelo povo que amavam defendiam!

Mulheres, crianças, quantas crianças quantas mulheres caíram também, mulheres crianças indefesas, que passaram por todas as misérias e que vinham sempre fugindo da sanha do inimigo invasor, das bombas dos canhões dos aviões, do medo, da fome, da morte, escondendo-se sempre, sempre fugindo da fúria do inimigo cruel!

O ferro e o fogo destruíram os campos e as matas, os rebanhos, as colheitas, casas ruas, destruíram alegria na boca de milhões de crianças, o sorriso nos olhos de milhões de mulheres, carregaram de ódio o peito de milhões de homens!

Eis o preço da paz! Eis o preço da paz!

O sangue dos nossos feridos não será em vão! A vida dos nossos mortos não será em vão!

Mais um drama da vida...

Para bem dirigir uma escola como a nossa, não basta conhecer regulamento ou as leis e decretos que a ella se relacionam.

E' preciso constatar e corrigir falhas que existem aos montões e perduram por "secula seculorum". E' um drama cruxiante, o vivido pelos alunos que aqui passam a maior e a mais bela parte de sua existencia.

Não falemos no problema da condução que nada tem a ver com a Faculdade, mas FALTA DE AGUA bebibel, tenham paciencia, é uma prova flagrante do "carinho" com que somos tratados. Aqui chegando, temos a impressão de haver penetrado num deserto, pois o oasis dos bebedouros, NORMALMENTE (e isto de ha muito tempo) não vertem uma gota do precioso liquido, por mais que acionemos as respectivas torneiras. Procurando a razão de tamanho descalabro, entrevistamos

o Americo, em uma tarde de asfixiante verão. Em uma explicação luzitana, elle me disse que "secura dos bebedouros, era consequencia da mudança do encanamento da agua potavel".

Vejam caros colegas, enquanto se muda alguns metros de cano na Faculdade, a Alemanha é esmagada e Japão pede a paz.

Ora, isso precisa ter um fim, pois subir a pé, 4 longos andares, porque o elevador não foi feito para nós, é voltar com mais sede ainda, e no Bar do Luiz, só os milionarios aguentam pagar as laranjadas (que laranjadas!) -- preço de cambio negro.

Ou coloquem os bebedouros a funcionar ou acabem com eles, pois não tem mais a sua razão de ser, principalmente com aqueles belos dizeses para ingleses ver: "AGUA FILTRADA PARA BEBER" (será que é filtrada mesma...)

Todo esse drama decorre de que? De uma falta de consideração a aqueles para quem a Faculdade foi feita.

VI-TUDO

"O BISTURI" O distintivo da Faculdade (Notas explicativas)

Seu aparecimento em 1930 — Fundadores —
Redação e Diretorias

Por PAIM

"O BISTURI" nasceu em março de 1930 contando quinze anos de existência e com o passivo de quarenta e quatro publicações. A sua primeira redação teve por sede o prédio da rua Brigadeiro Tobias n. 45, sendo seu fundador então acadêmico Luiz Batista, que sob a sua direção publicou os três primeiros números.

Surgindo como órgão noticioso, humorístico e literário, passou ser órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" portanto legítimo representante das aspirações dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Atualmente conta com Estatutos Redação próprios com o seguinte corpo redatorial:

Diretores: Laertes Ferrão e Mauricio Fang.

Redator-chefe: Palmiro Rocha.
Tesoureiro: Ernesto L. Gonçalves.
Secretário: Walter Belda.

Redatores: Carmino Caricchio, José Ferraz Sales, Drina Coelho, Orfeu D'A. gostini, Remo Tellini, Nelson Gimenez, Ademar Fiorillo, Alvaro da Cunha Bastos, Armando Botter Bernardi.

Entre as realizações da atual Diretoria destacam-se as seguintes:

1) Organizações dos Estatutos quer e gem as finalidades do jornal, funções deveres dos seus redatores. Tais Estatutos foram apresentados à Diretoria do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" e aguardam a sua respectiva aprovação.

2) Instalação de Redação própria em sala que será cedida pela Diretoria da Faculdade de Medicina, conforme combinação prévia entre o Excelentíssimo Senhor Doutor Benedito Montenegro, Associação dos Ex. Alunos Diretoria do "O BISTURI".

3) Organização do arquivo do jornal.

4) Organização de uma Biblioteca de publicações recebidas.

5) Organização de clichê.

6) Organização da Tesouraria Própria tentando possibilitar a independência econômica do "O BISTURI", o que em Diretoria passadas sempre entravou sua publicação.

7) Doação de Cartelas de Identificação aos elementos do Corpo Redatorial, que ficam assim devidamente credenciados para representar este jornal.

8) Instalação da sua Secretaria com livro de Atas, livro de Caixa e material correspondente.

9) Incentivação da colaboração dos Professores, que procurarão lutar junto com os alunos na resolução dos problemas da nossa classe.

10) Secção de intercâmbio com o "O BICEPS" órgão representativo dos Alunos da Escola Paulista de Medicina.

11) Colaboração junto à Diretoria do Centro na realização da Campanha Pró Casa de "Oswaldo Cruz"

Foram as seguintes as Diretorias passadas:

1930 — Ano I — Ns. 1 a 3.

Redator-Chefe — Luiz Batista.
Redatores — Mario Altfelder Silva, Matias Roxo Nobre, Paulo Vilela de Andrade Gil Spilborghs.

1933 — Ano IV — Ns. 4 a 5.

Diretor — Gil Spilborghs.
Redatores — Cecilio J. Carneiro e João Marques de Castro.

1984 — Ano 5 — Ns. 6 a 9.

1.º semestre:
Diretor — Pedro Taufik Camasmie.
Redator-Chefe — João Marques de Castro.

Redatores: — Joaquim Clemente Almeida Moura e Joaquim Lacaz.

2.º semestre:
Diretor — Pedro Taufik Camasmie.

Redator-chefe — João Marques de Castro.

Redatores: — J. C. Almeida Moura, Joaquim Lacaz e Luiz Oriente.
1935 — Ano VI — Ns. 10 a 13.

1.º semestre:
Diretor — Pedro Taufik Camasmie.
Redator-chefe — João Marques de Castro.

Redatores: — J. C. Almeida Moura, Luiz Oriente e Mauro C. de Souza Dias.

2.º semestre:
Diretor — Pedro Taufik Camasmie.
Redator-chefe — João Marques de Castro.

Redatores: — J. C. Almeida Moura, Luiz Oriente, Mauro C. de Souza Dias, Cecilio Carneiro Orlando Campos.

1936 — Ano VII — Ns. 14 a 19.

Diretor — Luiz Oriente.
Secretário — Luiz Santos Fortes.
Redator-chefe — Orlando Campos.
Redatores: — Manoel Duran, Nelson Altano, Mário Degni Ruy S. Ramos.

2.º semestre:
Diretor — Luiz Oriente.
Secretário — Luiz Santos Fortes.
Redator-chefe — Manoel Duran.
Redatores: — Nelson Albano, Mário Degni, Ruy S. Ramos e Giglio Pecoraro.
1937 — Ano VIII — Ns. 20 a 24.

1.º semestre:
Diretor — Luiz Oriente.
Secretário — Luiz Santos Fortes.
Publicidade — Carlos V. de Oliveira.
Redator-chefe — J. C. Almeida Moura.
Redatores: — Hélio Lourenço de Oliveira, Giglio Pecoraro e Atilio Flosi.

N. 23:
Diretores Hélio Lourenço de Oliveira, Luiz Oriente Generoso Concilio.

2.º semestre:
Diretor — Luiz Oriente.
Secretário — Luiz Santos Fortes.
Gerente — Carlos V. de Oliveira.
Redator-chefe — J. C. Almeida Moura.
Redatores: — Hélio Lourenço de Oliveira, Giglio Pecoraro, Atilio Flosi D. A. Gaiarsa.

1938 — Ano IX — Ns. 25 a 29.

Diretor — Luiz Oriente.
Secretário — Francisco La Scala.
Redator-chefe — J. Clemente de Almeida Moura.

Redatores: — Domingos Andreucci, Giglio Pecoraro, Artur de Almeida, Oscar R. von Pfuhl e Jamil H. Haddad.
1939 — Ano X — Ns 30 a 33.

1.º semestre:
Diretor — Orlando Campos
Secretário — Geraldo S. Hellmeister.
Redator-chefe — J. Clemente de Almeida Moura.

Redatores: — Roberto Zwicker, Domingos Andreucci, Giglio Pecoraro e Artur de Almeida, Oscar R. von Pfuhl, Mário Ramos de Oliveira e João Belline Burza.

2.º semestre:
Diretor — Orlando Campos
Secretário — João Belline Burza.
Redator-chefe — J. Clemente de Almeida Moura.

Redatores — Roberto Zwicker, Domingos Andreucci, Artur de Almeida, Oscar R. von Pfuhl e Mário Ramos de Oliveira.
Redator esportivo — Carlos Schelini.
1940 — Ano XI — Ns 34 e 35-36.

1.º semestre:
Diretor — Orlando Campos
Secretário — João Belline Burza.
Redator-chefe — Roberto Zwicker.
Redatores: — José Martins de Barros, Artur de Almeida, Oscar R. von Pfuhl Mário Ramos de Oliveira.

Redator esportivo — Carlos Schelini.
1940 — 2.º semestre:
Diretor — João Belline Burza.
Secretário — Merrame Adura.
Redator-chefe — Roberto Zwicker.

RAZÕES SIMBOLICAS

A figura central predominante do distintivo é o sol, representado por uma aureola de raios dourados que encerra os demais atributos da insignia.

Várias razões nos levaram essa escolha.

Primeira: ser o sol o símbolo da vida, em analogia com a Medicina que cuida da vida e procura resguardá-la no indivíduo.

Segunda: ser o sol o símbolo da luz, em analogia com a escola que é tradicionalmente considerada o luzeiro das inteligências, em que os espíritos bebem a luz da ciência.

Terceira: é de ordem especial, por ser o sol a terapêutica primitiva, que através de todos os tempos prestou à humanidade seus benefícios inefáveis até os nossos dias em que o sol, símbolo do ar livre é além de medicina eficaz, a base da higiene.

Quarta: de ordem moral, por ser o sol a astro que vive, para das alturas aquecer e iluminar todos os seres, em analogia com a ciência, especialmente médica, que deverá humanitariamente, e com elevação zelar pela vida de todos os homens sem distinção de classes, nacionalidades, intelligenças, cultura, moral, etc., cuidando dos grandes problemas sanitários do mundo.

Quinta: de ordem pedagógica, por ser o sol símbolo do trabalho, que nele é pontual e perseverante, em analogia com a vida do homem da ciência, que nunca deve furtar-se ao dever de prestar a ela o mais decidido apoio e dar máximo do seu esforço em prol do progresso científico.

Dentro da aureola solar que circunda o distintivo encontra-se uma faixa verde esmeralda, com dístico: "Faculdade de Medicina de São Paulo"

São três as razões de ser verde essa tarja:

Primeira: ser essa cor da esmeralda, pedra simbólica da medicina, adotada pelos médicos como seu distintivo.

Segunda: ser ainda a cor dos mares e dos vegetais duas ricas fontes de vida e de saúde a que a humanidade muito deve. Fica assim representada a medicina doméstica, praticada por herbanários em todos os povos.

Terceira: por ser ainda o verde símbolo da esperança que nunca há-de abandonar o médico no exercício do seu apostolado clínico ou de pesquisas, lembrando que a ciência de todos os tempos registra casos extraordinários de cura.

Os caracteres do dístico são de ouro, simbolizando o desejo que deve existir em todos os estudantes de ver sua escola valiosa pelos seus altos méritos científicos.

A seguir, contornando o dístico pelo lado de dentro, vem a figura da cobra, cujas extremidades envolvem uma tarja que se acha pousada na parte inferior do círculo.

A cobra e tarja, encerram três símbolos:

Primeiro: são símbolos seculares da

farmácia (a tarja), filha da química e neta da arquimia (a serpente), em que os reptis desempenharam papel relevante, de que a terapêutica se serve para a composição dos remédios.

Segundo: por uma analogia moderna a cobra representa ainda a serumterapia, que cada vez ganhou maior terreno na medicina contemporânea.

Terceiro: representa ainda pela sua natureza selvagem e hostil, o solo americano, dando a nota regional e sugerindo o dever que medicina brasileira tem de vencer os problemas sanitários nacionais.

Sob a tarja acha-se um papiro com a palavra grega representando não só os "aforismos" de Hipocrates, como toda a sabedoria médica clássica.

A razão de ser branco esse papiro, é simbolizar a clareza de que se deve revestir toda a verdade científica, e a pureza e simplicidade de todo o verdadeiro homem de ciência, restaurando uma tradicional moral científica em oposição ao cabotino, ao perfuntório e ao pedantesco.

A palavra grega representa o respeito que todo homem de ciência deve ter pela sabedoria do passado.

Ocupa o centro do distintivo a figura de um templo grego (ascleopia) consagrado à Esculápio, que se desenha em branco sobre fundo verde.

O templo resume-se em quatro colunas, um frontão, pousadas sobre três degraus.

A ascleopia simboliza não só a primeira organização da arte médica da antiguidade, como também, o monumento da ciência médica contemporânea. É branco e ocupa o centro da figura para melhor exprimir preponderância da profilaxia, para a qual convergem todos os esforços da medicina.

As quatro colunas que sustentem constituem templo, representam as quatro épocas culminantes da ciência médica, com Hipocrates, Galeno, Bichat e Pasteur.

RAZÕES ESTETICAS

Os "leit-motivs" da linha estética do distintivo, são: o sol que fornece a disposição geral em círculo dos diferentes elementos, o templo grego, cujo frontão determina o ângulo em que foram estilizados todos os pormenores.

Esses dois ritmos: o círculo e o ângulo do frontão do templo, pelo caracter austero de suas linhas puras e simples, imprimem à insignia um cunho de sobriedade e discreção condizente com a natureza de uma agremiação científica.

O círculo inspirado no disco solar achase observado na tarja em que se lê o seguinte: "Faculdade de Medicina de São Paulo", na serpente que contorna a faixa pelo lado interno e no círculo central em que se acha inscrito o tempo"

A palavra grega posto que fóra da linha geral do desenho, segue o mesmo movimento.

Essa linha circular, exprime, pela sua

(Conclde na pág. 36)

Redatores: — José Martins de Barros, Artur de Almeida e Oscar R. von Pfuhl.
Redator esportivo — Carlos Schelini.

1941 — Ano XII — Ns. 37.

Diretor — Euripedes Garcia.
Redatores — Fabio Coffi, José de Guarnieri Filho Palmiro Rocha.

1942 — Ano XIII — Ns. 38-39.

Diretor — José Martins de Barros.
Redatores: — João Belline Burza, A. beid Adura, Paulo Homem de Melo Isaac Mielnick.

1943 — Ano XIV — Ns. 40.

Diretor — Hermelino Gusmão.
Redator-chefe — João Belline Burza.
1944 — Ano XV — Ns 41-42.
Diretor — João Belline Burza.

Redator-chefe — Hermelino Gusmão.
Secretário — José Martins de Barros.

Redatores: — Palmiro Rocha, Dulio Crispim Farina, Oswaldo Forattini e Armando Botter Bernardi.

FRASES CÉLEBRES

— A F. A. M. não tem cor política (Jabra).
— Eu não sou candidato. (Burza).

— Pô... pô... sabe que eu estou ficando avacalado, não estudo nada? De pois não é... sabe o que é? (...).

— Bomba atômica! Bomba atômica, isso sim. (Locchi).

— Bem, agora deixemos o saco de lado (Lordy).

AJUSTE DE CONTAS

Abel ludo

Na calada da noite se encontraram
O nosso Plínio Vieira e o Plirts Nebó.
E discussão bem rúde então travaram:
Um dizia “tá-tá”, o outro “tô-tô”.
As famílias, porém, não se zingaram:
Respeitaram mamã, titi, vovó.
Se não me acreditarem, leiam só:

PLINIO

Você, “caro” Nebó, saiba que eu li
A infâmia que escreveu no “Bisturi”.

NEBÓ

Não seja besta, veja que foi um sapo
Que escreveu de você, um tal “Farrapo”.

PLINIO

Besta é você, e muito caradura,
Pois saiu com Farrapo e assinatura.

NEBÓ (Pensando: “A Redação me
paga!”):

Que seja eu o autor, há nisso mal?
Foi leve a brincadeira, por sinal...

PLINIO

Não continue, Plirts, cara de apache.
Onde é que a brincadeira me foi leve?

NEBÓ

Devagar! Você não quer que eu o es-
[cache,

Como a ofender-me, então, aqui, se
[atreve?

PLINIO

De modo algum, seu bilontra,
Com seus roncões me amedronta.

Eu quero é satisfação
Por aquilo que está escrito.

Se não, eu pulo no chão,
Pulo, pulo, grito, grito.

A Geni é loura, sim
(Salvo mais exato juízo).

E achei-a no paraíso,
Cheirando a cravo e a jasmim.

Esse lugar que eu refiro
E que Eden chamo sem medo,

E’ mui belo e bom retiro,
Onde o Lotujo e o Macedo

Vivem a dar seu bom giro.
Não mexa mais co’a Geni

Nas folhas do “Bisturi”,
Se não eu lhe dou um tiro.

NEBÓ

Ora, Plínio, tenha dó,
E’ o seu amigo Nebó

Que emocionado lhe fala.
Só por causa do Farrapo

Você quer me dar sopapo
E me mimar co’uma bala?

PLINIO

“Cê” é bom de bico, rapaz.
Veja se me deixa e mpaz

Também com a tal natação.
E você? Será esportista?

A ninguém você despista,
Pois não está em condição,

Que como futebolista,
Você solta bem rojão.

NEBÓ

Por favor, não vá zombando
Do meu “bambismo” no esporte,

Que nas minhas qualidades
(Desculpe-me as veleidades),

Você estará aplicando
Um duro golpe de morte.

PLINIO

Mas aqui não paro, não.
Quem é que vive em salão

Das mais infectas gafieiras?
Aos domingos, às segundas,

Às terças e quintas-feiras?
Com negras tão dansabundas?

Quem é que muito se ufana,
De, em mais de uma caravana,

Ter deixado em cada vila
Uma “boneca” infraquilha

A’ espera da sua volta?
Da sua volta, oh! oh! oh!

Quem é que a garganta solta?
E’ você, “caro” Nebó.

NEBÓ (Vendo as coisas pretas)
Vc:é não compreende, Plínio,

Que você faz o assassínio
De uma amizade que é antiga?

Veja só, Plínio e Nebó
Ora veja, veja só,

Que a parêlha nunca briga.
Vamos andar na cidade,

Vamos ver se há novidade.
Apreçar u’a “dona boa”,

Que seja um belo “tutú”.
Vamos, antes, “cervejar”

Vejamos quem vai pagar:
Escolha: Cara? Corôa?

PLINIO

Eu prefiro “Caracá”.
E não façamos folia,

Que amanhã... é Anatomia.

Os tres mosqueteiros

Soldado da minha Terra

Walter Belda

Nestes tempos de agora, no reinado de S. M. Montenegro, num dos seus domínios em que impera temeroso Dom Locchi e os príncipes Calazans e Odorico (todos os 3 técnicos em bombas anatômicas), vivem encerrados nas catacumbas pintadas de branco, maculadas por traços pito, rescos e expressivos, os 3 mosqueteiros.

Em volta das mesas em que se amontoam pernas, braços, troncos e cabeças, com os olhos afogeados, os lábios contraídos em riso escarneador, gesticulam, do violento e agressivamente, se entornam, em bancos ventilados, estes últimos representantes das éras dos espadachins.

As palavras ora ásperas, ferinas, ora em suaves expressões, jorram em catadufas extasiadas e emocionantes para os outros homens vestidos de branco que circulam pela sala a aspirar os eflúvios embriagadores de delicioso extrato de carne diluído em formol.

Façanhas sem número são relatadas em termos pomposos, em gestos arrogantes e altivos, com a displicência dos orgulhosos de seu valor. Cada qual mais imbuído que o outro na crença de ser forte, não procura domar o escarneador sorriso a despontar numa ligeira contração do ri-ori-us, motejando o palrador companheiro de aventuras. Todos se exprimem na mesma linguagem, ao mesmo tempo, num barulho ensurdecedor misturado ao do arrastar de bancos, de molinhas apimentadas em passo de batucada marcado pelo bater compassado do bisturi.

Lá os encontrei um dia, mais bravos que punca, heróicos representantes dos homens de honra do passado, de peito e coração de aço, de punho veloz e certoiro nos botes para afastar perigos, sedentos de sangue e de glória.

O escuro das pálpebras realçava o brilho de fogo dos seus olhos, as faces macilentas demonstravam o seu esforço titânico nas lutas frequentes. Eram sim, eu o cria, homens de verdade, de carne pouca, de ossos rígidos de pele curda pelo sol dos campos de batalha, pelas bravatas pitorescas nos 4 cantos da cidade, a dar receber cutiladas na conquista de amores.

Os vultos brancos prenderam a respiração. Algo sucedia de estranho, de fenomenal, de magestoso, exarado nos perigos que poderiam dele advir. Taciturno e cruel, o pequeno em tudo, menos na coragem sem par. — Mattar, o menor dos mosqueteiros — empunhar enorme bisturi como se fosse um canivete de limpar unhas, mostrava todo o fel que lhe ia na alma, numa voz tonitruante. Os olhos

abertos dardavam chamas no magestoso Américo zombador de seus atos temerários; a boca aberta despejava a carga avassaladora que se esvaia na calma fleumática daquele.

“Miserável” — exclamava “Le Grand petit” — contador de lorotas, verme dos vermes, cheirador de defuntos, desafio, lhe para um duelo”.

Tudo foi disposto nos costumes cavaleirescos. Acodando Le plus formidable de cete troupe — Le Foguinho — elegeram-no padrinho e juiz da contenda.

Dois gentishomens nas noites de lua redonda, dois leões nas noites sem lua a cata das patrulhas policiais, iriam se defrontar numa luta de morte.

A notícia fez furor naquelas catacumbas. Apostas colossais, calorosas discussões eram entabuladas em todos os grupinhos. Até os cadáveres apostavam.

Magnífico, — exclamava eu — que fuero para o bisturi. Esta história fará sensação nos anais científicos deste bloco gigantesco de pedras ócas.

Mas onde estariam eles. Em que recanto sombrio, morto, estaria agora um dos grandes mosqueteiros? Rebuscara todos os recantos propícios a semelhante desavença; fora à Patológica, ao laboratório do Locchi, ao bar do Luiz, visitei os recantos de São Paulo, nada. Altas horas da noite, cansado, a suar em bicas, desgostoso com o meu fracasso, entrei no Pinguim, resolvido matar a tristeza de meu coração atormentado.

Incrível, senhores, não podia ser; lá estavam eles, todos os 3, Le Grand Petit, Américo e Le Foguinho num canto afastado. Pilhas e pilhas de fichas juncavam a toalha úmida de uma mesa redonda.

Le Grand Petit Vespucci, cabeças emborcadas na mesma, entre os braços cruzados, roncavam alto. Le Plus Formidable, olhinhos a vista, arguia sem fineza os canecões loiros derramava na guela monstruosa nectar dos beberros. Limpava os lábios nos punhos da camisa, e soltando gargalhadas e cantando a “Amélia que era mulher de verdade”, empurrava os dois anõesinhos nesta arte de gigantes em que era rei.

Não era possível crer em semelhante visão, em semelhante duelo! Decerto delirava! Passei mão pelo rosto, fechei os olhos, abri-os, lá estavam realmente eles! Resolvi então desmaiar, desmaiei.

Contaram-me no outro dia que um anjo da guarda, Kurban, levou-os para casa.

E’ só isso.

MOSQUITO

MULHER!

E a neblina envolveu
Aquele misto de anjo e demônio,
Deixando perfume suave, desapareceu
Ião depressa como num sonho.
Quem teria passado por mim?

Anjo?
Sim! quando tu passavas
Parecia que voavas.
Fão bela estavas.
Lábios lindos, rubros a carmim.
Seria anjo
Quem passou por mim?

Demônio?
Sim! Um desejo tremendo
Foi me envolvendo.
Tive vontade de enlaçar-te
E em meus braços matar-te.
Quiz beijar tua boca rubra a carmim.
Seria demônio.
Quem passou por mim?

E a neblina envolveu
Todo aquele anjo e demônio.
E tudo se desvaneceu
Como num sonho.
Apenas ficou um coração vazio,
Calado, triste e frio.
Porque, homem, dei-te a vida
Amante, dei-te todo amor.
E hoje triste relembro
Que naquela madrugada
Passou por mim uma mulher,
Mais nada.

WALTER

Do Grande Hotel e Casino “Termas de Ibirá”

Recebemos o seguinte:
Ibirá, 21 de junho de 1945.
A’ Redação do “O BISTURI”
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Capital.
A’ atenção do sr. Mauricio Fang.
Prezados senhores:
Recebemos, carinhosamente, o exemplar do órgão de imprensa que tão bem representa pensamento acadêmico dessa digna e respeitável Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, bem como o s’ estimado officio, o qual nos sugere, excelentemente, a recepção a um grupo de acadêmicos por 10 dias em nosso Casino, aqui em Ibirá.

No momento, não estamos com n’ instalações principal concluída, que não nos permite acquirir ao seu pedido. Inauguramos, realmente o Grill. Casino o Anexo ao Grande Hotel Termas de Ibirá. Este traçado sob exemplares da mais elevada categoria deverá ser inaugurado até data próxima ao fim deste ano. Depois desta época teremos prazer em receber novo officio dos acadêmicos de Medicina e estudar um programa de recepção contigue e próprio para finalidade de repercussão tão bem lembrada por Vv. Ss.

Aguardando novos favores de Vv. Ss. e da agremiação distinta “Centro Acadêmico Oswaldo Cruz”, subscrevemo-nos, Atenciosamente.

J. Lemos & Carpegiani

Soldado de minha terra!
Soldado do seringaí bravo,
do quente chão norestino,
do coqueiral baiano,
do garimpo goiano!
Soldado das praías da Guanabara,
das terras do Aleijadinho,
dos cafezais paulistas,
da terra dos pinheirais,
soldado do pampa gaúcho,
soldado da minha terra!
De teus oito milhões
de quilômetros quadrados,
cem milhões de braços
coroam-te de louros,
cincoenta milhões de bocas
te cantam!

Soldado de minha terra,
em tua terra natal
milhões de irmãos gritam:
Soldado do meu Brasil,
tua missão não é finda.
Olhar no futuro!
Empunha teu fusil embalado
impõe em tua terra
a Liberdade que conquistaste
tingindo, com teu sangue viril,
a neve branca das terras
do Lácio longínquo!
Soldado de minha terra!
soldado lavrador,
soldado operário,
soldado estudante,
dispara tua metralha potente
contra os bastardos
que trocam o
“Auri-verde pendão de tua terra”,
o canto de teu Ipiranga,
por côres estrangeiras,
por hinos que não te cantam.
Expulsa-os da tua terra.
Empunha teu fusil,
soldado valente,
constroi uma terra livre,
de homens livres e idéias livres,
então que ecõe por bús e mares,
pelos prados e montanhas,
pelas oficinas e universidades,
teu canto de homem livre,
glorioso soldado de meu Brasil!

Julho — 1945.

LABO’ E NEBO’

Esta história é dedicada ao doutor Plirts. Qualquiera similitudine com personas mortas é mera desgracia.

APOLONIUS

Há sete anni NEBO’ servava o LABO’.
Ma non servava o padre si a Gabriella,
Uma gualhona cherosa e ajeitadinha,
Qu’ilo teneva mal intencione co’ela.

Ma o LABO’ non era troxa e ao NEBO’
In veis da Gabriella dio a Lia,
Uma mulata que era una bruta niera
Piú puzzulente qui queias da Anatomia.

Quando o NEBO’ se percebeu e vio
Que teniva in casa quella fetendoria,
Ficó qui nem una malinha fera.

E chigando pró LABO’, assim parló:
“Usté pensa qui jo soy caçador di me-
[lanina,
como o Plínio, Zé Meira, Foguinho e
[compagnia bella?

Luar

Se é sonho não sei! Só sei que a lua
no céu azul e vasto mui colada,
enche de luz natureza nua
e põe sombras na noite sossegada.

Branda neblina no ar flutua,
em forma vaga e leve transformada,
as coisas abraçando e continua,
fugindo à vista, na amplidão calada.

As folhas, modulando triste canto,
gemem à ação do vento qu’as arpeja,
no silêncio que enche o espaço, enquanto,

do olhar piedoso de piedoso mago
vem o luar que docemente beija
a água mansa e fria de um lago.

REMO RUIZ TELLINI

Memórias de uma viagem a Franca FORNEIRO - FORNALHA

— Boa tarde dona, A senhora conhece aquele bicho chamado chupança? Nós somos doutores lá de São Paulo; nós viemos examinar todas as casas pra ver se tem a chupança porque esse bicho dos diabos está dando uma doença no povo.

Depois desse introito inicial de identificação lá se ia a comissão de estudos do Dip de Medicina Social examinar os lares do município de Franca, na busca do perigoso triatomídeo transmissor do Mal de Chagas.

As imagens se sucediam idênticas àquelas de Freire, Pereira Pena outros, com uma aterrorizante semelhança.

Cada casa que visitávamos não era mais do que uma reprodução fiel da anterior, como se tivéssemos colocado diante do espelho.

Pau pique — barbeiro nas frinças.

Arroz magro no fogão. Cama dura improvisada povoada de percevejos, chupanças. Num canto uma criança magra, anêmica — verdadeira carniça de vermes — subnutrida, arqueada ao pilão a gemer de dor nas cadeiras... O pai na roça que apesar da maleita, amarelão, Mal de Chagas ainda guarda no corpo infecto uma gotícula de sangue que mal faz mover enxada desacar terra.

Miguel Pereira disse: “O Brasil é um vasto hospital”, mas qualquer indivíduo que se ponha em contato com a zona rural verá que diante da realidade brasileira essa frase perde muito da sua expressão pois se num hospital temos doentes, temos médicos e enfermeiras, no Brasil temos apenas doentes desamparados, abandonados à fúria incessante dos microbios dos e das intemperies.

O nosso povo é um conjunto de raquiticos maleitosos, verminóticos subnutridos que apesar de viver num sólo fértil generoso, não tem forças para cultivá-lo.

Supliciado é que é... pois anteveendo paraíso vive no inferno.

MANOEL MUNHOZ

REVOLTA

J. C. Araujo Jorge

Não! não quero bocas fartas relaxadas
Pelas desejos,
Frias
E saturadas de beijos,
Saturadas
E vazias...
Bocas que deixam manchas noutras bocas,
Tatuagens efêmeras e loucas
De segundos de amor que estertoram de
[tédio...
Nem quero essa mulher que me dá seu
[desejo
com gestos indiferentes
de alguém que ofertasse aos meus nervos
[doentes
um fictício remédio...]

Não! não quero mulheres inúteis
e lídicas,
fúteis
conhecidas
como certos romances de edições proibidas
[das
sem dono e sem autor,
— não quero só dois braços, não quero
[só dois seios,
nem quero apenas um corpo apertado ao
[meu peito
nem quero apenas um leito
seja ele qual for!]

Não! não quero mulheres estereis com
[os olhos estagnado
e sem luz,
de carnes infecundas como as terras can-
[sadas
ou as águas paradas
dos países!]

Não, não quero abraços mercenários
e frios,
de braços que “Lembrando amarras de
[navios
tendem-se a qualquer coisa...”]

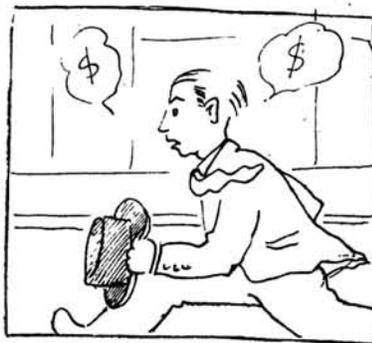
Eu quero muito mais... Eu quero muito
[mais!!!]

Um monstro de aço,
sem perna, sem braço,
com uma boca no ventre
rubro de quente,
rumina ferro, rumina hulha,
cospe lava e fagulha
no bojo engelhado
de um cadinho espetado-
em seus membros abertos.

O cachimbo pendente,
o dorso esplendente
banhado em suor
de tanto calor,
— um descaço profundo
pelas coisas do mundo,
o forneiro trabalha
esvurmindo fornalha
com ritmo certo.

Solene, moroso,
como quem plasma zeloso
obras da alma,
vislumbra com calma
no ferro, na hulha,
na lava e fagulha
a multidão que se agita
na ânsia infinita
de um instante de vida,
se consome na lida
como o monstro de aço,
sem perna, sem braço...

ADHEMAR FIORILLO



— Antes que algum aventureiro lance mão deixa ver se “agarro” aquele bico de propagandista de produtos farmacêuticos...

CANTIGA DE ADEUS

A. P. M. C.

Adeus!
Some na distância antes que eu chore.
Adeus!
Some na distância antes que acorde.

Desenha tua silhueta na estrada,
Alonga tua sombra p'lo caminho.
Foge na última revoadada,
Esquece o ramo do último ninho.
Nem te vires sequer, para traz,

Nem agites sequer, tua mão.
Deixa comigo, sombra fugaz,
Um sonho em forma de coração.
Adeus! Tens pela frente uma estrada.
Adeus! Tens à frente o esquecimento.
Vais da minha retina cansada,
Mas não te vais do meu pensamento.

Some na distância antes que eu chore,
Some na distância antes que acorde.
Adeus!

C.

“Sôbre a Casa de Oswaldo Cruz”

Escrito pelo DR. JOSE' ORIA

A atual diretoria do “Centro Acadêmico Oswaldo Cruz”, sob a inteligente e ativa presidência de Burza, pretende pôr em andamento a magistral idéia de uma residência de estudantes sob a égide do seu grande patrono. Pedimos pois uma opinião a respeito do que desejam crear.

Seria notável realização a construção de um edificio que contivesse não só a sede do C.A.O.C. como a da Associação dos Ex-Alunos e Centro Social cultural dos diferentes departamentos, quer da agremiação estudantil, quer da ex-estudantil.

Já esse último plano, posto em prática seria de grande realce: o de unir-se em cadeia de contiguidade e continuidade os alunos com os diplomados desta Faculdade, o de estreitar em laços materiais e espirituais, os jovens com os mais experimentados. Que enorme beneficio poderiam auferir os acadêmicos (e porque não?) os próprios médicos com este recíproco contato, com esta atmosfera de mútua influencia e indução! Isso, através das várias modalidades de aproximação: desde simples palestra nas horas de lazer, até às atividades culturais e científicas mais destacadas: reuniões, concêrto, congressos, leituras, discursões em seminário, ciclo de conferências, aulas, cursos, etc.

A “Residência” oferecendo bolsa de estudos ou de viagens para os que dela necessitarem, compreendendo aqui a indicação daqueles estudantes que se esforçarem mais para seu próprio preparo e para a grandeza da escola, deveria ser amparada por um patrimônio de proporções não pequenas. Para isso, seria interessante iniciar-se desde já uma campanha junto aos que pagam impostos sobre lucros extraordinários... A exemplo do que fazem os magnatas norte-americanos que distribuem em fundações especiais, parte desses lucros, também aqui entre nós, conviria orientar para attitude semelhante, nossos grandes financistas, comerciantes, industriais, etc., prometendo-lhes em troca a oferta simbólica da égide e da indicação do nome nas diferentes secções da “Casa do Estudante”.

Quanto à finalidade espiritual: as secções da parte cultural é que devem formar a organização fundamental do novo edificio. Só através das manifestações espirituais é que se congregam as energias de inteligência. O pensar em comum acôrdo, de modo elevado, eis como aparece uma elite. E por mais que se queira nivelar, são ainda os elites que orientam as forças humanas. Num Universidade é isso vem a ser o tão famoso, quão culto “espírito universitário”. Comunidade intercâmbio: cooperação e senso de equipe.

Desde já porém é necessário preparar um certo clima mental, que possa construir por assim dizer a casa espiritual antes de fundar o

edificio.
A juventude deve pois:
1) Instituir um maior apêgo à Universidade sem preocupações estereis pelas falsas demagogias. Cooperar com sacrificio nos estudos. Exigir-se a si próprio número de horas de trabalho com disciplina elevada.

2) Organizar um plano de critica superior sobre os Cursos, e sobre o ensino universitário sem o ataque direto e pessoal, pois este, embora quasi sempre bem aplicado, é geralmente inutil e fere melindres. Usar-se meios indiretos e suaves, é preferivel.
3) Aconselhar-se com homens de maior experiencia que tenham acuidade analitica dos diversos problemas que interessam inquietam as novas gerações, crear para isso comissões consultivas sem o significado meramente social, ou seja afastar-se dos chamados “medalhões” que procuram apenas aparecer. Entre outras, por exemplo, buscar o apoio moral, intelectual e material dos “Fundos Universitários de Pesquisa” e de outras instituições universitárias e para-universitárias.

4) Procurar entre os acadêmicos o right man para diretrizes intelectuais especificas. E sumamente árdua a escolha dos valores humanos para dirigir, fiscalizar e conservar os diferentes departamentos que um dia constituirão o patrimônio estudantil. Geralmente estes valores devem ser muito simples, mas de grande força moral. A prática ensina que os individuos muito salientes, sabidos prestigiosos, complicam as coisas quando não as destroem.

5) Exigir uma cooperação forte entre todos os representantes das classes acadêmicas. Unir os estudantes da escola evitar a separação. Congregar os universitários e ex-universitários por meio de reuniões preliminares. Formar enfim uma frente única universitária. Para isso: a) isenção total de fins políticos; b) propaganda intensa por meio de palestras, panfletos, rádio, jornais, etc.; c) procurar instituições culturais científicas que prestigiem o novel residência.

6) Criar desde já Boletim periódico da “Casa do Estudante”. Utilizar-se de certos jornais que facilitem a publicação diária de notícias do que se faz e se vai fazer. Dar entrevistas, chamar atenção do grande público, dos poderes oficiais, etc.
7) Criar a imprensa própria. Fundar uma revista de caráter cultural ou aproveitar “O Bisturi”, remodelando-o. A faceta humoristica deste expressivo jornal, poderia continuar, porém com mais serenidade... (Tenho notado ultimamente alguns deslizes... Além disso, há colaboradores que enviam coisas pueris que ue lembram aquelas “berlindas” publicadas em jornalezinhos do ginásio). A imprensa da “Casa de Oswaldo Cruz”, precisa estar na altura do patrono da esplêndida mentalidade, do es-

tudante paulista. Lembro-me por exemplo, de exemplares há anos tive em minhas mãos, de uma magnifica revista da Residência de Estudiantes da Ciudad Universitaria de Madrid. Colaboração de primeira água sobre todos os assuntos culturais, inclusive por autores estrangeiros de renome. Porque não fazer coisa semelhante?

8) Editora universitária. Ou crear uma, ou entrar em contato com editoras existentes. A Renascença por exemplo, tem significativas e ótimas relações com a Universidade. Os estudantes apontariam livros ou autores que merecessem divulgação, publicação, tradução, etc.
9) Livraria para universitários. Aquisição facil de livros para os mesmos. Abonos, descontos, prêmios em livros, dados aos estudantes em certas circunstâncias.

10) Rádio, cinema, teatro, orquestra e coral universitários. A) Rádio: porque não construir uma pequena estação de Broadcasting, de combinação com as outras escolas, aproveitando-se do material e do magnifico pessoal do gabinete de Física da Faculdade de Ciências?

Caso isso seja impossivel, arranjar 1/4 de hora diário que seja, em cada uma das estações da capital. B) Cinema: o cinema educativo está entrando na Faculdade. Conversar com os membros do mesmo: profs. Souza Campos, Jayme Cavalcanti, Renato Locchi e outros, para estabelecer o plano definitivo anexando-se ou aproveitando-o para a casa dos estudantes. C) Teatro: há um teatro universitário fundado por Decio de Almeida Prado. Originou-se da Faculdade de Letras. Procurar entrar em contato com mesmo. D) Orquestra: já há uma organização em andamento. Procurar Dr. Hilário Veiga de Carvalho, do Depto. de Medicina Legal, para que se conluque o seu interessante plano de orquestra de amadores, com os propósitos musicais que porventura venha a ter a Casa de Oswaldo Cruz. E) Coral: o maestro Arquerons do Coral Paulistano, da Municipalidade, estava há tempos em contato com os estudantes da Faculdade para dar os primeiros passos na formação de um Orfeão. Houve na ocasião, apenas algumas dificuldades de ordem material. As horas dos ensaios poderiam ser à tarde, visto o maestro Arquerons ter suas noites tomadas. De qualquer modo, entrar em entendimento com o mesmo. Um orfeão da Residência de estudantes daria grande prestigio à instituição.

Assim, passamos em revista sintética as principais aspirações cabíveis no projeto grandioso da nossa “Casa de Oswaldo Cruz”. É um mundo! Mas assim é a juventude; cheia de aspirações generosas, cheia de idealismo nobre, cheia de vida. E para conter essa vida é preciso mesmo um mundo! DR. JOSE' ORIA
Livro docente de Histologia e Embriologia

POSSE DA PRIMEIRA DIRETORIA DA SOCIEDADE DE NUTRIÇÃO E ENDOCRINOLOGIA

São Paulo, 23 de agosto de 1945.

Imo. sr. redator do “BISTURI”

Realizou-se no dia 16 de maio p. p. no salão de conferências da Sociedade de Medicina Cirurgia de São Paulo a solenidade de posse da 1.ª diretoria da Sociedade de Nutrição e Endocrinologia.



A Diretoria eleita

A novel agremiação que surge agora, mercê dos esforços de um punhado de rapazes desta nossa gloriosa Faculdade conta na Diretoria os seguintes nomes:

Presidente Joaquim Lourenço.

Vice-presidente, Reynaldo Pascoal Russo.

1.º secretário, A. C. Pacheco e Silva Filho.

2.º secretário, Walter Bloise.

1.º tesoureiro, Osvaldo Pinto Mariano.

2.º tesoureiro, Décio Aranha Pereira.

Orador, Scharif T. Kurban.

Bibliotecária, Heda Arminante.

Abriu sessão prof. dr. Franklin A. de Moura Campos, pronunciando em seguida uma palestra na qual em brilhante síntese historiou desenvolvimento da Endocrinologia. O conferencista prendeu a atenção da assistência, graças a beleza de oração fluência de palavra, mostrando aos presentes quão sedutora atrante é a ciência dos hormônios.

Falou em seguida o orador da Sociedade, que teceu comentários em torno da fundação e das finalidades do novo órgão que acaba de ser criado.

Continuando sessão, o sr. Presiden-

te cumprimentou o dr. Atilio B. Fiosi pela feliz orientação dada ao curso de Semiologia Endócrina, oferecendo-lhe um pergaminho, após o que foi feita pelo homenageado entrega dos certificados de conclusão do Curso.

Fizeram jús aos diplomas os seguintes acadêmicos: Gaspar J. Lopes, Guilherme Mattar, Masagochi Goto, Mauro

S. Solferini, Joaquim Lourenço, Nicolau Szasz, Moacyr Bohn Nobre, Nelson Gimenes, Gabriel Russo, Scharif T. Kurban, Osvaldo Paulo Forattigi, Osvaldo Pinto Mariano, Renato F. Mendes, Reynaldo Pascoal Russo, Remo Ruiz Tellini e Walter Bloise.

Logo depois Presidente do C.A.O.C. João Bellini Burza, em belíssimo improviso hipotecou apoio à Sociedade que ora se fundava, externando também sua satisfação por ver coroada de êxito mais outra iniciativa partida do seio do corpo discente da nossa Escola.

Agradecendo presença dos componentes da mesa das famílias presentes, foi encerrada a sessão pelo Presidente da Sociedade.

Como vemos colegas, semente está lançada caindo em terreno tão favorável como é nosso por certo frutificará elevando ainda mais o nome e projeção científica da Escola fundada por Arnaldo Vieira de Carvalho.

Agradecendo publicação do mesmo subscrevo-me atenciosamente

Walter Bloise — 2.º secretário.

DIA INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES

Desde 1941 dia Internacional dos Estudantes é comemorado em todo mundo pelos estudantes detodas as raças credos politico-religiosos.

Não nos recordamos entretanto, de que tal dia tenha sido, cá entre nós festejado, si bem que, há 3 anos instituído pelo Conselho Internacional de Estudantes com sede em Londres comemorado em todo o mundo com grandes pompas e festividades.

O massacre de estudantes na Tcheco-Slovaquia, levado a efeito pelos nazistas em 17 de Novembro de 1939, tornou-se em 17 de novembro de 1941, o símbolo dos estudantes de todo o mundo.

De Chungking à Costa Rica, de Moscou à Delhi, os estudantes pararam seus trabalhos, para ouvirem os sinos que repicavam pelos seus colegas tchecos, mortos em holocausto à liberdade.

Em certos lugares as demonstrações foram verdadeiramente espetaculares.

Em Quito cerca de 6.000 estudantes, reunidos na Universidade Central, ouviram palavra de seus mestres, que em eloquentes orações homenagearam os estudantes tchecos.

Durante cerimônia fizeram-se ouvir inúmeras músicas nacionais tchecas, tendo sido queimado em praça pública a effigie de Hitler, enquanto outra foi colocada no assaio da porta principal para que todos os estudantes ao passarem, pisassem nela.

Em Havana, milhares de estudantes vieram às ruas com suas fanfarras e bandeiras. Fundou-se Federação Nacional dos Estudantes consagrou-se dia 17 de novembro como dia de luto.

Em Costa Rica o “Consejo Estudiantil Universitario” “Federação Nacional dos Estudantes” realizaram no Teatro S. José um grandioso “meeting” presidido

pelo Ministro da Educação.

A Federação Uruguua de Estudantes organizou em Montevideo uma “marche aux flambeaux” até Legação Tcheca onde falaram diversos oradores.

Na Venezuela o dia 17 de novembro recebeu especial carinho da imprensa nacional que dedicou sua 1.ª página às inúmeras homenagens prestadas aos tchecos, sendo declarado feriado estudantino.

Idênticas homenagens foram prestadas na Universidade de Wellington, no Canadá.

Nos Estados Unidos as comemorações não foram menos impressionantes.

Em Nova York, Ohio University, Chicago University e outras prestaram também sua solidariedade ao dia 17 de novembro.

As escolas superiores da Suíça, Malta, Nova Zelandia China enviaram seus telegramas de apoio.

Em Delhi foi organizado pela Federação Pan-Indú de Estudantes um grandioso programa de pezar.

Em Tobruk um grupo de soldados tchecos poloneses, que eram estudantes em suas pátrias, comemoraram juntos Dia Internacional dos Estudantes.

A Universidade Hebraica de Jerusalem comemorou condignamente a data.

Em Moscou e toda U. R. S. S. a Organização Estudantina Komsomol realizou reuniões de pezar.

Na Grã Bretanha todas as universidades integradas na National Union of Students comemoraram a data.

Em Oxford, Cambridge, Birmingham, Lencester, Leeds, Liverpool, Manchester, Sheffield, Welsh, Bangor, Cardiff, Glasgow, Edinburgo, todos aderiram suas vozes ao protesto geral resolveram instituir a dia 17 de novembro como Dia Internacional dos Estudantes, assegurando sua comemoração todos os anos.

Eleições do

D. C. para 1946

(INDEPENDENTE)



Joaquim Lourenço

Para Secretário

O maior “meeting” entretanto realizou-se em Caxton Hall, Londres e contou com presença de representantes do governo e de todas Nações Aliadas. tais como: General S. Ingr., o sr. secretário da Educação Mr. F. C. Douglas, ministro da Tcheco Slovaquia, Miss Sena Chivers, da National Union of Students, Miss Claude Guy, representante da França, Mr. Olav Ritter, representante da Noruega, Mr. A. Viajeic, representante da Yugoslavia. O Presidente da República Tcheca enviou seguinte mensagem ao Co gresso:

MESSAGE FROM THE PRESIDENT OF THE CZECHOSLOVAK REPUBLIC

“In connection with your commemorative gathering today I am glad to have opportunity of emphasizing the great moral and political significance of the sacrifices of November 17th, 1939. Our students on that occasion by their active resistance to the Nazi oppressors made a fundamental contribution to the fact that today, after two years, our fight has been carried so far that the defeat of Germany and Fascism are already on the way to being accomplished.

“I am here referring not only to our own struggle for liberation but to the fight for those ideals which gave birth to our freedom during the first world war and which T. G. Masaryk taught them to recognise and love; the ideals of freedom, humanity, justice and the right to live; the striving for more perfect organization of human society. It is such ideals which unite those Czech students who fell in the streets of Prague with the students of all the free nations of the world who are today together with you in recalling their sacrifice.

“The terrible oppression of freedom of conscience and of scientific research in our country, and the closing of the Charles University, of which I was once a student and a professor, and in which many of you have pursued your studies impels us all to continue in our struggle until complete victory is secured for that cause for which on November 17th, 1939, our colleagues and pupils shed their

blood”.
No final dos debates os estudantes de todas as Nações Livres reunidos, fizeram seguinte declaração conjunta, que transcrevemos na integra para conhecimento dos alunos desta Faculdade:

DECLARATION OF STUDENTS FOR NOVEMBER 17th

We, students of Great Britain, all her Dominions and India, North and South America, of the U.S.S.R., Belgium, Czechoslovakia, France, Greece, China, the Netherlands, Norway, Poland, Yugoslavia and all freedom loving nations, pay homage to the executed Czechoslovak students who were the first to give the signal to mass resistance against the Nazi oppressors in Autumn, 1939, and we declare:

NOVEMBER 17th THE INTERNATIONAL DAY OF STUDENTS

We, who today form a united front against all forms of Fascism and all kinds of oppression, without any distinction of country, race, class and creed and who fight with weapons in our hands in the air, on the sea and on the land for the liberty of our peoples, bow to the memory of these heroic young victims of barbarian violence who died in the vanguard of the battle, and by their dying lit a flame in the darkness which can never be put out.

We declare that November 17th shall always be for us not only the day on which free students everywhere shall pay tribute to their dead Czechoslovak fellows and to those who are still in prison and concentration camps, but it shall also be the day when we will remember with fervent determination the ideals for which they suffered and are suffering.

Realising that the triumph of Fascism means among other things the death of culture every where and the destruction of the brotherhood of unfettered learning, we free students give our solemn promise to do all that is in our power to crush this brutal Fascist violence and to dedicate ourselves to preventing its renewal in any shape or form.

O Dr. Barbato é entrevistado pelo «O Bisturi»

“... O treino Cirúrgico ou Médico dos sextanistas deve ser feito nas enfermarias, em paridade de condições com os médicos formados”.

A Direção do “O BISTURI” também quiz contribuir para o esclarecimento dos problemas do Hospital das Clínicas e nesse sentido encarregou acadêmico Carmine Caricchio, que além de ser redator deste órgão de defesa dos estudantes, desempenha na Diretoria Burza a função de Diretor do Departamento de Ensino Médico do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”.

— “Naturalmente que nos interessava era saber alguma coisa sobre as possibilidades de ensino do H. C. Nesse sentido precisaríamos conversar com alguém que estivesse ao par de todo aquele mecanismo, das possibilidades de ensino encerradas naquelas enfermarias, naqueles serviços especializados, no Pronto Socorro até naqueles corredores: (aqui também se aprende alguma coisa). A pessoa mais indicada para isso era, naturalmente o dr. Ennio Barbato, Chefe dos médicos-estagiários do H. C.”

O dr. Barbato, dada atenção amigável que trata todos os alunos da Faculdade, não se esquivou ao nosso pedido. Comprometido assim conosco, e após a exposição do que queríamos saber, obteve do professor Godoy Moreira permissão para nos atender.

Foi assim que submetemos o dr. Barbato um interrogatório que nos pareceu incisivo, suficiente e a que ele respondeu do seguinte modo:

1 — Que acha do rendimento quanto ao aprendizado dos internos adjuntos do Hospital das Clínicas?

— “Teoricamente as vantagens que oferece o internado são evidentes por si só. Participando dos trabalhos das enfermarias pela manhã, em igualdade de condições com os médicos adidos, tem o médico estagiário o restante do dia à sua disposição para acompanhar novos casos ou para estudar, sem preocupação de qualquer ordem. A presença constante de Assistentes no P. S. ajuda-nos na resolução das dúvidas que possam surgir. Os plantões no P. S. permite-lhe conhecer casos de urgência em número e qualidade tais que não encontram paralelo em qualquer outra condição.

Na prática, até momento não houve nenhuma determinação do Conselho de Administração que diminuisse essas vantagens”.

2 — É possível proporcionar aprendizado útil a número de estagiários maior do que o atualmente estabelecido? Qual esse número, no máximo?

— “O regulamento interno do Hospital permite permanência de 27 estagiários, sendo 18 internos, em rodízio mensal pelas diversas Clínicas, e 9 adjuntos. Estes fixos nas Clínicas Médicas (3), Ortopédica e Traumatológica (1), Obstétrica (1) Radiologia (1). Parece-nos que a razão dessa distribuição, em relação aos adjuntos, está no fato de serem elas as que arcam com maior trabalho fora do período matinal. Cremos, porém, dado o caráter de aprendizado do estágio hospitalar, que deveria ser permitido, quando houvesse interessados e de acordo com o professor da Cadeira, a permanência de adjuntos nas Clínicas especializadas. Darse-ia assim a esses médicos a oportunidade de aumentar o seu rendimento científico”.

3 — Acha útil o sistema de rodízio preconizado pelo regulamento interno do hospital? Tem sido aplicado regularmente esse sistema?

— “O sistema de rodízio é de grande utilidade porquanto permite ao estagiário contato íntimo com as diversas Clínicas antes de sua fixação numa delas. Ganha assim visão mais ampla dos problemas médicos. Esse sistema vem sendo aplicado regularmente, em relação às Clínicas funcionantes no Hospital, e quanto ao seu acerto basta dizer que sua execução tem sido exigida pelos atuais internos”.

4 — Acha que os internos adjuntos têm melhorado na sua situação quanto às instalações, quanto ao tratamento e quanto às atenções por parte dos funcionários do Hospital?

— “O estágio hospitalar, nos moldes do atual, é uma inovação entre nós e como tal nem sempre bem compreendido de

início. Houve quem interpretasse como emprego público como tal, dado que o valor de um emprego público é traduzido pelo salário, de importância insignificante quase que humilhante. Aos poucos foi se compreendendo o fim exclusivamente desse estágio, passando a merecer o estagiário a consideração devida.

Quantos às instalações ainda são provisórias, mas há a promessa formal do Presidente do Conselho de Administração de se dar ao estagiário instalações definitivas e contíguas.

5 — Acha que os estagiários têm merecido a atenção devida por parte do presidente do Conselho de Administração, do Diretor Clínico do Superintendente? Nesse particular, qual a atenção dispensada ao chefe dos estagiários?

— “Pessoalmente, quer em caráter particular quer no caráter de Chefe dos Estagiários, somos devedores ao Presidente do Conselho, do Diretor Clínico ao Superintendente porquanto têm eles se excedido em atenções para conosco. Em relação à Seção de Estagiários temos tido também bom acatamento aos pedidos feitos e estamos certos de que resolvidos os problemas maiores, passará a Seção de Estagiários a ver realizadas todas as suas aspirações”.



O Dr. Barbato ao lado do nosso Redator, posa para objetiva do “O Bisturi”

6 — Quais as relações de serviço que vigoram entre estagiários assistentes principalmente em relação ao P. S.?

— “A posição do médico estagiário, em relação ao Assistente, no estado atual, é de independência administrativa e absoluta dependência científica. Sob o ponto de vista administrativo está o estagiário mais apto a encarar os problemas sob aspecto geral ou seja, considerando o hospital como um todo. Sob o ponto de vista científico, a função do estagiário é estritamente de aprendizado, enquanto que do Assistente é de Ensino.

Em relação aos médicos adidos é que essa posição não está bem definida. No período matinal os médicos estagiários têm trabalhado nas mesmas condições que os médicos adidos, isto é, “tem trabalhado como médico adido”. Qual, porém, a sua situação em face das promoções? Tem primazia, obedecerá ao critério de antiguidade ou obedecerá a outro qualquer critério? Se prevalecer o critério de antiguidade, as vantagens que adquirir no seu estágio serão em grande parte prejudicadas. Terminado o estágio estará inferiorizado, em relação aos adidos, de dois anos (os dois anos de rodízio, sem enfermaria fixa), que lhe poderá ser extremamente danoso, principalmente numa enfermaria de Cirurgia. É uma situação a esclarecer”.

7 — Sugere alguma coisa no que diz respeito ao aproveitamento dos alunos sextanistas no P. S. e de outros alunos nos serviços de transfusão e de anestesia do Hospital das Clínicas?

— “Em relação ao P. S., é necessário

antes de qualquer comentário lembrar que esse Serviço não pode obedecer aos ditames comuns às outras Clínicas. Os doentes que a ele chegam não procuram exponencialmente, mas são ali levados, às vezes inconscientes. Pesa pois sobre o Hospital outra responsabilidade quando se trata de tais doentes em relação aos que o procuram e se submetem de “motu” próprio. Acresce que são doentes em condições precárias. São essas as razões que nos levam a pensar que o treino cirúrgico ou médico dos sextanistas deve ser feito nas enfermarias, em paridade de condições com os médicos formados, e não no Pronto Socorro. Já com algum recurso técnico, e agora como estagiário, poderá completar seu aprendizado prestando socorros de urgência. Nessas condições julgamos que a posição atual dos sextanistas no P. S. é boa: acompanham exame clínico, observam o trabalho dos médicos, instrumentam e ajudam intervenções e apenas não operam ou fazem tratamento clínico.

Quando ao Serviço de Anestesia e Transfusão de Sangue do Hospital das Clínicas, sendo eles os únicos lugares onde o estudante pode aprender essas práticas, cremos que devam ter papel saliente, isto é, que possam executar essas operações, sob as vistas dos médicos especializados e após o preparo teórico indispensável”.

8 — Acha que na situação atual os médicos alunos têm aproveitado mais, ou menos, do que na Santa Casa?

— “Dada a nossa situação somos absolutamente suspeitos em responder a esta pergunta”.

Foi assim que o dr. Barbato nos respondeu.

Naturalmente, a última pergunta não foi respondida e nós que também já frequentamos a saudosa “Santa Casa” e a estamos frequentando ainda bem como o H. C., confessamos que se estivessemos no lugar do dr. Barbato que lá passou todo o seu curso, também encontraríamos dificuldades em atender a um repórter que abordasse esse ponto.

Vemos pelas respostas que acertamos na escolha do entrevistado.

O dr. Barbato que gentilmente nos aceitou, valorizou imensamente a sua entrevista pela sinceridade com que se houve conduzir, a vista mesmo do nosso pedido no sentido de que deixasse de lado o sentimentalismo que a nós, estudantes, lhe dedica.

Louvamos o seu conceito sobre os sextanistas, pois do mesmo modo como já tivemos oportunidade de externar nesse mesmo jornal, o dr. Barbato acha que o aluno do último ano deve agir nas enfermarias como médico, para sair de fato como tal, e não apenas lhe ser permitido agir como médico após a cerimônia de formatura; neste último caso que é o que acontece, o aluno se transforma em médico, adquire experiência e conhecimentos, de um dia para o outro, após ter cumprido a formalidade de formatura.

Oportunas foram também as suas considerações quanto à permanência de adjuntos nas Clínicas Especializadas, quanto às instalações para os estagiários, no que diz respeito às promoções de médicos adidos e sobre as possibilidades dos alunos no Pronto Socorro e nos serviços de transfusão e anestesia do Hospital das Clínicas.

Como aluno da Faculdade e em nome do “O BISTURI” e do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” queremos tornar público o nosso agradecimento pelo carinho e atenção que o dr. Barbato dispensou a tão importantes problemas.

“CAMPAÑA DA BÔA ALIMENTAÇÃO”

(Conclusão da pág. 23)

uma Campanha de Alimentação, que visa ministrar princípios básicos alimentares por intermédio de estudiosos no assunto. Pretendemos ainda mais, organizar uma publicação de ordem científica com artigos recolhidos dos mais esclarecidos mestres na questão. Está no programa desse movimento o trabalho de incentivo à horta doméstica”.

O INQUERITO DA MERENDA ESCOLAR

Interrogado pelo reporter a respeito do problema da alimentação em face da mortalidade infantil enorme existente em nosso país, o sr. Nuno Braga depois de afirmar que serão feitas várias conferências sobre alimentação das crianças, nos informou:

— “De nossa parte vemos na alimentação da criança uma faceta seria do problema e atentos a ela promoveremos um inquerito da merenda escolar. E provávelmente desse inquerito retiraremos dados que falem a favor dos cuidados e medidas de proteção à criança brasileira.

Encerrando suas declarações nosso entrevistado disse: — “Manteremos o contacto com a imprensa, e tudo que julgamos útil à coletividade merecerá o nosso empenho trabalho. Queremos consignar os nossos agradecimentos ao sr. Francisco Rizzini que nos cedeu alguns minutos na rede Ipiranga, ante cujo microfone serão pronunciadas diversas conferências sobre assuntos de nutrição. É oportuno também registrarmos os melho-

res agradecimentos ao Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina que vem nos emprestando marcado apoio e orientação; ao Departamento de Higiene Alimentar da nova Faculdade de Higiene e Saúde Pública; à Sociedade de Gastroenterologia Nutrição; ao Departamento de Saúde; a todos os médicos que vêm cooperando no movimento médico-social que o Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” está organizando”.

O Departamento de Medicina Social friza bem que a sua Campanha da Boa Alimentação não se restringe apenas ao setor educacional, o qual não deixa de ser de grande importância, mas tem por finalidade também estudar alimentação dos escolares que constituem a esperança da nação; visa também o incentivo à pequena horticultura, meio econômico de se obter uma alimentação sadia; procurará enfim perscrutar a opinião dos principais nutrólogos brasileiros a respeito do problema da alimentação no Brasil para encaminhá-las aos dirigentes da Nação. Não nos limitaremos, portanto, a aconselhar ao povo o consumo da carne, do leite e dos ovos, pois estamos bem cientes de que ele não tem meios de adquiri-los como também é difícil encontrá-los. Abordaremos, conduzidos pela nossa Comissão Orientadora, tanto as faces científica e educacional, como também a face econômica da questão.

No 25.º aniversário da morte do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho

O professor Eurico da Silva Bastos, catedrático de Clínica Cirúrgica da nossa Faculdade de Medicina, ao discursar durante a comemoração verificada no jardim da Faculdade, disse, entre outras coisas, o seguinte:

"Assim a transformação, antes a recriação da Santa Casa, a fundação do Instituto Vacinogenico, das Sociedades e jornais médicos, do Instituto de Radium e sobretudo a sua obra máxima, o seu climax: a Faculdade de Medicina. Ai é de ver a segurança, a prudência, o tato, a diligência, a desambição, tudo provendo, tudo organizando, fiscalizando tudo," num belo e nobre exemplo de idealismo para criar no nosso meio, com o auxilio dos que lhe parecerem mais categorizados, o núcleo germinativo de uma grande obra, do seu grande sonho.

A obra do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho neste particular, é a do desbravador de terras virgens, do bandeirante que ele foi no bom sentido, do conquistador. Esse olhar aquilino, essa inquietação, essa sede de água nova, esse desejo de novas coisas, isso que faz os pioneiros e os descobridores, era a sua principal característica.

Pelo seu dinamismo cultural, pelo seu forte sentido de solidariedade humana, pela sua ansia constante de renovação ele pertence à mesma linhagem de J. B. Murphy, de Mayo Robson, de Lord Moy, nham, dos irmãos Mayo todos aqueles que foram em regiões diversas, os heróis e os santos da nova cirurgia, legítimos benfeitores do género humano. Dessa cirurgia que ele exerceu com uma grande proficiência e maior ternura, constituiu-se um dos pontos mais salientes da cirurgia nacional do seu tempo.

O dr. Arnaldo era um homem de caracter, na plena força da expressão. Isto é, um homem de princípios, sacrificando todas as conveniências a esse código de humanidade tão difícil de ser preservado no meio do progresso material e intelectual. Não que eu pense ser civilização moderna incompatível com o caracte-

ter, nem que hoje, como ontem, não haja homens de caracter em meios civilizados ou primitivos. Mas é mais difícil ter caracter à medida que cresce este progresso material e intelectual. Cria-se um clima de aceitação, de coexistência, de ecletismo, de política que torna árdua a vida dos homens de caracter. Ainda sob esse angulo avulta sua forte personalidade que transborda da ética profissional inatacavel para se expandir em nobres campanhas patrióticas, na liga nacionalista de que foi vice-presidente.

Quanto aos defeitos do dr. Arnaldo eles só podem ser considerados à luz das idéias do seu tempo e dentro do seu meio. Seus excessos pertenciam ao período de transformação em que viver.

Outra razão para esses defeitos é o seu temperamento de reformador. Não esqueçamos que o dr. Arnaldo o era na plenitude de expressão — reforma dos métodos — reforma dos conhecimentos — reforma nos sistemas e, no caracter de todo reformador, há uma certa musculatura, uma certa rudeza e reserva, companheiros da sinceridade da crença da força dos sentimentos.

Nesta casa que ele fundou e dirigiu superiormente, sempre empolgado por um largo e profundo sentido de responsabilidade, procurando inculcar, como conseguiu à custa de desprendimento e sem o menor sentimento de vaidade pessoal um clima de cultura original, quanto lhe devemos, sem o saber, todos os da actual geração?

Ao iniciarmos nossas atividades, já não tivemos que travar as mesmas lutas. Encontramos o caminho desbravado. Já podemos, sem risco, afirmar como postulados o que lhe eustara tanto impôr como possibilidade.

Percorrido o espaço aberto por ele na nossa frente, podemos tomar outras direções, mas a cada momento distinguimos traços da sua passagem. Ele ocupa, definitivamente, o centro da Faculdade de Medicina de São Paulo"

UMA ORAÇÃO DE RUI BARBOSA AO TEMPO EM QUE ERA ESTUDANTE EM S. PAULO

Senhores associados.

Elevando-me pela vossa espontânea eleição, ao alto e espinhoso cargo de presidente do Atheneu Paulistano, vós submetestes as minhas forças a uma provação suprema e decisiva, lançando-me sobre os hombros o peso esmagador da mais honrosa, mas ao mesmo tempo da mais séria, da mais difícil, da mais arriscada missão. Confundido perante a imensidade de vossa benevolência e a profundidade de vossa generosidade, eu mostraria desconhecer a gravidade da minha situação, se vindo sentar-me nesta cadeira enobrecida por tão antigas e gloriosas tradições, procurasse exprimir a minha dedicação e o meu agradecimento com as formulas desbotadas e triviaes da etiqueta. Não quero prometer, porque sinto-me aniquilado

diante do empenho que tomei convosco; não venho patentear-vos a minha gratidão, porque não é com palavras mas com o esforço que se responde a um testemunho de tão elevado apreço. Limiteme, pois, a suplicar o vosso apoio, a vossa benignidade, a vossa confiança, para que a minha capacidade possa atingir á altura dos meus desejos e da empresa que me incumbistes. Cumprido este dever que me impunha minha fraqueza e a consideração com que me honrastes de que eu partecipe também desta grandiosa comunhão intelectual, que eu me engolfe convosco nas entranhas deste vasto oceano de idéias que agita as especulações da filosofia, as necessidades do século e os interesses do nosso país.

Senhores! Quando mocidade, perpé-

tua representante das idéias regeneradoras que enobrecem a humanidade, interrompe o silêncio da indiferença universal para pregar ás sociedades descrentes a fé e a esperança no futuro. nesses momentos solenes em que a inspição refere em todos os espiritos, em que as idéias se engrandecem santificam pela convicção, e a palavra vivificada pela sinceridade levanta-se magestosa, enérgica, irreduzível, só os homens vis cerram os olhos á luz interior, e não se atrevem a confessar a verdade que lhes queima os lábios. Eu, pois, como irmão vosso, eu que não creio senão no futuro, como o asilo do direito e da liberdade, e abomino a restauração do passado como um crime contra as leis eternas, não posso resistir ao impulso que me arrasta a derrear em vossas almas o amor, as esperanças, as inquietações e os receios que me preocupam nesta hora. Falarei, pois, tranquilo, certo de que a mocidade que professa a franqueza como uma religião, venera a consciência como um santuário, não condenará jamais a expressão leal de uma criança sincera e enérgica.

Senhores! Desde os tempos heróicos da história, logo que as tendencias inatas do género humano começaram a desenvolver-se em aspirações vagas, inconsistentes, desde que as faculdades sociais do homem principiaram a revestir-se de um caracter mais amplo, mais vivaz, mais civilizador, desde que a família patriarcal entrou a ramificar-se na tribo, a tribo a converter-se em nação, desde que a índole exclusivista, odienta, feroz das gerações primitivas deixou a sua rigidez selvagem para transformar-se ao influxo do espirito comum, um instinto profundo como a natureza, impetuoso como as fatalidades arrebatada para um ideal superior, para um destino comum, destino vago, remoto, progressivo, mas evidente e infalível. Esta unidade de nossos destinos tão patente no meio das transformações históricas, das vicissitudes dos séculos, da sucessão dos acontecimentos, como a identidade da natureza humana entre a opulenta variedade das raças, dos idiomas, dos caracteres, das aparências físicas, esta lei que constitui a base de toda a ciência histórica, enlaça-se intimamente com outra lei, igualmente santa, universal, indestrutível, emancipação absoluta do espirito humano.

Condenar a liberdade é negar a solidariedade providencial dos povos, das raças, das gerações, é regeitar a perfectibilidade humana, e o embrutecimento é a imobilidade, a degradação, a asfixia moral; cativar a uniformidade intrínseca do desenvolvimento humano é justificar a opressão porque não há liberdade sem progresso, sem aperfeiçoamento, sem harmonia.

A chave do futuro é, pois, a liberdade, principio maravilhoso que senhora as tendencias do nosso espirito, que esclarece os instintos do nosso coração, fecunda o nosso trabalho, depura as nossas paixões, ilustra as nossas crenças, alimenta os nossos esforços, que confraterniza todos os homens pelo amor, pela dedicação, pelo sacrificio, que engrandece as nações, pela atividade, pela paz, pela justiça e pela instrução. O principio do futuro é democracia.

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA

Por P. Y. 2 (enviado especial)

(o)
R. PRETO — 5 (H) — Passou por esta cidade nesta madrugada tremendo furacão. Faltam notícias mais detalhadas.

R. PRETO — 5 (AP) — Os meteorologistas, afirmam que não se trata de um furacão, mas sim de movimentos cataclísmicos. Reina confusão nas afirmações.

R. PRETO — 5 -- Urgente (R) — Não se trata nem de furacão, nem de movimentos cataclísmicos, a causa é ainda ignorada. Pensa-se na aproximação de um meteorito. Espera-se confirmação.

R. PRETO — 5 (H) — Os estragos, até o presente conferidos são: Desaparecimento de grande número de cartazes de propaganda, desaparecimento de lâmpadas elétricas, de vidros, alguns dos quais já foram encontrados em misero estado. Desapareceu, "em grande estilo" o alto-falante da porta do Cine R. Preto. Bancos da Praça Rui Barbosa foram virados de pernas para o ar. Desabou forte torrente de água na porta do Hotel Terminus. Os guardas-noturnos estavam todos "na água"

R. PRETO — 5 — Urgentissimo — (AP) — De momento a momento novos estragos são encontrados, assim appareceu a Placa do Café Bom Gosto, nadando no fundo do lagoinho. Nos telhados das residências foram encontrados tampas de gasogênio. Desapareceram várias placas de G. N. assim como de números de casas.

R. PRETO — 5 — Ultra urgentissimo — (R) — Apareceu, também em grande estilo, uma parte do alto-falante, no fundo do lagoinho, e outra empulerada em uma árvore da praça pública.

R. PRETO — 5 (H) — Parece que esse fenômeno passou ainda por IBIRA e pelo leito da Ri. F. Araraquarense, pois foram notadas várias cousas fóra de seus lugares, como paliteiros, toalhas, talhoes, etc., etc.

R. PRETO — 5 — Urgente — (AP) — Acabam de se reunir em conclave secreto, todos os "sabidos" desta terra, para estudo das causas deste desastre.

R. PRETO — 5 — (R) — Ainda não chegaram a nenhuma conclusão, após três horas de reunião os sabidos.

R. PRETO — 5 — (H) — Há seis horas e trinta e cinco minutos que a reunião começou, só agora é que se chegou ao conhecimento dessas causas.

R. PRETO — 5 — (AP) — A CAUSA DE TANTOS ESTRAGOS E SEM DÓVIDA ALGUMA DEVIDA A AÇÃO DESTRUÍDORA DO "FENÔMENO" DENOMINADO COMPOSAMENTE DE CORDÃO DA BAIXARIA.

(o)
Nota da redação: Qualquer semelhança entre esse "fenômeno" e um tal "CORDÃO DA BAIXARIA" que existe em nossa Faculdade é "PURA E MERA COINCIDENCIA..."

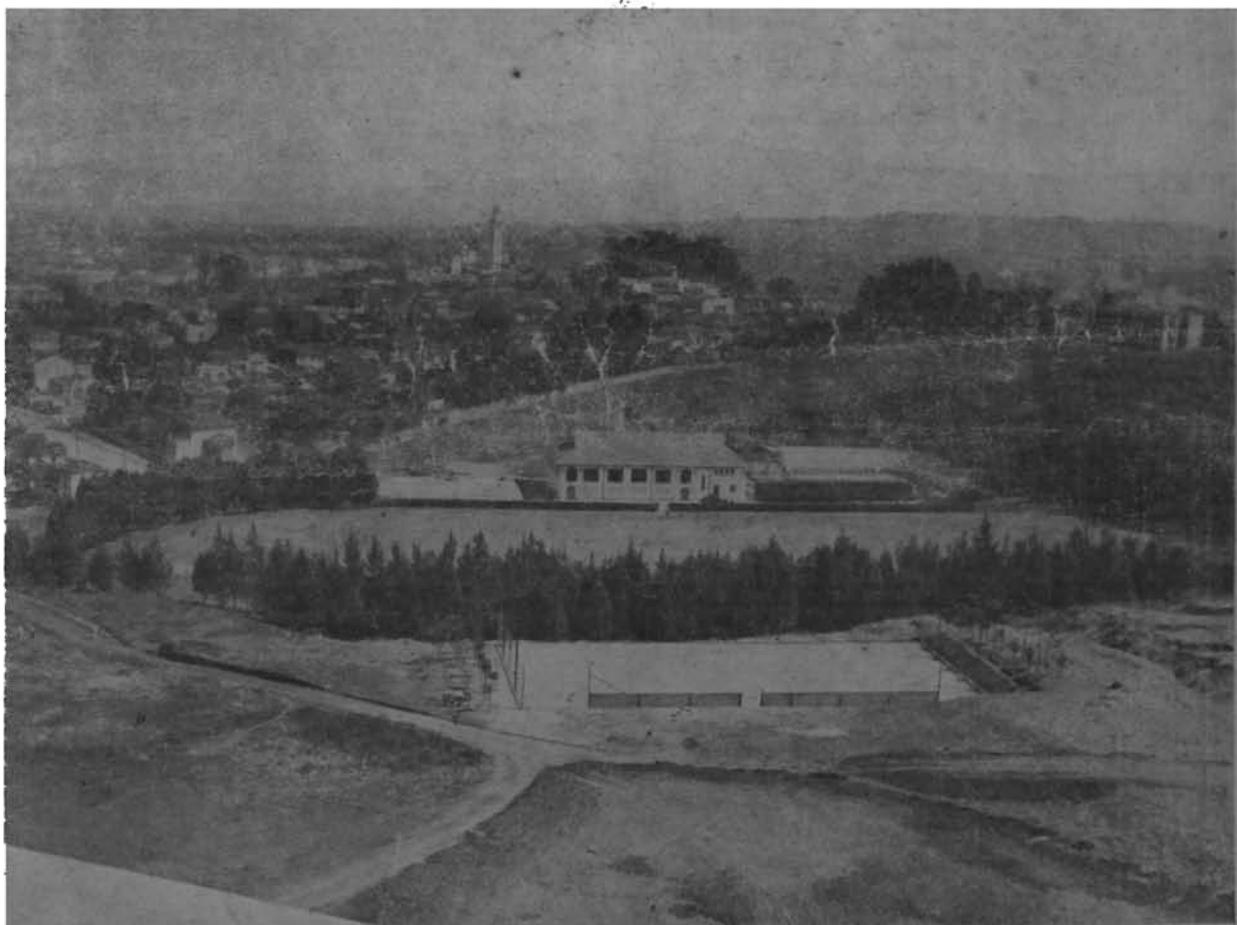
DIRCEU DORETTO

Para Secretario Geral do D. C.

«Centro Acadêmico Oswaldo Cruz»

*Realizações da sua Diretoria
Departamentos e Instituições*

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO -- LIGA DE COMBATE Á SÍFILIS -- LIGA DE COMBATE AO CÂNCER -- DEPARTAMENTO SOCIAL -- DEPARTAMENTO BENEFICIENTE "ALNALDO VIEIRA DE CARVALHO" -- DEPARTAMENTO DE ESPORTES -- BIBLIOTECA -- CAIXA DO LIVRO -- "O BISTURÍ" --
DEMAIS ATIVIDADES



Vista Geral do Estádio do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

A atual Diretoria do C. A. O. C. vem desenvolvendo uma atividade verdadeiramente assombrosa em todos os setores. Os bailes promovidos, as caravanas realizadas e as demais empresas em que a atual Diretoria se empenhou, tudo, enfim, redundou em mais completo êxito.

Prosseguindo a atividade desenvolvida no primeiro semestre do ano corrente, inauguram-se agora, em nossa Praça de Esportes, importantíssimos melhoramentos, frutos do gigantesco esforço, em prol do esporte da nossa Faculdade, desenvolvido pela novel Diretoria, a cuja Presidência se encontra a figura simpática e por demais dinâmica de Silvio Grieco.

Faremos uma síntese desses melhoramentos, porém, melhor do que com nossas palavras, o colega poderá apreciá-los, indo vê-los. Aliás, em todo e qualquer Departamento do Centro, o colega encontrará inovações e melhorias. Na verdade, a atual Diretoria teve, quase, a necessidade de reformar, de refazer, o Centro, porque problemas importantes a exigir solução pronta se encontravam em quasi todos os setores do C. A. O. C.

Eis um pouco do muito feito pela atual Diretoria:
Foi construída e inaugurada a arquibancada da piscina, toda ela feita de cimento, sendo que um outro me-

lhoramento de real benefício é o aumento do espaço entre a cerca e a piscina. Estando a cerca, como estava, muito próximo à borda da piscina, não havia a mínima comodidade para os nadadores.

Nos dias de competição impressionava mal e era nociva a confusão que se estabelecia entre os nadadores, cronometristas, juizes, etc. Esse espaço, além de ampliado será todo cimentado. Além do que o espaço que havia entre a piscina e o barranco, sendo todo de terra, não permitia que a água da piscina se mantivesse limpa. Assim, mais esse inconveniente foi removido. Aliás, é evidente a limpeza da água da piscina, este ano, comparada com a dos anos anteriores. Este melhoramento, devemos-lo, em grande parte à boa vontade do Diretor e Engenheiro da R. A. E. que, tomando certas providências, permitiu o aumento do volume de escoamento da água da piscina.

É interessante tornar publico o modo pelo qual a arquibancada da piscina foi construída quasi sem onus para o Centro: Atendendo ao pedido do atual Presidente do Centro, concorreram: com 30 sacos de cimento o Dr. João Caetano Silva Jor.; com 50 sacos, o Dr. O. Barcelos do Solema; com 50 sacos o Dr. Leão Pinto Serva, da firma Serva Ribeiro & Cia. O Dr. Fanganielo con-

correu com 5.000 tijolos e o Dr. Abraão Leite com parte da mão de obra.

Inauguraram-se, também, excelentes aparelhos de Ginastica, argola, trapezio, corda com nós, corda sem nós, pous de sebo, escada horizontal, escada vertical, barra fixa, campo para luta livre, paralela, etc.

Um melhoramento com que a nossa Praça de Esportes já conta e que é obra também da atual Diretoria é o local para estacionamento de veículos.

A terraplanagem necessaria para as novas instalações para o Bola ao Cesto, Volei e Jogo de Pelota (Frontão), e que constitue a parte mais cara desses novos melhoramentos, está por se concluir. Um detalhe interessante aos cestobolistas é que as tabelas serão de cimento armado, oferecendo assim a estabilidade necessaria.

Iniciou-se já a reforma da pista. Eis com uma frase só a noticia de que a nossa pista, que já deixava muito a desejar, dentro de poucos dias, estará em excelentes condições, satisfazendo a todos os requisitos necessarios.

Além de tudo isso, dentro de poucos dias, atendendo mais uma vez ao pedido formulado por Silvio Grieco, o Sr. Artur Etzel, Diretor da Seção de Parques, Matas e Jardins, iniciará a arborização e o ajardinamento de certos locais de nosso Estado, tornando-o um recanto verdadeiramente agradável, sa-

tisfazendo assim, plenamente, ao desejo dos numerosos socios do C. A. O. C.

A esta mesma Seção, o C. A. O. C. deve a reforma do seu campo de futebol, a podagem do arvoredo do Estádio, a arborização do arvoredo da piscina.

Com tantos melhoramentos, a atual Diretoria pôde vangloriar-se de ter tornado completa a Praça de Esportes do C. A. O. C., que, diga-se de passagem, é um dos motivos de orgulho dos academicos de Medicina de São Paulo.

Setembro at está e com ele a Mac-Med. Por ocasião desta, os nossos visitantes ficarão por certo admirados do aspecto inteiramente novo que a nossa Praça de Esportes lhes apresentará.

Os afeccionados das diversas modalidades de esportes estão de parabens: sem descuidar de outros problemas, a atual Diretoria tudo tem feito pelo desenvolvimento do esporte em nossa Faculdade. Assim é que, além dos melhoramentos inaugurados, muita coisa já fez para os esportistas. Citaremos, apenas, para exemplificar, os dgazalhos novos, de boa qualidade, confortaveis que a atual Diretoria distribuiu aos esportistas, ainda neste segundo semestre.

Tornando publicos todos estes fatos, a nós, resta-nos, interpetando a opinião dos colegas, cumprimentar a atual Diretoria pelo seu espirito, dinámico e realizador.

O fundador e 1.º Presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

Uma entrevista do Dr. Valdomiro Guilherme de Campos ao Diretor do "Bisturi"

S. PAULO, 31 DE AGOSTO — Ao aproximar-se a época de aniversário do nosso Centro, tivemos a atenção voltada um pouco para a sua história. Lemos notícias velhas que, vagamente, a isso se referiam. Mesmo, os anais que o Centro possui não trazem uma tradução verdadeira dos acontecimentos de seu passado. Por isso, achamos oportuno, agora, procurar quem melhor pudesse nos informar a respeito da primitiva história do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Vimos a saber que fora seu fundador, o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos. Por indagações sucessivas, enfim chegamos a obter um número de telefone, que nos colocou em comunicação direta com o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos.

Dissemos-lhe, assim, que era nosso desejo falar ao Fundador do nosso Centro, afim de colher alguns dados da sua fundação. Numa expressão generosa, que desde logo demonstrava o mais carinhoso acolhimento, respondeu-nos que estava à nossa inteira disposição e que o fôssemos encontrar no dia seguinte, à tardinha.

E assim foi. Na rua-Livre n. 32, funciona a Associação Auxiliadora "União e Trabalho". Batemos lá e, ao saber de nossa visita, fez-nos entrar imediatamente na sua sala de consultas, o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos.

Um homem muito simples — esse foi o ponto que mais nos prendeu a atenção —, estatura mediana, corpulento, aparentando pouco mais de 50 anos, palavras boas e joviais de recepção, atendeu-nos carinhosamente.

"Sentimo-nos honrados em cumprimentar, no Dr. Valdomiro Guilherme de Campos, uma pessoa ilustre e grata aos estudantes de medicina" — fomos dizendo.

E o Dr. Valdomiro afirmou-nos, também, estar imensamente feliz em ter sido lembrado e procurado por nós.

Conta-nos, a princípio, sentados diante de sua mesa, que é o médico mais antigo da Associação Auxiliadora "União e Trabalho", da qual é o diretor-clínico. Passa a tarde inteira ali, atendendo aos inúmeros clientes, depois a casa é meio baixa, sem escadas, o que não lhe incomoda a leve hipertensão. Sempre que quizessemos en-

contrá-lo, que o procurássemos à nossa vontade.

Dai, começamos a discorrer sobre o motivo da entrevista.

— Por que, Dr. Valdomiro de Campos, o senhor teve essa idéia de fundar, no seu tempo de estudante de medicina, um Centro, o nosso Centro?

— Foi pelo seguinte. Naquêie tempo, eu já vinha habituado, desde a vida ginasial, a frequentar essa espécie de grêmios literários e recreativos. Antes de minha entrada na Faculdade, nós todos, amigos e companheiros, gostávamos de ir, assiduamente, a três grêmios, que eram mais ou menos nossos; um, Centro Literário e Recreativo "Alvares de Azevedo", no Braz; outro, "Euclides da Cunha", na Praça da Sé; á rua Tabatinguera, ficava o terceiro; "Joaquim Nabuco". Eis por que, foi só ingressar na Faculdade, já levava incubada essa inclinação de organizar, oportunamente, também um Centro entre os colegas.

— Como, em que estado de espirito, os seus colegas e os professores receberam a sua idéia?

— Lançado esse meu propósito, foi ele acolhido entusiasticamente pela grande maioria, ou sinão por todos os acadêmicos. Então, começamos a pugnar por tal iniciativa, até que o Dr. Arnaldo, nosso diretor, permitiu que nos reuníssemos no porão da Escola Alvares Penteado, onde fomos expondo a elaboração dos estatutos.

— Por que se reuniam na Alvares Penteado?

— É que nessa Escola, no seu último andar, funcionava a Cadeira de Parasitologia, a cargo dos Prof. Celestino Bourroul e Brumpt na Politécnica, por exemplo, tínhamos Física e Química, pelo Prof. Edmundo Xavier e eram Preparadores, respectivamente, Rafael de Barros e Agular Pupo. De modo que nós realizávamos as nossas sessões no porão da Alvares Penteado, e sempre costumava assisti-las o Prof. João Egydio de Carvalho, secretario da Faculdade, que se divertia com a movimentação dos nossos planos. Não houve, porém, nenhum sinal de apoio por parte de qualquer professor. Assim passamos, até que se completaram os estatutos, e então se marcou a época para a eleição da 1.ª Diretoria.

— O doutor pôde nos precisar essa época?

— A data certa não me recordo. Mas, posso lhes garantir que foi durante a primeira quinzena de Julho. A 1.ª eleição realizou-se no Salão do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e apresentaram-se seis chapas para disputar o pleito, sendo que o meu nome figurava em todas elas como único candidato à presidência.

— Qual foi a 1.ª Diretoria do Centro e quais os seus colaboradores mais diretos?

— Fomos eleitos: eu, no cargo de Presidente; Artur Costa Filho, Vice-Presidente; Synesio Rocha, orador; Odete Santos Nora, Danton Vampré e outros nos demais cargos. Tenho que salientar o trabalho e cooperação para a fundação do Centro, de: Costa Filho, de largo conceito na Saúde Pública de São Paulo; Danton Vampré, hoje advogado prestiosamente no Fôro; Benjamin Reis, que era "amanuense" da Secretaria; Albatêmio Calado de Godoy; Ferreira Santos; Domingos Faria, hoje secretário da Faculdade de Medicina; Brasil Ramos Caado, que foi Presidente do Estado de Goiás, no periodo presidencial do Dr. Washington Luiz, etc.

— O senhor lembra quem sugeriu o nome para o Centro?

— Não consigo me recordar de quem tenha partido a sugestão de denominar o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", mas sei que foi unanimemente aceita essa homenagem ao grande cientista pátrio. Nesta altura, há uma passagem curiosa que não me foge á memória; é o fáto do colega Hercula- no Macuco ter proposto o nome do Dr. Rodrigues Alves, então Presidente do Estado.

— Dr. Valdomiro Campos, para que finalidades os senhores destinavam o programa inicial do Centro?

— Tínhamos o intuito de promover reuniões literárias, recreativas e, principalmente, contribuïam as nossas reuniões para congregar os estudantes, no sentido da defeza e conquista dos interesses e ideais comuns.

O Dr. Valdomiro Guilherme de Campos sempre nos respondia com a máxima amabilidade e achou graça, quando lhe confessamos ter levado uma porção de perguntas e que nos acanha-

vamos de tanto incomodá-lo.

— Possui o doutor(algum documento histórico?

— Tenho lembrança de alguns estarem guardados comigo, pois as primeiras atas eram feitas em papel avulso. No momento, entanto, não os encontro e teria muito prazer de exhibi- lh'os.

— Durante quanto tempo, durou a gestão da 1.ª Diretoria?

— A nossa Diretoria encerrou o seu mandato, aliás, em virtude de um incidente.

Estávamos em 2.º exame parcial e publicaram-se as notas do 1.º. Diversos alunos ficaram descontentes com os resultados de Química. Por esse motivo, surgiam desinteligências entre os insatisfeitos e o Prof. Edmundo Xavier e o Diretor da Faculdade, Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho. Em consequência, muitos foram suspensos por prazo indeterminado, entre os quais eu e outros companheiros de Diretoria do Centro nos achávamos. O Centro "XI de Agosto" hipotecou-nos seu apoio. Final, conseguiu-se uma conciliação satisfatória, e os estudantes repreendidos voltaram, após 15 ou 20 dias. Mas, eu já havia resolvido transferir-me para a Escola de Medicina do Rio, onde prossegui os estudos.

— Dr. Valdomiro, quem lhe sucedeu na Presidência? (arriscamos a última pergunta).

— Creio que foi Jayme Candelária, por sua vés, substituído por Ernesto de Souza Campos, que teve uma longa gestão.

Mais alguns minutos de encantadora e agradável palestra com o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos, em que ele declarou a sua admiração sincera pela fase atual do Centro, de vasto campo de atividades; e o deixamos, cativos pela sua simplicidade de trato, atenção excessiva, e cavalheiresca, bem como pela imensa simpatia e camaradagem demonstradas para conosco.

E, diante da revelação inédita e palpitante proporcionada ás colunas do "BISTURI", fixando definitivamente a sua personalidade na história do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", não podemos deixar de, em ocasião oportuna, render ao Dr. Valdomiro Guilherme de Campos, em sessão solene do Centro, uma homenagem a que faz jus.



ASSIM SERA' O NOSSO HOSPITAL DAS CLINICAS

Departamento Científico do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»

AS ATIVIDADES DA ATUAL DIRETORIA

O Departamento Científico do CAOC vem realizando um programa de atividade e de trabalho dos mais intensos e eficientes. Graças à atual diretoria, presidida pelo Ddo. Carlos da Silva Lacaz, varios cursos de extensão universitária foram realizados, todos eles coroados do mais completo êxito. Durante o mês de maio passado, o Prof. Edmundo Vasconcellos realizou na Soc. de Med. e Cir. um curso sobre a cirurgia das úlceras do estomago e duodeno e do cancer do estomago, tendo proferido 10 aulas sobre temas de grande atualidade. Numerosos medicos e estudantes frequentaram assiduamente o curso, tendo igualmente assistido a demonstrações praticas realizadas pelo Prof. Vasconcellos e seus assistentes.

Em julho deste ano, o Departamento promoveu com brilhantismo inigualavel um curso sobre problemas de Patologia Circulatoria, ministrado pelo Dr. Luiz Décourt, livre docente de clinica medica da nossa Faculdade. Perto de 140 inscristos frequentaram este curso, dividido em duas partes: 1. — As insuficiencias cardio circulatorias e 2. — A cardiologia na medicina em geral. Todas as conferencias despertaram o mais vivo interesse entre medicos e estudantes e isto se deve ao valor e ao merito do conferencista que vem se impondo no meio medico paulista como um dos mais profundos conhecedores da cardiologia.

Por ocasião do encerramento do Curso, o Ddo. Abduhader Adura saudou o Dr. Décourt. Eis as suas palavras:

"Sr. Presidente do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Meus colegas.

Tornou-nos, na noite de hoje, o nosso Presidente, o interprete de nossos agradecimentos ao Dr. Luiz Décourt,

Aqui estamos pela nomeação gratuita e bondosa de Lacaz, convertido e arvorado em orador, numa festividade que construímos todos, singela, no término de um curso de estudos sobre Patologia Circulatoria. Não tem esta festa o aparato solene das comemorações insinceras, e, nem tão pouco se encontra a revestida o colorido vivo das palavras belas, que a despeito de eloquentes e altisonâras, não subsistem porque impuras, não florem porque asfixiadas pelas garras ponteadas do eterno circulo dos elogios gratuitos.

Está em nós a sinceridade, e, é assim que Décourt deve compreender essa homenagem que a ele tributamos, homenagem nossa simples, mas de alto valor para si, festa de moços para moço.

Decourt! na noite de hoje, todos nós, os seus amigos da Faculdade de Medicina e os nossos colegas de nossa irmã mais jovem, companheira de ideais, a Escola Paulista de Medicina, rendemos-lhe os nossos agradecimentos pelas suas proveitosas aulas, pelo seu intenso esforço, e pela sua bondade, virtude que sabemos ser-lhe tão propria.

Vamos ficar por aqui, no fim de seu curso tão útil para nós, a desejar-lhe progressos constantes em sua já brilhante carreira de medico e de professor."

O Departamento Científico no intuito de realizar o maior numero possivel de cursos de extensão universitária, patrocinará durante SETEMBRO um curso sobre Temas de Patologia Renal, a cargo do docente livre de clinica medica da Faculdade de Medicina, Dr. José Ramos Junior, nome já bastante conhecido em nosso meio medico estudantino. Desta maneira, o De-

partamento cumpre fielmente as finalidades para as quais foi creado.

Durante as ferias de junho-julho, dois cursos de ferias foram realizados com sucesso: um, de Semiologia do Sistema Nervoso a cargo do Dr. Osvaldo Freitas Junior e outro de Hematologia Clinica, ministrado pelo Ddo. Luiz Ayres, no Serviço do Prof. Carmo Lordy.

A Revista de Medicina, repositório dos trabalhos efetuados por estudantes assistentes e professores da nossa Faculdade tem merecido por parte da atual diretoria do Departamento Científico toda a atenção. Deste modo, ela tem saído mensalmente, contendo ótimo material editorial.

As sessões do Departamento têm sido realizadas mensalmente com a apresentação de varios trabalhos interessantes. Varias sessões extraordinarias foram realizadas: em uma delas falou sobre o tema "A Medicina, e a Religião", o Padre Antonio Moraes Junior e em outra procedeu-se solenemente à entrega dos premios Alves Lima (Clinica Medica), Franco da Rocha (Med. Legal), Etheocles Gomes (Fisiologia) e Aives Lima (Molestias Tropicais e Infecciosas) aos seguintes alunos: Paulo Dias da Silveira, Silvio Marone, Geraldo Salles Colonnese e Carlos da Silva Lacaz - Paulo Giovanni Bressan.

Em todas estas atividades, a diretoria do Departamento Científico tem visto os seus esforços coroados do mais completo êxito.

Em outubro deste ano, Departamento Científico promoverá pela primeira vez em São Paulo, o Congresso dos Estudantes de Medicina, com um caracter altamente nacionalista e científico. Esta iniciativa teve grande repercussão nos meios academicos e numerosos são os trabalhos inscristos, ates-

tando antecipadamente, o êxito deste Congresso. O Prof. Rubião Meira, Dignissimo Reitor da Universidade de São Paulo já deu o seu inteiro apoio a esta feliz e util iniciativa do Departamento Científico. A duração do Congresso será de 1.º a 5.º de outubro, obedecendo ao seguinte programa:

Dia 1.º de outubro: Abertura solene do Congresso. Discurso do Reitor da Universidade de São Paulo e do Presidente do Departamento Científico. Secção de Morfologia Normal, Anatomia Patologica, Fisiologia Patologica e Patologia Geral, Quimica Fisiologica, Fisiologia, Farmacologia, Higiene, Medicina Tropical, Parasitologia e Microbiologia.

Dia 2 de outubro: Secção de Clinica Medica, Pediatria, Ginecologia e Obstetricia.

Dia 3 de outubro: Secção de Neurologia, Psiquiatria, Medicina Legal e Terapêutica Clinica.

Dia 4 de outubro: Secção de Clinica Cirurgica, Tecnica Cirurgica e Clinica Ortopédica.

Dia 5 de outubro: Secção de Oftalmologia, Otorinolaringologia, Radiologia, Dermatologia e Urologia. Encerramento solene do Congresso. Entrega dos Certificados.

Cada estudante terá o tempo maximo e improrrogavel de 15 minutos para a exposição do seu trabalho. Aos participantes do Congresso serão fornecidos certificados. O Departamento Científico do CAOC vem cumprindo fielmente a sua missão e os estudantes de medicina esperam que a atual diretoria continue a empenhar a esta departamento de cultura científica toda a dedicação e trabalho. O "Bisturi" felicita a atual diretoria do Departamento Científico pela maneira com que vem dirigindo eficientemente, este importante centro de atividade medico científica.

1.º Congresso dos Estudantes de Medicina de S. Paulo

No meio universitario está sendo aguardado com enorme interesse a realização em outubro proximo, do 1.º Congresso dos Estudantes de Medicina de S. Paulo. O Dep. Científico do CAOC, que patrocina a realização do Congresso, tomou todas as providencias necessarias para que este certame seja coroado do mais completo êxito.

Os trabalhos inscristos até a data presente são os seguintes: Armando de Oliveira — Terminação à direita do ductus thoracicus; Ary do Carmo Russo — Sobre o arco vascular de Treitz e anastomose juxtaduodenal entre as duas arterias mesentericas; Manuel Mendes — Pesquisas de anatomia etnica sobre as papillas circumvallatae; Milton Siqueira — Um caso de vela cava-superior esquerda unica; Trieste Smanio — Observações sobre a arcada palmar superficial em negros brasileiros; Luiz Junqueira e Fausto F. de Mello — Contribuição ao estudo da avitaminose-B1 experimental; David Serson e José Martins de Barros — Excitação do vago em sapos; Atílio Z. Fiosi — Ensaio bio-social sobre a infancia e Exotismo no hipertirodismo; Dacio de Almeida Cristovão — Do valor do método do "swab" NIH no diagn. da enterobiose e da incidencia desta em crianças de São Paulo; Carlos da Silva Lacaz, com os trabalhos — O quadro hematologico na molestia de Nicolas Favre. Alguns aspectos micologicos relacionados ao problema das pneumomioses, Micoses com lesões osseas, Orquepididimite linfogranulomatosa, Valor etnoantropologico dos grupos sanguineos. Importancia da micologia no dominio da cirurgia. O sinal de Kitagawa na 4.ª molestia venerea. Otomioses aspergillares. Algumas considerações diagn. sobre o sapinho vaginal, Histoplasmose humana; Carlos da Silva Lacaz e Paulo Giovanni Bressan — Molestia de Nicolas Favre em suas diferentes modalidades clinicas; Jarbas C. Alves e Fuad Chammam — Cons. sobre um caso de paludismo pernicioso; Fernando Lovanio e Saturnino C. Franco — Sobre um caso de actinomicose; Ephraim de Campos — Generalidades sobre as afeções mucosas pela Neisseria sicca; Hassib Ashcar — Desenvolvimento da imunidade estafilococica em individuos normais e Vacinação pela anatoxina estafilococica. Curva de imunidade; Paulo Dias da Silveira com os trabalhos — Orientação pratica no exame funcional do figado, Estudo clinico das relações entre o figado e o metabolismo da agua e Diagn. de uma

poliseroseite; Fuad Chammam e Manuel R. Tavares — Cons. sobre um caso de síndrome de Banti; Fuad Chammam e Manuel R. Tavares — Cons. sobre um caso de adenopatia tuberculosa; Luiz G. Duarte e José B. Decousseau — Cons. sobre um caso de anemia pernicioso; Plínio Reys e Antonio C. Franco — Sobre um caso de saturnismo; Alvaro de Almeida Lisboa — Phlegmasia alba dolens; Ruy Escorel F. Santos — Conduta na prenhez tubaria rota; Amaury Veloso e Abrão Massad — Sobre um caso eclampsia; Hello Lourenço de Oliveira. Firmino Campos e Raphael Gianella — Frequencia dos sintomas gastro intestinaes (Análise de 500 observações); Hello L. de Oliveira, Merrame Adura e Matheus Romeiro

Neto — Reatibilidade da pressão arterial à excitação pelo frio (cold pressor test.); Domingos Lerario e José Plato — Elastomiosse e sua terapeutica; Oscar R. Von Pfuhl e Fuad Allassal — Cons. sobre um caso de meningite aguda luetica; Fuad Crammas — Sobre 4 casos de ptilatismo sob o ponto de vista terapeutico; Edmundo Covelli e Enio Barbato — Cons. sobre um caso de hemiparesia dolorosa; Antonio Lefevre — Sobre um caso de hemihipertrofia da lingua; Maria Elisa Khoury — Nevrites puerperais traumaticas; Oscar R. Von Pfuhl e Abrão Massad — Sobre um caso de cisticercose cerebral; Paulo G. Bressan com os trabalhos — Associação da sulfanilamida aos anesteticos e Sulfanilamida por via arte-

rial; Marino Lazzareschi — Artrite hemofilica do joelho supurada; Marino Lazzareschi e Walter Bomfim Pontes — Cons. sobre um caso cujo diagn. oscila entre scorbuto, raquitismo e sifilis; Lauro A. Sant'Anna e David Fernann — Tromboangeite post operatoria; Paulo Hoelz — Tratamento atual do antraz; José A. de Arruda Botelho — Técnica da transfusão de sangue conservado; Italo Martirani e José Ferreira de Pontes — Cons. em torno do tratamento das feridas pelo método de Friederich; José Gonzaga de Carvalho, Hene Mansur e Paulo G. Arruda — Cons. sobre 200 casos de úlceras gastro duodenais; José Gonzaga de Carvalho, Hene Mansur e Paulo G. Arruda — Varicocele. Seu tratamento; Lauro Americano Sant'Ana — Prociencia do reto; Roberto Taliberti — Osteomielite do sacro; João Raphael Libonatti — Tumores do delgado; Luiz Lasso — Estudo estatistico sobre úlceras gastro duodenais; Domingos Quirino F. Neto — Diverticulo do duodeno com ulcera; Roldão Consoni — Cancer duodenal; Renato Aloe — Follow up da arterioesclerose; Aristides Giorgi — Tumores renais; Renato A. Pierri — Contribuição para o estudo da flora das daeroclistites; Abduhader Adura — O problema etiologico das hidronefroses; Italo Martirani — Considerações em torno do refluxo uretero-plélico.

Luiz Ayres — Hemohistoblasto; Otavio Armino Germek — O pH pelo electrodo de vidro; Waldemar Sacramento — Considerações sobre alguns métodos de enriquecimento de ovos de helmintos e cistos de protozoarios nas fezes com especial referencia ao método de Faust; Luiz Avres — Esplenogramas; Luiz Ayres — O mielograma nas úlceras gastro duodenais; Armando Sampaio Rezende — Observações sobre um caso de hipopituitarismo; João Alfredo Caetano da Silva Junior — Síndrome hipertensivo intracranio (Dificuldades para o diagnostico etiologico); José Alípio Plason e Orlando Murari — Um caso de semolina em testiculo ectopico; Michel Abu Jamra, José Fernandes Pontes e Alberto Carvalho da Silva — Sobre o conceito de cardiaco negro; Michel Abu Jamra, José Fernandes Pontes e Alberto Carvalho da Silva — Sobre o mecanismo de ação da hepatoterapia na anemia pernicioso; W. F. Almeida e C. Pereira — Significação das formas ameboides no gênero "Tricomonas" Donné, 1837; R. Cuccolo e C. Pereira — Sobre a "Temnocephala brevicornis", Monticelli, 1889.

LIGA DE COMBATE AO CANCER

Foi fundada em fins do primeiro semestre, entre nós, por um grupo de colegas, a Liga de Combate ao Cancer, anexa ao Departamento Científico do nosso Centro Acadêmico.

Desnecessario se torna dizer da significação dessa medida que visa intensificar os estudos sobre um problema de magna importancia e sobre o qual muito pouco ha de positivo.

A Liga, na medida do possivel, providenciara sobre a realização de palestras e cursos acerca dos assuntos de Cancerologia.

Foram instituidos dois premios, por intermedio do Laboratorio Torres desta Capital, destinados aos melhores estudos sobre o Cancer, apresentados respetivamente por medicos e estudantes: os primeiros concorrerão ao pre-

mio "Oswaldo Cruz", no valor de 5:000\$ e os segundos, ao premio "Arnaldo Vieira de Carvalho", no valor de 2:000\$000. Os trabalhos experimentais ou clinicos deverão ser originals e apresentados até 31 de Julho de 1941, sob pseudonimo unico, mesmo no caso de colaboração.

A primeira diretoria da Liga foi solenemente empossada na sede da Associação Paulista de Medicina, tendo por essa ocasião o prof. Jaime Regalo Pereira, pronunciado uma conferencia sob o tema: "Soro-diagnostico precoce do cancer", e está assim constituída:

Pres. Rui Ferreira Santos; Vice-pres.: Carlos Augusto Gonçalves; Sec. geral: Domingos Quirino Ferreira Neto; Secr.: Hugo Mazillili; Tes.: Feres Secaf.

PATOLOGIA RENAL

Sob o patrocínio do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o dr. José Ramos Junior, docente livre de clinica medica da Faculdade de Medicina, realizará na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (prédio da Policlínica), um curso sobre Temas de Patologia Renal, obedecendo ao seguinte programa:

Dia 3 de setembro — Conceito sobre as nefropatias medicas; dia 4 — Ensino clinico sobre a glomerulo-nefrite difusa aguda; dia 5 — Estudo clinico sobre a glomerulo-nefrite difusa sub-aguda e cronica; dia 6 — Tratamento das glomerulo-nefrites difusas aguda e cronica; dia 9 — Estudo

das nefrites focais; dia 10 — Estudo clinico das nefroses; dia 11 — Estudo clinico das anglo-escleroses e angioneftroscleroses; dia 12 — Fisiopatologia da insuficiencia renal; dia 13 — Estudo clinico da uremia.

Cada um dos temas compreenderá uma aula de 45 minutos a 1 hora, acompanhada com projecções de dispositivos, quadros elucidativos e observações clinicas. O Departamento científico fornecerá um certificado aos que frequentarem assiduamente o curso. As aulas serão proferidas às 20 e 1/2 horas, nos dias previamente estabelecidos. Inscricões com os membros do Departamento.

Diferenças étnicas e culturais da expressão cômica

JOSE' ORIA

O "cômico" como espontânea expressão humana, é fonte do sentido estético, quando não moral dos povos, pois a sua estrutura cheia de contrastes harmônicos e de condensações intencionais, é superponível em seu mecanismo à trama dos sonhos, traduzindo ambas, as tarefas do inconsciente (Freud).

Mesmo uma simples análise de processos elementares das causas geradoras do riso, constatada por si só uma árdua imposição. Muito mais penoso seria o bosquejar uma pretensa etnografia comparativa do cômico, edificada à custa das mais variadas formas que procedem de complexas atividades da *psyche* que a *psyche* não ter, formas representadas pelos chistes, pantomima, paródia, caricatura, gag, sátira, etc. (1)

Difícil trabalho é de substanciar aquilo que os homens quotidianamente extraem da matéria do inconsciente que é neles um ídolo e o próprio fermento da vida; aquilo que significa até certo ponto (conforme os agrupamentos étnicos) reflexo da realidade, realidade que mais sentida se torna quanto mais vulnerável for, quanto maior for sua deterioração.

Não é para menos que existe uma extensa e variada literatura em torno de tão rico tema (a essência do "humour", do riso, e do cômico), constituindo até mesmo um corpo de doutrina inabundável para quem nada mais deseja senão trazer sugestões para ensaios ulteriores mais precisos e documentados. (2) O meu caso é o do músico que quer compor um "improvisio con alcune variazioni licenze intorno alla tematica"...

ORIGENS: Iniciar qualquer análise histórica pelos Gregos, é a costumeira proxe. Quasi sempre, sintoma de ignorância das culturas que lhes antecederam. Dir-se-ia começar pelo sujeito em uma análise gramatical, muito embora aqui no caso, o sujeito esteja oculto. Nem procuraremos descobri-lo. Inútil indicar qual antiga cultura que primeiro teve consciência de uma realidade distorção e subseu expressão.

Si os povos primitivos cultivaram qualquer tendência cômica ou coisa que lhe equivallesse, si criaram símbolos do bom humor, imagens irreverentes, mesmo relativas aos seres e às coisas que estimavam veneráveis, não compete no momento esmiuçar.

Quem nisso quizesse se aprofundar teria de penetrar pela intrincada floresta do folclore em todas as suas manifestações: linguísticas, rituais, éticas, sociais, artísticas, etc., etc., teria que varejar as máximas, as sentenças de todas as primárias sáberias populares. Como exemplo da dificuldade da empresa, basta lembrar o multiforme conteúdo de irreverente sarcástica filosofia dos antigos apólogos chineses, indus, africanos, etc., com seu profundo sentido moral dentro de aparente humorismo.

Entretanto, muitas criações legadas por nossos antepassados, poderão provocar em nós, modernos deslocados, temerário juízo de um cômico que absolutamente não existe na criação em si. Um juízo relacional, função de espaço e tempo, absolutamente falso. Esse cômico re-criado pelo espírito moderno assim chamado ocidental, será nesse caso, fruto de contraste entre as obras "imperfetas" (julgadas imperfetos) do passado e as "perfetitas" do presente. É a deformação da realidade antes de compreendê-la na sua forma original.

Porisso atitude (que exige enorme esforço para se mantê-la), dever ser a do juiz serenamente disposto a julgar as representações como elas são em seu lugar de origem e, não como forem imaginadas uma vez postas em cotejo com pretendida "civilização" em que vivemos.

Para compreendermos como seja frequente esse juízo errôneo, basta justamente experimentar com um grego: Demócrito. É inevitável a associação de idéias com um Demócrito alegre em contraposição a um Eráclito triste. Mas tanto o alegre como o triste, são aqui representações ocidentais imaginárias. É pseudomorfose da alma helênica, inventada pelo ocidente de que nos fala Spengler. A filosofia de Demócrito que apenas não se lastima, porque não se preocupa de mirar o mundo imperfeito, a filosofia da "harmonia entre os átomos da alma e átomos do mundo", nunca representou em seu tempo a ulterior versão de zombaria ou do riso, como entretanto existiu na Grécia nas atitudes de Diógenes, o cínico, ou então no teatro satírico de Aristófanes e seus continuadores.

Exagerando o ideal de Antístenes, imitador e deformador de Sócrates, Diógenes, o cínico, que como Demócrito chamava a si próprio "cidadão do universo" (ironicamente), é o grego que mais se aproxima do nosso atual sentido cômico do cômico, realizado por deformação, por idéias ou imagens paradoxais e pela irreverência no contraste: dois fatores homólogos, nos quais um é

sério e outro é ridículo. É notória a tradição de acontecimentos que contam seu respeito, sem que sejam necessários exemplos de sua maneira de se comportar frente à solenidade sócrata do seu tempo.

(Neste momento quem me lê, prevenido com que há pouco afirmou, poderá ainda acusar-me de parcialismo. Como se pode saber que Diógenes tinha o intento cômico ao ridicularizar seus semelhantes? Isso poderá ser mais uma vez pseudomorfose lendária... Quem poderá afirmar não fossem os ditos de Diógenes para os platônicos de então, apenas superficiais simples motetes jocosos? É verdade! Vejam que dificuldade para se evitar antropocentrismo tão característico do juiz preso ao seu instante presente sem o perceber!)

É muito possível que o clássico desprezo que tinha Diógenes por tudo, fosse julgado por um grego, apenas uma ação séria e sistemática, mais de ordem moral estoica do que produtora do riso. Quando muito, um homem irreverente para seus contemporâneos, mas sem "humorismo" propriamente dito, que é uma concepção eminentemente ocidental e moderna. O conceito de humorismo é nitidamente intelectual: conceito que depende mais de uma personalidade receptora do que da própria creadora.

Assim, devemos diferenciar a jocosidade clássica (característica de "farça") do "humour" moderno. A farça provoca o riso por si, diretamente, sem atravessar o "hospedeiro" inteligência. O humorismo provoca o riso de modo analítico e indireto; exige sempre um interdiário mental que reconstitua a intenção de fazer rir.

Como adiante veremos propósito do "humour" eslavo, a finalidade humorística é quase sempre obtida por uma deformação, até irreal, do objeto ou da pessoa real, como se houvesse a necessidade lógica de no irreal se achar único meio definir resolvente do objeto ou da pessoa. Isto é, chegar-se ao sentido exato, à intenção construtiva através do absurdo e do contraste.

Na farça há deformidade e há caricatura, mas muito visíveis para o espectador, muito transparentes sem intenções ocultas e aparentemente ilógicas. É o cômico primário e elementar. Por exemplo: a farça no teatro helênico. Vejam o modelo magnífico que é nessa natureza cômica o grande Aristófanes. Para nós ocidentais, ele será muito mais humorista do que o fosse para os gregos. Para estes, seria simplesmente um comedante, um farçante culto moralizador, porém possuindo apenas caráter regional.

Os gregos eram incapazes de aplicar os intuitos de cotejo histórico que só nós possuímos, após a evolução das culturas. O teatro de Aristófanes lido ou representado na atualidade deve ter um efeito mais humorístico, dada a quantidade de fatos que se sucederam depois da era de Aristófanes. Aplicados esses fatos modernos ao teatro antigo, reforça-se extraordinariamente intenção cômica dos processos clássicos.

Diga-se de passagem que entre os chamados clássicos, as comédias eram utilizadas como um recurso de correção de costumes. "Ridendo castigat mores..." A deformação da realidade, para causar senso do ridículo, era muito simples, de alcance popular sem intenções outras que não pudessem ser percebidas pelas massas; tinham efeito educacional. Não é para menos que os atores gregos usavam máscaras afim de acentuar o sentimento que por si em separado, não poderia sequer sugerir hilaridade. Este processo teatral, originário do Oriente, empregado também na tragédia para efeitos opostos, tem sua fonte nos ritos das religiões primitivas. Pode ser observado ainda hoje em muitos povos asiáticos; é um modelo disso, teatro chinês o japonês contemporâneo.

Em suma: a comédia primitiva não expõe problema algum, como a moderna; (3) não visa o humor enigmático nem cuida de resolver incognoscível, deformando-o, exagerando-o (G. B. Shaw). Um Aristófanes quando "resolvia", fazia à luz dos costumes de seu tempo, que para ele é "todo tempo". Não esquecer que "Hélide vive constantemente no presente" (Spengler), sem noção do longínquo, da perspectiva e do vir-a-ser. O grego ignorava a ação de Chronos imortal.

Aristófanes atinge à sua realidade, mira-a e expõe-na sob máscara do ridículo. Eis apenas o satírico nas suas intenções; observa e condensa as antinômias, pondo em causas gigantescas atitudes anãs e vice-versa. Nas cenas que criou, não há finalidade outra que a da desproporção concretizada para obter efeito

los cômicos elementares, tudo partindo do conceito helênico de "motivos harmônicos oriundos de contrastes" (Platão).

ANTITESES: Muito diverso é "humour" cômico moderno de irlandeses como Swift ou Shaw, de alvos como Gogol e Tchecov. Muito diferente é a irreverência culta voltareana dos franceses em geral. Muito mais ampla é sátira universal do "D. Quixote", de "Almas Mortas" de Gogol, o Cervantes russo.

Os irlandeses que melhor apreciaremos numa segunda parte destas anotações, criaram na Grã Bretanha talvez em todo o Ocidente europeu a mais pronunciada expressão literária satírica. Etnicamente ligados aos ibéricos por várias razões, têm destes senso da rebeldia latente, quasi sempre passiva. Esta possibilidade se sublima na literatura mais mordaz que existe. Leia os "Libelos" ou as últimas "Viagens de Gulliver" de Swift ou reflitam sobre as comédias de Shaw verão demônio da destruição liberta, pronto a arrazar as grandes conquistas da chamada civilização ocidental; especialmente representada na sua caracterização que lhes está mais próxima: Inglaterra.

A sátira de um Swift ou de um Shaw fere Inglaterra no seu puritanismo glacial, no seu snobismo enfático, fere-a no seu industrialismo econômico, no seu dogma de liberdade aristocrática, etc., etc. Fere-a até mesmo no seu característico senso de "humour" esse "humour" britânico (excluído o verdadeiro "humour" dos irlandeses e escoceses) tido como expressão máxima do espírito, mas que na verdade é infantil e primário.

Não esqueçam "pantomima mecânica, trocadilho pueril, o "clown" semsaborão, as anedotas sem sal, nitidamente nórdicos, e que nada têm de ver com alegria íronica do irlandês ou com o espírito sério do escocês.

A sátira irlandesa fustigando diretamente os colonizadores, alcança por sua vez, mediadamente toda pretenciosa cultura técnica que vimos amontando sem outra finalidade do que "a de adorarmos-nos a nós mesmos, idolatrando Máquina" (Waldo Frank). Com isso os irlandeses visam libertar-se simbolicamente da cultura de que são de fato emancipados por motivos étnicos, religiosos, morais, etc.. O resultado é o mesmo obtido por Aristófanes satirizando os costumes áticos, com a diferença de se ter acumulado desde a Grécia até hoje, um enorme material admiravelmente passível de sátira.

Já não é assim a expressão cômica cheia de amargura metafísica deste outro exemplo contrastante, o eslavo. Os eslavos, e o povo menos grego que existe, têm do cômico sentido o menos helênico possível.

A literatura humorística russa por exemplo, é tão repleta de intenções ocultas, que muitos não lhe percebem o significado cômico, senão quando nela predomina intenção satírica imediata. A sátira russa, quando existe, não é local como a dos Gregos, mas dirigida contra a espécie humana; é universal, é cômica. Nota-se esse caráter já no folclore literário: as fábulas russas encerram uma moral muitas vezes trágica, ao demonstrar inutilidade das humanas realizações. Como modelo precioso poderá citar apólogo do homem que entendendo linguagem dos animais resolve todos os seus problemas, graças aos ensinamentos que ouve ouvindo que aqueles dizem a seu respeito: A técnica é a mesma dos irlandeses. (Swift, em "Viagens de Gulliver", quando dá dom da raciocínio aos seus cavalos pensantes do país dos Houyhnhnms). E' também a do "D. Quixote".

O efeito cômico da epopéia russa "Almas Mortas" é obtido ao se retratar as imperfeições da humanidade em geral, como o fizeram Swift ou os novelistas picrescos espanhóis do Siglo de oro. Tchitchikov (de "Almas Mortas") e Quixote são símbolos atemporais atemporais. Aplicam-se a todos os seres em geral. As aventuras de ambas as personagens são irmãs, são semelhantes porque são as aventuras dentro do mundo interior.

A ironia dos humoristas russos espanhóis traduz quasi sempre um auto-castigo, um esforço de humildade que é ao mesmo tempo feroz ataque ao delírio de grandeza dos demais povos da Europa. Por isso representam um Quixote ou um Tchitchikov as maiores sátiras à megalomania do Ocidente.

O que é surpreendente é que encerram o trágico e o cômico de tal forma que um e outro podem ser separados, conforme o critério do observador ou conforme o estado de espírito de quem se ponha a contemplar tão ambivalente forma.

Entre ibéricos e eslavos há destas afinidades

clém de outras como na música, (4) na mistica, na moral e, que seriam devidas à psicologia de povos hiper-conscientes, céticos melancólicos, que revolução alguma parece poder modificar.

Dai se origina um "humour" trágico que nenhum outro povo possui como o eslavo. Além desse aspecto fundamental é técnica velada de exprimir cômico se explica porque nunca foram bem compreendidas inteiramente as obras de Gogol, como: "O Capote", "O Nariz", "O Revisor" grande epopéia de "Almas Mortas" ou então os contos humorísticos de Dostoiévski e de Tchecov, os mais belos que existem na literatura do gênero.

Em Tchecov, por exemplo, a técnica do conto humorístico alcança à tamanha perfeição que creio, poucos escritores conseguem atingir. O seu processo de ser breve, de trabalhar com mínimo material, de fazer que leitor intervenha com reflexões próprias para completar pensamento do autor, de tornar lógico aquilo que indivíduo de senso comum julga absurdo, tudo isso desencadeia uma criação incorporável pela sua simplicidade de construção ao par da complexidade de efeitos obtidos. Absolutamente característica da literatura russa, essa técnica já encontrada no conto "Bobok" de Dostoiévski, procede de Nicolai Gogol, com o seu "O Capote", que os críticos consideram um dos mais belos contos de todos os tempos.

"O Capote" é de uma singularidade tão grande na sua textura frou apaga, que custa crer possa produzir efeito misto tragi-cômico a que se propõe o autor. Aos que não o leram ainda, basta dizer que o argumento da narrativa alcança o grau máximo de economia de material. Trata-se da história de um humilde funcionário que morre ao lhe roubarem capote, que tanto aspirava possuir. Pois bem, alma desse homem aparece diariamente no local do roubo assaltando os transeuntes com fito de arrancar-lhes e agasalho que ele julga ser seu. Apenas isso. Mas a atmosfera criada em torno do acontecimento, é de tal ordem fantástica na sua graça poética, que se fica compreendendo significação e a forma que adquiriu essa obra prima no domínio da ficção literária.

Assim se comporta a literatura russa. Refira-me porém á que existiu durante o século XIX, antes do período de mecanização atual imposto pela revolução de 17. A expressão tragi-cômica que foi da Rússia czarista, está hoje censurada e é dirigida em sentido outro que foge á análise.

Dest'arte temos considerar os eslavos humoristas (mais os irlandeses satíricos e os espanhóis picrescos do passado), como construtores da mais bela elaboração do cômico na sua diretriz humana e universal.

Isto é, do cômico cômico.

(1) Só publicarei aqui uma parte deste ensaio, a que se refere ao cômico na sua forma rudimentar e espacial, como era entre os gregos, e ao contraste que existe na expressão cômica de povos como o eslavo, tomado como exemplo mais expressivo. Reservar-me-ai outra eventualidade para analisar as formas ocidentais do cômico e do "humour", incluindo então polimorfia expressão brasileira do mesmo.

(2) A renascença da filosofia do semi-sério, a doutrina do "gai-savoir", parece se iniciar no decadente século de ouro (1500), com os flamengos. Sempre os flamengos! Mais uma vez, como na música até certo ponto como na pintura, cabem aos mesmos mais uma primazia. Substantemos com o "O elogio da loucura" de Erasmo.

Depois temos entre os germanicos (talvez os que menos "humour" possuem entre os mais) as melhores obras analíticas sobre o "humour". É sempre assim a ambivalência dos pesquisadores: entendem melhor o que lhes falta... Afinal, recordaria os semitas, estes trágicos semitas sem paz e sem alegria. Pois bem, eles nos deram um Heine talvez o mais destrutor de todos os deformadores da realidade e escreveram curiosos livros sobre o sentido do cômico. Para citar germanicos e judeus (extranha convergência de grupos tão antagonicos), lembraria algumas obras fundamentais tais como: "Filosofia gaia ou Demócrito" de K. J. Weber; "A estética do cômico" de Lipps; "O riso" de Bergson, e, por fim uma das menos conhecidas e das mais interessantes obras de Freud: "O Chiste e sua relação com o inconsciente".

Isto, para apontar apenas os extremos de uma enorme lista.

(3) Aristófanes viveu no 4.º séc. A. de C. Entretanto existiram comediantes gregos posteriores, como Alexis e Antífonas que criaram o ideal "moderno" de comédia (Riemann), isto é, introduziram no texto a expressão cômica desinteressada; o chiste pelo chiste, com a finalidade de causar o riso sem segundas intenções. Esse humor rudimentar entretanto não pode ser analisado aqui, porque desses autores gregos não se conservam hoje em dia senão textos fragmentários.

(4) Já tivemos ocasião de se referir á análise da canção russa com a brasileira, justamente no tocante ao vestígio luso de nossas canções populares.

Liga de Combate á Sífilis

do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»

Fundada a 29 de agosto de 1920, a Liga de Combate á Sífilis vem desenvolvendo ininterruptamente suas atividades em benefício da população de São Paulo, e até dos subúrbios, contribuindo assim para o saneamento do mal que tantas devastações produz no seio do nosso povo.

O tratamento aí é inteiramente gratuito e está todo entregue ao esforço e á boa vontade dos jovens estudantes, que desde os primeiros anos iniciam, por intermédio de seus postos as atividades práticas da carreira que abraçaram, quer exercitando-se na aplicação de injeções quer entrando em contato direto, com os doentes.

A orientação e chefia da Liga estão entregues ao professor J. Aguiar Pupo, da cadeira de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica, e o seu atual interno chefe é o doutorando Otavio A. Germeck, auxiliado por inumeros colégas de todos os anos.

ATIVIDADES DA LIGA

Até hoje temos registrados em nossos ficharios para mais de 22.000 doentes, sendo que todos os anos mais de 1.000 doentes novos são inscritos.

UM ACONTECIMENTO DE TRISTES CONSEQUENCIAS

Atualmente, com o fechamento do Posto noturno que funcionava em sala cedida pelo Dispensario Clemente Ferreira a Liga só pôde atender os seus doentes no Pavilhão Conde Lara, da Santa Casa, de manhã e aos domingos, ficando um grande número deles impossibilitado da continuação de suas injeções á noite.

Embora contando com a simpatia oficial e com todo o auxilio ao alcance do Centro, a Liga de Combate á Sífilis luta com dificuldades para atender os seus doentes cujo número dia a dia aumenta, pela propaganda que fazem os mesmos do tratamento ministrado.

OS MOTIVOS DA CAMPANHA

E' excusado dizer que os estudantes de Medicina da Faculdade de São Paulo não podem cruzar os braços diante desse acontecimento, e embora com todo o sacrificio saberão zelar pelo nome tradicional da Instituição que lhes foi legada.

Dai o movimento que encetamos, organizando a nossa campanha Pró-Patrimônio, e ao mesmo tempo uma campanha de combate ao terrível flagelo, de caráter popular, por todos os meios

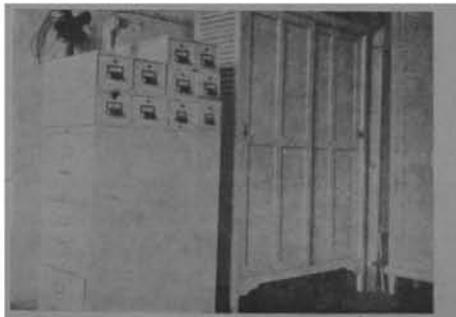
Uma das maiores organizações benemeritas entre os estudantes de medicina



Posto no "Pavilhão Conde Lara" (Santa Casa)



Antigo Posto no "Instituto Clemente Ferreira"



ASPÉCTOS DO POSTO DA SANTA CASA

ao nosso alcance, Imprensa, Rádio e conferencias educativas.

A COOPERAÇÃO DE TODOS

E' preciso que essa campanha tenha a mais larga repercussão e que todos os estudantes concorram com a sua boa vontade para que alcancemos o mais prontamente possível o nosso objetivo, que é uma séde propria ou pelo menos meios suficientes para o desenvolvimento da Liga.

Ha listas de contribuição na séde da Liga que podem ser procuradas pelos interessados, os quais poderão angariar donativos entre os amigos e conhecidos. Será esta uma das maneiras mais eficientes de auxiliar a nossa Campanha.

A PRIORIDADE DO COMBATE A SÍFILIS NO BRASIL NOS PERTENCE

E' preciso que todos saibam dos benefícios prestados pela Liga de Combate á Sífilis ao povo e que saibam mais que a prioridade desse serviço no Brasil cabe, oficialmente, aos estudantes da Faculdade de Medicina de São Paulo.

UM POUCO DE ESTATISTICA

Damds a seguir, como demonstração do trabalho da Liga, os últimos dados de nossa Estatística e que dizem respeito ao ano de 1939.

Doentes matriculados	1.150
Homens	478
Mulheres	588
Crianças	93
Casados	603
Solteiros	494
Viuvos	62
Brasileiros	973
Estrangeiros	186
Branços	894
Pretos	191
Amarelos	8
Mestiços	66
Portadores de:	
lesões primarias	74
lesões secundarias	167
lesões terciarias	46
lesões latentes	328
Parasifills	14
Lesões contagiantes	241
Reações de Wassermann	977
Injeções:	
Arsenobenzões	3.944
Iodeto de Sódio	7.185
Cianeto de Mercurio	2.198
Salicilato basico de Mercurio	304
Salicilato de bismuto	20.491
Biodeto de Mercurio	555
Numero total de injeções	34.717



Este ano, o Centro conseguiu mais de 70 contos de réis, em construções.

O nosso Centro já conta com mais de 600 sócios.

Temos que nos orgulhar da Nossa Escola e, também, do Nosso Centro.

Capitulo de "O Ultimo Crepusculo" livro de Mauricio de Moraes

Inédito para o "BISTURI"

Mauricio de Moraes é uma expressão forte da nova geração poética do Brasil. "Quando as estrelas descenderem", seu livro de estréia, alcançou as melhores referências por parte dos mais ilustres críticos. Com prazer, o "BISTURI" publica a colaboração inédita que, gentilmente, êle nos deu.

Os poemas de Mauricio de Moraes alcançam o verdadeiro paroxismo, no quadro profundamente belo, místico e humano que deixam brotar, como de uma fonte pura de sensibilidade e meditação.

(o)
— I —

Rafael voltou os seus olhos claros para cima e ficou parado como quem pergunta alguma coisa estranha ao misterio daquela noite limpidã. Cada vez que vinha uma lufada de vento, de fóra, ele sentia estremecer-lhe todo o corpo. Estava magro. Sentia o fundo do rosto e os seus olhos pareciam afundados em duas cavernas tristes. Só podia pensar na suave revelação da manhã que iria surgir, breve. Não podia suportar aquelas noites infindáveis de sofrimento. Do quarto de Geraúdo só vinha, para quebrar o silêncio da casa, o som esquisito e rouco da sua tosse. Aquela tosse miserável que o ia definhando aos poucos. Na cozinha, altas horas, de vez em quando apenas algumas vozes perdidas e quase imperceptíveis:

— Como estará ele?
Ninguém podia dizer que ia bem. O seu sofrimento era como um pesadelo doloroso. Só quem o via, naquela estranha languidez, os olhos tão grandes e tão belos, parecia ter uma idéia mais clara da sua angustia. Só faltava a imposição cruel do destino para se consumir toda aquela tragedia. Todos só pensavam em vê-lo livre de todo aquele sofrimento. Todos. Rafael não podia supôr o fim da tragedia. Quanta coisa na vida era difficil de compreender. Sempre fóra bom. Estudara muito e fizera um curso brilhante. Não era justo que sofresse tanto assim. Lembrava a infancia, tão distante, perdida por entre aqueles dias quentes de sol da fazenda velha. As pescarias boas e as caçadas através das matas cheirosas. E agora tudo se transformara de repente. Não sabia de nada que pudesse ser mais triste e mais angustioso.

A noite parecia não ter fim. Mari-cota chegou bem perto dos seus oví-

dos. Falava com os olhos arregalados: — Acho que ele não vai não. Nem amanhece.

Enxugava o rosto com um lenço molhado já:

— Será melhor pra ele morrer. Será muito melhor.

Não se podia dormir. Só aquelas perguntas, a mesma coisa de todas as noites. Rafael cobriu os olhos com as mãos. O destino chicoteava os seus olhos cansados. Não podia chorar mais, nunca mais como daquela maneira. Viu quando Mari-cota saiu, melo tonta de sono e apagou a ultima luz acesa. Sentiu quando o cansaço chegou no seu extremo.

E adormeceu.

— II —

Mari-cota acendeu o fogo e colocou as pernas magras sobre o fogão. Podiam ser cinco horas da manhã. Nem bem nascera o dia. Cinco de Março. Domingo. Dentro da casa aquele mesmo rebolico de sempre. Todos sobresaltados. Rafael ergueu-se da cama. Parecia mais conformado. Gabriela chamou-o, a voz mole:

— Quer um pouco de café?

Porque não haveria de querer. Seria bom para quem passara uma noite miserável, ouvindo a voz sumida do seu grande amigo, lá no fundo do quarto. Pouca a pouco foi percebendo a luz do sol. E o azul da manhã que ia chegando. Na rua vozes matutinas de gente para a missa, de gente para o mercado. A's sete horas Rafael ganhou a rua. Sentia necessidade de uma volta por entre as arvores do jardim. Mas tudo era horrivel. Os seus passos eram lentos, meditados. O grito agudo das crianças que passavam faziam lembrar a sua infancia e a do amigo quase morto. Sentou-se num dos bancos do jardim e ficou olhando para o alto. Como a vida seria boa se fosse como aquela manhã tão silenciosa e tão clara. Lera muito, estudara também. Nada significava o sacrificio. Tudo era doloroso e sem explicação. Sentia-se revoltado. Que fazer, entretanto? Nem bem sentira o espirito mais vasto daquillo tudo, ouviu uma voz de criança que o chamou, assustada:

— Rafael, ele morreu.

Não podia pensar. Sentiu as pernas se lhe bambearem. Era impossivel. Sim, fóra o melhor. Oitavo, fóra o melhor. Mas impossivel. Ele não morreria. Ele não podia morrer. Então tudo era mentira. Tudo, tudo, até Deus. Cobriu os olhos que ardiam e começou a chorar desesperadamente. Geraúdo morrerá. Naquela manhã, tão bela! Ergueu-se a custo e voltou. Naquela casa a tristeza chegara ao fim. Gente cruzava de uma parte para outra. E viu quando entraram flores. Todas significavam sofrimento e tudo tinha uma explicação amarga. A vida seria aquillo?

Mari-cota apareceu, a face pallida, os olhos vermelhos:

— Seja o que Deus quiser.

Lembrava aquelas palavras ditas assim espontaneamente. Só gente ignorante podia falar daquela maneira. Não era justo. Nunca. Rafael não podia compreender aquele drama de crueldade. Todas as fisionomias eram contristadas. Parecia chegar gente de todas as partes. Foi a cozinha e bebeu café. Depois voltou e sentou-se junto da mesa. Cruzou os braços sobre ela e começou a soluçar baixinho.

O silencio era quebrado apenas pelo vozerio baixo da gente que começara a encher a casa. Geraúdo fóra transportado para a sala. Nunca o vira tão pallido e nem tão expressivo. Qualquer coisa de misterio adormecera nos seus labios e os seus olhos cerrados pareciam desprezar o espetaculo comum e desinteressante da vida. Estava tranquilo.

Rafael ficou um tempo, olhando-o. Depois voltou. Cerrou os dentes e fechou os olhos como quem não sabe por onde fugir de um sofrimento sem fim. E saiu pela rua, caminhando, sem saber para onde, nem para que. A sua frente abria-se a paisagem clara e iluminada da vida. Tudo agitado, como num grande dia de festa. Dentro de sua alma parecia ter sido aberta uma grande ferida. Não podia compreender. Ergueu os olhos cansados de sofrimento e amargura.



Dr. Abraão Leite

Todo estudante de medicina conhece o Dr. Abraão Leite, através da alta direção e competência com que dirige os trabalhos de construção do Hospital das Clínicas. Além do mais, temos oferecido, por muitas vezes, os seus valiosos préstimos, para tudo

quanto o Centro o foi procurar. Por isso, é o Dr. Abraão Leite considerado um grande amigo dos estudantes da nossa Faculdade.

Em sinal de homenagem justa e justo reconhecimento, a Diretoria do Centro sinceramente lhe concederá o título de Sócio Benemérito.

Idort

(Instituto de Organização Racional do Trabalho)

A Diretoria desse Instituto, em prosseguimento á campanha educacional empreendida com a "Jornada contra o Desperdício", que teve lugar nesta Capital em Dezembro de 1938: com a "Jornada contra o Desperdício nos Transportes", levada a efeito no ano findo, resolveu promover um novo certamen, que será a "Jornada sobre a Alimentação", a realizar-se no corrente mês, de 21 a 29.

Dada a projeção cultural que o nosso Centro vem cada vez mais impondo, foi este convidado, pela Diretoria da IDORT, para patrocinar essa Jornada, que tem como escopo esclarecer o povo de São Paulo e do Brasil, sobre os desperdícios oriundos de má escolha dos alimentos; e visando não só a parte econômica do problema, mas também a formação de uma geração sadia, com a melhoria da máquina humana, tão necessária para se alcançar o progresso e a eficiência.

A campanha, então, patrocinada pelo Centro consistirá numa série de conferências e palestras, apresentadas pelos colegas e abordando as questões de mais interesse e utilidade sobre o assunto, em todos os estabelecimentos de ensino da Capital.

DR. ARTUR ETZEL

Apresentamos os nossos agradecimentos ao Dr. Artur Etzel, Diretor da Seção de Matas, Parques e Jardins da Prefeitura, pelos serviços valiosos prestados, gentilmente, ao nosso Centro.

Entre as suas inúmeras benfeitorias, temos de destacar a reforma geral do campo de futebol, o ajardinamento ao redor da piscina e arborização ao redor das arquibancadas. Além disso, o Dr. Artur Etzel providenciara, em breve, a arborização no estacionamento de automóveis, como ajardinamento entre os aparelhos de ginástica e os terrenos de frontão, veloz e boia ao custo.

Por tudo isso, os sinceros agradecimentos do Centro ao Dr. Artur Etzel.

COMPOSTO E IMPRESSO NA
"TIPOGRAFIA PAULISTA"
JANDAIA, 56 — SÃO PAULO

Agradecimento

DR. PRESTES MAIA

O Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" apresenta ao Dr. Prestes Maia, D.D. Prefeito Municipal, o nosso sincero agradecimento, pelas provas inúmeras de simpatia que tem demonstrado para com os estudantes de medicina.

Temos de assinalar o restabelecimento da verba municipal para o Centro, medida essa que muito virá contribuir para a eficiência da Liga de Combate á Sífilis, a que particularmente se destina.

Além disso, o Sr. Prefeito cedeu, gentilmente, os salões do Estádio Paqueta, com isenção do imposto, afim de lá se realizar o Baile de Gala, no dia 21, que o Centro promoverá, contando com o patrocínio da sociedade paulistana.

Por esses auxílios, pois, prestados generosamente ao Centro, muito agradecemos ao Dr. Prestes Maia.

DR. GUILHERME WINTER

Ao Dr. Guilherme Winter, D.D. Secretário da Viação, será dado o diploma de Sócio Benemérito do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", em virtude dos grandes benefícios que tem prestado á nossa associação.

O Dr. Guilherme Winter estabeleceu verba para colocar as telas nas vidraças, aumento de vestiário e quarto para o Albino, etc.

E', então, com prazer que assinalamos esta noticia, ao contar o nosso Centro com um nome ilustre para o seu quadro de Sócios Beneméritos.

DR. GUILHERME LYRA

Será entregue ao Dr. Guilherme Lyra, engenheiro do Hospital das Clínicas, o diploma de Sócio Remido do Centro, Acadêmico "Oswaldo Cruz". A Diretoria do Centro pretende com isso, sinceramente, tornar público o seu agradecimento a quem muito favor tem prestado ás nossas realizações.

A completa remodelação do Estádio, em todo o seu campo de construções, foi feita sob a orientação técnica do Dr. Guilherme Lyra, uma das razões por que a Diretoria do Centro lhe concede o diploma de Sócio Remido.

Subvenções Federal e Municipal para o Centro

Uma conquista das mais utilitárias, a Diretoria do Centro consegue obter, no cumprimento rigoroso de sempre pugnar por medidas que tragam a satisfação dos interesses e realizações comuns.

Apresentando, desde o principio do ano, um documentado relatório das atividades do Centro, quer pelos seus Departamentos ou Instituições, a atual Diretoria acaba de alcançar, do Departamento de Assistência Social do Rio de Janeiro, uma subvenção anual, ordinária de 10.000\$000 e extraordinária de 30.000\$000.

E' também conseguida, junto dos poderes respectivos, uma subvenção municipal de 4.000\$000, anualmente.

Esse auxílio oficial ao nosso Centro, sem dúvida, virá muito trazer benefícios em prol de seu progresso sempre maior, dando assim á sua Diretoria básicas possibilidades de trabalhar para o bem geral dos colegas.

“A “ÚLTIMA” DO PINHEIRINHO”

O Pinheirinho é um rapazinho do 2.º ano, célebre creador do não menos célebre meio mnemônico para se guardar o “locus caeruleus” do bulbo: “ceroulas do Lochi”.

O talzinho deu ultimamente para engraçadinho, mas nem sempre dão certo suas piadas. As suas “bolas” no entanto, às vezes, são boas.

Quando foi da filmagem da turma por uma companhia americana, todos procuraram desviar o olho para o câmbio do microscópio, numa imitação fingida de atenção e trabalho. O Pinheirinho, porém, levantou a cabeça e ficou sorrindo ituanamente para a máquina, um sorriso que deverá ser cortado na primeira ocasião. Até o Primo Ruy ficou envergonhado de tanto calpísmo...

Fois o gurisinho foi no outro dia estudar na casa do Montenegro e lá ficou num bate-papo danado, desde às 2 horas da tarde, pleno sol quente, até... até que vieram chamar o Montenegro para jantar. Quando o Pinheirinho começa contar as histórias do Flaminio e o pé de café, perde a noção do tempo.

O Pinheirinho ficou encabulado. Como é que foi esquecer de pirar antes da boia! Timido por natureza, ele perde rapidamente as estribeiras diante de estranhos e então como instasse com ele para jantar, viu mentalmente a mesa dos Montenegros, tudo gente estranha, nenhum conhecido de Itú, e tremeu de vergonha. Tremeu e souo frio.

Fazia-se cada vez mais pequeninho na cadeira, a cada insistência ao amavel convite.

No fim, tendo que sair de qualquer jeito daquela enrascada e como instassem a todo custo, tomou folego, reuniu energia, e sussurrou, olhos no tapete, face escaldante, e enrolando a ponta do lenço.

— Não senhora... Muito obrigado... Eu já... já jantei!...

Um aniversário

Ao cair da tarde do dia 31 de junho, colheu cuidadosamente mais uma réplica no cálice de sua existência, o robusto e simpático moreninho Tibiriçá, na intimidade. Tibi. Esse varão, ha tempos, vem-se salientando pelas rólidas qualidades de caráter e fulgência involgar de espírito. Assim é que detesta combates desassombroadamente “bluff” e jamais chamou Cunha Mota de velho, apesar da sincera afeição que sente pelo Norberto.

Quando criança, o nosso aniversariante costumava roubar goiabas no quintal do vizinho, com o atual micomaniaco Floriano de Almeida D. M. (autor de um livro) e, não obstante essa antiga cumplicidade, nunca teve a péssima tendência de introduzir no cérebro quanto cogume vagabundo existe por aí, nem tão pouco a de usar relógio a óleo cru, espécie de palacção monumental que acumula as duvidosas funções de marcador de tempo, arma agressiva e gaiola de cuco...

O Tibi, todas as terças-feiras, assiste às bellissimas aulas do Foca; entretanto (passam, senhores!), apesar disso apesar do mimetismo ser um fato científico, as aulas do nosso herói ainda não perderam aquelas características de clareza, precisão e método...

Um mau, porém inocente costume do Tibi, é volta e meia cair na farrá: seu companheiro, nestas ingênuas expansões, é Faria. mas, apesar da companhia, o Tibi sempre se soube controlar, conduta que nem sempre adota aquele conhecido caudilho. Mas é como diz Névio, com a fluência que o caracteriza: ninguém não é perfeito na superfície da terra, cuja taxa de uréia é 5 toneladas por metro cúbico de parênquima renal...

Voltando ao Tibi, para desfilir rosário de suas excelentes qualidades, seria necessário um volume inteiro, tipo “... vento levou”. Todavia, não podemos deixar de frisar o fato de que, mau grado o feliz aniversariante hilar, quando pode, elegantly “Cadillac” verde-garrafa do Vasconcellos (após mai le déluge), nunca, jamais, em tempo algum, sentiu gana de fazer farol...

Cavaliheiro de escol, atávél, atencioso (estou qual dizendo o meu número), não obstante um certo parentesco que, segundo os seus pouquíssimos inimigos, tem com certa pessoa (que não é o Pessoa) assaz estridente da Parasitologia...

De uma honestidade a toda a prova, o que lhe valeu ser eleito, por unanimidade, tesoureiro de certo jornal — íco de vida fácil; desgraçadamente, referido pasquim deixou de funcionar e, ao que conseguimos apurar, por ter-se verificado um desfalque na caixa, da miserável quantia de duzentão, o que mais uma vés prova a retidão, proibidade e prontidão do Tibi...

Espírito hácido, privilegiado, têm-lhe sido atribuídas várias invenções de utilidade pública, uma das quais é a célebre arapúca de Tatú, de grande repercussão na Patagônia. Levando em conta, estas qualidades, aliadas a uma elevada clareza, faculdade de análise e notável intuição, sugerimos lhe seja entregue para solucionar, o tenebroso mistério das 37 peças de Anatomia. Estamos certos que o Tibi punha o caso em equação, em dois tempos.

Ao contrário do que se propala, apesar de falar alemão, o Tibi não faz parte da 5.ª Coluna. Detesta aquela mau costume do Norberto, de o chamar de Tibi (oh Tibi) na frente dos alunos. Tal liberdade, diz ele, implica numa quebra de dignidade. A's vèzes, é mau como quando não quer ajudar Norberto, prestidigitador, manobrar aquele oncenca-do aparelho de projeção. Felizmente parece que o referido aparelho já se adaptou á falta de jeito do Norberto...

Quando souberem da feliz ocorrência, as “bôas” do “Harem” foram acometidas de “spring fever” e correram pressurosas depositar seus ósculos virginais nos beicinhos do Tibi. Naturalmente o nosso homem se esquivou a tão “exagerada manifestação de mocidade”, pelo bom nome do Departamento...

O aniversariante foi muito cumprimentado. O Norberto, num gesto espontâneo, mandou-lhe uma rica caixa de bombons, que o Tibi, por causa das dúvidas, mandou examinar antes de comer... O Cunha Mota apresentou-o com um livro de anedotas. O Tuney dedicou-lhe uns versinhos. De Albino, recebeu um ramalhete de urtigas com os seus cumprimentos. O Lucas mandou-lhe a conta do ano passado...

“Happy birthday”... GIL BLAS.

“NOLIS”

Temos em mãos o 2.º número de “Nolis”, órgão recentemente surgido entre os colégas da Faculdade de Direito.

Agradecendo as referências elogiosas ao “BISTURI”, néle contidas, cumprimentamos os Diretores de “Nolis”, por já terem caracterizado esse jornal pelo ótimo feltio material e pela ótima qualidade.

Algumas histórias

Carlos X agonizava. Ao seu redor, os médicos provavam todos os meios para prolongar sua vida, a que, o rei, fastidiado, gritou: “Fizestes dona, Charles attendi!”

Napoleão achava-se, um dia, com cirurgia Desgnettes; lhe falou: “A arte médica é a ciência do assassinio organizada.” “E que pensais” — rebateu Desgnettes — “da arte dos conquistadores?”

Quando se anunciou a Grassot que a “Gazetes des maladies” morria, depois de 50 números, Grassot observou: “Eis um jornal que bem segue seus abonados.”

Casimiro Félix Lyon (1831) fez enorme fortuna, com operações de “littiasis”. Na entrada de sua casa, em Meudon, lia-se: “Esta casa foi construída com três pedras”.

O Prof. Almeida Prado estava com seus assistentes, á cabeceira de um doente grave. Em dado momento, o doente abre os olhos e exclama: “Quem são todos esses cretinos?” “O doente melhora”, observou Prof. — “pois já nos reconheço”.

Cabanes cita uma dedicatória a um médico, em Boulogne sur Mer, e que deve ser a última no mundo: “Ao dr. X — seus amigos e doentes”.

O doente agonizava. O Prof. Celestino, como sempre o confortador espiritual, aconselha-o: — “Perdoai a quem vos fez mal.” “Eu vos perdoo” — respondeu moribundo, num fio de vóz.

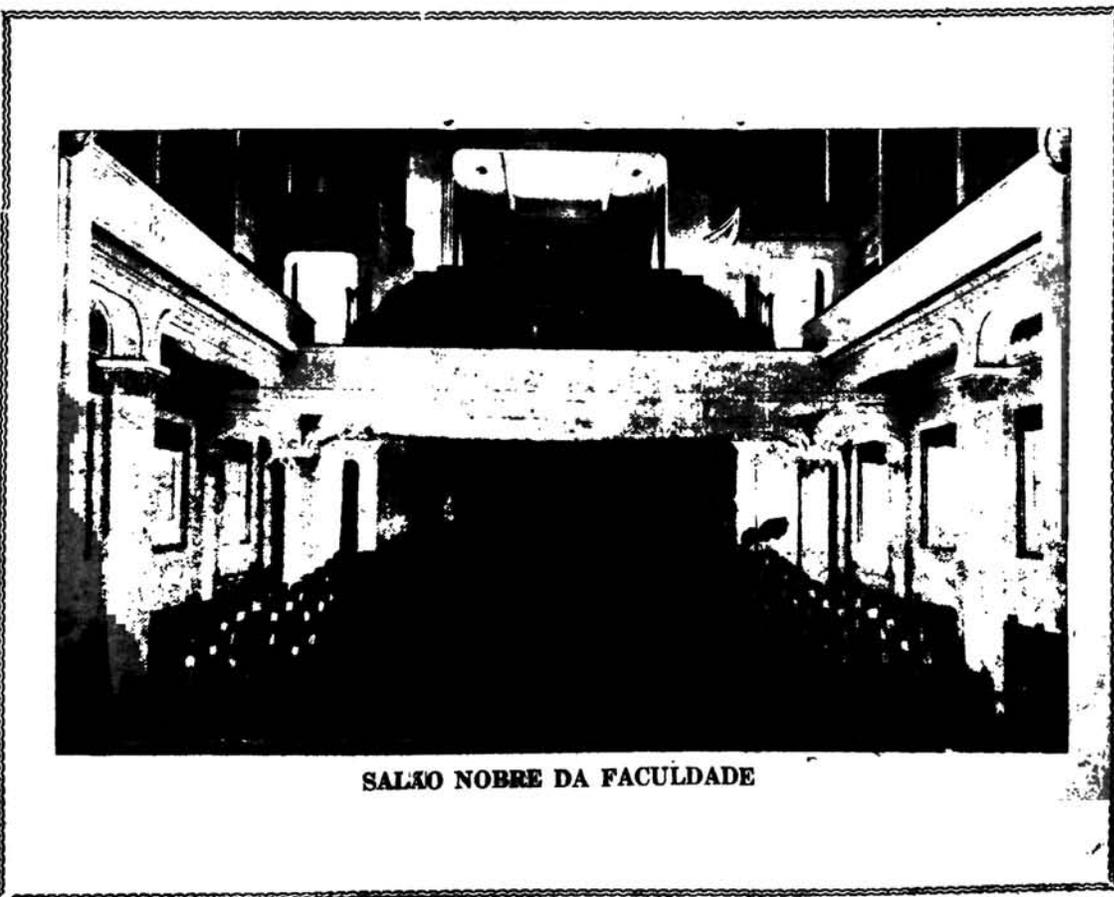
— “Mas, doutor, como fazem os seus doentes, quando o sr. está em férias?” — “Não sei; são capazes de sarar”.

Entre amigas: — “Ouviste? Rosita trocou de médico!” — “Cottadol! Ele era tão tímido!”

— “Sabes? Lourdes casa-se com um célebre neurólogo!” — “Que diabo terá elle descoberto nelar?”

A noiva, ao jóvên médico: “Querido, tu não me transculdarás depois, pelas tuas clientes?” — “Que bobagem, querida. Antes de tudo, minha esposa... depois, as clientes”.

GUSFRY.



SALÃO NOBRE DA FACULDADE

O SETE

Apuleio, um dos escritores de menor fama, armazenou tudo quanto a ciência grega produziu e transmitiu os seus conhecimentos com prolixidade eloquente ás gerações futuras, sendo considerado um grande obreiro da civilização ocidental e o maior homem da escola Pitagórica.

Dos seus ensinamentos destacam-se aqueles referentes ao número sete. Já naquela época as noções sobre a figura antipática e contrafeita do 1 (Por falar em 7 aflora-nos á mente a imagem do pseudo científico Quirino e do parlador Kauffmann), parente gráfico do 7 ao qual Balzac atribuiu as desventuras e os insucessos do seu herói 7. Marcos já havia invadido varios departamentos da intelligência humana.

Aos 7 meses da viabilidade do feto, aos 7 anos da renovação dos dentes, aos 7 anos da chegada da adolescencia, aos 7 dias da semana, sempre se vinha aflestrar identico algarismo qualquer que fosse o assunto da cogitação que se lhe seguisse. Era o 7 como o é ainda um número telmoso, e insuperável. Na lenda, na vida pública, na intimidade, na história, na ciência, nas artes, sempre, sempre o 7 apparecia inevitavel como um cobrador massante de impostos.

Os 7 chefes contra Thebas proporcionaram ensino a uma das belas revelações do classicismo helenico. A alusão aos 7 céus teogonicos de nascimento, persistem em todos os idiomas ainda depois de alargados os estudos astronomicos. Preocupo cuidadoso da guarda d'um objeto, raro é quem o não diga: “fechado a 7 chaves”.

Os 7 sabios da Grecia, as 7 maravilhas do mundo, os 7 pecados mortais e as 7 virtudes costumam nos anexos parlantes aos programas de ensino secundário, ser muito bem aproveitados para não profundos exercicios mnemonicos. O mesmo acontece não só á lista dos 7 possíveis reis de Roma como aos 7 incontestaveis Antoninos directores do menos infeliz periodo administrativo da civilização mediterranea.

De provavel berço saxonico, exportada porém, da Iberia para o Brasil, a credencia, que fazia virar bruxa a última das 7 irmãs sem irmão e como as tais bruxas nunca foram vistas por mais que as procurassem, começou-se a considerar mentiroso quem a pertencesse ou mesmo lhe fizesse referência. Daí se sinonimizarem no Brasil inteiro hontem e hoje irmanhão-se como dois adjetivos gêmeos na significação, o numeral 7 e o qualificativo mentiroso.

Lendo ou ouvindo sete, imediatamente ocorre ao nosso espirito e vem a nossos lábios a afirmativa: 7 — conta de mentiroso.

A história do Brasil quebrou, porém 3 vezes a unanimidade dessa sentença. Uma delas — a mais significativa é o 7 de Setembro de 1822. E' esse 7 brilhante que representa um marco da evolução sociologica, a libertação justa e necessaria de um povo.

FM.

A CONVERSA DOS ESQUELETOS

(o)

O exame de Anatomia estava próximo! (que início tragico...) Era época da grande "torrada"... A tarde já ia longe, e sozinho, eu estava ainda a estudar no Laboratorio... esquecido por todos. Resolvi descansar uns minutinhos e dei á geladeira, para cumprimentar os mortos!

Dei as escadas absorto, quando um ruido despertou minha atencao... Uma voz meliflua, fina, entrecortada por pequenos rasgos de tosse fazia-se ouvir... Um calafrio atravessou minha espinha de ponta a ponta, pois eu poderia admitir tudo, menos que os cadaveres fizessem assembléias, em plena "geladeira"! Em todo o caso, como todo o mundo se reúne para ouvir discursos e baboseiras, lá estavam amontoados uns "pedaços" mais ou menos inteiros de gente, em circunstancias especiais e nada impedia-os de tomar a liberdade de conversar...

Devagarzinho tambem já reduzido a "meio" cadaver pelo medo, sentei-me nas escadas e ouvi:

— Hoje aconteceu uma "boa" no Laboratorio! Aquele "esqueletinho atôa", o Nesti, o tal que se engraçou com aquela mulata, perto do necroterio, estava procurando minha glandula mamaria no joelho, só porque o professor disse que houvera um caso na Italia!?

Será que a besta do Nesti pensa que isso acontece no Brasil? Isso é só p'ra mulher granfina.

Ou p'ra terra do Mussolini. Onde as mulheres têm tantos filhos, que precisam arranjar namadeiras supranumerarias, não é Bentão? E em qualquer lugar, não é?

— Ouviu-se antes um gargalhor roufenho e depois uma voz cavernosa: Quar o quê, menina! Océ devia vé o Pedrinho, o Curtinho e aqueles ôtros coió, falando em atretismo; de Anatomia mémo não saia nada... Magine, inté, eu, senti vontade de esperneá e saí correndo... os 400 métrios!

Depois, uma pud'ca mulatinha, com uns trejeitos da boca disse: Olhe, vocês devíam ouvir as conversas entre o Liberato e a Silvia! Nem sei o que aquele rapaz achou nela... Não é p'ra falar mal da vida alheia, mas comigo ele teria tido mais sorte, isso eu garanto!

Um busto, meio desengonçado quiz tambem tomar parte na conversa e exclamou: Hoje quem me disseceu foi aquele "bruto do Brotto" e aquela zebra do Sergio! Como eles não podiam vé o "meu sexo", deram a procurar os seios (nomenclatura errada) e cada corte me arripiava, que metia dó! O "tôpo", o farol testaceo do Sergio alumiava e me cegava os olhos além das palpebras, e ele pensava que minha "barriga" era o deserto arido de pêlos que é aquela bola de bilhar, que substitue o seu craneo!

Ouvi depois um pobre cadaver, que parecia estar muito cansado e abatido: — Espero nunca mais cair nas mãos e na boca de S. E. o porteiro Adeniar! Ai, que estúpido! Não largou um momento de me dilacerar com seu bisturi e de me torturar os timpanos com os seus ideais científicos! Diz-se até um emulo de Einstein, de Marconi, de Edison e Newton juntos, de Osvaldo Cruz e Cia! E quando se refere á sua Musa Méria então, é melhor permanecer vivo, porque cadaver já não vale mais a pena ser...

Não posso contar como percebi que havia um cadaver de mulher casada, que disse: — Não vou com aquela brincadeira seria do Zé da... Figueiredo com a caloura de Victor Hugo (!), que é um anjo de ternura medica ao pôr um balsamo lenitivo no coração afigueirado, que estava doente de amor! Outra coisa engraçada era o idílio do Bastião com as veteranas... O tal misturava amor e musculos, sonhos e articulações, e na hora do exame a coisa era diferente: A Anatomia ao em vez de se fixar no cerebro, havia-se fixado no coração! E lá se vai um idílio inacabado...

Logo depois, o corpo retalhado de um italiano reclamou com os grunhidos que soltou: — Porco Gluda! Perché mi deixaro cadere nas mó daqui granfini! E' una vergogna! Un italiano como io não pode ser "escorticato" por quelli mariquinha di una figa!

E, coitado, balbuciava e blasfemava numeros pequenos, nomes feios e bonitos, estes ultimos representando arvôres frutíferas finas, grandemente finas.

Finalmente, o Ditão, aquele mulato troncuco, começou a falar de mim... Ele disse cada coisa e cada palavrão alinhado... que, nunca mais! Como ele me elegiou muito pelo meu brilhante Curso de Anatomia, e como sou muito modesto, nada dreí. Em conclusão estiveram todos de acordo em achar que todos os calouros são umas toupeiras com galões e tudo e assim acabou-se a tetrica assembléia... Eu me retirei; já era tarde e não estudara... No dia seguinte fiz exame e... abafei a banca!

E. S. Q. LETO



O salão para jogos de "snooker" e ping-pong

«MAS ISTO E' VIDA?»

A criança nasce.

Conhê! Conhê! Tem dor de barriga — ninguém sabe que é. Tem fome — ninguém a entende. Doe-lhe isto, incomoda-lhe aquilo — ninguém lhe pode minorar os padecimentos suavizar as suas dores.

A criança cresce.

Não pode fazer isto porque é feio. Não pode fazer aquilo porque mamãe não deixa. Não pode mexer ali porque papai bate...

A criança vai para a escola.

Precisa deixar cama cedinho.

Precisa ficar muito calada e quietinha durante longas horas. Precisa fazer milagres de atencao para que a professora "cete" não a mande para a Diretoria.

Precisa decorar coisas maçantes. Precisa preparar lições estereis.

E em meio de tudo isso tantas estopadas no dedão do pé, tantas cabeçadas na quina da mesa, tantos desejos contrariados, tantos doces e brinquedos impossiveis, tantas lições dificeis...

E criança, intrigada, vai perguntando aos que a rodeiam:

- Pra que estudar?
- Para aprender, responde a mamãe.
- Pra que aprender?
- Para saber, diz D. Eulalia, professora.
- Pra que saber?
- Para trabalhar, responde pai.
- Pra que trabalhar?
- Para viver, diz todo o mundo.
- Pra que viver?

— Para, diz "seu" Vigario, se for muito bonzinho e obediênte, ir para o céu, sinão... e-ele, com um gesto ameaçador, indica as caldeiras fumegantes do inferno.

E a criança, sem nada entender, senta-se um canto e, com o dedinho espetado na cachôla semi-bruta, raciocina:

— Depois de tudo isto ainda ir pro inferno? Mas isto é vida?...!

T. B.

Historia patetica

Era um individuo baixinho, semi-caquético, do genero "funcionario publico á mercê de agiota".

Vinha pela rua abstrato a mão no bolso, o olhar nas nuvens — o pensamento na conta do vendeiro. De repente: catrapuz! — lá ficou ele em baixo do rolo compressor, (o rolo compressor é essa maquina grandalhona, barulhenta, com leves pretensões a locomotiva — a Prefeitura faz com ela a propaganda social-igualitaria entre os pedregulhos da rua.)

— "Que falta de gosto!" comentou uma senhorita 1940, que havia assistido ao tropelamento, "ainda si tivesse ficado em baixo de um Packard azul!

Mas fato é que individuo baixinho, semi-caquético, morreu mesmo!

Na loja onde ele trabalhava foi uma cons...

ternação! — isso porque aquele individuo genero "funcionario publico á mercê do agiota" era muito estimado. Tambem não admira, ele era o que se chama um rapaz "muito bonzinho" (Um rapaz muito bonzinho é sempre um cidadão que nunca se distinguu por qualidade alguma).

Concluidas as formalidades policiaes, os amigos resolveram entregar á familia o cadaver do rapaz. E foram.

Bateram á porta. Ninguem respondeu. Bateram outra vez. Tornaram a bater. Já era hora do jantar e não havia ninguem naquela casa!

Nisto um deles teve uma idéia oportuna: passaram o cadaver por baixo da porta, foram embora.

Estava entregue!

PANGLOSS



As novas Caixas colocadas no vestiario dos Esportes

FOI SORTE

Em certos momentos da vida, precisamos arranjar um meio para fugirmos das situações criticas em que nos achamos.

Assim apareceu a sorte, que é sobre quem recae todas as responsabilidades do que vai pelo mundo.

Em todas as ocasiões, ouvimos esta palavra, e se algumas vezes nos salva de um fracasso moral, por outras nos leva a um despreso pelo sucesso alheio.

E quando fazemos um enorme esforço para levantar o nosso orgulho por termos produzido algo de util, ouvimos esta frase que como sempre vem deste proximo que tanto somos obrigados a amar que nada nos perdoa.

Por quanta coisa não é ela responsavel. Nos grandes momentos como nos mais simples ela está sempre em cena.

Quantos crimes ela não cometeu, enquanto que homens o pagam ás vezes com a propria vida.

Quantas pessoas não morreram na miséria, porque talvez ela não ia muito com a cara deles... enquanto outras tantas não viram de um momento para outro surgirem suas fortunas, porque a sorte caprichosamente premiou o seu bilhete comprado por acaso, enquanto outros marretam o mês inteiro com o mesmo fim... e nada.

Quantas jovens não viram os seus sonhos desfolhados, foram obrigadas a ouvir pena maxima para elas, que é o nome de titia. E nos exames... quantas notas boas e más não surgem unicamente por causa da sorte.

Será ela uma destas azas negras que andam por aí fazendo a caveira de certos individuos, ou então um destes lindos anjos que protegem e guardam os demais.

Mas porque será que ela só simpatiza com umas caras?

Se o guia de telefone desse o seu endereço, aposto que ha muito ela, não atormentava tanto a humanidade.

Parece-me ser ela bastante covarde porque como disse Napoleão está ela sempre ao lado dos mais fortes, mas tambem porque ela não se esquece destas que o "vulgus ignarum" costumam chamar de Bôa.

E' sabida esta diaba...

J. NOGUEIRA

Segundo fomos informado tem tido grande sucesso a hora do romance, que é irradiada diariamente pela PRXY Radio Patrulha de São Paulo.

Este programa conta com a colaboração de varios jovens e senhoritas da nossa culta sociedade, e consta-nos que varios nossos colegas têm concorrido para o seu brilhantismo.

CHARADA



Por estranho que pareça Esta "boa" sem cabeça, E' daqui; mas quem será? Não desamigne colega. Vejamos se você pega: L, mais três letras, A.

G. B.

CARTA ABERTA AO

EXMO. SNR. DR. OTAVIO DE PAULA SANTOS

"A Termite city is a magnificent affair" — YEATMAN.
 "Kurzeit Giebel glauben ist" — GEGENBAUR.

O método científico, essencialmente dedutivo, obriga estudiosos ao dispêndio de esforços às vezes sobre-humanos, não tenha cultor da ciência uma capacidade sintético-analítica de grande alcance; projeção introspectiva potentíssima (Bergson). Deste modo, vimos-nos obrigados a traçar novos caminhos que a ciência deve percorrer, se quiser sair do marasmo em que a precipitou a lamentável e maldadada pregação do positivismo de Comte. Quais serão esses caminhos?

Na nossa doutrina se fundamenta nos dogmas seguintes:

1. — Negar evidência, para a qual nos arrastam nossos sentidos sempre falhos.
2. — Jamais se ater a raciocínios estreitos de ordem dedutiva.
3. — Partir de generalizações vastíssimas, para de um geral comum chegar-se à legião imensíssima de todos os particulares.
4. — Trocar método químico de pesquisa pelo filosófico.
5. — Negar peremptoriamente partenogênese.
6. — Nunca errar.
7. — Acertar sempre.

Como se vê, é um programa vastíssimo; mas sua excelência já tem sido demonstrada em nossos laboratórios, arvore fecunda cujos frutos já amadureceram, e que, colhidos por nós, temos o prazer de oferecer ao paladar de cientista refinado de V. Excia.

Assim, as teorias que procuram localizar as sensações da fome da sede encontram em nós oposição fortíssima.

Segundo nossas pesquisas, as sensações da fome e de sede são tanto locais como gerais.

Explicamos: A sensação de fome é produzida por um hormônio — a **fomina** — que temos a glória de haver descoberto em nossos laboratórios; já a isolamos e sintetizamos.

Esta substância é produzida no 3.º tubérculo de Fabricius d'Acquapendente, situado como um apêndice, na glândula carotídea, ao nível do triângulo de Lalouette.

O mecanismo de produção é um simples bombardeio iônico por raios MB.

A fomina, como demonstra fórmula, é um glicurono-creatinato de adrenalina, de uma das valências é satisfeita por um metal monovalente, frequentemente o Césio (fomina alfa).

Existem quatro tipos de fomina, sendo que cada um desses hormônios tem ação particular. Assim, fomina de metal monovalente, alcalino (fomina alfa) tem quatro isômeros ônicos: fomina levógiira, dextrógiira, racêmica inativa, respectivamente:

- fomina alfa 1 — levógiira
- fomina alfa 2 — dextrógiira

Fomina

- fomina alfa 3 — racêmica
- fomina alfa 4 — inativa

Qual mecanismo de formação desses diferentes hormônios?

Pesquisas já antigas de Rey Pailhade evidenciaram que os indivíduos em estado de desnutrição (jejum prolongado) apresentam nitidamente fenômeno da fome. Tais observações foram confirmadas por exaustivos trabalhos em nossos laboratórios. Ora, as características da desnutrição, são, na maior parte, devidos à falta de amino-ácidos, falta essa que conduz a uma fraqueza extrema condutora ("síndrome infalibilis" de Shimura).

Evidenciamos que o tecido retículo-histocitário dos indivíduos desnutridos é imensamente rico em kreatina (André). Trabalhos já antigos do Cannon evidenciaram larga produção de adrenalina quando da instalação de fenômenos psico-emotivos profundos, tais como os causados pela fúria do indivíduo que se vê privado de alimento (Brillat-Savarin, Goethe, Lord Halifax outros). Falta-nos apenas, explicar presença do ácido glicurônico: tal assunto ainda não foi por nós esclarecido de modo seguro, mas tudo indica que solução do problema está próxima.

Os corpos citados estão prontos para elaborar fomina; vejamos como tal se dá.

É indubitável, e foi por nós provado, que existe sempre no organismo (em particular no 3.º tubérculo de Fabricius d'Acquapendente) uma certa quantidade de fomina sob a forma de **fominogenio**. Sob a ação da creatinino-glicurono-adrenolinkinase, as tres substâncias scfrem um bombardeio intenso e recíproco de raios OZ (trabalhos do nosso colaborador Taast-Halcy) vindo a formar o **fominogenio**. Este, sob ação da fominokinase, secretada por formações glandulares particulares, passa a fomina. A pequena quantidade de fomina pré-existente é causadora do apetite (Fuerbachenthal); toda a fomina causa a fome.

Eis atividade das diferentes modalidades de fomina:

Fomina

- fomina alfa (com Cs)
- fomina beta (com Polonio)
- fomina gama
- fomina delta (com cobre)
- fomina alfa 1 — fome de beterrabas
- fomina alfa 2 — fome de pará
- fomina alfa 3 — fome de coaduas
- fomina alfa 4 — fome de galinha
- fomina beta 1 — fome de repolhos
- teutofomina beta 2 — fome de choucroute
- tuolofomina beta 3 — fome de bacalhau
- itolofomina beta 4 — fome de macarrão
- dos canibais — fome de crianças coradas
- fomina delta 1 — fome de saber
- fomina delta 2 — fome de todos os diabos
- fomina delta 3 — fome de bisé — (explosiva)
- fomina delta 4 — fome de feijão

Foram todas isoladas.



A nova sala para jogos de dama e xadrez

Evolução

E. Beolchi

As leis da evolução de Spencer encerram uma verdade indisputável. De fato, tudo neste mundo que é susceptível de padecer a ação do homem, da inteligência, tende a modificar-se adquirindo formas novas, melhores e mais perfeitas.

A evolução é um fato. Que diferença não há, por exemplo, entre o conhecimento aristotélico do corpo humano e as modernas concepções metapsíquicas de Richet! Quem diria que o desengonçado fordeco de bigode, 25 anos depois de aparecer sobre a terra viesse a assumir as proporções aerodinâmicas do Mercury 940!

A evolução "bitakriegueana" do material do objetivo, parece que não foi seguida, como seria de se desejar, de uma evolução espiritual, subjetiva, correspondente.

Em pleno século da televisão, do cinema, do Stuka, do Queen Elisabeth, catiaspirina... muita gente acredita ainda que urina de coelho bravo com mel de marimondo é "tiro e queda" para dor de cabeça e cachumba!

Se é verdade que, para alguns, a descoberta ou a invenção de alguma coisa veio abrir novos horizontes para a descoberta ou invenção de outras, para muitos, e estes constituem a maioria, veio ser apenas um meio de dar maior conforto e segurança à sua vida.

O que era impossível para essa porção da humanidade abandonada aos seus próprios recursos, os meios que os inventores e descobridores puzeram ao seu alcance permitiu-lhes enfrentar e vencer certas dificuldades. Ai está um grande mal da evolução heterogênea; fazer uma parte da humanidade confiar no cérebro da outra, desprezando os seus próprios recursos, se é que os tinha.

Há indivíduos que abusam dos meios ao seu alcance, tornando-se verdadeiros escravos desses meios, perdendo toda a concepção de seu próprio valor inventivo.

Hoje em dia o homem vale mais pelo ouro que possui na Caixa Econômica do que pela cultura e inteligência que traz na sua calça craneana. O ouro proporciona-lhe, as vezes, os meios de vencer que a sua inteligência seria incapaz de fornecer-lhe.

As conquistas facéis, demasiadamente facéis de hoje, que o dinheiro proporciona não têm o sabor das outras conquistas, feitas arduamente numa série de aventuras e enrascadas, que policionizam deliciosamente a nossa vida.

A evolução está destruindo a própria surpresa.

Atualmente tudo é calculado, medido e previsto cientificamente.

A surpresa de um nascimento de há muito foi abolida e para nós não será estranho se alguém conseguir, num futuro próximo, por exames, cálculos e deduções, prever o dia e a hora que cada um de nós ha de morrer.

Não há dúvidas, meus amigos, a evolução está tirando até o privativo do nosso sexo: o direito de ser homem!

Pelo menos já se faz notar, em seus primeiros grãos, essa evolução ou involução (com o perdo do belo sexo), em alguns indivíduos... e vice-versa, como aconteceu com a minha Maria que se tornou Mario.

A seguir ouviremos no nosso programa...

...Camyone (em bom português: Badalos); Sergio Sebastião Russo aos mestres Lochi Névic.

...Seu condutor — Cotrim oferece aos empregados da Light;

...Entre os seus mil amôres eu sou o número um — Fausto dedica ao Faria;

...O teu cabelo não nega — Daniel oferece às virgens de ébano;

...Todo mundo menos eu — General oferece à seção de Anatomia;

...Meu coração aos teus pés — Burma oferece ao Lochi;

...Valsa dos namorados — Junqueira dedica ao Fausto;

...Bebida, mulher, orça e logo a seguir

...Boêmio — Gelson e Renato dedicam aos colegas fossilizados na Anatomia;

...Magus de caboco — Sebastião Russo à Orléa;

...Resquei o teu retrato — Diroso dedica ao Gelson;

...Lenda árabe — Buazar ao Habib;

...Dá-me tuas mãos — Celeste à Diroso;

...Ferdinando, o touro — Farinas oferece ao seu colega Paulo Prado;

...Amando à beira-mar logo a seguir

...Nostalgia — Cyrillo e Renato, respectivamente a uma samliata e a uma turboteama;

...Saudades do Matão — Zé Carlos à sua terra natal;

...A vida de casado é boa (muito melhor que a de solteiro) — Liberato à Sylvia;

...Farolito — Canton a ele mesmo.

...Le due gemelle — O Niro ao Agostinho Mazza.

E agora, senhores ouvintes, finalizando

nosso programa, ouçam com atenção: Livros

velhos, de mau aspecto, sujos, etc., procurem

Clemente.

TEBATO NAKARA.

Vingança

(Ao Barlach)

Vingança!... Vingança!... Eis meu pensamento,

E vingança cruel, feroz, total.
 Mas de chorar a tua sorte brutal,
 Hei de rir, gargalhar do teu tormento.

E não descansarás do teu momento,
 Pois teu destino ser-te-á fatal,
 Peór que ser rasgado por punhal,
 Peór que ser cozido a fogo lento,

Peór que escravatura, inquisição,
 Do que perder a noiva e o coração,
 Do que sofrer traição atroz e cinico;

Terás em teu destino o grande "peso"
 De escutar, sem dormir, triste, indefeso,
 Por um ano, as fatais aulas de química...

NICOLA CANNIZZARO



"A Sala dos Esportes". Especialmente criada para acompanhar o desenvolvimento esportivo do C. A. O. C.

VÁRIAS

Esteve em nossa redação, afim de desfazer, de uma vez por todas, uma dúvida existente nos meios academicos desta Faculdade, o Dr. Floriano de Almeida.

Trata-se da maneira por que é interpretado aquele D. M. grafado na frente de seu nome, no livro "Micologia Médica", e que, nos dizeres do Autor ter provocado muitos dissabores de parte a parte. Disse-nos o preclaro Professor que o supra citado D. M. não significa de maneira alguma DOSE MORTAL, como querem alguns, mesmo porque, conforme nos adiantou ainda o Ilustre Professor, a dose em que ele está representado nesse livro, ultrapassa ligeiramente o Limite Zero.

Entrevistando, depois, o Dr. Melinho, este nos deu mais alguns informes a respeito da delicada questão. E' assim que uma aula teorica do Dr. Floriano equivale a duas Doses Mortais Minimas (DMM) e uma demonstração pratica excede sensivelmente o Limite Morte

A uma pergunta por nós feita, com referencia a uma duvida já de há muito existente, respondeu-nos S. S. que aquele objeto que acompanha o Dr. Floriano em suas proleções teoricas, NÃO é, como poderia parecer á primeira vista, uma placa de Petri ou mesmo um forno de Pasteur, mas sim o relógio de uso particular do insigne Mestre, convenientemente flambado.

Ai ficam as explicações.

Fomos procurados tambem, pelo Sr. Celso Pascoalino Piarro, que gentilmente nos comunicou a proxima publicação de uma obra sua, já no prelo. Trata-se do livro: — "De como torne-me um Strumpiprivo" ou "Memorias de um Mixedematoso".

Neste livro o Autor (que usa o sugestivo pseudonimo de Zé da Placa) encara os mais urgentes problemas referentes á classe, tratando-se, portanto, de um precioso documento médico.

...

Há dias procurou-nos o Sr. Tede Eston de Eston, mais conhecido nas rodas policiais, por Sherlock Tede, para nos adiantar que suas investigações referentes aos roubos do embrioma da Srta. Veronica e das 36 peças do Laboratorio de Anatomia, acham-se bastante adeantadas a ponto de nos garantir o ilustre policial, que os dois assaltos foram cometidos por u'a mesma quadrilha de perigosos ladrões que está agindo impunemente nos corredores sombrios desta Faculdade.

Disse-nos o ultra-sherlock que, aproveitando-se do estado de semi-inconsciência em que se achavam durante uma aula do Dr. Calazans, applicou sobre os suspetos, varios tests psicologicos chegando a conclusões interessantissimas e assustadoras. Apesar de muito instado por nós, o insigne policia se recusou ventilar os nomes dos provaveis criminosos para evitar, naturalmente, um prejuizo certo no bom andamento de suas investigações; mas prometeu-nos ele, uma nova entrevista para daqui á 28 dias, pois, segundo nos explicou, S. S. desde que atingiu a puberdade dá vazão a suas idéias apenas de mês em mês lunar.

Esperemos pois, anclados, a proxima menstruação psiquica do conhecido Sherlock Tede para que, conforme nos garantiu ele, os lombrosianos criminosos não escapem á justiça.

ASPERGILLUS

« ACITE »

Aula do Prof. ALMEIDA PRADO

Longe de mim a pretensão reprovavel de querer aumentar o sofrimento da humanidade com a criação de uma nova molestia, mas, ante o imperativo das minhas acuradas observações, sou levado a crer que descobri uma nova entidade morbida, perfeitamente definida e de facil diagnostico.

Trata-se de um mal eruptivo, endemico em nosso meio, de evolução cronica e prognostico sombrio, a que denominei "Açite" em razão de uma curiosa modificação anatomo-patologica que ela acarreta e em virtude da qual, as regiões afetadas tomam a consistencia de aço.

O síndrome já está perfeitamente estabelecido, graças á aparição annual de muitos casos em minha Enfermaria.

ETIOLOGIA: A "Açite" tem como responsavel um virus filtravel que embora não evidenciado, foi por mim cabalmente descrito e isolado de uma biopsia da supra-renal do Bidú. Em homenagem ao paciente eu o denominei de Virus Biduíno. Ele é veiculado pelos miasmas ambientes de locais infestados como a Faculdade de Medicina.

Penetra no organismo não se sabe como, cai na corrente sanguinea e fica de cá p'rá lá, até localizar-se no corno de Hamon, onde aguarda os acontecimentos, com a calma e a delicadeza do meu amigo Mesquita Sampaio. Este é o periodo de latencia.

SINTOMATOLOGIA: Numa segunda fase o doente torna-se sorumbatico, assume os ares do Michel, é insone e demanda a comprar cadernos, fichas e principalmente apostilas. Depois sente um prurido por todo o corpo e só se acha bem quando instalado numa mesa cheia de livros. Devido a essa posição conservada pelo doente, sobrevem uma febre e consequente enrijamento da região, tomando mesmo a consistencia de aço, donde deriva o nome da molestia. Com o tempo formam-se bolsas mucosas adjacentes, facilmente diagnosticaveis á palpação.

Com o evoluir, sobrevem a sintomatologia secundaria, que é patognomônica:

o doente se apresenta abatido, insone, sempre com um livralhão de baixo do braço; abandona o cinema, balles, etc., e se apresenta num lamentavel estado de psicose. A's vezes, tem deirio alucinatório e se imagina um talento; então banca o importante por cima dos colegas. Em certas formas paroxísticas cai em transe a todo momento e deita sabedoria a torto e a direito. Essa sabedoria é, porém, nitidamente patologica, e aliás facilmente reconhecida como exogena, pois o doente não é capaz da menor idéa pessoal!

As vezes desses periodos, que duram um semestre letivo sobrevem a crise. Então parece que se rompe um cisto intracraniano e aparece um abundante corrimento, de sabor nitidamente apostiloides, e que pelo espaço de duas horas alaga 12, 14 e até 16 paginas de papel almasso. A este corrimento denominei Apostilorréa. O Dr. Eduardo Monteiro, que é mais purista que eu propoz o nome de Hnemorréa (de mneme-memoria) porém eu recuso essa nomenclatura por prestar-se á confusão com Mnemorréa, que é, aliás, coisa muito distinta.

TRATAMENTO: A sulfanilamida, por exceção, não dá resultado. Quando a doença é diagnosticada no inicio, pode-se tentar o tratamento psiquico, que consiste na readaptação do doente á vida normal, mostrando-lhe aspeitos do Mundo que ele parece ignorar (estação de agua, ilha encantada, Chuá, Tabú, loiras oxigenés, etc.) Geralmente esse tratamento é precario, pois o doente não o aceita, donde, como dissemos, ser o prognostico reservado. O tratamento ideal, mas impraticavel, seria injetar-se na cisterna magna, para que todo o encefalo fosse banhado, uma solução de um antiseptico bem forte.

Não há tratamento local (a não ser uso de cadeiras bem estofadas).

Á fibrose que se forma, infelizmente, não se transforma em Queloides, pois isso seria uma medida altamente profilatica.

(Notas taquigraficas do Scháudim).

"EXTRATOS..."

Um jornalista emerito, em discurso pronunciado a 18-6-40, referindo-se Santos, diz:

"Santos é o pulmão de São Paulo, justo o seu pulmão direito, aquele que está mais proximo do coração".

De um "memorial" de um candidato a Catedratico de uma das onssas Escolas Superiores, extraimos o seguinte:

"... portanto, ha quasi nove anos durante os quais nos preocupamos com a Parasitologia no seu sentido mais amplo; no entanto desses nove anos, os dois quartos iniciais se passaram mais em contacto com a Parasitologia Humana, ao passo que os tres quartos restantes..."

De um romance muito lido, extraimos o trecho seguinte. (Note-se que o livro foi editado ha quasi meio seculo e não nos consta haver alguma edição expurgada desse lapso).

"O desgosto de quem toca para os outros se divertirem cresce na razão inversa do quadrado da animação dos que estão dançando e pulando".

O que transcrevemos a seguir foi publicado por um vespertino paulitano, no dia 14-6-40. Prevenimos os colegas que o jornal de onde extraimos a noticia é um órgão serio, tido como um dos melhores informados da America Latina, sendo mesmo o de maior circulação em nosso Estado, quiça no Brasil.

Eis a noticia:

CINCINNATI, (Estados Unidos) (Por Stephen J. Medonough, da Associated Press) — Um dos mais temiveis venenos conhecidos até hoje está sendo empregado com exito no tratamento das pessoas dementes. Esse veneno é o famoso "curare", tão conhecido em toda a America do Sul, especialmente no Brasil, e foi empregado por seculos por certas tribus indigenas para produzir morte dolorosa e quasi instantanea em suas victimas. Para sua composição, os indios untam as pontas de suas lanças e de suas flechas com "curare".

O dr. A. E. Bennett declarou recentemente que assim como a ciencia empregou com exito o veneno de certas classes de vitoras para aliviar dores físicas, da mesma forma o "curare" está servindo como uma droga preliminar para o tratamento dos doentes de esquizofrenia e outras enfermidades mentais. O tratamento, se originou em uma viagem que realizava no Amazonas o explorador Richard C. Gill, que conseguiu grande quantidade de "curare" e o entregou ao dr. Bennett para suas interessantes investigações.

Grandes doses de curare produzem a antulação da reação muscular no corpo e a morte sobrevem pela incapacidade do diafragma continuar absorvendo oxigenio. Faz o veneno com que os termos terminais que ligam os musculos se debilitem e fiquem quasi completamente inativos.

O dr. Bennett e seus ajudantes tinham procurado com affa uma droga que produzisse esses resultados, pois tinham observado que certos doentes tratados com metrazol davam tais reações violentas que por vezes quebravam os ossos. As experiencias com animais demonstraram que a applicação de "curare" produz um relaxamento muscular que permite que o metrazol seja applicado sem que o paciente sofra essas violentas e catastróficas comoeções. Por isso, o dr. Bennett declarou que "agora um numero total de pacientes poderão ficar em estado de serem submetidos ao metrazol" graças ao "curare". E acentuou um caso recente de um homem de negocios, de 61 anos, que sofria de cancer e que não podia ser operado porque bastava apenas a informação de que o ia ser para lhe produzir tremenda agitação mental. Depois de tratamentos com o "curare", misturado com metrazol, a operação pôde ser feita e o paciente voltou ao seu trabalho normal dentro de seis semanas.

As experiencias atuais consistem em produzir uma droga sintetica, o "quinino metrocilordico", que parece produzir os mesmos efeitos que o "curare".

MIKE

E' TUDO... FITA

(vagabundagem)

Não estudo mais... Lá estão o gato e o canario, querendo e conseguindo convencer-me que esta é a noite das noites...

Passei algumas noites de vigilia, querendo ver se conseguia realizar esse sonho maravilhoso: aprender Embriologia, e esquecer Ninotchka.

Mas parece que, quando a mulher vira bicho, até nos dá vontade de ser Tarzan, filho das selvas...

Oh, minha bem amada impostora, se eu lhe agarrasse, antes da sua fuga ao paraíso, no Cisme branco, com Robert Koch, haveria de gritar-lhe alto e bom som, cheio de furia:

"Lembra-se daquela noite?"

E você esqueceria essa sua caravana de ouro, e seria de novo a sua propria rival sublime...

E em nossa vida surgiria a grande luz, a luz que não se apaga, é todos diriam de mim: Ele casou sua mulher! E eu não choraria essas lagrimas de palhaço, pensando naquele idílio nos Alpes e não pensaria, em encarcerarte, na torre de Londres.

Mas deixa estar, "seu" passaro azul, que hei de lhe ensinar o código das ruas...

Posso muito bem apelar para o braço da lei, contra esses mercadores do crime... mas para que meter-me comtigo com uma Imperatriz louca?

Fica por lá com teu rei dos gangsters, com teu az dos reporters, fica por lá no circo com os irmãos Marx, que não darei meu reino por um amor...

Eu compreendo que as mulheres sabem demais, e embora sejamos escravos do desejo, espero sempre que você atire a primeira pedra...

Espero que lá na estalagem maldita, a que te acolheste, os servidores da lei, dêem aos teus raptoreis, a justiça de Santa Fé...

Conheço teu amado: é o orgulho do turf... Talvez na ilha, onde te acolheste, ele banque teu Robinson suíço... Não fás mal...

Talvés eu fique doente, talvés seja preciso que chamem o Dr. Kildare, por tua causa, mulher ingrata...

Tudo isto, então ha de se tornar um inferno verde, e as vidas do dr. Eshlich e Pasteur, serão sópa, comparadas com a que eu vou levar...

Não quero porém bancar detetive part icular e jogar o joguinho de "cem contra um", prefiro esquecer-te...

Tentarei repetir as aventuras de Gulliver e suas viagens...

Mas não te esqueças, alma danada, que nós, os homens apaixonados, somos para sempre Homens marcados. Assim como atrás de Rebeca, a mulher inesquecivel, correrá atrás de ti, o fantasma da Esperança...

Far-te-ei versos, e verás se tenho ou não, sangue de artista.

Por agora, fica por lá, na cidade sinistra, com teu Scarface, o recife de coral, na minha vida; fica por lá, que eu preciso estudar Embriologia...

:: CASA DAS SERINGAS ::

Seringas para todos os fins, material cirurgico, artigos medicos, hospitalares e para laboratórios, cintas orthopedicas, fundas, meias elasticas, suspensorios, etc.

T. AGUIAR & AZEVEDO

(SUCESSORES DE T. AGUIAR)

RUA DO CARMO, 145 — TELEPHONE: 3-2802
SÃO PAULO

Importação directa de material cirurgico

R. F. Sarfert

R. Senador Feijó, 75 - Tel. 2-5518 - S. Paulo

(Antigo 1-G) (Salas 22-27)

AS GRANDES DATAS DA MEDICINA (Calendário)

— Comemora-se este ano o milionésimo centenário da introdução do uso de instrumentos cortantes em cirurgia; eram de pedra nos áureos tempos do famoso lusitano Vaz Concelos, passando a ser de metal, milhares de anos depois, nas mãos do hábil cirurgião árabe Al-Ypio.

— 20 de Setembro de 74 A. C. Alexandre Magno, depois de entrar em Roma, publica no Diário Oficial de Zurich o decreto-lei que pune com a inoculação de um germe os cidadãos etíopes que se utilizarem do título de professor de Microbiologia ou de assistente do Parasitologia, com más intenções.

— 15 de Março de 1931. Inaugura-se em São Paulo o logradouro denominado Parque Infantil do Araçá, privativo dos professores e assistentes da Faculdade de Medicina local.

— 7 de Setembro de 1935. O Mignone retirou-se da Faculdade 10 minutos antes das 9 horas da noite, considerando que era feriado.

— 8 de Junho de 1937. Verifica-se a parada de uma serra, que perturbava o bom andamento das aulas da Faculdade de Medicina; em seguida ruiu uma grande torre, por efeito de um benéfico furacão. Em sinal de protesto, "retirou-se" do prédio a famigerada Faculdade Internacional de Filosofia.

— 12 de Agosto de 1937. Pede licença, afim de retirar-se da vida pública e recolher-se à privada, por 6 meses, beneficiando toda a Faculdade, o Grande Secretário.

— 20 de Agosto de 1937. Adam Smith, grande polemista platino, inventa o alfinete. Esse minúsculo instrumento, que foi muito usado pelos alfaiates e costureiras, tem hoje a sua mais larga aplicação nos anfiteatros das Faculdades do mundo inteiro.

— 10 de Outubro de 1937. Graças à instalação de poderosos alto-falantes, consegue-se ouvir abafadamente a voz do Melinho, o Afono, atrapalhado no meio de uma porção de canudos e pranehas, cuja interpretação o deixou rouco por mais de 10 meses.

— 1939. Um decreto real proíbe na Birmânia aos barbeiros a atribuição de extrair dentes. Esse foi o motivo da emigração do Lucas.

— 29 de Agosto de 1939. Um assistente de Parasitologia deixou de ser chato e pedante, pelo espaço de 10 minutos, o que nem sempre só acontecer. A efeméride foi comemorada no antigo bar Reto.

— 4 de Junho (?). O acadêmico Gil S. Byron, pai do grande poeta espanhol, consegue arrancar um 10 no prático de Patológica.

— 26 de Julho de 1940. Correm as primeiras notícias da extinção de diversas cadeiras do curso médico. O povo, reunido nas planícies de Zama, exigiu em altos brados: Mais uma! Mais uma!

PI e RÓ

GRANDE DESCOBERTA CIENTIFICA

Os autores J. Salles e A. Russi realizaram grande descoberta científica.

Realmente, o específico contra insônia isolado por estes cientistas, ultrapassa de muito os efeitos dos remédios para esse fim até hoje conhecidos.

Não se trata porém de uma descoberta casual, pois que se baseia em conhecimentos empíricos já observados por alunos dessa escola. Depois de 6 meses de trabalho exaustivo conseguiram isolar uma substância então desconhecida, cujo efeito farmacológico e fisiológico foi pesquisado "in vivo" em 206 cobais e 13 cães. "In vitro" em helmintos e protozoários das mais variadas categorias.

Hoje graças ao trabalho abnegado destes cientistas chegamos ao conhecimento da fórmula deste inigualável, insuperável e único suporífero: O XILOTASTALDATO DE PIMENTONA.

O famoso Jaboo prestou-se humanitariamente à 1.a experiência, porém durante o seu decorrer houve uma acidente sendo ultrapassada a dose a ser injectada. O que explica, a eficacia do preparado pela sonolencia constante em que vive o celebre ascensorista.

E' porém ainda desconhecida a densidade e peso molecular do composto porque os autores (os únicos que conseguiram se manter acordados durante a aplicação deste remédio nos alunos do 1.o ano) foram tomados de um ataque de profunda catalepsia e até hoje dormem.

A estes dois abnegados a humanidade agradece.

O BOMBONSINHO

«...E a Escola inspirou»

Soneto Circulatorio

Tu foste a rede admiravel, teia
Que me prendeu, embora repelida,
Burraco de Botal da minha vida,
A envenenar minh'alma que te ancoia.

Com mil anastomoses em cadeia,
Dos capilares da ilusão retida,
Faz meu amor a terminal dorida,
Indo ao teu coração, sagrada veia.

E busca em teu olhar, foliz, risoño,
O amor, vaso-vasorum do meu sonho,
Do meu sorrir, e vaso-constritor,
Mas ó triste e cruel desilusão!!!

Barra teu suspirado coração,
Uma embolia, o trombo de outro amor...



Foste, na minha humana economia,
Liquido de Ringer reanimador
do pobre coração e nutridor
dos sonhos nos salões de Anatomia.

Porém, aconteceu o que eu temia:
Subiu, no meu viver de sofredor,
Acima do limiar, a minha dor,
Pois teu amor por mim tinha anemia.

E de recuo balístico ameaçado,
Sou (por assim dizer) curarizado,
Nem sapo do Xilór tal vida atura!...

Por isso me despeço, embora moço,
Enforco-me, fazendo em meu peçoço,
De Stannius uma nona ligadura...

Soneto fisiologico

No livro tão fãnal da minha vida,
E' a folha viçosa - refflorida,
A seiva nutritiva, descendente,
Dos pomos da ilusão remanescente.

Minh'alma vegetava emurchecida,
Clorótica, estiolada, carcomida,
Forém nels brotos, por ti, a semente
De amor, que tinha então vida latente.

Tens a luz dos meus olhos orvalhados,
Pela água e saes dos prantos derramados,
No dor, que parasitas desumanas...
Porém teu coração, ó minha flór,
Não faz a fotossintese do amor,
Pois não tem a função clorofiliana...

Soneto Botanico

Não lamento ventura fenecida,
Nem choro mais tua amarga falsidade,
Pois deixaste-me, após a despeñida,
Sonhos de amor e flôres da saudade.

Nem choro os beijos que, talvez, na vida,
Deres a outro, pois é bem verdade,
Ser teu primeiro beijo uma bebida
Que me embriaga os labios da vaidade

Mas choro os versos que eu, apaixonado,
Fix nas postilas de Fisiologia,
Em cada folha, um verso suspirado.

Tu ficaste com todos, sem escolha,
E eu choro as apostilas todo o dia,
Pois elas custam "duzentão" folha...

Lamentos

Abeid Adura



Aspécto parcial do SALÃO DE BARBEIRO, da Faculdade

"PRESUNÇÕES DE MUITO ESTUDANTE QUE ANDA POR AÍ"

Só êle é talhado para a Medicina.

Os colegas, coitados, são umas toupeiras.

Os professores são umas bestas.

Os aços, uns decoradores badalos.

Os médicos formados, uns ineptos, fracassados.

Só êle ha de brilhar e ganhar dinheiro.

As melhores pequenas são suas.

Para os de casa é o talento mais brilhante da Universidade.

Os seus "equivocos" não se comparam com as burradas dos colégas...

Quando não está ao par dum assunto ou não entende o que dizem, em redór, exclama, com desdem: Besteira!

No 3.o ou 4.o ano êle já chega a esquecer a existencia dum 1.o ano no Curso.

Pré-medico? Que é "pré-médico"?...

As diversas cadeiras do curso, das quais antes nunca ouvira falar, são chateações a que assiste com uma condescendencia e uma superioridade desdenhosa e esmagadora.

E os professores?
Estes, ao em vez de lhe darem oportunidade para a revelação de seus dotes, modestamente escondidos, empurram-no, com uma injustiça revoltante, para o oral e até para a segunda época...

Ao segundo-anista "Dr. X"

Que diabo colega, você me decepcionou!
Pra que fazer o elogio da propria turma?

Todas as turmas que passaram pelo segundo ano tinham em seu seio os tipos mais variados: compunham-se elas de "aços", bem poucos é verdade, como aliás acontece com o atual segundo ano, de decoradores, na sua grande maioria, como aliás, ocorre no atual segundo ano. Havia, os "badalos", meia duzia, ou mais, de individuos doentios, que passavam o tempo todo da aula a sorrir para os professores; havia tambem os tipos que se caracterizavam pelos seus exotismos: uns, especializados em aparecer sempre com ternos novos e exhibir joias caras, tendo sempre nos labios o sorriso feliz da mulher vaidosa que tem o seu sentimento de exhibicionismo satisfeito. Tinham tambem as diversas turmas que passaram pelo segundo ano da Escola, exatamente como a atual, os pseudo-cientistas, os especializados precoces, que, desde os primeiros anos da Escola, se metem a clinicos, ou a cirurgíes e de tam ciencia (?), n'uma verborraça incoercível, comparavel somente a certos vomitos...

As diversas turmas que passaram pelo segundo ano, exatamente como a atual, tinham tambem seus tipos indefiníveis, quer moças, quer rapazes. Muitos rapazes e muitas das poucas moças que passaram pela Faculdade foram indefiníveis e indecisos e por isso não mereceram ser considerados como excepcionais, dado a indecisão, principalmente em questão de amor, ser coisa por demais vulgar em nosso século...

Em todo easo, meu colega, sua turma tem algo que pôde ser considerado como excepcional para um segundo ano: com ela deu-se um fato impar na historia de todos os segundos desta Escola! Refiro-me ao amor, ao demasiado, excessivo, ao nunca visto e jamais excedido amor que os atuais segundo-anistas dedicam ao estudo de uma certa matéria!

Assim sendo, caro colega, não devia você fazer o elogio da sua propria turma, quiçá o seu mesmo, chamando-a de uma porção de cousas, como você o fez e devia, outrossim, esperar que o Dr. Odorico se pronunciasse a respeito da mesma!

Que tal? Vamos perguntar ao Docente de Anatomia o que ele acha de excepcional no atual segundo-ano?



A nova sala do sr. Presidente do Centro

SONHO DE FELICIDADE

Yara Monteiro da Silva

Noite de Natal!... No céu, as estrelas alegres saltam piscando... A lua enorme, prateada, redonda, cheia de luz, brilha também! — No ar tépido, aspira-se o aroma agreste das flores orvalhadas; sente-se aquela sensação trança e indefinível da felicidade e da paz.

— Tudo é alegria ali, naquela rua enorme, toda arborizada, aonde os casarões senhoriais se erguem magestosamente! O luar de prata lambe as paredes brancas dos belos palacetes!

— Aqui e acolá, pessoas risonhas passam apressadas, sobraçando pacotes; em casa, as crianças loiras esperam, ansiosas, em volta da árvore de natal, os bonitos presentes de Papai Noel.

No entanto, na via larga e asfaltada, um vulto estranho passa. Sob a luz das lâmpadas da rua sua sombra se recorta disforme, monstruosa...

— A calça róta, a camisa completada por remendos e os sapatos velhos, indicavam sua indigência. O chapéu desabado cai sobre o jovem rosto moreno. Os olhos, longe, parados, perdidos no espaço; a boca semi-aberta num rictus de amargo desdém. Quem o visse, assim, perambulando pelas ruas, pensaria: "Como contrasta com o luxo desse bairro, o aspeto triste deste homem!"

— Se conseguirmos, porém, notar o seu estado físico, jamais avaliaríamos o moral!... A alma oprimida, sofredora, tem às vezes assomos de revolta!... E ali estava uma alma infeliz, torturada... uma alma que talvez fosse boa, talvez má; — um coração, porém, despedaçado, havia ali; um coração que às vezes se tornava feroz, hediondo, outras vezes, tímido e submisso.

— Mas ninguém poderia já mais julgar que sob aqueles trapos, houvesse uma alma!

— E, andando pela rua larga e asfaltada, ele pensava!...

— Pensava, também, em lindas crianças loiras, que estavam lá longe, naquele porão sordido! — Pobres garotos infelizes e magrinhos; os olhos grandes, esgazeados, medrosos; as boquinhas secas, arroxeadas. — Em tudo pensava o homem...

— "E' hoje a noite de Natal?! Ah! Ah! E' uma noite igual às outras: nada lhes levarei ao voltar!"

— Já está no fim da rua... Um palacete enorme, calado de claro, ergue-se magestosamente dum imenso parque.

— As pesadas portas de carvalho, as janelas de parapeitos recurvados, o grande portão antigo, dão-lhe um aspeto severo.

— A' parede, colam-se verdes serpentes de "era".

— A luz mortífera dos grandes candelabros escosa-se docemente através das ortinas de veludo.

— O vagabundo estava deslumbrado ante a aparência imponente do solar... Chega-se a uma janela aberta, e olha:

— Um aposento ricamente mobiliado... mas em completa desordem!

— Sobre a escrivaninha com entalhes de pau-marfim, brinquedos e jogos, doces, roupas e bonecas!!

— No chão, espalhados sobre o magnífico tapete fófo, carros, cavalos, etc.

— Mas... seria possível... tanta riqueza?

— Dobrada cuidadosamente sobre larga poltrona, estava uma roupa de "Papai Noel". As barbas brancas, o capuz vermelho...

— Uma porta interior se abre, e um jovem, elegantemente trajado, entra.

Olha com satisfação para aquilo tudo, e, depois, tomando o belo fato escarlate, começa a vesti-lo.

Mas dois olhos negros e brilhantes o espreitam ávidamente...

E, dum salto, impellido pelo cérebro cansado e doentio, o vagabundo entra, pela janela, no gabinete.

— O outro, admirado, perde por um instante a noção do acontecido, e o maltraiço aproveita para atacá-lo. Mas o homem percebe, já, o perigo, e responde violentamente.

— Os dois lutam: um forte e bem alimentado; o outro fraco e doente; mas o ódio dá-lhe força, a ganância o revigora... e, por fim, vence!

— E ao contemplar o "gentleman" desmalado, no chão, uma espécie de sorriso lhe entretre os lábios secos. Em seguida, depressa, febril, apanha, e veste o lindo fato vermelho; coloca as barbas e os bigodes brancos; agarra o saco, enche-o dos brinquedos, dos jogos de roupas e doces — e sai... Sai pela janela aberta, e fôge, correndo pelas ruas grandes e asfaltadas! Mas ali vem a ronda, ouve-o correr! apita!... O maltraiço pára e olha:

— O capitão da guarda chega perto e... cumprimentando-o, sorri.

— Ah! E' o Papai Noel, deixem-no passar!

— O outro sorri também, mas um sorriso mácabro, mixto de vingança e alegria.

"Sim... sou o Papai Noel"

E continua correndo, de pressa, com medo de chegar tarde demais.

— E a sua imaginação, abalada, se enche de fantasias loucas: — e vê, então, no quatinho escuro e humilde, o grupo lindo das crianças loiras, alegres, as mãozinhas magras mergulhadas no saco enorme cheio de brinquedos...

— E os olhos se enchem de lágrimas felizes, e pára attonito e olha: — Um automovel, negro, grande, passa veloz e o atropela...

— E naquela via escura e suja, longe do bulício das ruas largas e asfaltadas, o vagabundo cá... o saco, enorme, cheio de brinquedos escapa-lhe das mãos e róla na sargeta enlameada... E o desgraçado, ferido, quase louco, olha o céu e vê!... os petizes louros e queridos, com roupas cintilantes e azinhas brancas, brincando satisfeitos lá em cima!... e tudo brilha e refulge!

— E os garotos, sorridentes, acenam-lhe as mãozinhas magras e pequenas...

— O maltraiço sorri, murmura umas frases soltas, e... morre.

— No céu — um céu de um azul escuro quasi negro — as estrelas, alegres, saltam piscando... E a lua, enorme, redonda, cheia de luz, envolta em farrações de nuvens, olhou impassível aquele visionário no seu derradeiro sonho de felicidade...

A CIENCIA E A NATUREZA

NORONHA JUNQUEIRA

Foi o mundo creado sómente para o homem? Sim! respondem estes sequiosos de ambição, mas na realidade isto não acontece.

Trata-se aqui do domínio do mais forte sobre o mais fraco, e embora o homem não seja fisicamente o mais forte dos seres vivos, consegue dominar os demais por ser o unico que possui o dom da inteligencia (salvo exceção).

Para isto tornou-se mistér o estudo das varias causas que podem influenciar em nosso desenvolvimento e progresso.

Assim appareceu a ciência, que é o meio de destruímos aquelas que nos prejudicam, e procurarmos as que nos são favoráveis.

E desde tempos remotissimos vem o homem lutando com este objetivo, e se por um lado tem obtido victorias, por outro encontra sérias barreiras.

A principal luta não está com os fenomenos físicos que se nos apresentam, porque destes, embora praticamente invencíveis, e de enorme complexidade, podemos livrar-nos, por não serem frequentes em todas as partes, e mesmo somos dotados da faculdade de adaptação.

Trata-se então dos proprios seres vivos, que á procura do direito de vida, empenham-se em verdadeiras guerras.

Se esta não é com aqueles, maiores do que nós, e que felizmente não andam pelo nosso meio, será com aqueles que de tamanho minimo nos atacam de surpresa a cada momento, e se não estivermos de atalaia, as consequências são desastrosas.

E isto continua, ora com as nossas victorias, ora, as derrotas, porém esperamos para o futuro termos um mundo completamente nosso.

Na necessidade de vencermos os obstaculos que a cada passo se nos deparam, e sendo dotado do espirito da investigação, levou o homem a pesquisas em terrenos escuros, a que de nada têm valido os nossos esforços.

O principal problema vem a ser a propria vida... e já disse Claude Bernard, que os nossos esforços neste sentido foram tão inúteis como as tentativas de definir espaço e tempo.

Outro ponto vem a ser o aparecimento do homem sobre a terra e qual a sua origem.

As explicações não foram além das classicas teorias e hipóteses que de nada serviram senão para encobrir a nossa covardia, em nos darmos por vencidos diante da natureza.

A pior coisa para um homem é dar-se por vencido, e por isto houve e sempre haverá guerras no mundo, porque sempre teremos vencidos e vencedores.

E, como sempre, vem o fim. E' fato ingavel que o homem tem um fim, perguntando-se a cada momento, o que acontecerá após a morte.

E as respostas, as mesmas... Por outro lado, temos o infinito que constantemente desafia a nossa argucia e intelligencia.

Enquanto isto, vamos nós brincando com o presente, que a cada momento nos foge das mãos.

Em pensar que um dia teremos a nossa cabeça ornada com a corça prateada dos cabelos brancos, leva-nos a crer que a vida é um sonho, e o despertar a realidade.

MEDICINA ASSIRIO-BABILONENSE

(No ano 700 a. C.)

A medicina dos antigos povos fazia parte da religião. Constituindo allás a classe mais culta, eram os sacerdotes os que praticavam e estudavam os problemas médicos.

Com os assirios e babilonicos, entre os anos 700 a 600 a. C., a ciência médica tomou grande impulso, especialmente devido ao celebre medico Arad-Nanai (681 a 669 a. C.), do qual se conservam, ainda hoje escritos, prescrições e conselhos; por exemplo, o que aconselhava para um caso de epistaxis de um principe real e outro de oftalmia grave.

A medicina não tinha, entre esses povos, o cunho da mágica, nem era feita empiricamente. Dos dados que temos sobre o assunto, assim as cartas de Arad-Nanai existentes no "British Museum" de Londres, resulta que eram conhecidas várias qualidades de febre, apoplexia, a tísica, a peste (mutânú) e perturbações psiquicas que poderiam derivar de feridas como de demônios. Foram descritas diversas moléstias dos olhos, ouvidos, o reumatismo, os tumores e abcessos; moléstias cardíacas, da pele, enfim aquelas doenças que são mais objetivas.

A ictericia era atribuída á ação do demônio "axaxazu", enquanto que a tísica ao "asakku".

Descreve-se a sintomatologia da tuberculose com singular exatidão. Assim é que, nas tabletas de barro, conservadas no Museu de Londres, se pôde ler em caracteres cuneiformes que: "o doente de tísica tosse muito, seu cuspe é denso e algumas vezes contem sangue. A respiração dá o som como o de uma flauta, sua carne é fria mas seus pés são quentes; sua muito e o coração é muito inquieto. Quando a moléstia é bem grave, o intestino é aberto frequentemente..."

Entre os remédios mais receitados, estão as infusões de folhas, raízes de plantas, azeite, o alho, etc. ainda, indicam órgãos de animais, como o fígado e certos minerais, como o alumínio, o cobre, o ferro.

Usavam-se várias preparações em pilulas, pós e cristíferos. A ginástica e a massagem eram bastante prescritas.

A cirurgia era, também, "larga manun" usada. Abriam-se obcessos, amputavam-se membros e mesmo trepanava-se o crânio, o que allás já se fazia mais remotamente (no Museu Etnológico de Berlim, existe um crânio pré-histórico trepanado).

Porém, severas eram as punições impostas aos cirurgiões, por seus erros. Assim, no Código de Hammurabi (1900 a. C.), lê-se: "Si um medico, durante o ato operatório, destruir sem necessidade, o olho do doente, ser-lhe-ão amputadas as mãos."

Se matar um escravo, durante o ato operatório, deverá compensar com outro escravo."

Quanto ás remunerações, estas eram feitas em prata, e o valor a ser pago estava em relação com a dificuldade da operação e a classe a que pertencia o operado; sempre, porém, deviam ser obedecidas as estipulações do Código de Hammurabi.

(Bibliografia: Honigmann — Geschichte Entwicklung dan Medizin; Paul Dieppen — Geschichte der Medizin; Castiglioni — Storia della Medicina; Castiglioni — Incantesimo e Maggia).

GUSFRY



Secretaria do C.A.O.C. com novo fichário e cabine Telefonica

